

HORACIO DE CARVALHO

O
CHROMO

(ESTUDO DE TEMPERAMENTOS)



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA DE CARLOS GASPAR DA SILVA

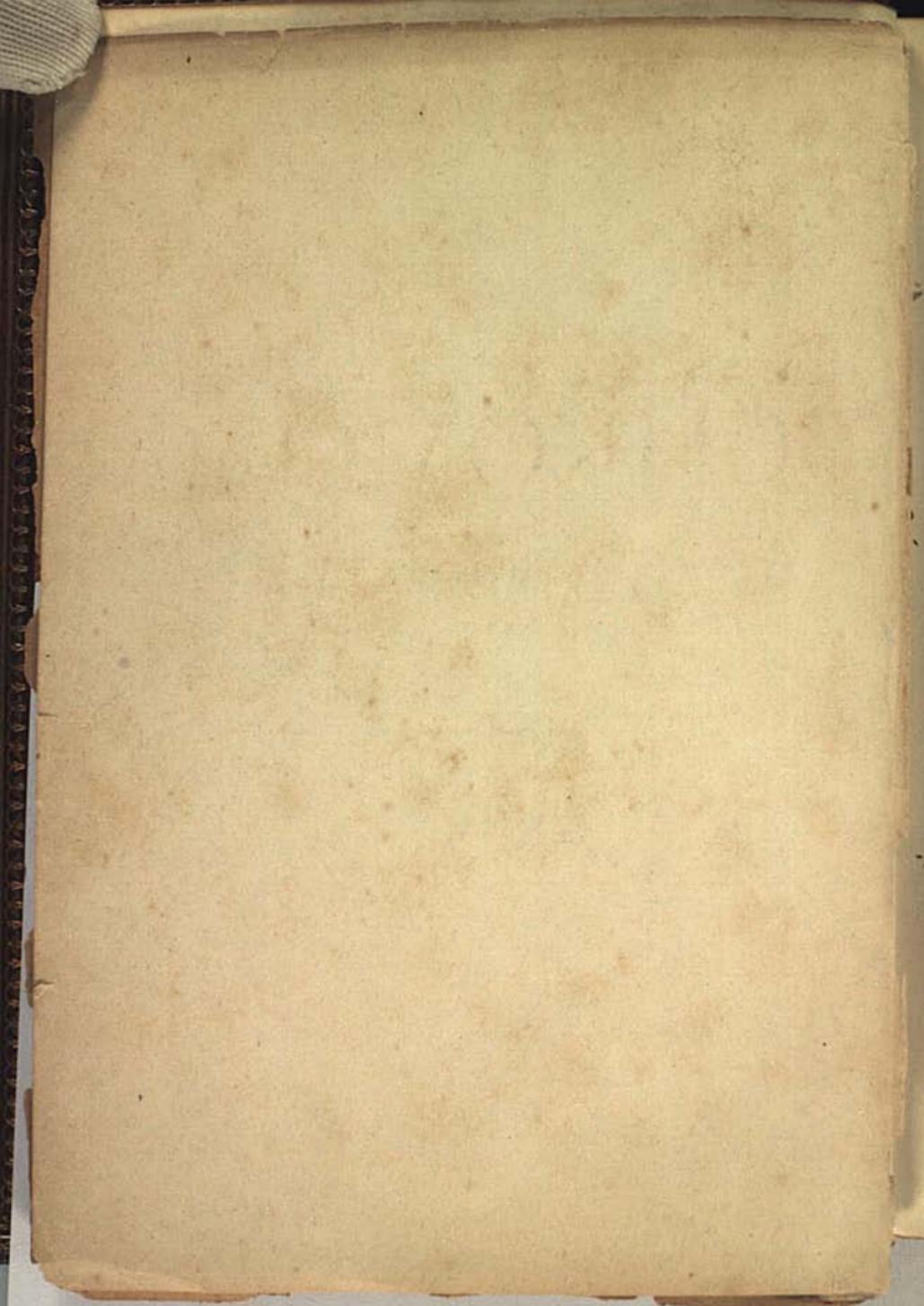
Successor de Moreira Maximino & C.

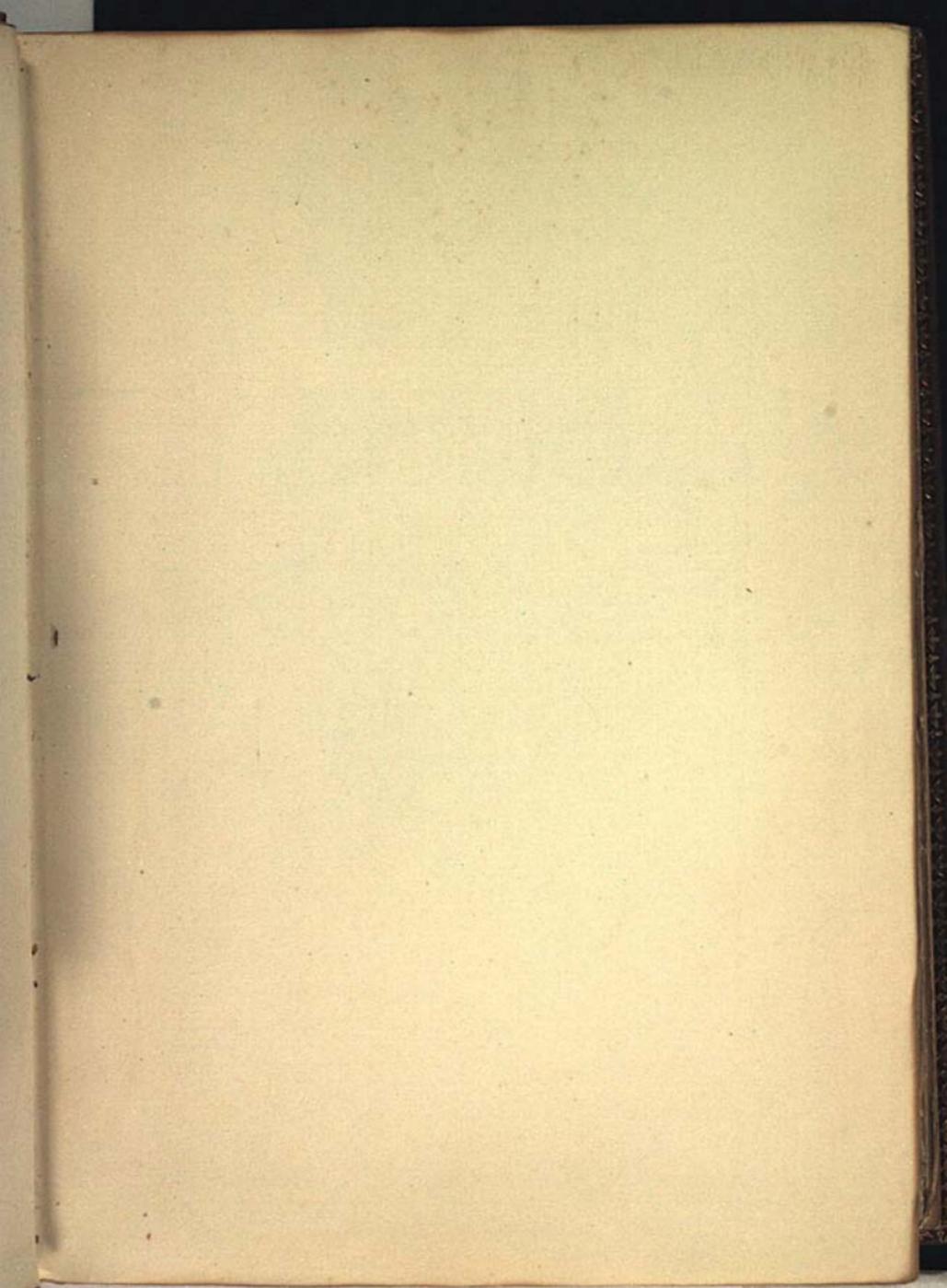
RUA DA CANTANDA 111 E 112

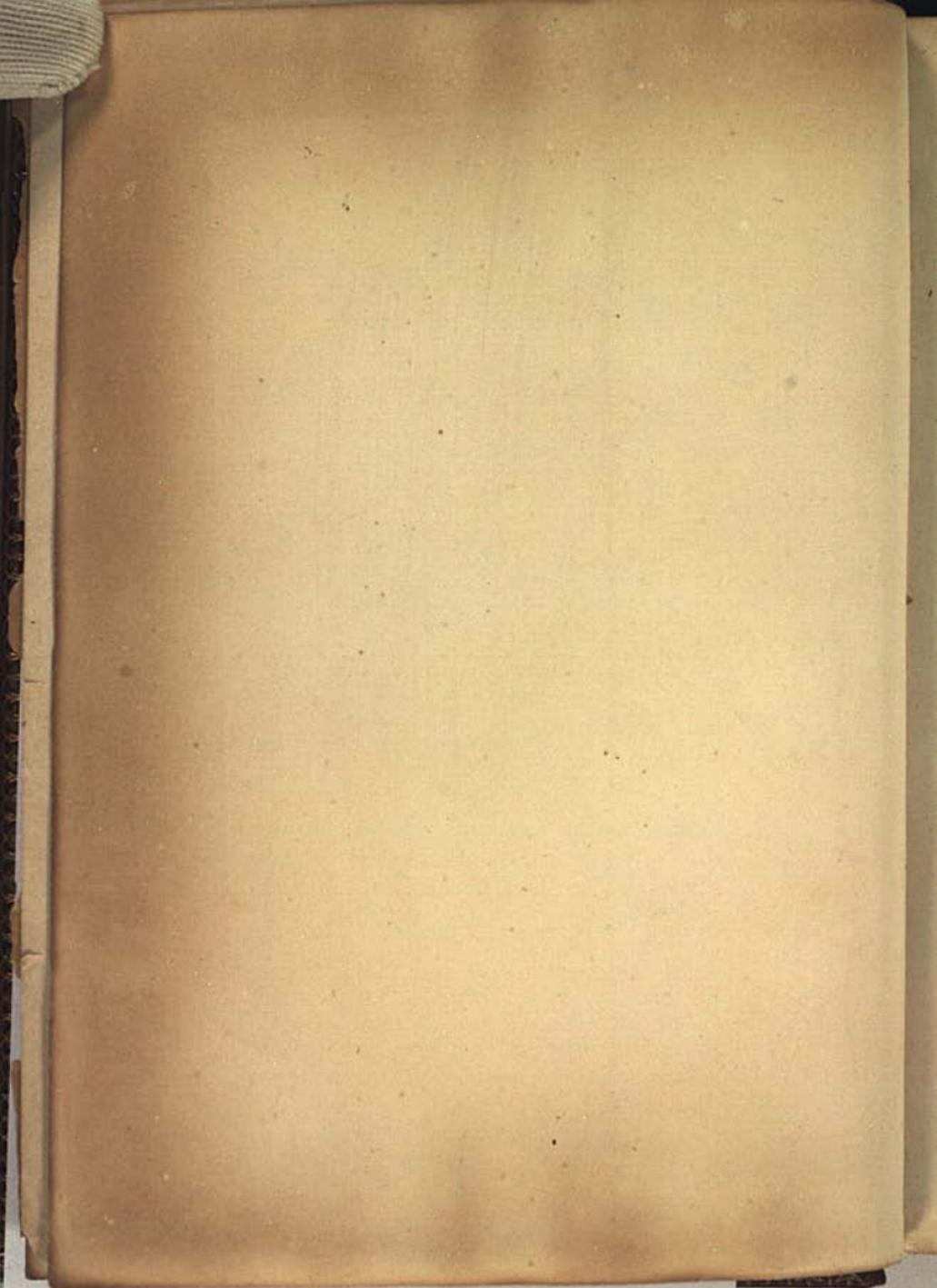
1888



O CHROMO







HORACIO DE CARVALHO

O
CHROMO

(ESTUDO DE TEMPERAMENTOS)



4054

RIO DE JANEIRO
Typ. DE CARLOS GASPAR DA SILVA
SUCCESSOR DE MOREIRA MAXIMINO & C.

RUA DA QUINTANA 111 E 113

1898

869.9349
L 3294 c

Δ

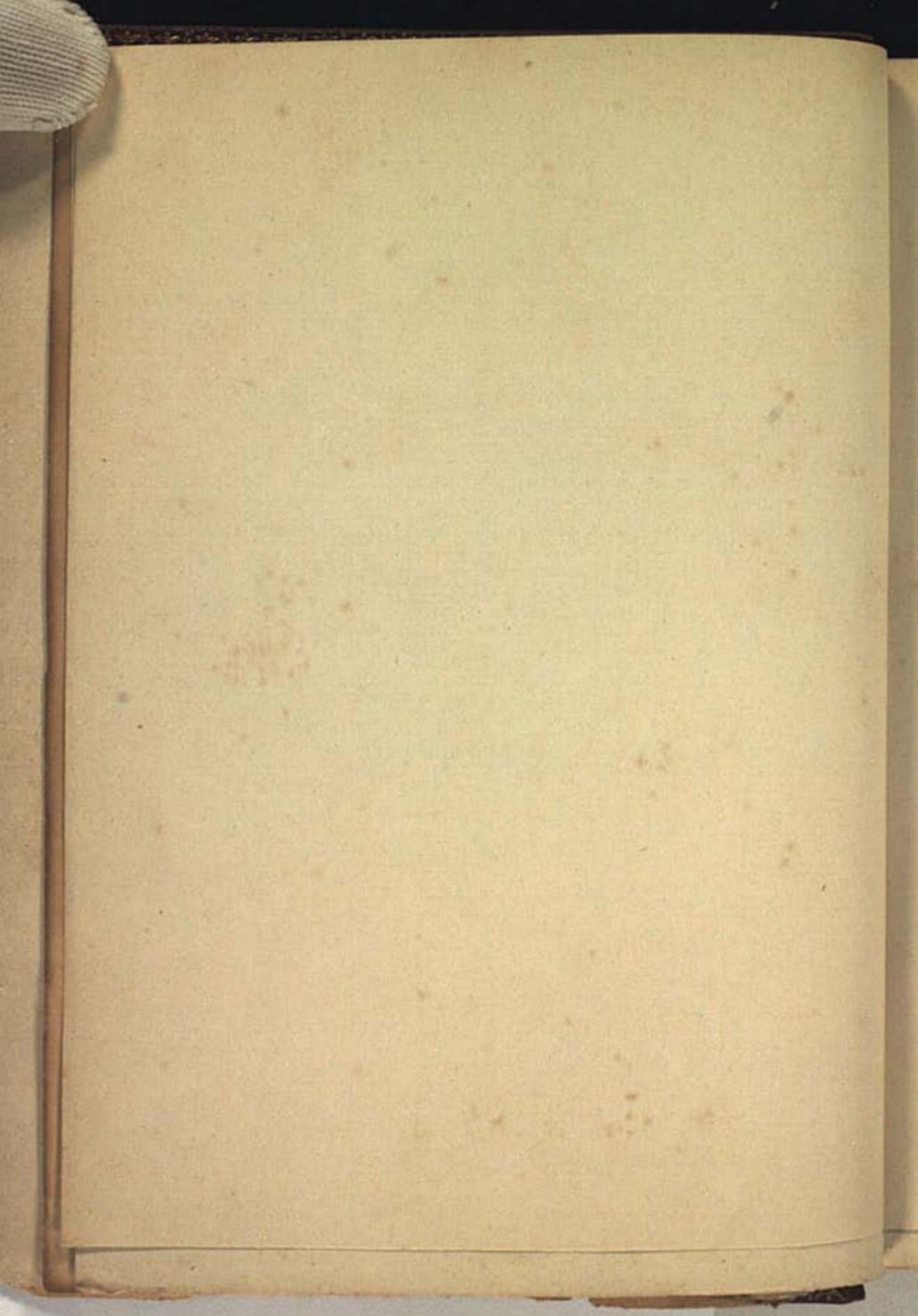
JOAQUIM FERNANDES DE BARROS

homem de intelligencia,
homem de caracter e homem de coração,

offerece cheio de reconhecimento

O AUCTOR.

S. Paulo, Abril de 1888.



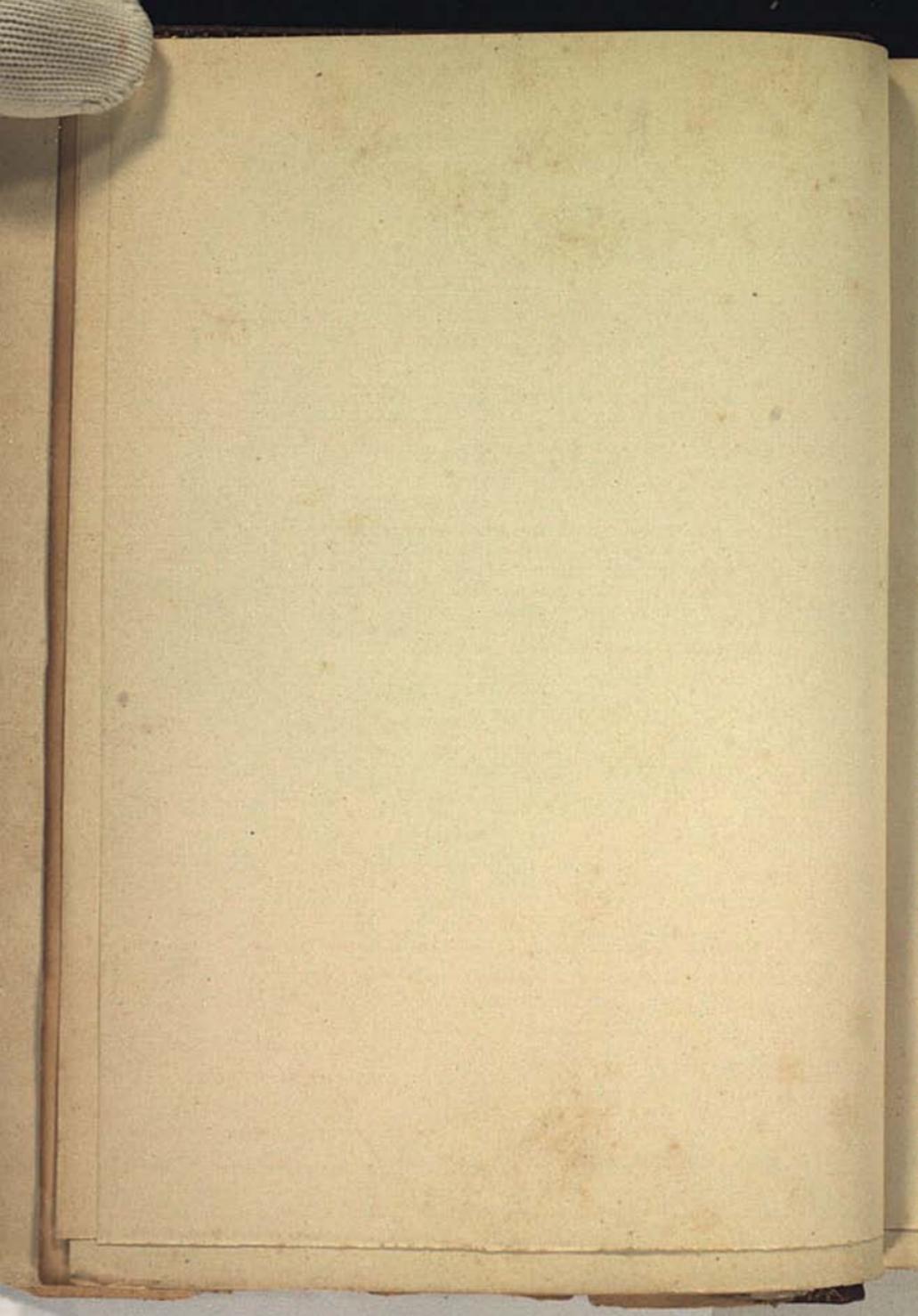
Meu caro Rodolpho de Abreu

*Hoje, que este meu primeiro romance
sai á luz, comprehendes o prazer que tenho
de registrar teu nome nesta pagina: — é
um testemunho de nossa velha e boa ami-
sade.*

Abraça-te cordialmente

Horacio de Carvalho.

Rio, Julho de 1888.



O CHROMO

I

— **OLÉ!** exclamou o Alcantara, afrouxando um cigarro e com a flauta debaixo do braço. — Temos alto forrobodó! Hoje é dia de catinga!

E ficou parado com os outros companheiros deante do sobrado do tenente-coronel Jeronymo de Aguiar, á direita da matriz, a vêr e commentar o movimento que havia no salão, atravez das cortinas transparentes, abertas em baixo e presas aos portaes das janellas.

A phrase baixa do Alcantara referia-se ao baile.

Com effeito, dançava-se no sobrado, em homenagem a uma data de familia, e lá se achava reunida a melhor gente da terra.

A noite estava clara e fresca.

De vez em quando, e do lado de dentro, passavam pelas janellas illuminadas bustos conhecidos de moças bem vestidas e rapazes de sobrecasaca.

Fóra, pendentos de ganchos de ferro, presos á sacada, havia globos de vidro, que illuminavam toda a frente da casa.

O Alcantara, 30 annos de idade, muito pandego e grande fumista, era dono do leme, chefe dos foliões do lugar, fazedor de serenatas, bom copo, bom garfo, prosa chula e livre e — director da banda de musica. Disto é que elle vivia. Quando não havia festa, comprava fiado; quando havia, ganhava seus cobrinhos e dava alguma cousa por conta.

As serenatas eram sempre um pretexto para beberem. Paravam á porta das vendas, tocavam uma polka ou uma valsa, e o vendeiro se levantava, recolhia-os alli mesmo, e lhes dava cerveja ou vinho. Bebiavam, tocavam, fumavam; tornavam a tocar por despedida, e retiravam-se depois, indo em seguida á venda de deante, e, assim, até alta noite.

Era um musiquim rachitico — o Alcantara; tinha a pelle encarquilhada, muito moreno e quasi sem barba; magro, olhos pequenos e accesos; maledicente, sarcastico e muito susceptivel; mettia as botas nas pessoas de posição, porque não lhe davam importancia, e o tinham deixado de parte, de uns tempos para cá, mandando chamar a musica da cidade visinha para as festas de S. Sebastião e do Espirito Santo.

— Tudo alli era ruim! dizia elle. — Aquillo? meia de sêda em cima de chulé. O Seixas! pois o que era o Seixas? — cem contos de reis, ganhos infamemente com o suor do escravo! Um analphabeto! um safado que passara a ser conservador para ter o titulo de capitão! O major Cornelio! — um lorpa todo emproado, incapaz de fazer um beneficio; um estúpido afinal de contas, com uma filha muito bonita e um filho tão besta que não tinha podido estudar por falta de intelligencia... — typinho repugnante como um papo á mostra. O Aguiar! tenente-coronel, ora esta! burro como uma

cangalha! O vigario... religiosa besta, de oculos, a carregar um missal de missas; um sujeito cuja vida era escandalosa! E eram esses os donos da terra, os que davam cartas no baralho!

—Para elles todos, olhassem! disse aos companheiros, dando uma pancada no meio do braço e sacudindo a mão em figa.

—Não precisava delles para nada! Pilulas! Áquella cousa e agua longe.

No emtanto, dentro tiravam-se pares para a quadrilha.

—Quando dêsse o signal, disse o Alcantara num requinte de maldade, romperiam cá de fóra num dobrado, com toda a força e que os atrapalhasse. E perguntou:

—Prompto?

—Prompto, responderam os companheiros.

Elles tinham vindo da rua de Baixo, da casa da Anninha Passóca, onde havia um *fuso* descabellado, e onde tinham tocado muito e bebido muito.

O Chico Antonio aprumou o ophycleide, o Salustiano tirou a saliva do piston, o Alvarenga e o Enéas levantaram os saxes e o Pereira preparou a clarinêta.

O Alcantara tragou uma ultima fumaça, atirou o cigarro fóra, e:

—Sentido! avisou, que elles iam começar.

Um rapaz vistoso, que apparecia no vão da sacada e que servia de par a uma filha do Aguiar, bateu trez palmas e a musica começou uma quadrilha.

Quasi ao mesmo tempo, do lado de fóra e em frente ás janellas, rompeu a banda do Alcantara num barulho infernal, a *rasgar* nos instrumentos de metal um dos dobrados classicos da musica da roça.

Foi interrompida a quadrilha ; ninguem mais pôde entender-se.

Estava tirada a vingança do Alcantara.

A musica que tocava no baile era da villa visinha.

O povo que estava na sala apinhou-se nas sacadas, e foram reconhecidas todas as pessoas da terra.

Quando pararam com o dobrado, riram muito e começaram a commentar.

— Lá estava o Oliveira, o sabugo de quanto rico havia.

— Não viam o Chico caixeiro, lá, encostado ao portal? E o Ernesto? que patife! com um fraque do tempo da zagaia e um nariz que entrava em toda a parte.

— Vissem! As Silvas todas de branco! Olhassem as Mellos como estavam empostoras! Naquella hora nem se lembrariam de que compravam feijão com costuras.

— E o Albuquerque? Ah! pedante! a puxar o cavanhaque de bode e a aproveitar a distracção dos outros para enfiar a unha no nariz! Não tinham visto a Eugenia passar? Falava-se que ella andava numa *paixa* preta pelo promotor publico, o dr. Pedrinho, um caguinchas de primeira força, e que até lhe escrevia bilhetinhos que iam enrolando flores pelo talo...

— Só isso? diziam mesmo que elle dava-lhe beijos descaradamente na janella. Ella que fosse pobre que não encontraria mais noivo.

— Um escandalo! uma pouca vergonha! sentenciou o Chico Antonio, tirando a primeira volta do ophyclidean e virando a saliva fóra; pediu em seguida uma palha de cigarro.

— Aquillo sim! Vissem! falou o Alcantara, mostrando um bello vulto de mulher, que havia assomado

á sacada, e que se recostara ao portal, junto de um globo de vidro.

— Ah! aquillo sim! concordaram os outros. Que pena ser clara aquella rapariga! Dizia-se tambem que o Chico do tenente Aguiar dava a vida por ella, e que ella gostava tanto delle como o burro gosta da cangalha.

Era uma rapariga de estatura regular, cadeiras amplas, hombros largos, collo que era um primor, cabellos escuros, abundantes, finos e longos, muito leves e lustrosos, partidos em dous bandós, ao meio da cabeça, por uma risca muito branca, e enleados atraz, em rodilha fôfa, presa a grampos de tartaruga. Um penteado simples e de muito gosto, que lhe ficava muito bem, a acompanhar pela frente, sem a menor onda, a curva graciosa de uma cabeça bellissima. Esse penteado descobria-lhe a nuca, uma nuca sem cova, de uma brancura de louça, onde se movia, solto, um punhado de cabellos doidos, numa revolta constante.

— Aquillo era fazenda! disse o Enéas, batendo com a palma da mão no boccal do sax.

— E muito distincta, continuou o Alcantara. Diziam que ella sab'ia mais do que o proprio juiz de direito. Que bocca hein? Nunca a tinham reparado de perto? E os olhos, grandes, grandes como o diabo, serenos, negros que nem duas jaboticabas?

— E o nariz? perguntou o Pereira, raspando com o canivete a palheta que estava um pouco estragada. E de ventas que bolem, e vermelhas por dentro. Sabiam o que era aquillo?—fogo.

— Tinha ouvido dizer que ella era dona de uns pés que cabiam na algibeira do collete, falou por sua

vez o Salustiano, que tinha até então guardado silencio.

— O que ella devia de ter era umas pernas muito grossas e muito direitas, replicou o Alcantara.

E em seguida tocaram uma polka e foram subindo o largo até desaparecerem por detraz da igreja.

Era duas horas da madrugada. Na casa do tenente Aguiar recomeçou-se a quadrilha.

Esther, filha do major Cornelio de Athaide Paiva, era a moça que estivera na sacada e sobre quem versara a conversação dos musicos do Alcantara.

Tinha completado 20 annos em Outubro: nascera em 1866. Era de uma intelligencia brilhante, bellissimo talento, fidelissima memoria, verdadeiramente excepcional, — dons esses que se revelaram com muita precocidade, e que obrigaram o major a tomar professores, e a mandal-a mais tarde para um dos collegios mais afamados da provincia, onde se fizera mulher sobre os livros, com distincção em todas as materias, secundando, ainda menina, as proprias professoras em suas cadeiras.

Lia extraordinariamente. Devorava livros. Era de uma adoração fervente pela historia natural, pela physica, pela botanica, pela astronomia; emfim, por todas as sciencias positivas. Ardia de desejos de vêr uma estrella atravez de um telescopio. Idolatrava Flammarion, abençoava a memoria de Hipparco.

Era de um natural pensativo, quasi melancolico, que lhe ficava muito bem no rosto oval, nos olhos negros e scismadores, brilhando sob longas pestanas, por baixo de uma fronte larga, muito bem feita e ampla. Seus proprios sorrisos, de uma bondade á

vista, tinham alguma cousa de refreitados: mostravam com avaresa, e apenas até ao meio, a linha branca dos dentes, muito eguaes e de um esmalte opalino. A pelle, alvissima, era de uma sensibilidade muito delicada; reagia ao pousar de uma mosca; vibratil em extremo, um pouco sêcca e macia, tornava-lhe as mãos como feitas de cêra preparada, como espécimens artisticos para estudos de anatomia. Todo o seu corpo, opulento de fórmãs e proporções, requemava um bello movimento de vida, adoravel frescura de mocidade e grande força de um temperamento forte, a arrebentar sob a pelle, por dentro dos nervos, numa florescencia de desejos, de sonhos e chimeras.

Andando, tinha nos movimentos um balanço caracteristico, elegante, muito pessoal e gentil. Todos os seus modos eram distinctos: todo o seu aspecto se impunha logo ao primeiro olhar.

Seus paes, o major Cornelio e d. Euphrasia, eram mineiros, dous dos mais probos emigrantes de 1866, anno em que Esther lhes nascera, já na provincia de S. Paulo.

Compraram nesta provincia, e no norte impropriamente chamado Oêste, leguas e leguas de terra, em mattas virgens de primeira ordem. Por esse tempo toda aquella zona era bocca de sertão, e elle, o major, adquirira alqueires de terra á rasão de um por um carro de milho e muitas vezes a 1,800, e a 2,5000.

Fizera um rancho de beira no chão e ahi se aboletara com a mulher e seis escravos, herdados de seu pae, crias de casa—como costumava dizer.

E começou a derrubar matta e a plantar café. A pouco e pouco foi extendendo os cafesaes e comprando mais escravos.

Em 1878 começaram a apparecer pelo Oéste fazendeiros da provincia do Rio, que procuravam terras para se estabelecerem de novo. Os cafesaes do major cobriam já uma extensão de muitos kilometros e apresentavam no fim de cada safra um resultado que espantava. Nesse anno fez elle 33 contos de reis, afóra toda a despesa. Os seus terrenos eram magnificos, livres de geada, e elle augmentava cada vez mais a plantação, numa sêde devoradora de riqueza, num trabalho brutal, esmagador.

Vendeu em 79 muita terra por lhe ser impossivel cultural-a. Vendera o alqueire a 200⁰⁰⁰ e 250⁰⁰⁰ da roxa, *sangue-de-tatú*, de segunda ou terceira qualidade.

A provincia de Minas continuava a mandar gente para o Oéste de S. Paulo.

A energia do solo fazia o estimulo do operario, transformando o seu suôr em oiro, com a generosidade de um nababo. A divisa do fazendeiro era: — *ganhar muito com pouco trabalho.*

Seguiu-se então uma scena verdadeiramente selvagem, que ainda dura até hoje: — a derrubada.

Aos golpes de cem, duzentos, trezentos machados, abatiam-se as florestas,—trez, quatro, cinco vezes seculares,—e toda essa riqueza admiravel era queimada em Agosto, escurecendo os ares, avermelhando o sol e fazendo quasi que uma noite de dous mezes por todo o interior da provincia. Reduziam-se a cinza os lenhos mais gigantescos da flora paulista, que eram substituidos pelo cafeseiro, a desdobrar-se num lençol de esmeralda, leguas, dezenas de leguas, sobre as vertentes uberrimas, húmidas e quentes do Rio Pardo, do Tieté, e do Paranapanema.

E foi assim que os valles se cobriram de labôr, que as collinas, as serras, e as encostas se vestiram de culturas, alvejando em Setembro num lençol alvissimo de flores, a ondular, a perder-se de vista pelas terras além, attestando a grandesa do trabalho, elevando o labôr humano, engrandecendo a gloriosa provincia.

Foi assim que o major se tornou millionario, e que chegou a ser a maior influencia politica do seu districto, militando como liberal, fiel sempre ao programma de 1835.

Tivera ascendentes revolucionarios, e quando falava na *Inconfidencia Mineira*, os seus olhos se arrastavam de lagrymas e cria na vingança do futuro.

Elle tinha trez annos quando arrebentara a revolução de 42; era o caçula, e os seus dous irmãos mais velhos haviam marchado com o pae e tinham abrilhantado as fileiras liberaes, honrando as aspirações livres de sua provincia.

Sempre que falava em politica, exaltava-se logo, e aconselhava a Ricardo, seu filho unico, que nunca se mettesse na *tal* politica.

Era esse o fazendeiro, o ricaço cafelista do Oéste, o pae da rapariga mais formosa do logar, sobre quem versara a conversação dos musicos do Alcantara.

Não contente com os estudos que a filha fizera no collegio, o major puzera em casa uma professora de piano, allemã, que ensinava ao mesmo tempo musicã e allemão a Esther e com ella falava em francez.

Por seu lado o medico do logar, o dr. Lins Teixeira, homem de grandes estudos, dava-lhe, ás quartas

e sabbados, lições de physica, de chimica e de mathematicas, iniciando-a a pouco e pouco nas vastas generalisações da sciencia positiva, aproveitando-lhe, com summo prazer, as aptidões admiravelmente distinctas para tudo que fosse investigar e apprender.

O dr. Teixeira vira a sua discipula completar-se mulher de 84 a 86; despir-se das infantilidades e do desembaraço dos primeiros annos; aprumar-se em fôrmas cheias e já irrigadas de novo sangue, do sangue traiçoeiro da juventude; muscular-se com vida; projectar-se em dous bellos seios, alargar-se em pesados quadris, de uma virilidade poderosa; arredondar-se em espaduas de creme; corar ás vezes, empallidecer outras, a um pensamento rapido, agudo e cortante, que lhe descia do cerebro, que lhe picava as fibras de mulher.

Acompanhava com indifferença, até então, todas essas cousas que eram proprias daquella rapariga, e acabado o tempo da lição, já nem se lembrava mais da moça e ia cuidar de outros deveres.

Ella era para elle, até então, uma creatura estimavel que elle admirava como talento, como memoria, como illustração mesmo, entre as moças brasileiras. Mais nada.

O baile continuava.

O relógio da matriz tinha dado, havia pouco, trez horas da madrugada.

Poisava sobre a cidade adormecida profundo silencio, interrompido a espaços longos pelo cantar dos gallos, amudado naquella hora adeantada da noite.

Uma noite clara, de pallidez astral, purissima e

tranquilla, a passar de vagarinho por cima das casas, á luz mansa, duvidosa, das estrelinhas do azul...

Para os lados da Aurora, á meia altura do horizonte, *Syrius* fulgia, o mais luminoso dos diamantes do céu. Via-se o *Orion*, esplendorosa constellação, que fixou no firmamento uma pagina da mythologia grega, relembando Hyréas, o caçador victimado pelo orgulho de Diana! Viam-se as *Treç Marias*, como o povo as chama,—brilhando no *cinto do Orion*.

De velludo azul, abobada estrellada de brilhantes era o céu silencioso dessa formosissima noite. *Procyon*, de fulgór macio e delicado, parecia recordar ainda os calores do estio na patria de Aristoteles; as *Pleiades*, suspensas, irmanadas, eram como um broche no regaço da noite... Uma orgia de scintillações, longe, nos confins intérmios do espaço, a descer vagarosamente, silenciosamente sobre a cidade em socego, na solidão *sympathica* de um interior de provincia.

Boiava nos ares, a embalsamal-os, a suave fragancia dos vegetaes orvalhados, bolindo com o olfacto, provocando lembranças, fazendo brotar desejos...

Na porta do tenente Aguiar appareceu o vulto de uma mulher, envolvida em uma capinha de lan, e de braço com um rapaz.

Desceram as escadas e tomaram para a direita, largo abaixo.

Era Esther que voltava do baile em companhia do irmão.

Vieram a toda a pressa. Era já tarde.

A filha do major Cornelio subiu para seu quarto, um grande sotam, por cima da sala de jantar.

Despiu-se e deitou-se.

Quiz vêr si lia; não o conseguiu. Estava pensa-

tiva, faltava-lhe o somno e achava o leito quente, desagradavel. Na altura da fronha bordada, bello e immovel, via-se-lhe a rosto afogueado pelo movimento das valsas, e, mais abaixo um pouco, cahia-lhe o torso indolente, em grandes linhas comprimidas do peso dos musculos, nas partes mais vizinhas do lençol!

As rendas do decote iam morrer-lhe, frouxas e enrugadas, nas primeiras elevações dos peitos, de uma candidez de camelia... que terminasse num botão de rosa. Das rendas das mangas, nédios e macios, sahiam-lhe os braços correctos, esquecidos atôa, imprestaveis das fadigas da dança.

Pensava muito aquella creatura, alli deitada, a esperar o somno, á volta do baile. Passavam-lhe pela imaginação todas as peripecias, que a tinham impressionado, e o sangue lhe latejava nas veias, a dilatar-lhe as pupillas, a secar-lhe os labios, a picar-lhe os nervos de vontades exquisitas, encurtando-lhe a respiração, castigando-lhe os pensamentos, sacudindo-lhe o espirito.

Fechava as palpebras em vão:—desapparecia o seu quarto illuminado, mas surgiam-lhe na mente os salões do tenente Aguiar, com todos os convivas que lá estavam, todas as caras, uma por uma, tudo! Abria-as de novo, lentamente, como si as suspendesse um desejo preguiçoso,—palpebras transparentes, petalas esbranquiçadas de rosa amanhecida, que descora e amollece aos calores do sol.

E os gallos *amiudavam* e ella os escutava, combinando idéas, pensando a sonhar, quasi a dormir, quasi accordada.

O gallo que primeiro cantava, que dava o primeiro signal á orchestra, era o do vizinho:—um

gallo-musico, vermelho, elegante e grande, de um *ca-ca-ri-a-có* muito longo, que elle fazia a descer o bico no ar, lentamente, tristemente, até encostal-o ao solo, quasi exausto, quasi morto de falta de folego. Esse cantar começava alto, vibrante, forte,—e depois vinha descendo gradativamente, a passar, quasi imperceptivel, por todas as nuanças da escala musical, perdendo de intensidade, diminuindo de vibrações, até desaparecer, e não ser mais ouvido... e elle o gallo-musico, ainda ficava immovel, com o bico em terra, até que em seguida tomava o folego de novo, ruidosamente, num gemido inspirado, longo, triumphante.

Conhecia-o muito; via-o sempre cantar no largo, fóra do seu terreiro, airoso e bello, entre as gallinhas que cortejava, alegre e bom, a rufar as azas na espóra, a subir-lhes em cima, preso o bico ao pescoço dellas, com a cauda baixa e endurecida, aberta em recurvado leque.

Elle parecia, elle—o gallo-musico, o mais vigilante da cidade. Era no seu poleiro, entre as suas amantes, que nascia a primeira nota de musica, intensa e melancolica, a quebrar o silencio da noite, a subir para o céu na luz das estrellas, a despertar nos gallinheiros vizinhos os outros gallos que o somno prendia. Bom chefe de familia, elle guardava o seu bando com zelo, alerta sempre, para que os gaviões não lhe levassem os pintinhos, e os gambás, á noite, não lhe pegassem as companheiras. Tinha uma linguagem terna para os pequenos, junto dos montes de cisco, a esgaravatal-os, a catar bichinhos para elles, falando baixinho e com meiguice um *côró-côró* amoroso. Era arrogante e imponente quando o inimigo se approximava, com

as intencões confessaveis de transgredir o nono mandamento; — alçava a crista, estufava o peito, cantava em desafio, e marchava para a frente.

— Si os homens fossem como o gallo-musico ! pensou a moça ás luzes da alvorada nascente.

Entraram-lhe no quarto os primeiros pios dos passarinhos accordados, e dentro em pouco chilreavam todos, rufando as azas no arvoredo, aos primeiros clarões do dia que ahí vinha.

— Agora que ia amanhecendo, que tudo entrava em movimento, agora é que ella procurava o repouso, alliciava o somno, o bom somno desejado, restaurador e amigo, aquelle mesmo que os seus pensamentos afugentavam !... pensava a rapariga.

E fóra, entre o mugir das vaccas, do meio do rumor vago da cidade a despertar, vibrava nos ares a symphonia das aves, saudando a luz, solemnizando a Natureza.

E Esther poz-se a escutar, reconhecendo pelo canto a muitos dos passarinhos.

— *Fritu ! fãtu-fãtu ; fãtu-fãtu, fãtu !*

— E' o beija-flôr ! falou consigo a moça.

E pareceu-lhe vê-lo, pequenito e furta-côr, de mil nuanças doiradas, aberto no ar o biquinho, a formar um angulo de dous lados semicurvros, e no mesmo sentido, pretos e finos, como que riscados sobre o azul do céu ; via-o de pé, immovel, no galhito mais alto do pecegueiro, dando os bons-dias á manha de rosas, a espenejar nos intervallos as alegrias de sua alma, que devia de ser pequeninha como um pingo de luz e leve como o olhar das creanças.

— *Ti-i ! ti-ut-utu, tu ! ti-utu, ti-i !*

— E' o tico-tico, pensou Esther.

E mentalmente o via a voejar do muro ao chão, do chão ás arvores, de galho em galho, irrequieto, sem parar um segundo; aqui, a catar vermes que a fresca da noite puxara para fóra dos buracos; alli, a espalhar a esterqueira; acolá, saltitando, a dar pequeninos vôos, e sempre allegre, rapido e nervoso — a estalar *tic! tic!*

Chegou-lhe depois aos ouvidos um gargantear aspero, sêcco como si fosse o rasgar de um panno engommado, tecido de fios sonoros e em diversos tons.

— E' o sanhassú que accorda, o azulego comedor de laranjas!

E poz-se a pensar na facilidade com que os sanhassús gulosos cahiam nas esparrellas que a meninada armava pelas pontas das cercas.

— O sanhassú morria como o peixe:— pela bocca.

E mil pequenas lembranças, todas ellas associadas, lhe surgiram no espirito:— eram trechos verdes de grandes terrenos, lá para os lados da serra, e onde achara um dia um papagaio com a perna quebrada a chumbo e a aza deslocada. Aquillo tinha sido a obra perfida de algum caçador vadio.

Levara o papagaio para a casa e lhe encannara a perna com pedaços de taquara, dando-lhe a beber duas colheres de summo de *santa-maria*, erva que era assim applicada, e para o mesmo effeito, ás galinhas que quebravam a perna. Vira-o tantas vezes! e assentara de dal-a ao *loiro*, e o summo verde descera direitinho até á fractura, curando-a e esverdeando-lhe toda a visinhança.

A ave, agradecida, nunca lhe dera uma bicada e já estava apprendendo a dizer alguma cousa.

Depois seguiam-se ninhos que ella cercara de

ramos, nas arvores do pomar, para illudir os gaviões e garantir ás mães os seus filhotes, ás mães, tão extremas quando são aves!

Vira uma vez um sabiá quasi doido porque a rapina lhe levava o filho.

Voava de moita em moita, piando tristemente, chamando em vão, numa afflicção dolorosa. No dia seguinte, ao pé do ninho, estava morto um sabiá. Fôra o mesmo, decerto; fôra sem duvida a mãe que não pudera sobreviver á morte do filho. As aves... ah como as aves se amavam! As pombas!

E assim por deante.

Já agora, longe, nas alturas do espaço, passavam galrando nuvens de maitacas, maracanans e perequitos, num barulho infernal:

— *Cráu-cráu, cráu! cráu-cráu, cráu!*... e eram gargalhadas estridentes a arrebentar nos ares, num vôo vertiginoso.

Demandavam, todos, as palhadas de roças colhidas nos lançantes dos espigões ou pelas vertentes da serra. Serviam de graves a essa orchestra os grandidos roucos dos patos bravos que vinham do poente, das lagôas da varzea, no valle poetico do rio.

No sotam, pela fresta da janella, um pouquinho empenada pelo rigor do sol, entrava em leque uma restia duvidosa de luz matutina, que ia tirando da sombra os objectos e os apresentando, ainda que mal contornados, aos olhos preguiçosos de Esther.

Lá estava o cabide com as saias penduradas, um vestido de chita e mais outras peças;—o espelho, gravemente reclinado, á espera de luz para reflectir as cousas da frente;—no espaldar de uma cadeira, o vestido de seda, de um azul claro muito chique, e que

fôra muito apreciado no baile,—posto sem cuidado sobre a cadeira, com parte da barra cahida ao soalho;—no tapete, o espartilho que tambem cahira da maçanêta da cama, depois que ella se deitara;—num angulo do sotam, a vasquinha branca, de andar em casa, passada a ferro na tarde anterior, fazia uma imagem confusa na ensombrada parede,—parecia uma cara muito feia, com a bocca aberta, a querer mordê-la, a ella que tivera um estremecimento;—da parede, numa parte mais illuminada, havia uns traços pretos que pareciam duas argolas amassadas,—eram as ligas, com que prendera na vespera as meias de seda rosada. Pregara-as alli com um alfinete. As meias, murchas e penduradas, essas pendiam sobre o espelho oval do aparador de balsamo, um velho movel que seu pae comprara em leilão.

Das roupas desvestidas levantara-se durante a noite o perfume subtil das suas essencias predilectas; pairava, no ar immovel do quarto fechado, de envolta com os perfumes, o cheiro bom da sua carne de moça, a reçumar vida, a descansar do baile sob a alvura das colchas: e esse mixto de natureza e arte, represso numa alcova de virgem, dava ao ambiente todas os encantos do desejo, todas as provocações dos vinte annos.

Sobre o leque de luz, aberto na parede, passava de tempo em tempo a sombra augmentada, quasi informe, dos passarinhos que voavam fóra.

E a moça ia ouvindo, ia vendo tudo Esther.

Havia mugidos de vaccas de leite, que iam se achegando aos curraes; sons de falas incompreensiveis dos madrugadores da cidade, poucos e conhecidos, que passeavam de manhan por velhos habitos.

Um delles era o Oliveira, o capitão Oliveira, oitenta annos de carne e osso, que ás 6 horas da manhan já tinha tomado um banho de agua fria, e por cima um copo de leite, que era sahir do úbere e lhe descer pela guela. Todo vermelho, cabecinha branca e muito aceiado, lá estava elle, antes do sol, de pé na soleira da loja, fazendas e armarinho, a fumar o seu charuto, cuspinhando na areia do lado de fóra e dando cabeçadinhas para traz:—um cacuête que, dizia, lhe tinha vindo de uma constipação na nuca, quando era rapazito.

Cançada a rapariga, foram-se-lhe os pensamentos perdendo os contornos, como as arvores isoladas quando a noite desce; eram como sombras, como visões fugitivas que se lhe abeiravam da penumbra do espirito.

E os seus membros iam se afrouxaudo a pouco e pouco. A lei do repouso ia substituir a do movimento. A carne pedia descanso; os nervos negavam combustivel ao pensamento.

Já do ouvido lhe fugia sorrateiramente o concerto das aves, a nota harmoniosa do gallo-musico; fugia-lhe do olhar a luz que ia tomando o quarto, coada pela figa da janella; esmaecia-lhe a consciencia do tacto, perdendo as sensações de peso e pressão muscular sobre a propria cama.

Todos os seus sentidos foram-se immobilizando na anesthesia do somno, num declinio gradual de actividade, num *minuendo* ininterrupto; era a alma que se lhe escurecia, a noite que se lhe fechava no pensamento.

Seus grandes olhos, de espaço a espaço, estes cada vez mais distanciados, seus grandes olhos se

abriam e cerravam serenamente, mostrando a córnea de marmore, branca como o susto da Samaritana, a adultera da Biblia. Que indolencia poetica a de suas palpebras azuladas !

Do rosado das narinas, mathematicamente movidas, ja manso e lento se lhe evolava o respirar medido ; e do seio, que levantava os lençóes, diminuia o arfar, porque o sangue socegava.

Houve um momento em que aquellas palpebras desceram, desceram tanto — que se uniram de vez, confundindo os cilios.

Não se levantaram mais.

Pouco depois, num respirar crescente, ruidoso e longo, subiu-lhe o seio túrgido, ao ruido sympathico do ar inspirado fortemente ; parara um pouco, em cima, e descera rapido, abrindo-se-lhe em seguida em torno da bocca, fugitivo e leve, o ramilhete de um suspiro profundo.

Tinha adormecido.

Dormira abraçada com os seus pensamentos, os seus maiores algozes. Elles lhe haviam plantado no espirito a erva brava das impressões damninhas. A sua sensibilidade, o seu coração, apercebiam-se de cousas desconhecidas até esse dia: — um querer indefinido e um não querer caprichoso ; um desejar vago, com medo de muito desejar ; um devaneio que não era scisma, ou scisma que não tinha perspectivas ; um estado dubio finalmente, um despertar de sentimentos embryonarios, primeiros balbúcios, talvez, de um coração que se ia completar, de uma creatura que surprehende em si mesma os uivos instinctivos da carne, as primeiras revoluções do cio.

Como em noite de Janeiro, sob um céu escuríssimo e tempestuoso, brilha o relampago, e illumina momentaneamente céus, montes e valles, — assim, na noite espessa de seu cerebro fulgurava, instantanea, uma imagem viva que desaparecia logo, depois de illuminar todos os reconditos de seu grande pensamento.

Parecia-lhe, então, ter destacado situações difficeis, cujo desenlace dependia de dolorosas provações Moraes; ter despertado inconscientemente ás bordas de um abysmo insondavel, sem poder dar um passo, um só que fosse, em nenhum sentido, vendo-lhe no fundo uma dessas miragens que se não imitam e que aprouve á Natureza creal-as para immobilisarem o espirito num hypnotismo delicioso. Comprehendia então que ha dores e desprazeres agradaveis ao sentimento.

Dahi por deante, accordada ou dormindo, pensava sempre a mesma cousa, amando os seus pensamentos, amando-os tanto mais quanto mais a martyrisavam.

E, hora a hora, e, dia a dia, passaram-se dois mezes assim, sem que a noite do baile lhe abandonasse a memoria, libertando-lhe o coração.

A lembrança, que preferia não ter, ainda que necessaria, como que se tornava mais nítida, mais destacada e brilhante á proporção que aquella data ganhava no passado.

Emmagrecia e concentrava-se mais.

Esse estado tornou-se patente aos olhos de todos. As indagações foram porém inuteis.

Si dantes o seu olhar era como que indifferente aos objectos, ás cousas que lhe ficavam em torno, agora não se dava o mesmo; sereno e triste, pensa-

tivo e meigo, elle quedava-se nas cousas, tempos e tempos, para fugir das pessoas; e lá se deixava ficar, como uma caricia de velludo, manso e doce, sem um movimento de palpebras.

Todos os objectos, todas as cousas tinham vozes para ella; pareciam segredar-lhe a sua missão no Universo. Tornara-se de uma amizade extrema para com os animaes e principalmente para com os insectos. Ia observal-os nas plantas, no seio das flores, e lá ficava a esperar que elles subissem uns nos outros, para reparal-os bem, a pensar em cousas desconhecidas, a induzir e deduzir conhecimentos secretos, estudados directamente, cousas que se não diziam alto, sinão baixinho, á intelligencia e á consciencia.

Gostava de vêr as moscas nessa lucta e já conhecia o macho por observação repetida.

Do lado da cozinha, entre o telhado e a linha, as pombas viviam arrulhando, a esfregar os bicos em beijos, sempre com a mesma missão, a de ter filhos, que era a missão de todas as femeas,—emquanto os machos cuidavam de prover o lar e defender as suas companheiras.

Sabia que as proprias flores tinham os seus momentos de fecundação. Via o imperio dos sexos a alastrar-se, a dominar todas as cousas organisadas. Admirava-se desse eterno movimento; comprazia-se de se deixar perder nessa cadeia de relações inseparaveis, onde a solução de continuidade é um nome vão, que só existe no pensamento do homem.

E philosophava :

— A folha da arvore ! A folha, perdida no oceano das folhas, nascera um dia, crescera, vivera e cahira. Donde viera a folha ? Nella pousara um dia a borbo-

leta que lhe havia confiado os ovos, entregando-lhe a futura prole. Donde viera a borboleta? A folha... fabricara o oxigenio, protegendo a vida; absorvera o carbono, inimigo da existencia. E, um dia, descera finalmente á terra de onde havia subido anteriormente ao tronco, energia e seiva, em transformações infindas. Cahida, entrava em putrefacção, sustentando ainda milhares de animalculos, invisiveis a olho nú. Um moto continuo! O movimento não parava! O insecto, antes de ser insecto que cousa fôra? E agora, dourado, era uma nota de musica, ambulante e viva, a sulcar os ares, poisando nas flores, impregnando-se de aromas! Teria uma alma o insecto? — alma immortal? Qual o seu destino no mundo? qual o destino de todos os sêres vivos? A julgar pelo que via, muito simples: porque tinham nascido e sentiam, — *amavam*; porque amavam — *perpetuavam-se*. Mas... como ia nisso tudo uma inconsciencia atroz, um individualismo brutal! Sabia lá o insecto os interesses da especie? Perpetuando-se na prole, só tinha um fim: — satisfazer a si mesmo, á sua sensibilidade nervosa. E depois morria, á sombra dos muros, sob as pedras, debaixo das folhas ou no calice avelludado das flores; os filhos, sem saber dos paes, continuavam a obra começada! Sempre a mesma cousa, a nota individual, a maior porção de prazeres e a menor quantidade de desgostos — eis o fim dos sêres vivos! Nessa immensidade de sons e cores, de luz e trevas, de sêres organicos e inorganicos, de rumores, de silencio, de harmonias, de jubilos, de maguas, de pequenas e grandes cousas, todas se movendo, se procurando umas ás outras, se confundindo, — não haveria um laço que as prendesse em conjuncto, numa relação ininterrupta de existencia

commum, de vida universal? Em tudo isso não se apascentava o pensamento, tudo repetindo, copiando e amando, e servindo tudo para novos pensamentos, para novas idéas, para emoções que engrandeciam e estudos que nobilitavam? Qual a idéa, menor que fosse, que não contivesse em si um germen, um pedacinho de todas essas cousas, ou que a ellas se não pudesse associar, intimamente, sob relações logicas? Que era *pensar* sinão *vêr no espirito* as cousas de fóra, com uma certesa e uma consciencia relativa de as estar vendo, como si estivessem presentes, ligadas aos sentidos pelas relações moleculares? Ah! tinha lido Alex. Bain! Ao professor de Aberdeen devia muita luz, a luz com que sabia vêr as cousas occultas! E então o sol, que illuminava, não estaria no espirito com as proprias cousas illuminadas? A noite, tão escura, podia surgir no pensamento sem os raios da estrella? O rio, que rola, não levava em suas aguas a imaginação ao mar?— e o mar, tão grande, não se accommodava num pequenino canto do pensamento? Na morte dos animaes domesticos, na dôr alheia que os olhos vêem e os sentidos sentem, não havia um pouco da dôr propria que o coração padece e o espirito percebe sem se achar affectado? Ah! tudo isso se prendia nesse todo maravilhoso que sacode o corpo e a alma, que nelles se infunde e transforma, sob milhares de miniaturas infinitas, debaixo da abobada azulada dos céus, essa grande vulva da Natureza-Mãe, em cujo utero, eternamente fecundo, se geram na treva dos tempos as maravilhas do espaço e os aleijões do Universo! Havia em tudo isso uma fatalidade cega, que subjugava a vontade humana! E entre todas as cousas, na luz ou na escuridão, passava

a serpente do amor eternizando os organismos vivos ! Descobria-a em todas as cousas, desde a materia bruta até á materia consciente, tudo unindo, transformando tudo ! Eis a lei, eis o facto ! E ella, pobre filha de um interior de provincia, é que havia de fugir á corrente vertiginosa da vida ! ?

E, pensativa, perdia-se na voragem dos proprios pensamentos.

Mais que nunca, ligava-se agora a tudo que lhe ficava em torno e que tinha para si uma entidade real. Era o fetichismo da affectividade emprestando ás cousas externas aquillo que, até certo ponto, só tinha existencia dentro de sua propria cabeça.

Passeiando uma tarde com amigas, veiu a parar por acaso junto á vitrina de um armario, o melhor dos poucos regulares que havia no logar. Lá estavam meias empilhadas, objectos de luxo e phantasia, estojos de costura, tesourinhas de unhas, sabonetes de Lubin, perfumes de Pinaud, tudo posto em ordem, bem destacado para que o olhar dos transeuntes nada perdesse ; — caixas de lenços com os preços marcados em cartões da casa ; botes de pó de arroz, com frisos dourados ; cintos de metal prateado ; pulseiras, abotoaduras, oleos, espartilhos, leques abertos, com paisagens chinezas ; e, em cima, naquelle pequenino bazar — uma boneca mechanica, a fazer o almoço num fogãozinho de madeira que imitava ferro.

Os olhos de Esther andaram por todas aquellas miudezas, vindo a estacar em uma das caixinhas de lenços.

A moça impallideceu.

Seus labios rosados ficaram brancos de magnolia,

e um desfallecimento instantaneo enfraqueceu-lhe todo o corpo. Naquelle momento, o chão como que lhe quiz fugir de sob os pés e a vista se lhe turvou, sentindo que o coração parava. Firmou-se no corrimão da vitrina e tudo se passara sem que as suas companheiras o percebessem.

Quando voltou á casa, fallou-lhe a mãe de que precisavam de ir á loja fazer compras :

— Que já era tempo, sentenciou d. Euphrasia. Os crioulinhos estavam sem roupa. Tinham muito que comprar, muito mesmo, e isso é que era o diabo ! Dinheiro houvesse, que não parava. Era um gastar de cobre, que não tinha mais geito ! mandar buscar, isso é que ella não fazia, — já estava escarmentada ! Outra cousa não queriam elles, os logistas, acostumados a impingir gato por lebre, e depois a conta é que eram ellas ! Si os conhecia ! Preços para mandarim, porque o marido tinha o café ! O café dava para pagar tudo ! Desaforo ! Então porque tinham dinheiro deviam de pagar mais que os outros ? Estavam muito enganados, porque ella nunca deixava de ir e de regatear até o ultimo preço.

— De sua parte só queria lenços, falou Esther. Era do que precisava e nada mais.

— Comprava-se tudo, tudo, tornou a mãe, e muito baratinho, lá isso é que não havia duvida ; porque para especular desafiava que houvesse outra. A propria d. Anninha, que era de fama, não podia com ella ! Tinha concorrido muito para a fortuna do marido, affirmou satisfeita. Olhasse, que si não fosse aquelle olho vivo (e puxou com o dedo a palpebra inferior) e as suas economias no principio da vida, talvez que hoje não tivessem nada.

Esther sorria-se bondosamente, pois já não tinham conta as vezes que costumava ouvir esse mesmo pedacinho, eivado de amor á ordem e á economia domestica.

D. Euphrasia o repetia para incutir no espirito da filha essas lições de dona de casa. Ia ás vezes ao excesso, parecendo até miseravel, ella que era generosa e boa, exemplar e franca.

Dias depois lá foram, juntas, á loja intitulada *A' Flor do Chiado*, fazendas e armarinho, do *Zé Novato*, como o chamavam na cidade,

Era elle portuguez, estabelecido no Largo da Matriz.

Foi n'*A' Flor do Chiado* que Esther viu a caixa de lenços e que sentiu aquelle desfallecimento nervoso. Almoçaram e sahiram.

O dia, formosissimo. Um sol quente e desanuviado descia em jorros de luz, castigando os vegetaes alegres com as suas ondas de calor.

Havia nos ares pios de andorinhas, e dos beirões desciam os *birros* havanados, num vôo curvo, de abertura formada pela linha das telhas, batendo a meio caminho as azas num estalo sêcco, e chilrando — *Birrr...ro!*

Ao longe, para o norte, azulava a serra, dentando o fundo do céu com os concavos e as agulhas de seus topos.

A prumo, no *gris-perle* do azul, desmaiado pelo sol, ennovellavam-se corvos em revoada, como pingos pretos distantissimos, ou pequenas esferas que tivessem a noite voltada para a terra.

Para o sul, após collinas sobre collinas, fechava ao horisonte o tapete verde da matta, onde, ás tardes

e ás madrugadas, atravessavam manchas brancas balançadas, ás duas, ás quatro, ás seis e mais, em longas curvas, lentas e graves, de um a outro extremo do horizonte :— eram as garças, que buscavam as lagôas do rio, grandes estagnações formadas pelas enchentes de Dezembro, lá, a legua e meia de distancia do povoado.

Para o nascente, a nivelada elevação do terreno, em plano inclinado ascensional, roubava em dez minutos de marcha a liberdade da vista. Dahi por deante sobrepunham-se os terrenos em tableiros, e desciam graduados, em escaleiras colossaes, espedando-se cada vez mais, até aos campos de nordeste, embaixo, ao fundo do valle, a duas leguas da cidade, lá onde o caminho de sacramento se entroncava na estrada real, por onde passavam diariamente, no tempo da safra, dezenas e dezenas de carros, que iam levar aos mercados de Santos o fructo sagrado dos vastos cafesaes daquela zona.

Da Serra, via-se ao longe, nos campos, uma onda immensa de pó, como uma serpente apocalyptica, acompanhando por cima o leito sinuoso, longo a perder de vista, dessa grande estrada batida.

Aqui e alli, no verde claro dos prados, entre as sombras gigantescas das nuvens, nas clareiras de sol, as eguas, em manadas, gollopavam ciosas; o gado, reunido, quedava-se nas horas de sésta, em malhadouros pellados :— quebravam todos a monotonia esmeraldina das pastagens, bordavam de movediças manchas todo aquelle panorama, que seduzia e asombrava.

Para o occaso, porém, num rasgão enorme, abria-se toda a perspectiva do poente, em terrenos

lançantes que desciam suavissimamente até perder-se, a duas leguas mais ou menos, nas primeiras elevações das serras, que pareciam encontrar-se ahi, uma de norte a oeste, outra de sul a sudoeste, muito ao longe, por traz das collinas, cobertas pela floresta.

Sobre toda essa immensa extensão, em que o dedo das convulsões do globo puzera tão linda vista, cahia limpido o sol, numa thermorrhagia cyclopica, num diluvio brutal de luz, verdadeira photorrhéa solar, reflectida de mil modos, pela mica scintillante dos cascalhos em veios, pelos crystaes errantes das pequenas elevações, pelo verde metallico dos renovados arbustos.

E entrava pelos ouvidos, numa violencia capciosa, o pesado sussurro, o *zum-zum* monotono e vago dos insectos, que voavam zumbindo, rasteiros ás ervas florescidas... desde o loiro jatahy, a mosca e o maribondo, até á negra e brunida mamangaba, poisando nas flores molles, enervadas de calor, lambendo-lhes as carpellas, sahindo, voando, com os tarsos doirados de póllen. Milhões de azas variegadas de luz, numa optica esmagadora, reflectiam instantaneamente facetas de sol, em fulgores rapidos de argentada refração.

Ouvia-se, de tempo em tempo, balir uma ovelha que pastava, nos grãmadados visinhos. De espaço a espaço, triste e manso como um olhar de mãe, que sonoro se crystallisasse nos ares, echoava o mugir longinquo, profundamente humano, das vaccas de cria.

Nos recantos frescos, á sombra das bananeiras, pelos quintaes socegados, cacarejavam as gallinhas.

O mais era o silencio, o silencio pavoroso das solidões oceanicas, illuminado em toda a sua grandeza,

por esse jorro immenso, poderoso e sagrado, da luz do sol.

Quando ellas entraram na loja do Zé Novato, n'A' *Flor do Chiado*, nome que brilhava na taboleta, sob letras doiradas, como um lembrete de Lisboa, a cidade natal do logista, na patria distante, — o Novato desfez-se em amabilidades, tornou-se todo attentões e cuidados, porque sabia que, quando alli appareciam, o dia era de venda gorda. Trouxe cadeiras e fêl-as sentar-se junto do balcão, dando de lingua ás devéras, palreiro a valer, papagueiando sobre as ultimas determinações da camara municipal, que tinha mandado desapropriar as casas das Veigas, na rua da Ponte, aleijões salientes, que deformavam o alinhamento. Achara muito correcta e patriótica a medida. Si fosse naturalizado, o seu desejo era ser vereador. Ahi, sim! queria mostrar!... Falou depois dos passeios e precintas, que a mesma camara ordenara, na rua do Feijó e na Sete de Abril. Só o que não achava bom eram os impostos sobre o commercio, um tanto pesados, não havia duvida.

Dissertou em seguida sobre um assassinato que se dera, havia dous dias, no *Rancho do Serpa*, logarejo de quatro casas, um rancho e uma venda, á entrada sul da cidade, lá onde, á noite, havia reuniões e bebedeiras, grandes catêrêts de rachar calcanhares... Isso é que a camara devia de prohibir, porque dahi é que derivavam quasi todas as balburdias que se iam liquidar nas sessões do jury. Fôra um assassinato barbaro... O Chico do Canavial estava em talas; não tinha uma attenuante a seu favor. Elle mesmo é quem tinha provocado o João Torto; e não satisfeito com isso... que tiro! arrebentara-lhe todo

o canastro, deixando-lhe a caixa do peito em pandarecos... Cahira já morto o coitado! E tudo isso porque?

Aqui o Novato fez uma pausa por discreção.

O motivo do crime fôra o ciume. No catêrêê, a Joanna Bicuda não quizera dançar com o do Cannavial; preferira o Torto, que era mais déstro no sapa-teado, mais *destorcido* na lingua e mais homem na cama.

A Bicuda era uma mulatinha bonita, que se vestia com elegancia, cantava ao desafio com graça e naturalidade, e punha *Orisa* nos cabellos. Muito sopapo já tinha havido por seu respeito, lá mesmo, no *Rancho do Serpa*. O Chico do Cannavial, que lhe pagava as contas nas lojas, vira-se humilhado pela preferencia dada ao João Torto, um sujeito sem eira nem beira, alem de tudo corcunda, e que, quanto a dinheiro andava sempre como Job; mas era o *enrabichado*. Em cima de tudo um pouco de cachaça — e ahi estava o assassinato do Torto.

O Chico do Tenente, filho do tenente Jeronymo de Aguiar, lá se achava com a gente do Alcantara, e estavam todos arrolados como testemunhas do facto.

O Novato ia continuar, falando do desleixo em que se achava a igreja; mas a mãe de Esther cortou-lhe o verbo pela raiz, porque, sinão — aquillo não se acabava mais.

Começou-se a compra.

— Que aquillo não era preço! repetia d. Euphrasia, referindo-se ás cassinêtas. Desproposito! Daquelle geito via-se obrigada a mudar de freguezia...

— Perdão! insistia o logista. Que estava completamente enganada! affirmava em tom amistososo, de uma

sinc
qual
de z
bara
dege

dore
para
com
gisla
que

obse
cand

e vic

da pa
estav
300 a
escol

o No
europ
torico
de Al

os re

do pa

—

phant

sinceridade estudada. Fizesse o favor de examinar a qualidade da fazenda. Aquillo era tecido para um anno de zorra. Era exacto que ha tempos se vendera mais barato ; mas agora tinham subido as tarifas da Alfandega, e... Um horror ! uma ladroeira ! Nem ella pensava.

E falou sobre o governo :

—Um governo inepto, — composto só de comedores... Na sua terra não era assim. Aqui cada um para si. O de que se precisava não era a republica como queriam muitos, mas homens que soubessem legislar para as necessidades do paiz. A republica para que ? No Brazil havia liberdade até de mais.

Desconcertou-se um pouco, porque Esther lhe observara que havia liberdade até para augmentar escandalosamente as tarifas da Alfandega.

Dahi por deante elle começou a trocar o *b* pelo *v*, e vice-versa, A *pitada* fôra um pouco forte.

Já agora tinham passado a outras compras.

As cassinêtas, os brins, os algodões das fabricas da provincia, grossos tecidos para o serviço diario, estavam já apartados. Peças de lenços de chita, de 300 a 500 reis cada um, atopetavam o balcão para a escolha. Foram separadas umas duas ou trez.

— Eram a ultima novidade no genero, aventurou o Novato. Vissem aquelles retratos finos de princessas européas, aquellas vistas soberbas de monumentos historicos ! Alli estava o Alhambra, onde morrera o conde de Aljubarrota ! a cathedral de Bourges, que guardava os restos do marquez de Pombal, junto do mausoléu do patriarcha de Jerusalem !

— Onde estava Alhambra ? perguntou Esther.

— Alhambra ? em Hespanha, respondeu triumphante.

— E Bourges?...

— Bourges...? Bourges, na Europa, falou com emphase, e accrescentou :

— Ah! pensava que elle não sabia geographia, hum? Pois era verdade, — aquelles lenços eram o que havia de mais novo no genero... As tintas, as mais firmes possiveis.

A moça sorria-se, deixando-o com a satisfação de sua ignorancia, com o atrevimento de sua coragem mentirosa.

Peças de morins, e « americanos », de todos os preços, qualidades e larguras, tinham sido tambem separadas e postas na outra metade do balcão, junto ás prateleiras, lá onde dous caixeiros serviam aos freguezes que entravam para logo sahir.

Agora estavam nas chitas.

— Era o ultimo padrão e a ultima novidade! affirmava o Novato, pondo as peças á vista, umas sobre as outras, como cartas do baralho na mão de um jogador.

Virava os cantos das dobras, para mostrar o lado direito, e falava da pintura, feita a capricho, nas melhores fabricas de Manchester, Oxford, Pariz, Lyão, etc. mentindo sempre, constantemente, sobre os processos do colorido, para convencer de que elle não desbotava; fazendo-se de erudicto, para angariar-lhes a sympathia, e empurrar-lhes a fazenda por bom preço.

Esther ouvia-o com um sorriso ironico, que elle fingia não comprehender. A rapariga admirava no portuguez a tactica tradicional da venda, essa tactica lusitana que falta ao brasileiro, e que fez do povo luso um dos mais commerciantes do globo, no pequeno commercio a retalho. Via nelle o representante ge-

nuino das casas fluminenses, grandes casas de atacado, de que eram proprietarios os filhos de Portugal, os quaes se enriqueciam no Rio, em poucos annos de trabalho e suor. Nunca fôra á Côrte, mas o dr. Teixeira tinha-a posto ao facto do que era o commercio na capital do imperio.

Depois de muito especular, foram tambem apartadas algumas peças de chita.

Ultimamente, já o Novato dava um preço muito elevado, para, feitas muitas reduções, e dizendo sempre que « era só por ser para ellas », — vender ainda por mais de que o preço marcado.

Passaram ás meias.

Foi apresentado o que havia de melhor na casa. Esther achava-as muito boas, apesar de um unico defeito que disse baixinho á mãe: — estreitas em cima; aquillo incommodava.

O Novato, homem de bom ouvido, o ouvira; e teve uma indiscreção que poz sangue no rosto da rapariga:

— Como estreitas! Eram meias para pernas e companhia! Vissem! falou, abrindo-as sobre as chitas e as medindo logo acima dos joelhos. Que tinham quasi um palmo, reparassem! Um palmo quasi de diametro, faltando só trez dedos!

Quando a manopla do portuez, leviano e grulha, se espalmou sobre a meia, pareceu a Esther que aquelle contacto, pesado e bruto, não era sobre o panno — mas sobre a macia brancura de sua côxa.

E uma onda de pudor subiu-lhe da perna á bellissima pallidez do rosto.

Tinham ficado as meias.

Chegara a vez dos lenços de linho. Prateleiras abaixo.

O que estava comprado, entre miudezas e fazendas, já passava de quatro centos mil reis. O Novato não podia estar mais satisfeito.

Tudo que havia de melhor em lenços de linho, n'A' *Flor do Chiado*, foi trazido á vista com suas qualidades explicadas, e preconisadas como de maior duração.

Nenhum delles havia que agradasse a Esther.

— Si não tinha mais na vitrina? perguntou ella, visto que os das prateleiras estavam exgottados.

— Tinha; mas eram ordinarios em relação áquelles.

— Não queria mesmo cousa muito fina, accrescentou a rapariga. Lenços... perdia-se muito lenço.

— A comprar, devia de ser fazenda boa, repetia a mãe. O barato sahia caro, e os que o sr. Novato tinha mostrado eram bons...

— Bons? o que havia de superior! atalhou o lo-gista.

— Mas que sempre mostrasse os da vitrina, insistia a moça. Era favor.

E os da vitrina vieram para o balcão. Eram realmente menos que regulares.

Dentre as caixinhas tirou Esther uma que destampou, fingindo examinar a fazenda.

— Ficava com aquelles, disse resolutamente.

— Oh! exclamou o Novato, abrindo muito a bocca, numa admiração sincera.

— Pois que fosse! falou d. Euphrazia, satisfazendo o desejo da filha.

Esta fechou a caixinha, reparando com amor na pintura da tampa. Estava com as mãos tremulas,

branca
talis e
mais p
a bons
Nã
outras
—
O
Es
embrul
gindo-s
vêr no
acossad
O
horas q
a escolh
Agc
nascente
carro to
enormes
a dez ju
cavalleir
palha, c
na limpi
draças c
beros qu
voavam
acima, u
escamula
o zenith
atmosphe
Os b
insectos i

brancas mãos mimosas, feitas para o carinho das petalas e para os segredos do coração. Tinha ficado mais pállida, talvez... por preferir lenços ordinarios a bons lenços.

Não quiz que a caixinha fosse para o monte das outras compras.

—Ella mesma a levaria, disse. Era muito leve.

O Novato foi embrulhal-a.

Esther tomou-lhe das mãos o papel de seda e embrulhou com affecto a sua caixinha de lenços, dirigindo-se em seguida para a porta da loja. E poz-se a vêr no largo a correria das gallinhas de Angolla, accossadas por um cão da Terra Nova.

O sol tinha declinado. Havia seguramente trez horas que ellas lá se achavam, n'A' *Flor do Chiado*, a escolher e a comprar fazendas.

Agofa, as casas destacadas projectavam para o nascente grandes sombras, chão a fóra. Havia um carro toldado, immovel no meio do largo, um desses enormes carros do interior, que são puxados por oito a dez juntas de bois. Perto da porta da matriz dois cavalleiros conversavam fumando grandes cigarros de palha, cujas baforadas azues se desfaziam lentamente na limpidez do ar parado, quente e luminoso. As vidraças que deitavam para o poente tinham reverberos que doiam nos olhos. As andorinhas ja não voavam. Para a esquerda subia em curva, pelo céu acima, uma nuvem prateada, de grande extensão, toda escamulas e jaspe, desmaiando gradativamente para o zenith, até confundir-se com a côr natural da atmosfera.

Os *birros* tinham desaparecido, e o rumór dos insectos ia diminuindo a pouco e pouco.

Recostada ao portal d'A' *Flor do Chiado*, contemplava Esther o aspecto monotono da tranquilla cidade, e, satisfeita de si mesma, pensava na tampa da caixinha de lenços.

Estavam terminadas as compras.

De volta para a casa, ao lado da mãe seguia a rapariga, elegante e nervosa, com um bello movimento de cabeça, alegre e rindo,—ella que precisava de um pretexto qualquer para expandir francamente o jubilo que lhe ia n'alma.

Contou com ruidosa alegria a historia das galinhas de Angola perseguidas pelo *terra-nova*, e o fez inventando situações grotescas, risiveis, que provocavam a gargalhada. E si a mãe ria, a filha ria por si e pela mãe. A moça estava rubra, rubra por excesso das funcções do espirito, sujeitas a uma emoção benefica e permanente desde a compra dos lenços.

As suas risadas eram crystallinas, communicativas, de uma franquesa anormal, de uma coragem que ella não costumava ter; provocavam admoestações da parte de d. Euphrasia.

— Olhasse, que estavam na rua! Aquillo chamava a attenção! censurava a mãe.

E ella ria-se mais, nervosamente, parando a cada instante, com o corpo molle. Eram risadas limpidas, de um timbre metallico, chromaticas como uma escala musical, livres como o sentimento secreto que as repellia de um prazer concentrado. E a sua gesticulação era larga, vibrante, incisiva e á italiana, emquanto o seu corpo se vergava para traz, e os seus labios, separados, mostravam ao céu a linha correcta de uns dentes encantadores.

O sol, por sua vez, ruborisava-lhe tambem a phy-

sionomia distincta, a lamber-lhe a tez fina e avelludada, dando-lhe uns tons sadios de sangue quente, de tenacidade vital, com uns longes adoraveis de sensualidade educada e reprimida, e uns pertos de revoltados desejos.

No diamante das pupillas passavam-lhe clarões instantaneos, de uma vibração fulgurante, e simultaneamente, num respirar poderoso, batiam-lhe as narinas vermelhas,—azas feitas de duas petalas de rosa, a voar, a voar para o paiz incognito dos prazeres da mocidade.

Riu, falou, moveu-se durante todo o trajecto.

Chegaram.

Esther subiu de dous pulos os seis degraus da escada, e rapida —desappareceu como sombra pelo interior da socegada vivenda.

Fóra, ao pé da matriz, já não conversavam os dous cavalleiros.

O carro estava no mesmo lugar. Uns deitados, outros de pé, somnolentos e graves, ruminavam os bois silenciosamente, abanando as moscas com as caudas preguiçosas; e de um delles, do meio da barrega para o chão, cahia um fio continuo, amarellado e liquido, que o sol doirava — manso e manso, a descer, a descer para as terras de oéste.

nā
ne
gu
de

fata
mil
que
log
spic

ven
cas
lan
ser
con
tite
jant

II

SÃO passados dous mezes mais ou menos.

Desde o dia das compras, em que Esther riu a não poder mais, satisfeita, alegre, mas de uma alegria nervosa, anormal,—desde aquelle dia nunca mais ninguem lhe viu soabrir os labios a caricia instantanea de um sorriso.

Entremos em casa do major Cornelio.

Como tudo está mudado! Dir-se-ia que grande fatalidade pesava lugubrememente sobre a amorosa familia. Havia no olhar, no rosto de todos um não sei que de desesperança e desanimo, que se revelava logo, mesmo aos olhos do observador menos perspicaz.

Um grande silencio povoava a outróra alegre vivenda; hoje, como sombras, esgueiravam-se todos da casa pelos corredores e salas, pisando de leve, falando baixinho... As vidraças conservavam-se quasi sempre descidas. Os almoços eram muito tristes; comia-se sem dizer uma palavra, sem o menor appetite. Agora faltava sempre uma pessoa á mesa. Os jantares eram da mesma fórma.

A' noite, na mesa de jantar, o grande lampeão, de quebra-luz de porcellana, já não illuminava as antigas palestras da familia, nos serões, á espera do chá.

Naquelles tempos felizes, as horas passavam ligeiro, emquanto d. Euphrasia lia as folhas de S. Paulo, chegadas pelo trem da tarde, e Esther commentava as noticias, bordando ou fazendo crochê. Havia então gente de fóra, sempre, velhos conhecimentos da familia.

Nesse tempo a prosa era animada. Falava-se de tudo com chiste e sem maledicencia.

O riso franco borbotava ás vezes em gargalhadas convulsas, que dobravam as cabeças sobre o espaldar das cadeiras. Posto que pouco risonha, ainda assim ria-se Esther, feliz, despreoccupada de tudo, porque nada lhe faltava; vivia sem saber o peso da vida, na placida harmonia de satisfeitos, pequenos desejos.

Vinha depois o chá, que se prolongava ás vezes até tarde, com as expansões continuas das boas conversas.

Agora, solitario, illuminava o mesmo lampeão a mesa deserta; ou então, sobre uma cadeira, pensativo e triste, o vulto immovel de d. Euphrasia, a conjecturar sobre negras possibilidades, profundamente abysmada, como feita de pedra — estatua que não se move. Já não lia os jornaes. Andava agora nas pontas dos pés, por todos os cantos da casa, como visão idiota e leve, embalada pela oscillação, pelo movimento preguiçoso de um sonho difficil e mórbido.

O marido... O major Cornelio, esse entrava e sahia, ás vezes sem uma palavra, fraco e fingindo-se forte.

lavr

cinc

mest

have

I

va-se

que

um s

V

H

Teixe

S

descia

esqui

daque

teral

pos d

seis d

esque

direita

outra

liquida

A

uma c

mobili

em ur

recep

tando

tinas,

ciaes,

etc.,—

Ricardo tinha apprehensões terríveis, que revelava á mãe e que lhe provocavam as lagrymas.

Todos os criulinhos da casa, uns quatro ou cinco, filhos das escravas empregadas no serviço domestico, foram mandados para a fazenda, para não haver barulho.

Punha-se a mesa sem um tinir de pratos. Rachava-se a lenha longe da cozinha. Fez-se, emfim, tudo que se pode fazer numa casa de familia, para que um silencio necessario não fosse perturbado.

Vieram dizer que o medico estava na sala.

Havia seguramente uma semana que o dr. Lins Teixeira lá ia, trez e quatro vezes por dia.

Situada em baixo, no largo da matriz, o qual descia de nascente a poente, a casa do major fazia esquina e frenteava para o sul. Era a ultima do correr daquelle lado, e, assobradada, deitava da parede lateral inferior grande vista desimpedida para os campos de oéste a noroéste. Da porta da rua subiam-se seis degraus, abria-se então uma porta de vidro e, á esquerda, entrava-se logo para a sala de visitas. A direita estava a sala de espera, bem menor que a outra e de mobilia simples; nesta é que o major liquidava negocios, tendo o escriptorio ao fundo.

A sala de visitas, para interior de provincia, era uma das mais confortaveis, e vestida á moderna. A mobilia fôra encommendada de proposito e com luxo, em uma das principaes fabricas de S. Paulo, para a recepção do imperador, quando em 1878 andou visitando a provincia. Os accessorios, — reposteiros, cortinas, tapetes, estóres, vazos, estatuetas, flores artificiaes, lithographias, supedaneos, quadros, espelhos, etc.,—tudo isso ficara num dinheirão.

Nessa epocha foram ahi recebidos os imperiaes viajantes que dormiram no grande quarto do fundo, verdadeira sala, illuminada por trez janellas que deitavam para o nascente. Tinha então Esther 12 annos de idade e já promettia, pelo vigor e proporção das fórmas esbeltas, uma dessas mulheres raras que, sem serem formosas na accepção restricta do vocabulo, vêm ao mundo como que predestinadas a prender toda a gente. Nunca se esqueceram de que o Imperador, o divino *Banana*, lhe beijara a bocca vermelha e limpa, correcta e fresca, depois de lhe fazer um elogio de belleza.

Nesse anno de 78, como um broto de bambú a romper o solo, já a primeira intumescencia do scio lhe levantava no peito o corpete rendado... Começava ella os primeiros exercicios de piano.

As janellas estavam cerradas. No sofá estofado de velludo *grenat*, esperava o medico, sentado, triste, na sala de visitas.

Quasi imperceptivelmente abriu-se a porta do fundo e assomou-lhe no vão o vulto embrulhado de d. Euphrasia, destacando-se na luz posterior e mortiça, que havia no quarto fechado.

O medico levantou-se e penetrou naquelle aposento, depois de cumprimental-a.

Na frente, unida á parede defrontava-se logo com uma grande commoda, encimada por uma etagére, onde havia livros, frascos de remedios, caixinhas de pharmacia, garrafas rotuladas a manuscrito, um mundo emfim de miudesas. Numa grande serpentina, immovel sobre o oleado da commoda, ardiam quatro estearinas, e seis estavam apagadas. A' direita, um sofaete, no primeiro angulo da parede; depois a porta que com-

mun
cons
Esthe
uma

E
deira-
moça
A sal
porta
estava
dama
clarid
outra
do re
de al

H
mais
tavel
pared
dos ci
aspect
remor

A
sentar

Da

desse
havia
da cu
beira
um m
seu co
leito.

virgem

municava com o corredor, e no outro angulo—um consólo. A' esquerda, no primeiro canto, a cama de Esther, ao longo da parede da sala, e no outro canto uma outra cama, em que d. Euphrasia velava de noite.

Entre os dous leitos —um canapé e algumas cadeiras austriacas. Sobre o tapete, á beira da cama da moça, e unida ao creado-mudo —uma cadeira vulgar. A sala communicava com essa grande alcova por duas portas de vidro; só a mais proxima ao corredor é que estava de serventia. Nessa, o pesado reposteiro de damasco vinha solto até ao soalho, impedindo que a claridade do dia entrasse no socegado recinto; na outra tinham-se fechado os batentes de vidro e, alem do reposteiro todo descido por fóra, haviam pregado de alto a baixo, por dentro, uma colcha de sêda.

Havia naquelle quarto uma atmospherá abafada, mais carbono que oxigenio, tornando quasi insupportavel o magestoso silencio que pesava entre as quatro paredes. A luz das velas tinha a immobilidade solemne dos cirios mortuarios, e dava á espaçosa alcova um aspecto de camara-ardente, uns tons mysticos de ceremonias religiosas.

A doente havia adormecido ha pouco. O medico sentara-se no canapé.

De frente para o canto, achava-se a moça num desses estados indecisos do lethargo que a perseguia, havia muitos dias. O cortinado branco, cahido do alto da cupula pendurada ao tecto, e quasi fechado á beira da cama, filtrava-lhe sobre o busto descoberto um mixto de sombra e luz. Via-se, quasi bem, todo o seu corpo desenhado em alto-relevo na brancura do leito. Era uma alma de santa, era um corpo de virgem. Alva, passava-lhe a colcha dobrada por baixo

do braço direito. Vestia sobre a camisa de morim uma outra de flanela azul, de mangas descidas até aos pulsos. Accordava a cada instante, assustada, falando confusamente, com o olhar fixo em qualquer ponto, quasi sempre vago, pelo ar, atôa.

O dr. Teixeira conversava baixinho com d. Euphrasia, sentados no canapé.

A porta do corredor abriu-se, e o major entrou com todo o cuidado, pisando sem o menor barulho. Cumprimentou e sentou-se de lado.

— Si os delirios tinham continuado e tambem a dôr de cabeça? perguntara o doutor.

— Que sim. Ainda a noute passada quasi não dormira com a tal dôr de cabeça, respondia a mãe da doente. A cobra que ella via em delirio, a perseguil-a, continuava ainda. Mettia dôr vêr a afflicção da menina para escapar de similhante bicho. Uma excitação horrivel... A's vezes quasi que saltava da cama. Vinham-lhe depois os suores... Aquillo então era uma bica. Outra cousa: na excitação —muito vermelha, e quando começava a suar, pállida como cêra!

O medico ouvia com toda a attenção.

— Si a dôr de cabeça continuava, e si era no mesmo logar? Que elle tinha perguntado e ella não lhe respondera.

— Era verdade, não tinha respondido. Mas, si tambem nem sabia como andava com a cabeça. Punha uma cousa allí, por exemplo, e quando precisava já nem sabia onde a tinha posto.— Mas... que continuava, sim, e no mesmo logar, por cima do olho esquerdo, na altura da fonte, latejada ás pontadas, como si lá puzessem um flame e o fossem batendo... Que eram as proprias palavras della.

— Bem... bem, proseguia o medico. E... si a barulhada dos ouvidos não tinha desaparecido?

— Tambem não. Uma cousa... horrivel! Ora, um sussurro constante e surdo, vago como o barulho do mar ao longe, ou como a ventania no matto; ora, pancadas como de campaniha, ou um zumbido que não acabava mais, como o dos bezouros.

— E... quanto ao calor da pelle, que havia de novo?

— De novo não havia nada. A pelle continuava fria, do mesmo modo.

— Mas... quando é que ella tinha mais socego: quando estava deitada ou quando sentada?

D. Euphrasia pensou um pouco e depois respondeu:

— Quando estava deitada parecia estar mais assim... Era sentar-se e ter logo somno. Cançava-se muito...

— Si tinha dado fielmente os remedios?

— Oh! muito fielmente. Que isso,—elle não se incommodasse, por que ella alli dormia ao pé. Dormir era um modo de dizer, porque até não dormia; mas, si queria passar por uma madorna, avisava a Joanna que ficava então de guarda... Todos os remedios—dados á horinha certa.

Joanna era uma escrava de bem, honestissima creatura, alma grande, mãe de leite de Esther e Ricardo, e que os queria mais que a seus proprios filhos. Muito intelligente, era ella a pessoa de confiança da casa, a enfermeira fiel e pratica, e em muitas cousas confidente e conselheira.

— E... como tomava d. Esther os remedios? si tinha repugnancia?

— Repugnancia não tinha; mas percebera a grande

parte de aguardente que havia em todos elles e até gracejara sobre o conhaque...

— Mas... si ficara tonta? si sentira novidade?

— Nada, absolutamente nada, atalhou o major, que até então se conservara calado.

— Pois era admiravel ter ella percebido o alcool, porque a dóse de quinina devia de tirar-lhe o gosto... E quanto á alimentação?

— Quanto á alimentação... continuava sem appetite, mas que só lhe dava o que estava prescripto. Os ovos molles iam-lhe muito bem, porque ella gostava; o leite é que lhe repugnava, e só com grande esforço é que bebia trez ou quatro chicaras, das pequenas, por dia.

— E os bifes, uns bifinhos bem macios e sangrentos?

— Os bifes, esses então é que de todo !.. não iam mesmo; mas o extracto de carne, muito bem, na canja ou na sôpa. Que ia-se esquecendo:— os labios continuavam sempre vermelhos, apesar de toda ella estar pál... lida mesmo!

— Isso não valia nada para o caso.

Neste ponto entrou Ricardo, tão manso como entrara o pae. Cumprimentou e sentou-se numa cadeira, do outro lado.

— Si tinha mantido todo o silencio, todo o repouso? porque o menor barulho, a menor emoção lhe fazia mal, reatara o medico o longo interrogatorio.

— Todo o silencio, todo o repouso.

— Mas, tinha-se esquecido de trazer o quarto sempre arejado. Aquelle ar não prestava... A doente precisava de ar novo, constantemente.

— Si estava tudo fechado é que na rua havia muito barulho. Por isso...

O medico mandou abrir de par em par a porta que dava sahida para o corredor e as janellas da sala de jantar.

Seguiu-se depois uma grande pausa, em que todos ficaram pensando, immoveis em seus logares.

O medico proseguiu :

— Mas... si enfim não tinha mesmo apparecido melhora alguma depois das ultimas receitas ?

— Si tinha, era muito pouca, porque...

— Que qual o que ! cortou o major a phrase de sua esposa. Que sempre tinha apparecido alguma melhora; por exemplo :—a somnolencia já não era tanta e a dilatação das pupillas tinha diminuido... Lá que diminuiria é que não havia duvida.

Mas o dr. Teixeira estava pensativo.

— Quem sabia lá si não teria errado no seu diagnostico ? parafusava comsigo mesmo.

E, voltando-se para Ricardo, por um escrupulo que lhe era commum, pediu-lhe que se retirasse.

Quando o moço desapareceu pelo corredor a dentro, recomeçou o medico as indagações.

Solicito, sincero, interessado pela cura, queria até descobrir novos symptomas. Nada lhe escapava. Inqueria sobre tudo, ainda as menores cousas.

— Que ella lhe tinha dito, outro dia, que havia cerca de dous mezes Esther se apresentara muito demudada, muito triste, sem appetite; que quasi não comia, quasi não falava a ninguem, muito impertinente; que nada lhe satisfazia, nada a alegrava, etc., etc... Quizesse contar tudo aquillo, mas com todas

as particularidades, tudo! tudo! sem cousa alguma omitir!

— Sim senhor, pois era tudo exacto, confirmara d. Euphrasia.

E tornou a dar minuciosamente as mesmas informações. Depois accrescentou:

— E, á proporção que os dias iam passando, mais pallida ella se tornava.

E dirigindo-se em seguida ao marido, continuou a falar para este:

— Que aquillo começara, como elle sabia, desde o dia das compras; não, das compras não;—desde o dia seguinte ao das compras. No das compras ella estivera muito alegre, mas de uma alegria doida, disposta mesmo a brincar e a rir. Pois si um cachorro *terra-nova*, que corraera atraz das gallinhas de Angola, quasi que a fizera arrebentar!... Então? Depois amanhecera triste, tris... te mesmo! e assim fôra indo até... Não comia; não dormia... Noites inteiras de insomnias e sonhos que ella nunca quizera dizer o que eram, mas só que eram horriveis, funestos... E, depois, piorou mesmo de uma vez com... *aquillo*; o dr. já sabia, pois já lh'o dissera.

— Ah! fez o medico. A hemorrhagia, disse elle abanando a cabeça, profundamente pensativo.

Tratava-se de um caso de metrorrhagia, apparecido em Esther alguns dias antes de cahir de cama. Fôra uma apparição extemporanea, pois havia pouco passara a moça pelo seu mez feminino; causara por isso um grande mal á sua saude.

O dr. Teixeira tornou a perguntar o que já havia perguntado ha dias:

— Si fôra muito abundante.

— Ih, doutor! muitissimo. Isso ficara fraca mesmo de todo. Ora, já antes tinha havido o mesmo, mas não tanto, e tambem fóra de tempo.

— Si durante esses dous mezes ella continuara a ler muito, até tarde da noite, como era de costume?

— Continuara.

— Si não disconfiava de alguma... causa moral?... algum desgosto? — porque, emfim, ella estava numa idade em que a gente não sabia prender o coração...

— Que nada! atalhou o major. Sua filha só tinha amor aos livros, sciencias, artes, etc. Nenhum moço, até alli; lhe merecera ainda o olhar,—sinão elle teria percebido.

E o medico, voltando-se para d. Euphrasia, a surpreendeu abanando a cabeça.

— Que achava? perguntou.

— Não sabia... respondeu ella, hesitando. Mas... disconfiava, sem saber de quem disconfiar.

E accrescentou sorrindo:

— O coração das mães, naquellas historias, não se illudia.

O medico tambem sorriu-se, ferido de ternura, pela maneira simples e sympathica por que aquella senhõra enunciara essa verdade tão grande. Elle preferiu a opinião de d. Euphrasia á do major Cornelio. Calaram-se de novo e todos pensavam sobre o mesmo assumpto.

Passado muito tempo exhalou o medico um suspiro e proseguiu:

— Que não seria nada, si não apparecessem, como dissera, as nauseas, as convulsões, e os vomitos; que confirmava o seu diagnostico, e que con-

tinuasse com os remedios. A alimentação, sempre a mesma.

E levantou-se para sahir.

Nesse instante, quando os outros tambem se levantavam, uma das cadeiras fez barulho no soalho.

Esther engrolou algumas syllabas inintelligiveis e voltou-se para a beira da cama, accordando aos poucos.

— Ah! era o doutor?... disse ella, lentamente, vendo-o approximar-se.

— Elle mesmo, respondeu o medico. Folgava muito de vê-la tão melhor.

— Obrigada, respondeu; mas suppunha que não estava « tão melhor » como elle pensava.

O doutor, que tinha ido á commoda, voltava agora com um castiçal accêso.

— Não tinha querido despertal-a, disse elle. Ella estava tão socegada... Já se ia retirando. Que era bom respeitar o somno dos sãos, quanto mais o dos doentes.

— O dos mortos, dissesse, — era mais respeitavel, accrescentou a rapariga numa expressão de desanimo.

— Que idéa!... Deixasse-se disso! tornou o medico um tanto commovido.

E sentou-se na cadeira, ao pé da cama, pondo o castiçal no creado-mudo.

— Mostrasse a lingua, pediu elle, mudando a cadeira para juntinho do leito.

Ella poz a lingua de fóra, e elle a examinou attentamente. Depois, pegando a vela e approximando-a do rosto da doente, observou-lhe as pupillas, — accêsas, muito dilatadas, negras e brilhantes como pedras de ónix.

Encostou-lhe, brandamente, com um mixto de respeito e quasi religião, as costas da mão á pelle das faces e depois á curva de neve do formosissimo peçoço.

Continuava fria, fria como cadaver.

Pediu licença e apalpou-lhe os pés; tambem frios, menos comtudo que a parte superior, o tronco.

Tinha muitas perguntas que lhe queriam voar da bocca, e que não fazia de vergonha. Sentia um certo acanhamento deante daquella creatura fragil, que o fitava suavemente, sem pestanejar, cobrindo-o todo com a luminosa redoma de um olhar intelligente e placido. Essas perguntas, fal-as-ia em particular a d. Euphrasia.

— Queria agora escutar o coração, disse elle, com rapidez e vehemencia para não tremer ao pronunciar essa palavra traidora.

A doente quiz sentar-se. Elle não consentiu.

Ella virou-se de costas, e elle, sentando-se na beira da cama, passou um braço para o canto, por cima della, e o firmou no colchão; depois desceu com todo o cuidado o corpo e collocou o ouvido ao seio da enferma.

Esteve assim — talvez mais de um minuto.

Era falsa aquella posição. O sangue descera-lhe ao rosto, agitando-lhe os pensamentos no cerebro. A imaginação começou-lhe a voar e a attenção fugiu-lhe do objecto de seus deveres:—verificar em que estado se achava o coração da enferma; si ainda era perceptivel o ruido de sopro, symptoma esse que muito o auxiliaria na confirmação do diagnostico.

Mas... como não esquecer?—estava tão bem

alli! Um pedaço do *paraiso perdido* atravez de um exame medico.

A luz da vela dava-lhe de chofre no rosto afo-
gueado e elle parecia nunca mais se levantar!...

Entretanto, notara-lhe o major Cornelio a má po-
sição, vendo que o sangue lhe descia todo para a
cabeça.

O doutor levantou-se. Não tinha ouvido nada.

— Talvez fosse a camisa de flanella que impe-
disse o som... balbuciou.—Era muito encorpada,
disse com indifferença.

— Que estava justamente a pensar aquillo mesmo,
ponderou d. Euphrasia.

E, chegando-se para a filha, desabotoou-lhe trez
botões da primeira camisa de lan, dobrando-lhe as
pontas para os lados.

Ficou descoberto um triangulo branco na outra
camisa que estava por baixo.

Parecera ao medico que o que se abri-
ra, alli, a seus olhos, não foram simplesmente as duas ametades
de uma simples camisola de flanella, sinão as cortinas
immaculadas de um santuario divino.

Ainda uma vez, a camisa branca, em forma de
triangulo, cuja base corria de clavicula a clavicula,
veiu lembrar-lhe o nome do musculo mysterioso que
na anatomia do corpo governa a circulação do sangue,
e na anatomia do espirito é governado pela physio-
logia das emoções.

O dr. Teixeira, alma de selecção, tinha 33 annos
de idade, dos quaes os ultimos 10 consumira-os elle
conscienciosamente, e sem tregoa, no culto de Hip-
pocrates. Muito modesto, tinha o dr. Teixeira uma
grande reputação merecida, como medico e como

homem de bem, em toda a extensão do vocabulo. A natureza dera-lhe um cerebro forte, de brilhante talento e invejaveis sentimentos moraes. Pelo vigor da imaginação a sua alma era uma alma de poeta.

Era homem de estatura regular, olhos mansos de observador, castanhos, energicos em expressão. De forte virilidade e bem disposto, parecia gordo e não o era. Hombros largos, thórax bem desenvolvido, rico de sangue, tinha elle pouca barba, quasi nenhuma mesmo e o cabello da cabeça, anelado e negro, já lhe ia fugindo aos poucos da frente, promettendo futura calvicie. Uma bella cabeça a do dr. Teixeira, um tanto grande para a sua estatura, mas admiravelmente contornada. Na frente, a pelle se lhe contrahia em tres grandes rugas horisontaes e fundas, acompanhando a volta das sobrancelhas. Moreno, desse moreno macio e doce dos filhos do norte, producto bem accentuado de diversos cruzamentos, elle usava só o bigode, um bigode quasi castanho, que custara muito a crescer. Era filho do Ceará; mas não tinha, como a maioria dos cearenses, os pomulos salientes e a cabeça á japoneza. A sua sensibilidade nervosa era riquissima. Sentia sempre, antes que outros o sentissem.

Este grande medico e grande materialista nunca se apercebera até então do verso de Camões

...AQUELLE ENGANO D'ALMA LEDO E CEGO

que para uns é riso feliz, céu sem nuvens, e para outros — desventura e lagrymas, e para todos necessidade.

Esse curto espaço da existencia de Christo, 33 annos, a media em geral da vida humana, passara-o

elle automaticamente. A infancia voara-lhe descuidada, á beira dos sertões de sua provincia natal, sob os raios de fogo de um sol quasi eternamente a pino, ouvindo á noite as lendas indigenas da tradição. Nessa epoca, nunca pensara que houvesse de um dia, no futuro, viver longe do solo amado, do seu berço de nascimento, entre outros usos e costumes, ligado aos homens pelos élos apenas da linguagem, sem outras sympathias que as de estranhos, conquistadas no emtanto pela elevação de sua propria indole, acto afinal de contas que lhe não dependia da vontade, mas da fatalidade selectiva que presidira á evolução de sua linhagem.

Todo esse percurso de tempo, que é a existencia de uma geração inteira, passara-o elle:— infancia, quasi sem recordações; juventude, quasi sem historia, e virilidade— completo olvido, nome sem echo, sciencia ignorada, vida vegetativa. As funcções da vida de relação em seu organismo, por circumstancia dolorosa de factos successivos, tiveram ambito estreito de actividade; não chegaram, nunca, ao seio vasto e agitado do mundo. Como insecto do inverno, noctívago anthóphilo, recolhera-se ao calix solitario de sua imaginação, que sobre elle dobrara as petalas, e, alli, vivendo pensativo e só, era o voluntario anachoreta dessa outra Thebaida que se chama— coração humano. Depois formara-se em medicina.

Nessa quadra começava de chegar ao Rio de Janeiro o rumor volumoso de que a provincia de S. Paulo distendia as azas e sacudia os musculos,— S. Paulo, a aguia do Sul, abrindo no azul infinito do progresso um caminho de luz, uma era nova de prosperidade ás outras suas irmans. E elle via ao longe, de

collo alçado, a ema de Piratininga mondando os campos
ferteis do Tieté, abatendo florestas trez vezes secu-
lares, transpondo serras gigantescas como o Cubatão,
levando no dorso, avestruz do Transwaal, a imagem
soberana da civilisação, ou—Jupiter feito touro, con-
duzindo Europa através do Mediterraneo, que sepa-
rava terras virgens de cultos, povoados solos.

Tentara fortuna, vindo para esta provincia; que
a sua, flagellada pela fome, só lhe podia offerecer
um horisonte tenebroso, uma sorte precária. Demais,
filho unico, já não tinha pae nem mãe. Ia na corrente
da vida como a folha sêcca da figueira silvestre, en-
tregue pelo vento ás aguas do rio...

E viera.

Percorreu diversas cidades até que se fixara alli,
desde 1878, solitario espontaneo de uma casa deserta,
onde por amigos só tinha os livros e por distracção
ainda os mesmos livros. Mas ah! como estudara nesses
dez annos de placida soledade! Subira gradativamente,
desde os medicos olympicos da culta Grecia immortal,
com escalas por Alexandria e Roma, seculo por se-
culo, auctor por auctor, até ás grandes generalisações
de Claude Bernard e de todos os grandes homens que
deu o seculo desenove para a glorificação da Medicina.
Nem fôra tão somente a esse ramo da sciencia hu-
mana que elle se consagrara. Fizera uma recapitulação
conscienciosa das sciencias preparatorias, revolvera
toda a Historia-Universal e surgira na Philosophia, o
oceano de seus melhores prazeres intellectuaes. E,
chegado ao ultimo juiso, feito de pedra e cal, de que
a vida era isso mesmo,—*folha sem alma* no rio do
destino, sentiu pela primeira vez, depois dos derra-
deiros estudos sobre o methodo de Pasteur, o tedio da

existencia, essa nostalgia atavica do *Nada* que nos precedeu, ou essa aspiração buddhica, pessimistica do *Nirvâna*, do mesmo *Nada* que nos vai succeder.

Tinha necessidade de alguma cousa mais, que não estava nos livros, que os livros não podiam dar, e que nem estava na ave que canta, na aurora que arrebata, na estrella que deslumbra, na musica emfim solemne e eterna da Natureza infinita. Precisava de um *não sei quê*, que não sabia o que era, e nem onde estava, mas que era uma cousa que se não define e que estava na propria especie; — precisava talvez de uma mulher, que lhe fosse a companheira da existencia, porque a vida sem a mulher era um nome vã, era um crime de lesa-Natureza perante as leis fataes do Universo.

Esse phenomeno de ordem psycho-physica vibrou-se-lhe em todo o organismo, nervo por nervo, musculo por musculo, arteria por arteria, despertando-o do somno mórbido do sexo, daquelle somno dormido numa noite de dez annos, virgem como Jesus, embalado pelo canto da Sereia do seculo, — pelo cantico hypnotico das sciencias da Natureza.

Foi por isso que elle suspirou ao affirmar á Euphrasia — que o coração das mães não se illudia quando estudava os corações das filhas. Elle sabia que na esphera dos *sentimentos* o olhar da mulher vê mais, engana-se menos que o do homem. Era por isso que elle evitava pronunciar o nome dissonoro do grande musculo triangular, que oscilla na caixa do peito, como a pendula do relógio da existencia.

Depois de descançar algum tempo, curvou-se o medico-de-novo sobre o corpo da enferma, e com as mãos tremulas desenrugou-lhe a camisa que lhe acom-

panhava a curva macia do seio esquerdo. Depois passou o braço outra vez para o canto da cama e encostou-lhe o ouvido na altura do coração.

O halito da moça afagava-lhe brandamente a cabeça cheia de sonhos, imprimindo aos aneis de seus cabellos um movimento vagoroso de sóbe-desce.

Elle escutava, sério, attento. Parecia sondar menos um symptoma da molestia do que mesmo a linguagem divina que devia de ter aquelle organ. Não encontrara o ruido anormal que surprehendera nas primeiras auscultações. Virou-lhe depois a cabeça para o canto e collou o ouvido á veia jugular direita, sondando ahí a circulação do sangue. Mesmo alli, lembrou-se do medico Harvey, e das primeiras descobertas medicas do seculo dezesete. Em seguida, voltando-lhe a cabeça para a beirada, examinou a jugular esquerda, auscultou-a tambem. Encontrara nellas o que não tinha ouvido no coração.

Quando se levantou — esteve pensativo por muito tempo.

— Si ainda sentia muita fraquesa nos musculos ?

— Assim..., respondera Esther.

Elle foi á etagére e trouxe um dictionario francez. Pediu-lhe que o segurasse e visse si o sentia mais pesado que dantes.

— Sim, estava mais pesado. Parecia ter mais umas quatrocentas grammas de peso.

E elle fez-lhe perguntas sobre o estomago enfraquecido, que não favorecia as digestões. Para restabelecê-lo tinha ajuntado a todos os remedios outros que operassem nesse sentido.

— Melhor, muito melhor, respondeu ella.

Vencendo uma lucta extrema, pediu para examinar o figado.

E a sua mão esquerda passou fria e tremula sobre o figado da enferma, e depois sobre o baço, e com o dedo médio da mão direita dava elle as pancadas do exame, aqui, alli, mais adeante, mais para baixo, mais para cima, ouvindo com attenção os sons, conferindo-os com os sons symptomaticos que tinha de memoria. E, no seu pensamento, estava commettendo um quasi sacrificio em tocar com mão profana aquellas formas virginaes, hostiario de virtudes inconsuteis.

Sentia a bocca sêcca, os labios presos aos dentes, e a cabeça a arder. Faltava-lhe ar naquelle quarto, e elle que não estava doente.

Terminando, achou que não havia novidade, e pediu agua para beber.

Depois fitando-a, poz-se a gracejar para animal-a, e viu que ainda estava desabotoada a camisola de flanela, emmoldurando em triangulo a alvura da camisa de morim. Teve um impeto de abotoal-a, mas poderia parecer galanteio; em outra tel-o-ia feito, porque nada haveria que lhe falasse á alma; nella... não!

E, levantando-se da beira da cama, pediu a d. Euphrasia que lhe abotoasse a camisa de lan.

— Aquillo não era nada! accrescentou sorrindo. Dentro de poucos dias estaria de pé. E... quando se levantasse, havia de tocar ao piano, para elle ouvir, — em *primeiro logar* sabia o que?

E como ella dissesse que não:

— O trecho... *que quizesse*, respondeu elle intensionalmente, communicando ás palavras uma in-

flexão que lhe dêsse a entender o quanto elle se submettia á vontade della.

Nem queria escolher a musica; ella que a escolhesse!

E depois, pegando o chapéu, tornou a afirmar que não seria nada.

— Morava alli mesmo, pertinho; si houvesse alguma cousa, fosse o que fosse, e a que horas fosse, que o chamassem logo, sem o menor receio. Mas... que aquillo era passageiro, tinha toda a certeza.

E estendeu a mão á moça, e esta lhe deu tambem a sua, que ficou dentro da delle, um pedaço,—algida e branca, macia e molle, largada e insensivel. E ella o olhava com um olhar pensativo, parado e grande, sem a luz de outros tempos, como uma estrella que se fosse apagando, ao romper do dia, ás claridades roseas da manhan.

Elle despediu-se de d. Euphrasia, e sahio do quarto em companhia do major, com quem ficara a conversar na escada, a respeito da doente.

— Si o doutor ainda estava pelo que dissera, isto é, que a doença fosse um caso de anemia cerebral?

— Perfeitamente, e que, depois daquelle exame, mais confiança tinha ainda no diagnostico.

— Mas que usasse de toda a franqueza; que lhe dissesse si achava grave o estado de Esther e si não seria bom convocar uma junta medica, escolhidos por elle mesmo os facultativos que tivessem de tomar parte nella? O doutor comprehendia que aquillo não era desfazer no seu merito, mas simplesmente desresponsabilisar uma consciencia de pae.

— Falava com toda a franqueza e sabia avaliar a posição de um pae extremoso, nessas circumstancias,

deante de uma filha unica e idolatrada, — respondeu o medico. Por emquanto nada havia de gravidade, pois não tinham ainda apparecido as nauseas, nem os vomitos, e nem as convulsões. Si sobreviesse outra metrorrhagia, então se tornaria *grave* o prognostico, porque appareceriam tambem outros symptomas. Si isto se dêsse, seria elle o primeiro a convocar uma junta; mas confiava que nada aconteceria, porque quasi todas as válvulas, por onde podiam chegar semelhantes phenomenos, elle as impedira com apropriados medicamentos. Pedia sobretudo completo socego, posição horisontal, fidelidade na applicação dos remedios, e observancia dos alimentos prescriptos. Quanto ás causas moraes, que pudessem porventura prejudicar o tratamento... isso, que poderia elle fazer para evitar?... elle que não conhecia bem o espirito da moça e nem tinha a liberdade e os meios necessarios para sondal-o? E, no entretanto, desconfiava, como d. Euphrasia, do coração silencioso, do nobre coração daquella enferma.

E ia descer os degraus, quando a porta da sala se abriu e d. Euphrasia appareceu, toda desfigurada e em susto, a gritar que a filha estava em delirio.

Correram todos para o quarto.

Com effeito, tinha a rapariga entrado em lucta com a visão horrivel, com a tremenda allucinação visual da cobra que a perseguia.

Desde os primeiros momentos viu logo o medico que havia uma complicação na molestia de sua doente, complicação resultante de um disequilibrio funcional dos centros nervosos.

Isto o assustou a principio; pareceu-lhe vento em fogueira. Si o combustivel era pouco, desappareceria

rapidamente. O facto que acabava de observar filia-se para elle áquelles que os neurologistas denominam de *erectismo cerebral*, *cerebração inconsciente*, etc., em que, involuntariamente, em relação á vontade, e, espontaneamente em relação ao cerebro, este vibra, e desdobra, sem antecedentes de associação de idéas, as imagens que contém na parte affectada, apresentando casos de verdadeiras allucinações sensoriaes. Si isto continuasse, prejudicaria em extremo a cura da anemia cerebral, porque gastaria o sangue depauperado da enferma na feitura de imagens, pensamentos, idéas e outros factos mentaes. Convinha portanto cortar a causa pela raiz. Mas, si a causa era moral, de que serviria um remedio physico?

E conservava-se immovel, vendo-a, estudando-a nos menores movimentos, nas mais insignificantes particularidades.

— Era uma cascavél enorme, que para ella avançava, com as presas de fóra, tremula a bipartida lingua.

— Uma impressão talvez da infancia, pensou o medico comsigo.

Num desespero enorme, debatia-se a moça a fugir da visão horripilante. Fitava-a de olhos fixos, acompanhando-lhe no espaço a supposta evolução, tirando-a do pescoço, onde ella se enrolava, com mãos rapidas, nervosas, e gritando de uma maneira horrorosa, com o rosto desfeito nas expressões do panico.

— Que diabo fazer? pensava o doutor, sacudido por aquella situação, quasi bestificado.

E teve uma idéa: — impor-se pelo terror.

Lembrou-se de casos parecidos com aquelle, de mulheres nevropathas e hystericas nos hospitaes de

Pariz, e em cujas crises o terror, imposto até com armas de fogo, tinha sido de resultados espantosos.

O segredo da cousa estava em desviar a attenção da doente da imagem que a absorvia, essa especie de hypnotismo espontaneo, de auto-sugestão.

E de um pulo, com os olhos estatelados, a fronte carregada como a de um assassino, convencido do bom exito de sua tentativa, — deu um formidavel berro, cara a cara com a doente, prendendo-lhe os pulsos com força e sacudindo-a brutalmente.

Ella ficou estupefacta, a olhal-o espantada, como si acordasse de um pesadêlo, ou como si fosse a primeira vez que visse um homem. Reparava-o traço por traço, todo o semblante, todos os contornos do rosto, até que afinal não pôde tirar os seus olhos dos olhos d'elle, que se enterravam nos della, agudos e ferozes, a reflectir a luz como um reverbero, humidecidos, espelhados pela intensidade da emoção.

— Então? Que era aquillo? perguntou elle e começou a falar.

Não havia palavras que a deixassem bastante convencida de que era falso o que ella vira, de que tudo aquillo era delirio, de que a tal cobra só tinha existencia no pensamento della.

E quiz fazê-la deitar-se, e não o conseguira.

Já agora, depois que elle afrouxara, dirigindo-lhe mansamente a palavra, havia ella tirado os olhos dos olhos d'elle, que tinham voltado á sua expressão natural.

Ella se desprendia do fio moral com que elle a prendera um momento antes, e, mais senhora de si, ia voltando de novo, a pouco e pouco, ás mesmas excitações, sentada no leito, segura pelos outros para

se não levantar em camisa, para se não descompor aos olhos do medico, accusando de novo os symptomas caracteristicos do mêdo : — o olhar attonito ; as palpebras, em espasmo nervoso, muito abertas, arqueadas quasi em circulo ; os musculos frontaes, contrahidos sobre os supercilios ; a bocca, em desanimo, cahida nos cantos, molle e tambem um pouco aberta ; desfeitas as faces e decomposta a physionomia toda.

Seu collo arquejava numa excitação extraordinaria, e os seus braços começavam a bater no ar, a arrancar de si o monstro, que nelles se enrolava espiralando.

E pegou a gritar, e agarrou a camisa pela cintura, tentando desfazer-se da cascavél.

O dr. Teixeira lembrou-se de hypnotisal-a. Não seria difficil conseguil-o, pois a experiencia que acabara de fazer dera bom resultado. Mas a um novo grito, a um novo berro, quereria ella prestar-lhe attenção, esquecer-se um momento, um só que fosse, da visão que tinha em mente ?

Os gritos da moça eram terriveis, cortantes.

Então, cara a cara, deu-lhe o doutor outro grito formidavel... e ella não o ouviu.

O medico empallideceu.

A situação era desesperadora para os da familia. Havia lagrymas e dores immensas. Todos julgavam que era chegada a hora da morte.

E o dr. Teixeira perguntou si não havia um metal qualquer que produzisse som, — uma lata, um bronze, uma campainha, fosse o que fosse ?

Nada ! absolutamente nada !

E elle entrou pela casa a dentro, ligeiro, esquadrinhando, perguntando, nervoso quasi como a propria doente.

Passou a mão numa lata de kerosene vazia e num pedaço de pau, e subindo em cima da cama, de pé, metteu o pau na lata com toda a força que tinha.

A moça levantou os olhos para cima e ficou de novo estupefacta, a olhal-o espantada...

Elle atirou a lata a um canto e desceu, do alto daquelle barulho, como uma estrella salvadora, tomando-lhe os pulsos com força, sacudindo-a novamente e reprehendendo-a com severidade. Os seus olhos estavam dilatados, agudos e ferozes, enterrando-se nos della que pararam, tranquillos, mansos como o crystal de um lago, presos aos delle, immoveis, em quanto lhe ouvia a palavra suggestiva, que lhe desviava as imagens oppressoras, substituindo-as por outras approximadas, gradualmente, até chegar, como elle queria, a uma outra imagem inteiramente diversa, que não relembresse nem de longe as primeiras.

E fêl-a vêr que o que ella suppunha cobra, não passava de um cinto que lhe estava atado á cintura, e até com muita elegancia.

Para tornar o effeito seguro, mesmo porque eram as primeiras experiencias que elle fazia, tinha mandado que lhe rodeassem a cinta com um cadarço. E nelle pegando, junto á pelle da rapariga, puxava-a para um e outro lado, mostrando-lhe que era um cadarço, e que ella se havia enganado.

E como os seus olhos se não movessem elle desceu-lhe as palpebras, e as palpebras não se levantaram.

—Abrisse-as! ordenou com imperio.

Ella as abriu.

—Levantasse os braços!

Ella os levantou.

O dr. Teixeira estava que não cabia em si de alegre.

— Que se deitasse!

Ella deitou-se.

— Si quando ella accordasse viesse a se illudir mais uma só vez que fosse, com a cobra, elle lhe cortaria a cabeça.

Depois accrescentou:

— Queria agora, *ordenava* que ella dêsse uma risada, muito boa, muito chique.

E o rosto da doente se illuminou e ouviu-se no grande quarto uma risada *crystallina*, bella, communicativa.

Todos riram-se tambem.

Finalmente o medico *ordenou-lhe* que dormisse uma hora, muito socegradamente, muito quietinha, sem sonhos, sem sobresaltos, accordando ao fim desse tempo.

Ella, fechando as palpebras, immobilizou-se num somno delicioso.

O dr. Teixeira era desses medicos para quem o bom exito da maior parte das curas dependia em muito da influencia moral, especialmente nas molestias do systema-nervoso. A sua tranquillidade era absoluta; a propria respiração quasi que se lhe não ouvia.

O medico estava rente. Solicito, amoroso, tomava-lhe o pulso, pequeno mas frequente, socegando a pouco e pouco.

Pouco se falava tambem, isso mesmo baixinho. Era como si estivessem num templo, respeitosos e crentes. Vigiavam religiosamente o somno da doente.

O medico mandara abrir as portas para correr novo ar. Elle ia, voltava, pisando de vagarinho, e,

sempre que passava pelo leito da moça, curvava-se sobre ella, reparava-lhe todo o rosto, a linha negra dos cilios sellando-lhe as palpebras; a fronte branca como louça; a bocca bem feita, correcta; as orelhas de uma curva graciosa; o queixo meio redondo e gordo; o nariz tão bem lançado e nobre.

Na commoda accenderam-se mais trez velas, da serpentina, e sobre o creado-mudo, um castiçal de prata, com manga de vidro, illuminava fixamente o sereno, pállido rosto de Esther.

O medico mandou colher todo o cortinado e pô-lo para os pés da cama.

A noite ia cahir.

O reposteiro da porta que dava para a sala, foi apanhado e preso ao embrace do portal, e aberto o ultimo batente da porta de vidro.

Fazia calôr forte, abafadiço. Era um desses dias tristes, raros no emtanto nos climas do interior.

Fôra, na sala de visitas, descorado pelos vapores da tarde, subidos da grande planicie de oéste, o sol poente entrava por uma vidraça e vinha até ao reposteiro, reverberando dentro do quarto uma luz melancolica, duvidosa, a misturar-se com a das vélas. Ia talvez ser uma noite de chuva e trovoadas. Para o nascente, e em silencio, accumulavam-se grandes nuvens preguiçosas, verdadeiros nimbos, pesados, e escuros, que naquella direcção, segundo a meteorologia dos velhos do logar, eram seguro prenuncio de grandes aguas.

Ouvia-se, na rua, o vozear da creançada, brincando pelo adro da igreja. Vinha até ao quarto, distinctamente, o som das palmadas que uns rapagotes davam do outro lado do largo, jogando a petéca. E ao fundo

dess
var
mina

morr
ia s
vesp
ment
na p
melan
um s
scism

E
mobil
de ur

C
palpar
fria,
leito d
sentiri

E
Pa

remed
duzian
fazend
nhecin
muito.
Lembr
em qu
salvaçã
appare
quand

desses ruidos distinctos pairava o rumor confuso de varios sons simultaneos, que não podiam ser determinados, apesar do completo silencio da alcova.

A' proporção que o tempo corria, que o dia ia morrendo, mais o losango de sol, entrado pela janella, ia subindo pelo reposteiro. Já agora invadia a luz vespertina a grande alcova, onde penetrava mansamente, batendo em parte no reposteiro e em parte na porta do corredor. Pairava no ar, em tudo, uma melancolia doce, um triste cahir de tarde sertaneja, um suave e sombrio descer de noite placida, de noite scismadora e morna.

Esther conservava-se na mesma posição, na immobildade das cousas inanimadas, no volumoso socego de um somno tranquillo, suggerido e benefico.

O medico tomara-lhe ainda uma vez o pulso, palpara-lhe a pelle da fronte, dos braços, dos pés; fria, sempre fria! Ella parecia morta sobre o seu leito de virgem. E si ella morresse, que dôr que elle sentiria!

E em seguida foi á etagére, lentamente, pensativo.

Pegou, um por um, os vidros e as caixinhas de remedios. Examinou todos os rotulos, que reproduziam as suas receitas, pensando sempre, cogitando, fazendo em sua memoria uma recapitulação dos conhecimentos que tinha da molestia. Interessava-se muito por aquillo, nem sabia mesmo por que razão. Lembrara-se de muitos casos, uns graves, outros não, em que os doentes,—ora sem a menor esperanza de salvação, se levantavam do leito,—ora sem symptomas apparentes de gravidade, tinham-se despedido da vida, quando a volta da saúde era esperada.

— Si elle pudesse advinhar as causas *fundamen-*

taes daquella doença !... porque as *occasionaes* — o enfraquecimento, vagaroso por diversos motivos ; a hemorragia, as insomnias, o abuso do trabalho mental em leituras prolongadas durante a noite, essas, combatiam-se facilmente, ainda era tempo ; mas as outras ? as *primeiras*, que haviam determinado de longe o apparecimento do mal, quando as segundas causas tambem apparecessem ? Ah ! parecia-lhe um enigma. Essas, com certeza que elle nunca... Oh ! talvez que elle nunca as descobrisse !

Estava triste o medico.

Depois continuou a pensar :

— Si a metrorrhagia reaparecesse... talvez que estivesse tudo perdido. Só lhe restaria uma confiança, irrefutavel nesse caso, ainda que hypothetica : — a idade da doente. — Com effeito, moça como era, de uma organisação forte, sadia, ainda que apparentemente quasi anemica, tinha ella todas as predisposições para um temperamento invejavel, dahi por deante, salvo um caso de atavismo ; porque conhecia-a bem e alli estavam pae e mãe, ambos ricos de sangue, bem mantidos e equilibrados, com excellentes estomagos, em que a digestão se fazia perfeitamente. Si o sangue apparecesse de novo e trouxesse as nauseas, as convulsões e os vomitos, elle convocaria uma junta medica, porque... para que mentir a si mesmo ? illudir a propria consciencia ? — a verdade é que elle se interessava pela saúde daquella rapariga, de tal fórma como nunca se interessara por nenhum de seus doentes. Via nella um bom talhe, tanto physico como moral, da mulher-esposa.

E pensando em sua propria pessoa, teve raiva de si mesmo.

—
no tra
cortez
rava
bem
ahi é
cousa
fazer
olhava
como
ligada
para
rassé,
honor
cura.
de cur
mado
o orgu
destia
ficaria
forços
mente
E
clusão
os pen
melros
E
clusão
um ou
E
—
mundo.
nem un

— Tão bruto, sêcco mesmo que o era ás vezes no tratamento! Outros, na realidade *brutos*, sabiam ser cortezes, captar as affeições alheias... Elle, não! Ignorava como se falava á alma das mulheres. Essa arte, bem que a comprehendia; mas, — pôl-a em pratica — ahí é que estava o busillis. Não era homem para essas cousas, tão necessarias quando o coração tratava de fazer a sua escolha!... E *sentia*, *percebia* que ella o olhava com um olhar bondoso, tão manso e firme como si fosse parte de sua alma, como si ella estivesse ligada ao destino d'elle, para todo o resto de sua vida, para todo o sempre. Si ella sarasse... Si elle a curasse, nada receberia, allegando que os seus melhores honorarios eram a satisfação que lhe ficara da propria cura. E como elles não precisavam de favores medicos, de curas gratuitas, o seu proceder não podia ser tomado como *esmola*, como *caridade*, que lhes maguasse o orgulho, si o quizessem ter, ou lhes ferisse a modestia ou mais verdadeiramente o amor proprio. Ella ficaria agradecida, e comprehenderia que os seus esforços não tinham sido *por dinheiro*, sinão e simplesmente porque...

E quando chegava a este ponto, em que a conclusão se impunha, elle reagia com a sua vontade, e os pensamentos fugiam voando, como um bando de melros pretos levantando-se de um curral.

Elle tinha medo de concluir, mesmo tendo a conclusão dentro de seu pensamento, sem um olhar, sem um ouvido, sem uma testemunha que fosse.

E voltava fatalmente á mesma ordem de idéas.

— Mas depois, que diriam os outros, a bocca do mundo, quando soubesse que elle não quizera receber nem um vintem por aquella cura? Como interpretariam

o facto? Ah! naturalmente que as linguas desocupa-
 das teriam que bater nos dentes. Mais isto, mais
 aquillo, dichotes, allusões, murmurios!... Mas que
 importava a elle? Que tinha com o mundo? Não era
 esse o seu desejo — salval-a de todo o coração? Que
 viesse a borrasca! Forte, supportal-a-ia! E havia de
 cural-a... sim!... e... ella havia de sarar! E... si
 ella sarasse... Si ella lhe ficasse agradecida, e ficaria
 de certo, porque era alma elevada, — elle teria nella
 uma boa amiga, uma creatura adoravel, que si sarasse...

E as suas palpebras se fecharam numa contracção
 involuntaria, e lá, no fundo, bem dentro do cerebro,
 num canto silencioso da alma, baixinho disse o pen-
 samento a phrase inteira :

— Si ella sarasse, elle a pediria em casamento.

Depois abriu as palpebras, lentamente, e conti-
 nuou:

— Ella e elle! que formosa prole não viria, gente
 forte e talentosa! Ella era tão intelligente! — alva!
 tão alva como o peito de uma garça! bella! tão bella
 quanto bastava para ser adorada. Que equilibrio para
 os filhos! porque elle era moreno e forte, tinha ta-
 lento e era homem superior. Nunca tivera uma mo-
 lestia! Si ella pensasse nessas cousas, e as pensasse
 com um pouco de amor, seu coração o escolheria, e
 elle, elle seria... amado por ella!

E phantasiava um lar alegre, vivificado pela ba-
 rulhada das creanças, risos, choro, gritos, gargalhadas,
 notas crystallinas, concerto de aves no ninho, — sonho!
 sonho do amor na vida, suprema felicidade da exis-
 tencia!

Nesse tempo, em quanto elle receitasse ou esti-
 vesse visitando os seus doentes, ella cuidaria dos

anhos
 e iri

E
 na so
 simple
 dos la
 dentes

N
 alli se
 todo e
 da can

Pe
 a rele

E
 que o
 scrutad

En
 calma

—
 nutos c
 para o
 la entre
 alguma

E
 ceitar.

Fór

O sol ja
 nimbos
 céu acir
 ares. P
 sobre u
 sontaes,
 a somb

anhos no remanso da familia, toda amor e cuidados, e iria esperal-o á porta quando elle voltasse!

E já lhe parecia vê-la, recostada ao portal, de pé na soleira, sorrindo aquelle sorriso doce, honesto, simples, bondoso e divino, que lhe abria as petalas dos labios, para mostrar vaidoso a alvura dos bonitos dentes.

Nisto estremeceu e voltou a si. Tinha notado que alli se esquecera de si proprio, junto da commoda, todo entregue a pensamentos crueis,—emquanto, perto da cama, velavam d. Euphrasia e o major Cornelio.

Pegou outra vez os vidros e as caixinhas, e tornou a reler os rotulos...

E voltando-se, encontrou o olhar de d. Euphrasia, que o cobria de uma bondade maternalmente perscrutadora.

Embaraçou-se um pouco, mas recobrou logo a calma habitual.

—Precisava de ir-se embora, disse. Dalli a 30 minutos d. Esther despertaria; era o tempo que faltava para o cumprimento da *ordem*: — uma hora de somno. Ia entretanto dar uma receitinha nova... Si houvesse alguma cousa, era só chamal-o.

E entrou com o major no escriptorio para recitar.

Fôra começava a cahir a noite, rapida e pesada. O sol já tinha entrado, havia pedaço. No nascente os nimbos carregados abobadavam-se cada vez mais pelo céu acima, baixos na atmospherá, ennegrecendo os ares. Para o poente, pequenas nuvens alongadas, sobre um fundo pardacento e moreno, algumas horizontaes, algumas sobrepostas, passavam lentamente, e a sombra descia em silencio, sem um movimento de

arbusto, sem um rumor de folhagem. Um pequeno vermelhão marcava, bem no logar do poente, o ponto por onde o sol desaparecera. O mais do céu, em cima, tinha uma cor indefinida, nem azul nem parda, uma cor triste, homogenea, que tapava o anil de alem e cahia nos olhos como um crepe de saudade, envolvendo ao longe alguma creatura amada.

A sala já estava escura, fechando com as suas quatro paredes um silencio mortuario; pois os meninos do largo tinham-se recolhido e nem mais se ouviam as palmadas do jogo da peteca.

Agora a luz da serpentina vinha do quarto da enferma e desenhava fóra, na sala de visitas, perto de sua porta de entrada, e vão da porta do quarto, feito de luz sobre o soalho; vinha tambem bater em um quadro lithographico, que lá estava suspenso á parede, uma obra fina de grande artista, e que representava as nupcias de um dos antigos reis da Hespanha. E, logo acima desse quadro, via-se a sombra do reposteiro, a cortar obliquamente a luz que passava por entre os dous portaes.

O medico voltou do escriptorio do major.

Trocou ainda algumas palavras com d. Euphrasia, tomou pela ultima vez o pulso da doente, palpou-lhe a pelle, despediu-se e retirou-se.

Em seguida, Ricardo foi á botica levar a receita. Tambem o major Cornelio assentara de dar uma pequena volta, pois durante todo o dia não arredara pé de casa.

Só, na grande alcova muda, velava d. Euphrasia o somno da filha.

O castiçal ficara accêso sobre o creado-mudo. Havia um silencio completo, um silencio terrivel.

Esther
a beirac
o respir
quando

— C
pensar c
mentos

Ness
monotor
aqui e a

Aqu
levantava
corria o
tom, co
vinha de
para lá,
pobre se
agouro, p

— Z

D. E

parte, a
lhe estava
naquelles

E o agou
silencio s

como um

E em
mulando

de possib

Zim

Levar

Ora e

do som;

Esther conservava-se na mesma posição, voltada para a beirada, dormindo tranquillamente. Não se lhe ouvia o respirar; via-se-lhe apenas o movimento das narinas quando o ar entrava e sahia.

— Como estava aquillo tudo mudado! começou a pensar d. Euphrasia, iniciando uma ordem de pensamentos tristes.

Nesse momento principiou a ouvir o zumbido monotonico de uma mosca perdida, que parecia pousar aqui e alli.

Aquelle zumbir periodico, intermittente, que se levantava, ora numa direcção, ora noutra, e que percorria o ar silencioso do quarto, sempre no mesmo tom, começando forte e terminando fraco quando vinha de lá para cá, e vice-versa, quando ia de cá para lá, foi a pouco e pouco invadindo o espirito da pobre senhora, e terminou por parecer-lhe um mau agouro, produzindo-lhe um mal-estar penoso.

— *Zúm!... um... um... um... um...*

D. Euphrasia espiava attentamente por toda a parte, a vêr si descobria o impertinente insecto que lhe estava irritando o systema-nervoso, tão sensibilizado naquelles dias pela doença de sua adorada enferma. E o agouro parecia avolumar-se cada vez mais, no silencio solemne daquella alcoya em socego, guardada como um sacrario.

E em seu espirito de mãe amorosa foi-se accumulando uma nuvem pesada de imaginações sinistras, de possibilidades de futuro, de receios dolorosos.

— *Zúm!... um... um... um... um...*

Levantou-se em busca do insecto.

Ora era aqui que elle zumbia, e eil-a na direcção do som; ora alli, no outro extremo do quarto, e eil-a

a caminhar para lá, nas pontas dos pés, sem o menor barulho, procurando-o no ar, com a sua vista cansada e tremula, com todo o empenho, com uma insistencia silenciosa e estoica.

A mosca, porem, não apparecia.

E assim andou d. Euphrasia longos minutos, supersticiosa e triste, por todo o aposento, até que finalmente foi descobri-la pousada no labio superior da filha, provocando-lhe, com o movimento dos tarsos, estremecimentos de cocega nos musculos daquelle região.

— Não fosse o logar em que estava! pensou consigo a mãe da doente.

E chegou-lhe perto o castiçal, e esperou que ella voasse, para mata-la em outra parte. Com effeito, levantou a mosca o seu vôo, um vôo lento, duvidoso e em curvas, e veio pousar na vela. Com todo o geito e de vagarinho dirigiu-se então a pobre senhora para a commoda; mas vendo que alli o insecticídio ainda era difficil e poderia ser mallogrado, abriu perto da vela um jornal, para que a côr branca attrahisse a mosca:—ellas gostavam das paredes caiadas, dos logares claros. E tocando-a com o dedo, deu ella um vôosinho e pousou sobre a palavra MORTE, escripta em letras grandes na quarta pagina do jornal.

Essa palavra era a ultima da phrase o APPARECIMENTO DA MORTE, de um pomposo annuncio de thau-maturgia, em um dos theatros de S. Paulo.

Aquella coincidencia alegrou o espirito de d. Euphrasia, que viu no facto a sentença irrevogavel do inoffensivo insecto. Baixou com todo o vagar a mão direita, recurvada em concha, approximando-a da mosca

a pouco e
tancia — za

— Qu

não zumbir

E foi

do consolo
vida.

Satisfei

phrasia jun

absoluto, in

dê grande e

Seguinc

muito divag

MENTO DA M

anverso.

— Aqu

ella poupass

para, ia a M

ella tivesse p

E senti

lagrymas ao

— Talve

E rapida

para o consc

insecto. Enf

Era tard

Então, n

mento, mixte

—e de recei

numa cadeira

longo tempo

dade daquelle

Desse es

a pouco e pouco, e quando julgou opportuna a distancia — zaz! e prendeu-a entre dous dedos.

— Quasi que escapara, mas estava segura! Agora não zumbiria mais!

E foi mergulhar a mão fechada na bacia d'agua do consólo; o insecto boiou e começou a lutar pela vida.

Satisfeita e socegada, sentou-se de novo d. Euphrasia junto da cama da filha. Agora o silencio era absoluto, inteiro como numa solidão marinha em dias d'è grande calma.

Seguindo o curso dos pensamentos, depois de muito divagar, lembrou-se do annuncio — o APPARECIMENTO DA MORTE, e começou a vêr a medalha pelo anverso.

— Aquillo era um aviso que lhe fôra feito para que ella poupasse a vida á mosca. E como não lha poupava, ia a *Morte apparecer* no leito de sua filha. Si ella tivesse poupado o insecto, teria salvo a enferma!...

E sentiu de subito faltar-lhe o ar, subirem-lhe as lagrymas aos olhos, fallecerem-lhe as forças.

— Talvez que ainda fosse tempo!

E rapida, num impeto de energia, encaminhou-se para o consólo, a vêr si ainda era tempo de salvar o insecto. Enfiou um dedo n'agua e o tirou para fóra.

Era tarde. A mosca estava morta.

Então, numa lucta horrivel com o proprio pensamento, mixto de remorso pelo crime de insecticidio, — e de receio, pela salvação da filha, deixou-se cahir numa cadeira, e chorou baixinho e amargamente, por longo tempo, só! completamente só, na triste solidade daquella alcova mortuaria!

Desse estado nervoso, devido a noites em claro,

foi despertada pela voz de Esther, que accordava chamando-a.

Estava outra a rapariga, depois daquelle somno tranquillo de uma hora.

Um relampago intenso illuminou toda a sala, e arrebentou sobre a cidade o estampido volumoso do primeiro trovão.

Tinha anoitecido.

Qu
a cahir a
fortes, p
Apes
cederem-s
o movime
gottas de
draças e s
rado pelas
via com a
o cheiro i
O dr.
algumas d
frias e for
— Te
Um re
numa exte
electrica t
essa direcçã
da rua, o
gottas d'ag

III

QUANDO o medico ia entrar em casa começaram a cahir as primeiras gottas d'agua, muito grandes, fortes, porque a chuva vinha de muito alto.

Apesar da escuridão da noite, via-se no céu succederem-se grandes extensões negras, que indicavam o movimento tempestuoso das nuvens. Essas primeiras gottas de chuva estalavam estrepitosamente nas vidraças e sobre os telhados, levantando do chão, torrado pelas ultimas soalheiras, uma poeira que se não via com a noite, e que chegava até ao nariz, trazendo o cheiro incommodativo da terra molhada.

O dr. Teixeira apanhou nas mãos e no rosto algumas dessas grandes gottas, e, ao sentil-as tão frias e fortes, pensou lá consigo :

— Temos obra ! A cousa vem de longe !

Um relampago enorme abriu-se de léste a norte, numa extensão immensa do céu, illuminando á luz electrica toda aquella grande área correspondente a essa direcção. Campos, mattas, serras, a casaria branca da rua, o sólo poeirento, salpicado de negro pelas gottas d'agua, os telhados humidecidos, as arvores

ramalhadas do vento, os bambús dobrados, tudo isso surgiu momentaneamente aos olhos do medico, feridos de subito pela energia da luz celeste. E quasi ao mesmo tempo fez-se a treva, o trovão rolou medonho, echoando de valle em valle.

Novo relampago, agora pelas costas, rasgou toda a parte do céu do poente para o sul, seguido de outro fragor mais terrivel ainda ; e a chuva, como si de uma represa arrombada, rolou por terra, numa furia diluvial.

O medico tinha apertado os passos, e quando o terceiro trovão estremeceu as vidraças das casas fechadas, ja elle, á sua recolhido, mudava o fato, dando-se por feliz de morar perto.

Com effeito, da porta do major Cornelio era só tomar á direita, voltar o angulo da casa, descer todo aquelle lado de uma quadra, voltar outra vez á direita, passar as duas primeiras casas, e entrar na terceira, que era a sua. Edificio grande, de dous lanços, dava a frente para o norte. Ahi, seis janellas; duas logo á esquerda, na sala de espera; depois a porta e depois o salão de quatro janellas, todas ellas espaçadas, ao gosto portuguez; no salão é que elle assentara o seu gabinete-laboratorio, todo cheio de vidros e instrumentos, grandes estantes com livros, lampadas, algodões, frascos de drogas, filtradores, etc.

Em uma grande mesa de taboas toscas, coberta de velho oleado, uma infinidade de pequenos apparelhos de metal, de vidro, e de madeira; varias bobinas soltas aqui e alli;—um lúcion grande, que tinha dentro um polichinello risonho, de grandes beiços revirados, e pernas soltas, que fazia as creanças rirem ás devéras, quando subia ou descia, dentro do

tubo de vidro, á pressão da mão do medico; — uma machina pneumática, onde fazia as suas experiencias, que lhe roubavam grande parte do tempo; — varias retortas de diversos tamanhos; — uma *fonte de Heron*, que pasmava os seus visitantes, que não comprehendiam o motivo do jacto continuo de agua; — um microscopio, uma balança hydrostatica, um baroscopio, mil pequenos instrumentos; — espécimens lindissimos de mineralogia, desde os quartzos mais simples e grosseiros até ás pedras mais finas, poucos exemplares, porque não havia repetição, poucos mas classificados, numerados, e postos em ordem sobre pequenas taboas, em degraus, forradas de papel azul. Ficava muito bem na segunda taboinha um bello e grande rubim, de delicadissima côr vermelha, preso por um arame de ponta, fincado em baixo. Varias calcedonias, das quaes uma agatha incolor, outra branca e uma cornalina côr de vinho nacional. Turquezas, um pequeno diamante, carvão de pedra, folhas de mica, alguns fragmentos de schisto com restos fósseis, pequenas curiosidades, tanto animaes como vegetaes.

A' um lado, no portal, um grande thermometro duplo de mercurio, centigrado á esquerda, Fahrenheit á direita; fôra ahi que elle aprendera as oscillações thermicas daquelle clima, podendo ao fim de certo tempo marcar-lhe a média, os maximos e os minimos. Nô outro portal um segundo thermometro, de alcool colorido de vermelho, velho e inválido, que andava ás cegas com as mudanças da temperatura.

Apenas se entrava nesse salão via-se ao fundo uma grande cortina de chita, que corria sobre um varal de bambú, distante do soalho uns dous metros

e pouco: era ahi o gabinete de exame. Um grande sofá estofado, com almofadas e cadeiras ao pé; nelle deitavam-se os doentes para o doutor bater o figado, escutar os pulmões ou examinar as partes affectadas. Muita coisa feia vira o medico sobre aquella peça; dessas lembrava-se elle de uma hernia colossal, que atacara um carreiro, e que deixara o homem a andar de rastos, com as pernas abertas, a carregar um grande volume; em compensação, vira tambem cousas bonitas, entre as quaes lembrava-se de um pequeno tumor que fôra preciso examinar, abaixo do umbigo, para o lado esquerdo do ventre, numa camponesa morena e forte, em pleno vigor de juventude, 14 annos, 14 annos de bella carnadura e negra pubescencia. Fôra uma lucta. A mãe da rapariga, mulher grande e despachada, achava-se presente e ordenava á filha que mostrasse o « polmão »:

— Que duas gentes havia a quem se devia mostrar tudo: o corpo aos medicos, a alma aos padres. Que o sr. doutor era de confiança; — a mesma cousa que o sr. vigário.

E a rapariga resistia, com as mãos nos olhos, rubra de vergonha.

— Era preciso vêr o tumor, accrescentava o medico, com uma paciencia honesta; que até alli andara a receitar por informações; visto, poderia sarar logo, porque elle saberia o que era.

E fez vêr que bastava cortar a camisa no logar.

— Isso é que não, retrucava a velha; perder uma camisa de morim, nova, por causa de sécas de nhamhá!... pois não!

E a morena teve que levantar o vestido. E tapando as pernas, das cadeiras para baixo, com uma colcha

que o medico fôra buscar, levantou timidamente a camisa. Era um bello ventre boleado, sem uma ruga, côr de jambo, descendo em bonita curva até ás virilhas; o umbigo, redondo e pequeno, perezia o signal de um dedo calcado sobre uma parte inchada. O medico olhava com indifferença para aquelle fragmento de belleza feminil. Para elle, que estava de lado, destacava-se bem o arredondado do cinto, descansando sobre largos quadris cobertos de carne, sem a aresta de um ôsso. Teve que descer um pouco a colcha que encobria o tumor e tambem virar a moça um pouquinho para a direita. Os seus dedos sondaram os arredores inflammados da pequena excrescencia morbida. A pelle daquella rapariga tinha um calor provocante, que começou de fazer tremer as mãos do medico. Era preciso rasgar. Trouxe a lanceta e deu o golpe. Foi uma dor enorme, cheia de movimentos bruscos, de gemidos abafados. A colcha descera até aos joelhos; o pus sahia ás golfadas, e ella, com as pernas unidas, as espichava e encolhia, emquanto elle exprimia as visinhanças do golpe. Seu olhar, tímido, não ousava fitar, sinão de soslaio e rapidamente, os encantos secretos daquelle corpo de Venus.

Esse quadro nunca lhe fugira do pensamento; sempre que se falava em tumores, vinham-lhe ao espirito aquelle ventre moreno e liso, todos os mimos da formosa camponeza, occultos por saias brancas.

A chuva cahia a cantaros. O vento esfuziava com uma colera destruidora. Os relampagos, os trovões, rolavam de valle em valle.

O dr. Teixeira mudara a roupa e viera sentar-se juncto á sua secretária, no salão.

Despogou uma mortalha, abriu a bolsa de velludo

azul, tirou fumo turco, fez vagarosamente um cigarro, correu a lingua pela orla do papel, pôl-o na piteira, esta na bôcca, e depois de pensar alguns segundos, riscou um phosphoro e tirou a primeira fumaça : — uma fumaça azulada, lenta, que pairou no ar immovel e quente da sala fechada.

Seu cerebro estava em casa do major ; todo elle lá estava, em corpo e alma, a examinar a sua doente, a prestar-lhe cuidadosamente os seus serviços.

Via-a deitada no leito, branca de neve ; divinamente bella, com as negras pupillas dilatadas ; accordada ou em lethargo, em delirio ou em repouso, com a flanela aberta em triangulo sobre a saliencia intacta das mimosas pomas. Via-lhe os altos e baixos do corpo, sobre o leito, e sentia-lhe ainda, o halito fresco a acariciar-lhe a cabeça, de quando lhe auscultara a das veias do pescoço. Havia de cural-a, pensava com satisfação immensa. A' tenaz enfermidade ia oppôr toda a resistencia da therapeutica moderna. Conhecia-lhe bem a natureza, o temperamento, a impressionabilidade nervosa. Não era um medico estranho que tivesse de sondar primeiro as idiosyncrasias daquella organização. Pôl-a-ia de pé, dentro em breve ; queria vê-la passeiando, a jogar o corpo com aquella graça natural e largada, ao rhythmio de um sangue bom, balançando as fórmãs, embalado o seio, a bôcca em risos, o olhar em luz, alegre o espirito. E, quando ella sarasse, mostrar-lhe-ia... dar-lhe-ia a ler a enfermidade de que sarara, para ella comprehender a grandeza da cura, o interesse que elle tomara por sua saúde.

Sahira de lá, havia pouco, e parecia um seculo. A saudade já lhe punha no espirito esse grato mal-

estar que nos amollece e eleva, purifica e humaniza. Já estava afflicto para que amanhecesse o dia, para ir vê-la, tomar-lhe o pulso, palpar-lhe a pelle, auscultar-lhe as jugulares e o coração, aquelle santo coração que lhe martyrizava o cerebro, sendo, talvez, quem sabia lá? — a causa primeira da terrível molestia! Queria fitar-lhe de frente, sob os recurvados, longos cilios, as dilatadas pupillas, cujo negror reflectia a luz como um brilhante enorme, sem preço nas rendas do mundo. Queria sentir, embevecer-se no ar morno daquella camara quasi funeraria, suspensa num silencio profundo, á luz immovel da serpentina, sobre o oleado da mesa; sentar-se junto ao creado-mudo, ao pé da cama, para vê-lhe a somnolencia mórbida, a fechar-lhe as palpebras frouxas, numa união branda, sem resistencia, sem força de somno.

E, entregue a esses pensamentos intimos, que a ninguem dizia, deixou-se arrastar pela imaginação, fumando espaçadamente, inconscientemente os seus *turcos*, uns sobre os outros, a rabiscar a lapis cousas incomprehensíveis, numa folha em branco, pousada na secretária. A luz do lampeão transmittia-lhe a sombra á parede da frente, — grande sombra augmentada, que de trecho em trecho era rodeada de outras sombras informes, movediças, e que, a desaparecer, iam subindo até ao tecto: — as fumaças, as baforadas espessas que elle tirava do cigarro.

Fóra, com menos furia, cahia agora a tempestade, e os trovões rareavam.

Elle foi a uma das janellas, que soabriu, e, chegando-se á vidraça, ficou a olhar a escuridão da noite. Um relampago forte clareou toda a área que seus olhos podiam alcançar. Viu então rapidamente

que o céu se desannuviava, a rua era um rio, tudo estava silencioso, menos a chuva; e ao longe rolou a trovoadá. O relampago tinha sido para o sul, e o espaço, entre elle e trovão, de muitos segundos, o que provava que a tempestade se ia retirando, mesmo porque esses espaços intermediarios já tinham sido menores, e porque a parte do céu, do lado do norte, para onde frenteava a sua casa, já tinha estado mais escura e mais tapada de nuvens. Voltou á secretária e trouxe o relógio que tinha posto no descanso; e, outra vez junto á vidraça, ahí fitava attentamente o ponteiro dos segundos. Assim estive muito tempo, immovel, até que, quando um relampago illuminou de novo a janella, marcou elle com a unha um logar no mostrador. Continuou attento, á espera. Tempos depois ouviu-se surdamente a trovoadá, que começara forte e terminara fraca, provando ainda para elle a direcção da chuva. Tinha marcado o outro ponto no mostrador. Voltou á secretária, verificando que o espaço de tempo entre o relampago e o trovão fôra de 21 segundos; multiplicou-os por 337, numero de metros que o som percorre em cada segundo, e teve mais ou menos a distancia em que a chuva já ia de sua casa, na direcção de norte a sul:—uma legua e pouco ou 7,077 metros, ou 7 kilometros e 77 metros. Portanto era provavel que o dia amanhecesse limpo e formoso, cheio de sol e calor. Gostava do calor. Filho do norte, tinha a pelle adaptada aos rigores do sol. O frio fazia-lhe mal, irritava-lhe todo o systema-nervoso. Tinha alguma cousa de saúrio. Ia, pois, ter um dia bonito para vê-la. Lá iria bem cedo, ás 7 da manhan, melhor hora possivel para examinal-a, para vê-la a sahir da noite tempestuosa como

flor que a madrugada abraße aos raios benéficos da estrella d'alva.

Sentara-se de novo á secretária; accendera outro cigarro e puzera-se a contemplar o barometro, pendurado á parede.

— Tão caro e de nada servia; completamente inutilizado; unico prestimo que tinham as nossas alfandegas:—quebrar, escangalhar os instrumentos que nos vinham da Europa, e deixar passar as notas falsas.

E lembrou-se da historia popular fluminense
« B. N. F. »

O relógio da matriz dera trez quartos. Trez quartos depois das onze! Era tarde e não tinha somno. Já agora seu pensamento revoava de novo sobre o leito de Esther; misturava-se com ella em todos os seus membros; passeava-lhe pelo corpo como uma pulga incommoda, a se lhe embaraçar pela pennugem da epiderme; subia-lhe o seio em espiral, até ao bico rosado e teso, aspirando-o, embriagando-se das emanações frescas e sensuaes daquella pelle de vinte annos; descia outra vez em espiral, para fazer o mesmo a outro seio, para descer depois pelo ventre, passear pelos ilhaes, deslizar ao longo das coxas, subir até ás axillas sombreadas de pêllo fino, morder-lhe o labio num beijo doloroso, ser preso pelos dedos della, torcido e atirado ao soalho, como animal immundo e... arrebentar sonoramente sob a ponta do chinello. Depois já não era mais pulga; era agora o lençol em que ella descansava o corpo doente, lençol tranquillo que aguentava com alegria o peso de seus membros, ou que se lhe adheria ás depressões e saliencias da fórma, quando ao sahir do banho ella as enxugava

carinhosamente. Deixava de ser lençol para ser-lhe os dedos, os dedos com que ella devia de apalpar os proprios membros esculpturaes, em frente ao espelho, ao despir-se para o banho ou para deitar-se. Depois era os chinellos a apertar-lhe, a conter-lhe numa satisfação indizível os pequenos pés brancos, de superficies veiadas de azul; depois — as meias de setimrosa, as meias rendadas que lhe subiam até ás primeiras grossuras da perna, acima dos joelhos, presas por bellas jarreteiras de elastico, folhadas de seda azul, fechadas a broche de nikel. Chegou a ser-lhe a propria bôcca, para receber d'elle mesmo, medico, á sombra de uma janella cerrada, sob a folhagem do arvoredado, ou de noite no thálamo, os seus beijos virgens, intactos, que elle guardava, havia 33 annos, e que ella os despertara agora, com a sympathia dos seus modos, a luz de seus olhares, o fulgor de seu talento, o viço de suas formas, a belleza de seu espirito, a maravilha de seu todo, quer physico, quer moral.

E foi-se! E foi-se por esse mundo em fóra, das phantasias e dos devaneios, mundo presidido por *la Folle du Logis*, que faz do homem — machina, e da existencia — martyrio.

Tempos depois voltou elle o rosto para a janella que ficara aberta, e vira atravez da vidraça, num trecho azul do céu, a nordéste, uma grande estrella, de luz tremula, a entrar-lhe pela sala tranquilla.

Levantou-se, abriu todas as janellas e debruçou-se ao peitoril, a contemplar a belleza do céu, limpo de nuvens, de azul escuro, crivado, em abobada, de estrellinhas distantes, a scintillar, a scintillar tão longe, na infinita e curva profundeza dos espaços.

Era quasi tres horas da madrugada. O ar tinha a leveza, a alegre frescura das consciencias limpas; parecia uma alma de creança, que é raio de estrella, —ou o jubilo de uma acção generosa, que é o encanto da existencia.

Com effeito o ar chovera, beneficiara as plantas. Ia ser bello o domingo, o dia mais alegre das pequenas cidades, e das grandes o mais triste. Rejubilava-se, com a idéa de accordar e ouvir pelos ares lavados o repique dos sinos a annunciar a missa do dia, assistida pelos roceiros, pela população do campo e das mattas. O verde das arvores seria mais brilhante, mais fresco e metallico, depois do grande banho. Renovada, limpa, ia surgir a cidade da escuridão da noite. Mais oxigenio, mais luz, menos pó, mais vida! Si o dia fosse bonito, mandaria abrir as janellas do quarto della, para que o sol lhe trouxesse a alegria e elle a visse á luz natural.

E, com essas esperanças, e com esses pensamentos, deitou-se, e o somno lhe sellou as palpebras sobre os seus olhos caçados.

A's 6 horas da manhan foi o creado accordal-o, que o major o mandava chamar.

— Quem viera?

— Joanna.

— Mandasse-na entrar.

E, puxando a colcha até ao queixo, esperou, deitado, a velha mulata, mãe de leite de Esther.

Ella pediu licença e penetrou na alcova.

— Então? Que novidade havia? perguntou elle.

— Ah! muito grande! Que a menina passara a noite bem até ás 4 horas; mas que dahi por deante começara numa grande afflicção, com pequenos deli-

rios interrompidos. Pedia umas coisas, delirando, que ninguém sabia o que eram. Chorava...

— Que cousas pedia ella ?

— Pedia... nem sabia o que, só falando uns *como, como...* uns *como*, que a gente ficava assim, porque que coisa é que era *como* ?

— Si a Joanna, que era fina, que a creara, e portanto devia conhecê-la bem, não desconfiava de alguma paixão ?

A mulata riu-se, satisfeita do elogio, e accrescentou:

— Que já não era desconfiança, mas quasi certeza.

O medico sentou-se rapidamente, coçando o peçoço por baixo do queixo.

— Que contasse, porque a cura dependia disso; já o dissera á propria d. Euphrasia e ao major Cornelio.

— Desde um baile, a que fôra, que voltara com a bola virada. Não sabia que passarinho verde estivera por lá. O facto é que dahí por deante as suas palavras podiam ser contadas. E uma tristeza que fazia pena. Fugia de todos; andava sempre só. E, no piano, as musicas que tocava pareciam feitas para defunto. Sahia para a horta e ia se esconder por baixo das arvores, a fazer crochê. Ella... não podia dizer nada; contentava-se de espiar. Si estava em casa, queria mais os logares escuros de que os claros; parecia ter medo de se lhe ler no rosto o que lhe andava pela alma. As comidas não lhe agradavam; cada dia faltava uma coisa: agora o sal, depois a gordura, depois isto, depois aquillo. De uma impertinencia... damnada mesmo, ella que era tão boa dantes! Uma nervosia que ninguém podia aguentar. Um dia a acompanhara de longe, sem ser vista. Ella fôra para debaixo das

larangeiras e se sentara no caixão. Nesse dia então parecia mais triste de que nos outros. Para melhor reparar, fôra ficar atraz do marmeleiro. A menina suspirava muito. Depois, abrindo uma caixinha, onde guardava os trens de costura, tirou de dentro um figurino pintado, que não pôde ver bem, por causa da distancia. Ficara olhando nelle muito tempo, um tempo que dava para ir á igreja e voltar. Depois chorou; chorou sim, jurava si fosse preciso, e uma lagryma cahiu na figura... e ella levou um susto, olhou por toda a parte, limpou a figura com o crochê e a tornou a guardar depois de lhe dar um beijo...

Aqui o medico gesticulou, interrompendo-lhe a narração, como si fosse fazer uma pergunta; mas conservou-se calado. Estava radiante. Aquella historia entrava-lhe no espirito em trevas, como um feixe de luz atravez de uma fechadura, num quarto escuro. Ao mesmo tempo desceu-lhe pela alma, lentamente, uma tristeza gelada, que lhe resfriou as extremidades. Elle tinha esquecido o braço no ar, na mesma posição em que o puzera para interromper a mulata. O braço desceu-lhe vagarosamente, como gotta de azeite sobre um plano inclinado. Quando a mão pousou na colcha, elle disse simplesmente:

— Continúa.

Ella continuou:

— O appetite nunca mais lhe voltara. Queixava-se de não dormir, e era verdade. Passava quasi noites inteiras a ler, a escrever, a pensar. Quantas vezes ella subira a escada, porque o quarto da menina não era aquelle, mas o sotam; subira a escada para espial-a, e a vira a escrever, a ler ou a pensar, passeando pelo soalho, falando ás vezes alto, mas umas falas que a

gente não entendia. Dava com os braços; assim como agora tinha cara de choro; assim como logo já ria, parecendo feliz. De dia mesmo, lá se fechava e não sahia, nem a chamados da mãe; e, quando sahia, só mesmo um tolo é que não havia de vêr que ella chorara. Tinha dias que... nossa Senhora! — contrariava a todo o mundo. Foi emmagrecendo, emmagrecendo... cada vez mais pallida, até que teve muito antes de tempo, a « visita do mez » e... bumba! Ahi não resistiu mais... Fôra para a cama e lá estava. Si Deus e o sr. doutor não a puzessem de pé, na sua opinião — dalli ella sahia deitadinha para o cemiterio.

Os grandes seios de Joanna incharam num suspiro, e a boa da mulata levou a ponta do chale aos olhos para enxugar as lagrymas.

— Si era capaz de arranjar o figurino para lhe mostrar? perguntou o medico.

— Já o havia procurado muito, mas qual o que!

O dr. Teixeira poz as pernas para fóra da cama e calçou os chinellos.

— Que fosse, que elle ia já.

Joanna retirou-se e elle tratou de preparar-se.

Vinte minutos depois, quando sahiu á porta, correu os olhos pelo céu desnublado.

Rompera com effeito um bello dia. A poeira da rua, humida e assentada, rolara com as enxurradas para os pontos mais baixos, retratando aqui e alli as pegadas dos transeuntes, dos varios animaes que ja haviam passado por alli. Nesses grandes trechos de areia viam-se filões de esmeril em pó, serpenteando pela superficie lisa e ainda molhada. Para o norte, frente da casa do medico, destacavam-se ao longe, perfeitamente, as elevações graduadas da serra, ras-

gada em boqueirões e valles. Para a direita, seguia a rua direcção de léste, e terminava em pequenas casas isoladas, já nos campos que subiam para nordéste, cortados do caminho de sacramento, que ia desembocar na estrada de Santos.

Essa estrada era, nem mais nem menos, a estrada velha, que seguia para S. Paulo, em direcção á primeira estação da linha-ferrea. Ficara com o nome de *Estrada de Santos* por causa de ser por ahi a exportação de café para aquelle porto de mar.

A' esquerda, como do fim da rua começasse o lançante da grande planicie de oeste, nada se via sinão, mui vagamente e muito ao longe, por entre o corredor das casas, os ultimos topes das collinas, que quasi fechavam de noroeste para o poente aquella enorme baixada.

O medico sahio; dobrou a esquina á esquerda e começou a subir a rua.

Já agora o seu olhar descortinava quasi toda a esplanada do poente. Não tinha casas á direita, e pela frente, que era sul, via elle os outeiros daquella zona, cobertos de matta, sobre o fundo azul das serras, que corriam para sudoeste. A manhan estava de uma frescura delectosa. O sol, galgando o horizonte, projectava á direita do medico a sua sombra que lhe acompanhava os passos. Era uma luz franca, livre, que o grande astro despejava sobre a terra. Chirrando voavam as andorinhas rente do sólo, a catar-lhe os vermes, que a chuva da noite arrastara em suas enxurradas. Ouvia-se o *pin-nhé* dos carácaras, atravessando alto pelo azul do céu. Toda a Natureza recendia uma onda de suaves perfumes, exhalada dos vegetaes lavados. Gentes, de trajas domingueiros, a

roupinha de vêr a Deus, atravessavam sollicitas as ruas da cidade. Já começavam a chegar a cavallo os fazendeiros que moravam em sitios mais visinhos.

O major estava de pé na porta, á espera do medico. Recebeu-o e o levou para o quarto da filha.

A moça achava-se em delirio nesse momento. Pedia, numa afflicção dolorosa :

— O chromo, o chromo ! Tragam-me o chromo !
Eu quero o chromo !

Com effeito a molestia havia cedido um pouco. Este estado morbido era muito menos intenso que o da allucinação da vespera. Era porventura a causa da doença que se revelava.

O *como* de Joanna era o *chromo* de Esther.

Para o medico fôra isso a prova de uma idéa fixa que dominava o cerebro da rapariga. Urgia combatê-la, fazê-la desaparecer inteiramente de seu espirito.

Ahi estava o lado moral da enfermidade, aquelle em que se lhe exgotara a força nervosa, na grande tensão dos pensamentos affectivos. Si elle pudesse descobrir o *chromo* ! Mas ainda era cedo. Devia fingir que nada sabia, para poder saber o resto.

Ficou a pensar muito tempo, e concluiu que na grande excitação em que ella estava, a delirar, fôra de si, sentada no leito, naquelle estado morbido do espirito, devia ainda operar o methodo suggestivo ; e, por isso, elle que tinha começado a abrir uma das janellas, tornou a fechala.

Convinha pouca luz.

Dirigiu-se a d. Euphrasia :

— Si não tinha alguma pintura pequena, por

exem

ou fi

F

E

ceifeir

—

Eu q

O

e, feci

Q

tada r

a ceife

—

sugges

—

exclam

de resi

Ti

fundam

—

E

gasse.

—

E

—

muito c

—

—

—

O c

tudo ; r

chegar a

exemplo :— dessas que vêm nas chitas; um chromo, ou finalmente cousa que com isso se parecesse ?

Foi Ricardo quem a apresentou ao medico.

Era uma pequena tela, a côres : representava uma ceifeira erguendo um mólho de trigo.

— O chromo, o chromo ! Tragam-me o chromo !
Eu quero o meu chromo !

O medico chegou-se a ella; fitou-a algum tempo e, fechando-lhe as palpebras, ordenou que dormisse.

Quando verificou que ella havia adormecido, sentada mesmo, abriu-lhe as palpebras e apresentou-lhe a ceifeira :

— Que bello moço ! Visse ! dizia-lhe, fazendo a suggestão.

— Ah ! o meu chromo, o meu querido chromo ! exclamava a rapariga, entristecendo-se numa expressão de resignada, a fitar a ceifeira.

Tinha o olhar parado, os labios descahidos, profundamente pensativa.

— Era um bello moço, não achava ?

E offereceu-lhe o quadro *ordenando-lhe* que o pegasse. A ordem foi cumprida.

— Que se deitasse.

E ella deitou-se.

— O que elle estava vendo alli era um moço muito chique. E ella o que via ?

— Tambem um moço.

— Que moço ?

— O do chromo.

O dr. Teixeira podia *ordenar-lhe* que contasse tudo; mas não o quiz á vista dos paes. Pretendia chegar ao mesmo resultado sem ser por esses meios.

Preferira ficar no claro-escuro, na meia-luz de seus pensamentos discretos.

— Para acreditar que ella estava vendo o moço, era preciso que ella lhe dissesse que mais via ao redor delle.

A doente pensou por muito tempo e depois sorriu-se.

— Dissesse! Queria vêr si ella não lhe estava enganando. Que cousa via depois do moço?

— Depois o lago e o jardim... O jardim á beira do lago.

O medico estava de uma satisfação luminosa; fitava-a com olhos accêsos, fortes, dilatados. Parecia querer arrancar-lhe, com o pensamento armado em garras, a confissão de um segredo. Sentia nova luz por sobre a cura em que se empenhava. Estava obtendo a descripção inconsciente do chromo. *Havia um lago e um jardim. O jardim ficava á beira do lago.*

— E depois?

— Depois a grade...

— Que grade? Ouvira o gallo cantar e não sabia aonde! Queria enganar-o que estava a vêr o chromo! Que grade? Falasse!...

E tomou-lhe os braços, apertando-os á altura dos pulsos.

— Olhasse para elle! Olhasse!...

E ella olhou-o fixamente.

— Que grade? Dissesse! *Ordenava.*

Todos prestavam extraordinaria attenção ao medico, sem comprehenderem por que maravilhas entrava a moça em socego.

— A grade do jardim...

— E ahí que cousa via?

—
O
quiz or
Parecia-
inconsci
revelar
talvez n
Si e
tesse tal
caracter
Ord
que dor
dasse co
depressa,
chegar a
Esth
Elle
esta not
banha un
Timi
que hypn
o delirio,
pois man
indicações
caso aind
E diz
mesmos r
sadamente
e, sem m
nervoso e
toda a pre
No fir
rapaz de

— Elle !

O dr. Teixeira julgou que era o sufficiente. Não quiz ordenar-lhe que dissesse quem era esse *elle*. Parecia-lhe um proceder indigno abusar do estado de inconsciencia da enferma, para humilha-la a ponto de revelar á vista de todos o que em seu estado normal talvez nunca dissesse a ninguem.

Si estivesse a sós com ella, talvez que commettesse tal crime, semelhante sacrilegio, que perante seu character equivalia a uma desvirginação mental.

Ordenou em seguida que ella fechasse os olhos, que dormisse tranquillamente duas horas, que accordasse com as melhores disposições possiveis de sarar depressa, envidando de sua parte todos os meios para chegar a esse fim.

Esther adormeceu naturalmente.

Elle tinha escripto na sua carteira de lembranças esta nota : — *Um chromo representando um lago que banha um jardim, em cuja grade está um moço.*

Tímido, porque eram essas as primeiras vezes que hypnotisava, tinha elle receios de que, si voltasse o delirio, ella reconhecesse a ceifeira. Previdente, ia pois mandar fazer um pequeno quadro sob aquellas indicações, de modo que elle ajudasse a suggestão, caso ainda tivesse de empregal-a de futuro.

E dizendo aos outros que continuassem com os mesmos remedios e a mesma alimentação, foi apressadamente buscar ao canto o guarda-chuva e o chapéu, e, sem mais palavra sobre a sua doente, despediu-se nervoso e preocupado com as suas idéas, e sahio a toda a pressa.

No fim da rua Aurora havia um moço, pintor, rapaz de muita habilidade, que copiava, da natureza,

folhas, flôres e pequenos espécimens de arbustos, para o grande *Herbario* que o dr. Teixeira estava compondo, havia trez ou quatro annos. Foi para a casa do pintor que o medico se dirigiu. Ia apressado, pallido. Tinha deixado em casa do major todos desconfiados, perplexos com a sua brusca retirada.

O major, a mandado da esposa, que ficara em lagrymas, puzera-se em marcha, a correr, para alcançal-o, o que conseguiu, todo esbaforido e suado.

— Doutor ?

E o medico sustou os passos.

— Então ? continuou o major, arquejante de cansaço. Não havia mais remedio ? Aquella sua sabida fôra um desengano para a familia.

O dr. Teixeira riu-se daquelle susto.

— Como ? Si elle ia buscar o remedio, o remedio que procurava havia tanto tempo, aquelle remedio secreto, que só agora descobrira, e que lhe ia acabar de uma vez com a pertinacia da molestia, com os tenebrosos delirios ! Não se assustasse que a moça estava salva !

O major Cornelio não queria acreditar no que estava ouvindo.

— Sim ! era verdade ! O morbus ja tinha dado de si, alegre repetia o doutor, convencido. A mudança do objecto do delirio significava uma baixa na excitação nervosa da doente. A cobra, até alli, tinha sido uma prova genuina de desarranjo propriamente physiologico, anatomico ; o chromo, não ; para elle era a prova de uma idéa-fixa, que deixava de ser latente, e evidenciava portanto que, já agora, em vez da molestia subir da carne para o pensamento, descia do pensamento para a carne. As idéas-fixas eram

vícios e
muitos ca
feito os
feito os
genios !

E fa
damente

tor Teixe

— A

porventur

applicado

ainda em

ia falar á

E o r

Ousou pe

— Ma

E o r

justo orgu

— O

Deixo

elle o fact

magnetism

de hypnoti

não expor

Era lo

duas alegr

só causa, a

No sa

major Cor

a unica filh

phrase sine

Nesse mom

medico tive

vícios elevados que o espirito contrahia, e que, em muitos casos, conduziam á loucura. Ellas é que tinham feito os grandes artistas; ellas, tambem, é que tinham feito os grandes desgraçados, os grandes homens, os genios!

E falava apressado, nervoso, eloquente, profundamente satisfeito. Estava radiante, fulgurava o doutor Teixeira.

— Agora tinha achado o remedio, um remedio... porventura o mais importante de todos que tinha applicado até então, e dos quaes ella continuaria ainda em uso, porque falavam á materia, e este outro ia falar á alma.

E o major estava tão alegre que parecia idiota. Ousou perguntar:

— Mas... que remedio?

E o medico batendo na testa, num arroubo de justo orgulho, disse:

— O hypnotismo! e deu-lhe o braço.

Deixou-se conduzir o major sem resistencia; para elle o facto de hontem e o facto de hoje pareciam magnetismo; como o medico, porém, chamava áquillo de hypnotismo, assentou de nada perguntar, para não expor a sua ignorancia.

Era longe a casa do pintor. Iam ambos alegres; duas alegrias diversas, volumosas, derivadas de uma só causa, a salvação da rapariga.

No santo amor e egoismo de pae, sentia-se o major Cornelio outro homem, por vêr livre da morte a unica filha « com que Deus o presenteara », na sua phrase sincera de affectos e de crenças religiosas. Nesse momento pouco se importava o major que o medico tivesse feito uma africa na medicina moderna

ou tivesse descoberto o antidoto daquelle mal; o que queria era a certeza de que a filha, a sua querida Esther, ia se levantar do leito. E até, em sua imaginação pouco dada aos exercicios da phantasia, já parecia vê-la de pé, a encher a sala com o piano, e as horas com suaves risos e ditosos passatempos. Via-a pelas ruas, a passear, sacudindo as fórmulas que elle adorava, no seu balanço congenito, que tinha um *quê* de preguiçoso e outro *quê* de meiga, natural faceirice. E fazia intimamente, de si para si, grandes protestos de generosidade para quando ella sarasse. Havia de lhe fazer todas as vontades, ainda as mais exquisitas; accumulal-a de presentes, todos os dias, sem parar, enquanto ella existisse. Podia fazer tudo isso, era rico; e de filhos só tinha a ella e a Ricardo. E ella era o que todos sabiam — um grande talento e um grande coração! Não seria muito que lhe satisfizesse todos os desejos... Depois, que desejos poderia ter, que lhe entrassem ás devéras pela fortuna? Pobre della! Era até economica! Nunca quizera de mais!

E iam caminhando.

Agora desciam elles o beco das *Taquaras*, que desembocava na rua Aurora.

O medico ia calado, olhando para o chão, pensando grandes cousas, com a sua alegria explosiva, vibrante, e tambem sincera; alegria dupla: — de salvar a rapariga pela propria rapariga, e de verificar duas cousas — uma, que o hypnotismo era uma verdade, — outra, que elle medico se revelara hypnotisador.

E a seus proprios olhos surgia o seu talento de Esculapio com proporções colossaes, jogando com a natureza humana como si jogasse em seu laboratorio

com os
mente c

Esta
suas qu
junto d
porcent
fazer em
perencia
scientific
seculo d
geral? A
ter occa
munha;
tomato.

cera-lhe
annullara
da mater
madrigue
ao sol de
no camir
nismo mo

— Ia ago
receios d
a medic
das phar
dava mel
thologica

— Op
nuava ell
tomada,
ocasião,
formando
existencia

com os saes da chimica, em precipitados anteriormente determinados.

Estava ganha a batalha. Aquella verificação de suas qualidades de hypnotizador ia servir-lhe de muito junto de seus doentes, diminuindo evidentemente a porcentagem dos casos graves. Estava resolvido a fazer em todos os sentidos uma série enorme de experiencias de hypnotismo. Não era esta a descoberta scientifica mais importante do fim do seculo, deste seculo de tremendas catastrophes e de uma nevrose geral? A ella mesma, á sua doente, ainda esperava ter occasião de hypnotisal-a, a sós, sem mais testemunha; ahí então saberia tudo, redusil-a-ia a um autotomato. A cousa marchava ás mil maravilhas. Torcera-lhe a individualidade pelo methodo suggestivo; annullara-lhe essa nota mais intima, essa nota-base da materia organizada e consciente. Descobrira-lhe a madrigueira do espirito, lebre ociosa que lá dormia ao sol de uma paixão desconhecida; entrara de vez no caminho da cura; fizera-lhe a autopsia do organismo moral; deitara o dedo sobre o nervo offendido. — Ia agora proceder á cura, livre, desassombrado de receios constantes. Era esse um dos casos em que a medicina do espirito podia mais que a therapeutica das pharmacias, em que a physiologia do cerebro dava melhores resultados de que toda a sciencia pathologica.

— Operando sobre o espirito da doente, continuava elle a pensar, guial-o-ia na propria direcção tomada, desviando-o, conforme as conveniencias de occasião, deste ou daquelle precipicio á margem, transformando-o evolutivamente em seus elementos de existencia, domando-o, subjugando-o dentro da jaula

de seu systema nervoso, dando-lhe ahí dias de paz, de perfeita tranquillidade, para que elle espirito não descesse, leão feroz, pelos nervos de seu corpo, sob a fórma de emoções candentes, que lhe perturbavam a elle medico a victoria da cura, e, no organismo da doente, os effeitos dos remedios. Aquelle corpo de neve, que sobre o leito mortuario elle medira com affectuoso olhar, nas convulsões do delirio; aquelle seio de Madona, que guardava o coração que elle ouvira bater sob o triangulo da camisa; aquellas veias jugulares que tinham ruidos sinistros... tudo isso ia entrar no periodo da quietação nutritiva; e o estomago da doente, livre dos impetos do cerebro, assimilaria com proveito a sua prescripta, benefica alimentação. Traria, pois, assim, nesse estado de captivo, o captivo espirito daquella mulher formosa, que, na historia da conservação da especie, lhe atirara inconscientemente, aos seus 33 annos de idade, pela primeira vez no mundo, a luva fatal de um amor que elle não vencia. Tral-o-ia pois nesse estado até que o corpo, já refeito e reconstituído em seus principios anatomicos, pudesse supportar-o, a elle espirito, em toda a sua personalidade, sem prejuizos para si ou perdas para elle; porque nessa occasião, e occasião que só appareceria quando a julgasse opportuna, esse grande espirito de grande mulher já não seria o mesmo de hoje, demudado em suas partes e em seu todo, em seu modo e em sua susceptibilidade, pela influencia continua que a sua palavra de medico (mais que de medico,—de escravo, senhor e amante) ia sobre elle exercer. Nesse tempo, então, soltal-o-ia da jaula, dizendo-lhe com ironia — que fosse agora abalar nervos e musculos, como os leões da India abalando valles

e montes;
 tinha cap
 indomav
 braza do
 de grand
 Andrócle
 ciara, hu
 romano,
 tomago.
 cheio de
 abraçal-o
 se amam
 a parte,
 na terra,
 que o ast
 Sim! abr
 que se ar
 se não to
 do mundo
 progenito
 perficie d
 Natureza,
 das dores
 planeta, c
 sem nome
 reconcilia
 transforma
 leis socia
 na lucta p
 de fazer e
 especie. A
 num meio
 pela fome

e montes, com seus descommedidos urros. Fosse, si tinha capacidade para tanto, e si na sua juba, outróra indomavel, não havia ainda pousado o guante em braza do domador hypocratico. Esse grande espirito, de grande e formosa mulher, seria como o leão de Andrócles, que, reconhecendo a mão que o beneficiara, humilde a lambera, a vida poupava ao escravo romano, mesmo quando a fome lhe castigava o estomago. Humilhar-se-ia em sua grandeza; fital-o-ia cheio de bençams, de sympathias, de amor talvez; abraçal-o-ia nesses intangiveis abraços daquelles que se amam e que se não tocam; procural-o-ia em toda a parte, como o heliotropismo das plantas, imitando na terra, a 38 milhões de leguas, o curso de fogo que o astro do dia faz na azulada abobada do céu. Sim! abraçal-o-ia nesses intangiveis abraços daquelles que se amam e se não tocam! Os que se amavam e se não tocavam! — esses é que eram os povoadores do mundo, raça fertil de desventuras, grandes, prolificos progenitores de um povo de miserias, a encher a superficie do globo, sem patria nem lingua perante a Natureza, a não ser a patria das miserias e a lingua das dores da vida! Esses brotavam a cada canto do planeta, como os cogumellos das epochas primitivas, sem nome na historia; em sua maior parte, párias irreconciliaveis do destino, victimas anthropogenicas das transformações do Universo! Com a fatalidade das leis sociaes, num regimen distinctamente plutocratico, na lueta pela existencia, não tinham elles o direito de fazer escolha para a conservação e perfeição da especie. Ahi só se notava a conservação do individuo, num meio em que todos os inimigos foram creados pela fome do ouro, ficando de parte todos os ele-

mentos moraes que podiam fazer do homem o verdadeiro deus no centro do infinito. Era por isso que nas velhas nações da Europa decrescia a importancia intellectual das familias, e quando um vulto conseguia elevar-se até ás eminencias da contemplação do mundo, elle era só, fechado philosophicamente no subjectivismo de sua personalidade egoistica; viera de longe atravez de mil gerações e vagarosos seculos, anonymo em genealogia, passando de ventre a ventre na onda da evolução espermatica, crescendo em meditação e saber, na soledade immensa de seu pensamento illuminado, em cujo circulo não vibrara o tinir dos valores convencionaes, e nem passaram os phantasmas adoraveis dos opulentos regalos. Esse, e seus companheiros de lucta — vieram no vagalhão lodoso da vida; brotaram nessa fermentação cosmica, que ainda cobre a crosta do planeta, mas que, como seculos são momentos, ha de desaparecer, e com ella a vida e com esta a dor. Esses, ahí mesmo, á margem da existencia, no curso vertiginoso dos dias, davam pasto, bestialmente, ás necessidades de seu corpo, na grande confusão de um communismo natural; e passavam adeante, até que as visceras irritadas pediam novas cousas, e novas cousas lhes eram dadas! No templo immenso da Natureza, na inconsciencia eterna das cousas tangiveis, não havia a *Moral*, essa obra dos homens, nem a *Lei*, nem *Deus*, nem *previdencia*, nem *predestinação*, nem *principio*, nem *fim*! Não era a *Lei* que determinava o phenomeno, mas este que, por parecer sempre o mesmo, fôra estupidamente chamado eterno e mettido dentro de um molde mental que os habitantes do globo baptizaram *Lei*! Tudo isso, no curso intermimo do tempo, desta abstracção que tem

por nome
subsistia
simplesme
cousas, q
espirito, u
mente não
sua existe
ganismo p
voz, o ges
etc. Na gr
em trevas
fazer-se a
dessa força
ou *alma* g
la escrever
raveis dado
liano e Bo
para as cor
do espirito
que os estu
Neste p
o chamara
que não pa
de suas alt
— Onde
O dout
seus volume
casa do pin
Voltara
O pinto
menos; — Ja
proletario fr
terno aos da

por nome *eternidade*, desapareceria na fôrma, mas subsistiria na essencia. Mas o que se conhecia era simplesmente a fôrma, que mudava o aspecto das cousas, que lhes alterava a unidade da existencia! O espirito, um modo de ser da materia, ainda que actualmente não explicado como tal, só junto della tinha a sua existencia, communicando-se de organismo a organismo por intermedio dos recursos organicos — a voz, o gesto, o olhar, a expressão das emoções, etc. etc. Na grande esphera desse mundo moral, ficado em trevas até quasi os fins do seculo dezenove, ia fazer-se a luz pelos estudos de então, pelas pesquisas dessa força immensa de actividade, cujos nomes *espirito* ou *alma* guardara da antiga a moderna philosophia — a escrever uma obra, para a qual já tinha innumeraveis dados, e em que encontraria a sciencia de Galiano e Boerhaave, o medico de Leyde, novo rumo para as conquistas da familia humana. Ahi o estudo do espirito seria mais desenvolvido cincoenta vezes que os estudos do corpo...

Neste ponto teve que parar, porque o major que o chamara diversas vezes, vendo que estava surdo, e que não parava, sacudiu-o com força para despertalo de suas altas cogitações.

— Onde iam afinal de contas? perguntou o major.

O doutor Teixeira, entregue á onda sanhuda de seus volumosos pensamentos, havia deixado atraz a casa do pintor, para onde se dirigia.

Voltaram ambos e bateram palmas.

O pintor era um moço de 26 annos, mais ou menos; — Jacob Despois, o seu nome. Filho de um proletario francez, de Pariz, abandonara o tecto paterno aos dezeseite annos, e fugira para o Brazil em

fins de 1868, afim de tentar fortuna, não como pintor, mas como qualquer outra cousa. Physionomia serena, intelligente, de traços delicados, encimava-lhe a fronte uma cabelleira fina e loira, que lhe cahia pelos hombros em anelladas madeixas, dando-lhe ao busto aquelles tons romanticos e adoraveis que os escriptores idealistas emprestam ao velho, pallido e triste Nazareno.

O pintor os recebera em sua salinha de trabalho. Fumava nesse instante a primeira cachimbada após o cheiroso café da manhan.

Sem mais preambulos, o doutor tirou da algibeira de dentro a sua carteira, e, abrindo-a sobre a mesa, junto do pintor, leu:

« Um chromo, representando um lago que banha um jardim, em cuja grade está um moço. »

E accrescentou:

— Preciso disto hoje; daqui a pouco, o menor tempo que fôr possível. E' um pequeno quadro... Tem ahí um lapis... uma folha de papel?

O pintor trouxe o papel e o lapis.

O medico deu os traços, como elle queria a obra:

— E que fosse a côres; não precisava perfeição: o quadro podia ter uns vinte centimetros de largura sobre quinze de altura. Fizesse o jardim para a esquerda; o moço bem distinctamente na grade; o lago para a direita... o céu... só, nada mais. A que horas estaria prompto?

— Ao meio dia mais ou menos, para ter tempo de seccar... Ia fazer com tinta que seccasse logo...

— Isso mesmo! accrescentara o medico, dando-lhe a mão e sabindo acompanhado do major.

Quando tinham andado um pouco, o major adean-

tou dous passos e, parando-lhe á frente, poz-se muito serio a olhal-o interrogativamente.

— Que era aquillo? perguntou o medico.

— Boas! então que era aquillo, não? E o remedio?

— Pois o remedio estava se fazendo... Era o quadro.

O pae da doente teve a principio desconfianças do bom senso do medico. Depois lembrou-se das ultimas scenas do hypnotismo. Pediu explicações.

O medico explicou-lhe com certas reservas, necessarias á cura, o seu pensamento; como pretendia proceder; os resultados que ia tirar... e invocou a historia da cobra, desfeita pelo cinto, para convencer ao velho major. Contou-lhe oito ou dez factos semelhantes; falou-lhe de Charcot, de Feré, de Bernheim, uma immensidade de curas pelo hypnotismo; e na esquina das *Taquaras* despediu-se, ficando de lá ir ao meio dia mais ou menos.

De toda a parte agora chegavam cavalleiros e gente a pé, que vinha do campo ou da matta, de fazendas ou de pequenos sitios, para assistir á missa do dia.

O grande empenho do dr. Teixeira era substituir quanto antes o quadro da ceifeira pelo do pintor, porque o deste ia representar mais ou menos a idéa-fixa da rapariga. E só lhe seria apresentado quando ella entrasse em delirio, para aproveitar-lhe, assim, o momento de excitação em favor de suas suggestões, caso ella desobedecesse a *ordem* que elle lhe pretendia dar ainda, durante um *somno provocado*, de não pensar mais no *chromo* emquanto não sarasse de todo. Esperava que o seu artificio apresentado no

momento do delirio, se lhe inoculasse no espirito, dando-lhe nova direcção de funcionamento, como certos remedios, cuja acção só se accentua e apparece quando applicados no momento physiologico do mal.

E enquanto esse tempo decorresse, as suas receitas, physico para o physico, lhe iriam concertando o organismo, preparando-o para poder ter em equilibrio o grande movimento de composição e decomposição, que é a base condicional da existencia. E dado que fosse esse facto,—moral para o moral, a sua palavra se fundiria no espirito della, numa endosmose de luz, modificando-o, illuminando-lhe a róta, vivendo com elle, com elle unificada, abrindo-lhe as azas, voando... voando para o azul, porque o azul era o futuro, onde, como seus dous espiritos—seus dous corpos se identificariam para a eterna gloria da especie, e do egoismo que a paixão delle tinha. Assim o pensava.

Ao meio dia fôra o medico buscar o quadro, que estava prompto.

Jacob Depois fizera obra limpa, posto que ás pressas. Lá estava o jardim á esquerda, segundo ordenara o doutor, e recostado á grade, bem distinctamente vizivel, um bello moço que scismava fitando ao longe, sobre o azulado espelho do lago, um barquinho que lhe sulcava a superficie tranquilla.

— Bom! que estava magnifico! replicou, agradecendo a Depois a prestesa e consideração com que o fizera, trabalhando em domingo.

Nesse dia voltou o medico mais de uma vez á casa do major, sem occasião de pôr em pratica a sua medicina moral.

E, assim, passaram-se ainda dous dias, chegando elle a suppôr que a almejada occasião não appareceria mais. Engano.

A' noite do terceiro dia voltou o delirio do chromo, com uma intensidade assustadora.

Era 10 horas quando Joanna entrou no gabinete do medico, que lia nesse momento uma obra moderna sobre o systema-nervoso, tendo a um lado trez tiras de papel cheias de notas, e ao outro lado um livro de mr. Charcot, em que as mesmas questões vinham brilhantemente estudadas.

Joanna começou a falar, e elle fez signal com a mão que esperasse um pouco. Leu mais algumas linhas, foi á estante, abriu-lhe as portas de vidro, tirou um volume de mr. Luys — *Iconographie photographique des centres nerveux*, percorreu sofredamente o indice e voltou atraz ao capitulo desejado, em que passou os olhos, com uma rapidez quasi incrível, nas duas primeiras paginas, terminando por esta exclamação :

— Ah! cá está!

E, pegando da penna, accrescentou mais uma nota á terceira tira. Fechou os livros e ouviu a Joanna.

Apenas soube de tudo, pegou o quadro que estava embrulhado em um jornal, apagou o lampeão e partiu a toda a pressa.

— O chromo, o chromo! Tragam-me o chromo! Eu quero o meu chromo!—repetia Esther, quando o dr. Teixeira abriu o reposteiro e penetrou na alcova.

A sala estava no escuro.

No quarto, encostado á grande commoda da

frente, Ricardo accendia mais trez estearinas na serpentina de crystal que já tinha trez accêsas. Junto do leito de Esther d. Euphrasia consolava-a, segurando-lhe os braços, detendo-a em cima para não saltar fóra. O major a ajudava nessa empresa de amor paternal, falando á filha com palavras doces, promettendo-lhe o chromo que estava com o doutor, que não tardaria.

Numa afflicção estranha, tinha a moça tirado a camisa de flanella, que, com a febre daquella emoção nervosa, lhe augmentara na epiderme a copia de suor. As manguinhas bordadas da camisa de morim morriam-lhe em meio da curva humeral, em lagrymas de renda, que cahiam até um pouco abaixo, mal tapando, quando ella erguia os braços, o feixe mimoso de uma pennugem setinosa e curta que lhe escurcia as axillas, não como sombra, sinão como penumbra, na lactea candidez de sua pelle finissima. Os braços nús sahiam daquelles anneis de renda como dous modellos de marmore, reflectindo a alma artistica de algum esculptor grego. Depois rodeava-lhe o afogado decote a todo o formoso collo, em quem uma longa selecção natural puzera o esmero que só os seculos podem dar; mas, nem tão afogado era esse decote que occultasse as primeiras elevações do seio abundante e tenro, suspenso em si mesmo pela vitalidade daquelle temperamento, pela natureza de sua musculatura e pela força daquella mocidade. Era como quem visse as bases de um outeiro uberrimo, com os topos escondidos na cima, lá onde se extendessem fertilissimas vinhas de saboroso succo. Era como quem sentisse a vontade de galgar o lombo dessa pequena montanha, para lá, bem do alto, se embriagar de

néctar, não do que prostrou Noé, mas dessa divina ambrosia que a volupia estilla no olhar, e o contacto a derrama nos nervos.

Esther, sentada na cama, estava com o rosto afoqueado. Pobre de sangue, ainda assim a força nervosa das emoções dilatava-lhe os capilares faciaes, a ponto de alemanisar-lhe o semblante.

— O chromo! o chromo! Tragam-me o chromo! Eu quero o meu chromo!

— Então? que vinha a ser aquillo? com severidade perguntara o medico.

Ella poz-se a fital-o, socegando com a sua presença. Tinha erguido os braços e trançado as mãos na nuca, com o corpo vergado para traz, o olhar supplice sobre o olhar do medico.

Naquelle posição, saltavam-lhe os seios para a frente, debaixo da camisa de morim que sobre elles se encartuchava, lhes desenhando as pontas culminantes. Via-se um pedaço do collo, e nas conchas axillares, entre a pelle e as mangas repuxadas, o pêllo negro brilhava, curto e macio, atapetando a brancura da epiderme.

A pupilla do medico teve uma phosphorescencia momentanea. A sua imaginação viu-a nua naquelle momento.

— « Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas e o céu e o ar visinho
E tudo quanto a via a namorava! »,

pensou o medico, lembrando-se de Camões.

« Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos que como hera se enrolavam ».

Mas foi um momento só. Vendo-lhe o olhar suplice, perguntou-lhe baixinho ao ouvido :

— Noiva ?

E ella teve um movimento brusco de colera, e elle verificando que não devia de ir por aquelle caminho, fechou-lhe as palpebras, ordenou-lhe que dormisse uma hora, e que emquanto não sarasse não pensasse mais no chromo. E ella adormeceu tranquillamente.

Perguntaram-lhe mil cousas sobre o estado da doente.

— Não seria nada, já agora garantia. E, até certo ponto, estava mesmo a querer suppôr que os ultimos delirios, causados por motivo estranho á molestia, lhe fossem favoraveis á evolução da cura, porque até certo ponto, tambem, vasculejavam-lhe o sangue por todas as veias, sendo portanto a irrigação cerebral completa, o que não se dava na anemia e justamente o que se tratava de conseguir em casos como taes. Quanto ao delirio do chromo, esperava que não voltasse, pois assim ordenara. Guardassem o chromo; si o delirio voltasse e ella o pedisse, déssem. Não acreditava que isso acontecesse; havia todas as probabilidades de manter-se incognita ou indifferente como dantes, guardando no emtanto a recordação suggerida com proveito durante o ultimo delirio. Ficara-lhe a consciencia tranquilla. Era o bastante, cria, para que a fortissima emoção não se repetisse. E assim sendo, dentro em pouco, com os remedios que tinha applicado, ella estaria de pé e em convalescença franca.

Era quasi meia noite quando o medico se retirou.

Esther dormia com uma serenidade imperturbavel. Tinha no rosto um aspecto de venturas indiziveis.

Com effeito o delirio não voltou mais.

Todos os dias ia vê-la o medico, auscultal-a, interrogar... Soube em palestra que d. Euphrasia, mais ou menos naquella idade, tivera tambem a doença da filha, só com a differença de não ter tido os delirios. O medico soube disto com alegria.

Estava a vêr cada vez mais confirmadas as suas crenças scientificas, triumphante o hypnotismo — o verdadeiro, unico e luminoso futuro da medicina em sua opinião.

O tratamento prescripto era administrado com todo o rigor. O doutor Teixeira, ao mesmo tempo que cuidava de impedir a marcha da molestia, fortificava o estomago de sua doente para que as digestões fossem as melhores possiveis e houvesse completa assimilação.

Leite em grande quantidade, preparado com ovos; extracto de carne em sôpas substanciaes, gemmadas quanto ella quizesse e calices de fino *Porto*. A genciana, o ferro, a quinina, o alcool, entravam constantemente nas receitas do medico, que os revesava conforme entendia. Tinha pedido a Esther o sacrificio de não se levantar sinão em ultima necessidade, de se conservar sempre deitada, ao menos por alguns dias.

E assim foi.

Ao fim de algum tempo, já o calôr lhe apparecia pelo corpo e todo o seu rosto revelava outra vida, outra expressão.

Todas as noites, agora, lá ia o medico a passeio, e se deixava ficar na prosa até tarde, numa intimidade cada vez maior, cada vez mais confidencial, em grandes palestras humoristicas, em que elle dera a conhecer esse lado de sua alma até então desconhecido,—o da pilheria. Riam-se todos a valer e, como caso puxa caso, cada qual contava o seu, menos a doente que

estava prohibida de falar muito. Eram historias de outros tempos, de cousas engraçadas, e ás vezes um tantinho livres, que só podiam ser referidas em concilio familiar, onde ha confiança reciproca que estabelece o respeito mutuo.

E assim era, todas as noites, e lá estava constantemente o doutor, preparando elle mesmo os remedios, e os dando, e tambem os alimentos, ás vezes, á sua enferma, que já lhe fitava os grandes olhos agradecidos, com um sorriso tão suavemente doce e illuminado, que o doutor sentia-se leve, feliz, dilatado em seu proprio orgulho, só pensando nella, só vivendo do grande effluvio promanado de toda aquella individualidade angelica. Elle via quasi coroada a obra de seus esforços, de sua dedicação illimitada, de suas pesquizas intimas, unicas que lhe lançavam no espirito a ponta aguda de um espinho amoroso, no tubo por onde lhe passavam todos os pensamentos que sahiam feridos do outro lado.

Foi preciso ainda hypnotisal-a diversas vezes. Já agora fazia-o elle sem a menor difficuldade, ordenando ás vezes de longe, com um aceno ás vezes.

E, hypnotisada, elle fazia-a rir, provocava-lhe cousas admiraveis, enganos que espantavam os assistentes, casos de completa insensibilidade localisada onde elle quizesse, illusões suggeridas a todos os sentidos, até á alienação da propria consciencia.

Fazia-a obedecer ás ordens dos outros e ella obedecia passivamente.

A convalescença marchava com rapidez.

Ella comia bem e de tudo que era prescripto, pois com as suggestões desfizera o medico todas as repugnancias da moça.

Quinze dias depois já Esther passeava em moderados exercicios por todos os commodos da casa.

Ao fim de um mez começou ella a dar pequenos passeios fóra, manhans e tardes, a alongal-os a pouco e pouco, a oxigenar-se de ar livre, a plenos pulmões, nos bellos dias de Outubro, ao sol da primavera, mez alegre e creador, que enfolha as arvores despidas e enverdece os campos queimados.

Quando o seu organismo teve capacidade de supportar maiores provas, mandou o medico que ella tomasse banhos de chuva, sujeita a regimen severo de alimentação tónica, em que os oleosos e ferruginosos entravam em grande escala, refundindo-lhe toda a economia vital.

Nesses passeios, manhans e tardes, o medico estava rente, sempre amavel e attencioso, infantilizando-se a cada instante, a proposito de qualquer cousa.

Já corria pela cidade o boato de que o doutor ia casar-se com a rapariga.

Dous mezes depois, quem a visse não diria que ella, a filha do major Cornelio, tivera estado tão doente. Completamente outra. Pleno equilibrio de circulação sanguinea; pleno estado de funcionamento nervoso; plena harmonia de movimento em todos os seus orgams e aparelhos anatomicos.

E agora, mais bella do que dantes, porque tinha mais carne e mais sangue, todas as suas fórmãs apresentavam soberbos tons de uma vitalidade adoravel, em que as graças e os risos corriam de porfia.

Restabelecera-se a paz na extremosa familia; voltaram-lhe os dias de luz da eterna primavera, que se ennublara um momento.

tado

A

quena

não c

o maj

e a i

somm

que j

reduzi

Depoi

a sua

forma

áreas

terras

uns q

—

*

rente d

de No

e Rio.

IV

SOBRE velhos — novos dias se acamavam.

Todas as cousas em casa do major tinham voltado ao seu primitivo estado.

A grande questão de actualidade, no seio da pequena familia, era o que se devia fazer de Ricardo, não como garantia de futuro — porque o peculio que o major conseguira reunir, graças a pequena herança e a intelligente trabalho agricola, representava uma somma, um capital volumoso, bella e solida fortuna, que ja havia alguns annos, estava elle tratando de reduzir a titulos da divida publica, a dinheiro seguro. Depois de um trabalho constante e penoso, em que a sua actividade e o suor do escravo haviam se transformado em vastos cafezaes, que occupavam enormes áreas de fertilissimos terrenos, livres de geada, em terras rôxas, no *Oeste* de S. Paulo *; depois de uns quinze annos de lucta permanente com o sólo

* — Chamar *Oeste* ao Norte de S. Paulo é um erro corrente da geographia paulista, do mesmo modo que se chama de *Norte* toda a zona cortada pela estrada de ferro *S. Paulo e Rio*.

virgem e portentosamente recompensador das terras do poente desta laboriosa provincia, com proporção es-pantosa crescia em cada safra a avultada fortuna do major Cornelio. Não se tratava, por isso, de formar o futuro monetario do rapaz, sinão de dar-lhe educação consentanea com a posição que elle pudesse occupar um dia na sociedade brasileira.

Esther opinava que devia de ir para os Estados-Unidos, — estudar engenharia, carreira de muito futuro; pois que dentro de poucos annos o pensamento do paulista, expansão natural da direcção que ja hoje lhe tomava o espirito, seria o de *americanisar* o mais possivel o seu sólo, com grandes vias ferreas, assentadas em todos os sentidos, religando ainda as mais pequenas aldeias ao grande centro commercial e intellectual — S. Paulo. Não teria Ricardo necessidade da carta de engenheiro para viver; mas tanto melhor, — porque trabalharia pelo amor do trabalho, pelo sentimento do patriotismo, unindo seu nome á historia de sua provincia, e tornando-se della um filho benemerito.

— A idéa era bonita, affirmava o major; um tanto impraticavel, porque: — quando em S. Paulo, que se falava portuguez, Ricardo estivera dous annos sem nada apprender, quanto mais nos Estados-Unidos, onde se falava lingua estranha e difficil! Lá, então, decididamente que o rapaz levaria a vida a estudar o inglez. . .

— Que não, interrompera-lhe a filha. Era facil o inglez; muito mais que o francez. E, como a fome e a sêde é que punham a lebre a caminho, em terra estranha, a lingua que na patria da gente se apprendia em um anno, sem occasião de exercital-a porque se

tinha c
dida e
vendo-s
na ling
lhe falt
feito p
Muito t
é que
pessoa)
instanta
na falta
proprio
mento;
certo c
zileiro.
á moda
lhe fica
qualquer
tempera
dolente,
de estin
quem o
E fôra
sempre
vertir á
vezes, l
porque
presidia
uma que
nisso gra
Falo
— C

Mandal-o

tinha o recurso da lingua propria, — lá era apprendida em seis mezes, porque faltava esse recurso, vendo-se o estrangeiro obrigado a falar, bem ou mal, na lingua do paiz, para pôder ser entendido e nada lhe faltar. Demais, accrescia que era falso o juizo feito pelo pae sobre a intelligencia de seu irmão. Muito talentoso que o era. A sua intelligencia, (e nisso é que se podia conhecer a força intellectual de uma pessoa), a sua intelligencia era de uma rapidez quasi instantanea de comprehensão; o defeito della estava na falta de energia para manifestar-se de motu proprio, espontaneamente, por impulsos de temperamento; faltava-lhe certa dóse de calor e imaginação, certo colorido proprio da intelligencia de um brasileiro. Era muito intelligente, mas assim intelligente á moda ingleza. E ahí estava porque suppunha que lhe ficava melhor o estudo das mathematicas que qualquer outro; — e nos Estados-Unidos, porque, de temperamento um pouquinho passivo e um tanto indolente, entre nós Ricardo não encontraria exemplo de estimulo, tendo pelo contrario em seus collegas quem o desencaminhasse das obrigações a cumprir. E fôra o que se dera em S. Paulo: — pandegas e sempre pandegas. O brasileiro nunca poderia se divertir á ingleza, lá; depois de se desviar duas ou tres vezes, lhe appareceria o canção, o tédio da diversão; porque nas diversões inglezas era a monotonia quem presidia a festa. Talvez fosse uma questão de sangue, uma questão de raça, e os filhos de Albion achassem nisso grande jubilo.

Falou d. Euphrasia :

— Que eram só dois os seus filhos : — ella e elle. Mandal-o para lá... tão longe ! Sem um parente e

sem um amigo! Estudar engenharia, para que? Achava que os doutores em engenharia, e ainda por cima doutores que assim ficaram na terra dos outros, eram menos doutores que os de direito ou de medicina ou mesmo de engenharia, mas ficados doutores em sua terra. Isso de trabalhar de graça, só para ter o gostinho de vêr o nome em letra de fôrma, por todos os jornaes... ora bolas! era o mesmo que fazer a esmola só pelo prazer de ouvir o « Deus lhe pague ». Depois... ella ja estava velha e adoentada como não ignoravam. A maior dôr, que poderia soffrer, seria a de morrer sem ter, na ultima hora, de um lado a filha, do outro o filho, e o major, o seu velhinho, á frente. Assim, sim; morreria contente e se apresentaria a Deus Nosso Senhor limpa de peccados e de maguas, pedindo-lhe pelos seus que cá ficassem na terra!

Esther, que estava fazendo crochê, levou a ponta do avental branco aos olhos humedecidos e o major disse á esposa que ella sabia que elle não gostava daquellas conversas.

Continuou d. Euphrasia:

— Pois que era isso mesmo. Ora, si tinha proposito: — a familia, tão pequena, só de quatro pessoas, perfeitamente unidas e estimadas entre si com grande amor; uma coisa que até fazia inveja a todo o mundo, pois todos diziam... Si tinha proposito desmembrar-a, pegando o pobre do filho e o mandando para uma terra de barbaros, gente só do dinheiro, onde o menino podia até morrer em completo desamparo! Deixassem-se de historias! S. Paulo alli estava, e S. Paulo era feito de gente brasileira. Mandassem-no para lá, e que elle fosse doutor em direito; isso é que era...

o mais—pêta! Ao menos lá estaria entre gente que falava a sua lingua, e que, quando elle dissesse *ai ai*, havia de lhe perguntar o que tinha. E, si fosse uma coisa grave, elles saberiam logo e poderiam dar as providencias necessarias. Para que servia o telegrapho e a estrada de ferro?

Depois assentou-se que Ricardo não precisava de ser formado em nenhum curso superior. Ter uma carta, só pela vaidade de ser tratado de doutor, era luxo vergonhoso. Para tornar-se grande, impôr-se como homem de merito, como filho extremo e prestante de sua provincia, como homem respeitavel por serviços relevantes prestados ao publico, não era preciso graduar-se, sinão illustrar o espirito.

Esther era até de opinião que o merito de um leigo dos cursos do paiz tinha mais valia que o merito dos profissionaes, officialmente recommendados como bibliothecas ambulantes; porque o leigo representava um trabalho real, feito de longos annos de consciences estudos de gabinete, solidos pelo estimulo que os dictava, — amor ao saber, constancia no trabalho. Quando na vida o homem se via só na lucta pelo pensamento, sem a protecção official da falsa sciencia, os seus conceitos, por isso mesmo que mais emulação e mais sêde o individuo tinha de triumpho, os seus conceitos se avisinhavam mais da verdade, porque as suas pesquisas só visavam a verdade.

E nessas considerações, o espirito da moça abundava em exemplos bebidos na historia de todos os povos, onde a liberdade, estabelecendo a concorrência, a lucta pela idéa, tinha sempre marcado o verdadeiro progresso na actividade humana.

— Prender-se um homem a formulas sagradas,

com fanatismos de grande crente, em fôfa orthodoxia de classicismo em qualquer cousa, era immobilisar-se no passado, tentando immobilisar o presente; era collocar-se como montanha na estrada livre da evolução, fazendo o mal quando suppunha fazer o bem. Por isso deixassem livre curso ás tendencias de seu irmão, aproveitando-as apenas no proprio sentido em que se revelassem. Si aconselhara a sua ida para os Estados Unidos, não o fizera com animo menos affectivo de que o fizera a mãe oppondo-se áquella idéa, — sinão dentro dos limites dessas mesmas e ultimas considerações que acabava de exhibir; pois lendo-lhe na alma, suppuzera que lhe estava de conformidade com as tendencias, com o modo de ser do espirito, o estudo da engenharia. Para si, o maior prazer no mundo seria o de vê-lo um dia nome celebre na historia de sua patria, credor da gratidão postera por serviços anteriormente prestados á causa do homem na terra. Pertencia a essa ordem de sonhadoras cabeças, para quem a gloria tinha mais realce que as riquezas do mundo, — para quem não havia distancias no espaço nem impossiveis no tempo. Acreditava que era mais eloquente e duradoura a figura de Victor Hugo arrancando ao patibulo o, dentro em pouco, cadaver de um condemnado, que a prepotencia de um Rothschild, fundando bancos pelas capitaes do globo. Sabia que muitas vezes, ou quasi sempre, as idéas que professava não tinham apóio e nem comprehensão no cerebro dos que a ouviam; ou eram então mal comprehendidas e levadas á conta de loucura ou má indole; — mas nem por isso deixaria de tê-las e abraçal-as, pois que eram fructos de suas leituras, colhidos pacientemente com esse amor

desc
Tae
da c
lhe
mod
cous
de t
lustr
illust
fessa
ment
a ell
munc
neta
a elle
das g
mente
na vi
Sabia
favora
seus p
cuja v
como
infeliz
essas
passad
ticular
na esc
se-lhe-
donde
cala, c
gressiv
rudime

desesperado que ella sentia pelas cousas desconhecidas. Taes idéas devias ao pae, a quem agradecia do fundo da alma pela liberdade de leitura que lhe dera, nunca lhe recusando um livro pedido. E a iniciação desse modo intimo de comprehender, sentir e aceitar as cousas, devia-o ella ao grande e bom amigo commum de toda a familia, ao doutor Lins Teixeira, cujo illustradissimo espirito emprehendera, havia muito, a illustração do seu espirito, della. E nem sabia, confessava, como provar áquelle homem, tão profundamente bom e generoso, o quanto lhe era grata, ella a elle — que lhe ensinara a conhecer as cousas do mundo e a posição que occupava no planeta, o planeta no systema-solar, o systema-solar no Universo; — a elle que a fizera sentir o que era a vida, o nada das grandes cousas, e valor *constantemente, absolutamente* relativo de tudo. Sabia qual era o seu papel na vida, — ser fragil e passivo no curso da existencia... Sabia como aproveitar para si todas as circumstancias favoraveis que a Natureza lhe atirasse á frente de seus passos, sem jamais desobedecê-la em suas leis, cuja vingança, insultadas que fossem, era tão fatal como a queda dos corpos. Era muito feliz e... muito infeliz tambem; toda a sua alma se embalava entre essas duas alternativas. Lançando o olhar por todo o passado, e generalizando todos os conhecimentos particulares adquiridos por seu entendimento, via-se ella na escala ascendente da especie, em um degrau donde se-lhe-desdobrava um horizonte de raio immenso e donde contemplava todo o resto descendente da escala, diminuindo cada vez mais em seu caracter progressivo, até confundir-se com os primeiros seres rudimentares da vida. E a extensão percorrida por

sua imaginação ia a perder de vista, pelos seculos passados, até ás epochas primitivas das primeiras revoluções do planeta. E então, enaltecido o seu espirito do muito que o homem tem assignalado na historia da terra, ella se expandia nas grandes alegrias moraes de sua bellissima intelligencia. Vivia no mundo das evocações da memoria, sentindo as grandes emoções das eras de luz que marcaram as grandezas dos povos em contraste com a decadencia das nações. Era muito feliz quando assim se via — sêr elevado entre os sêres — cá, tão longe daquelles tempos, ao pé dos pórticos do futuro, quasi no seculo XX, cuja maravilhosa historia era concebida por sua imaginação. — Depois... era muito infeliz. Abandonando todas essas cousas que, num presente de muitos seculos, lhe entravam pelos sentidos, formando-lhe no espirito esses estados de consciencia, e subindo ainda mais pelo fio do pensamento até ás ultimas especulações mentaes de que era capaz o seu cerebro; concentrando-se tão somente em sua intelligencia; completamente fóra do mundo; jogando apenas com todas as suas potencias subjectivas, com todos os seus conhecimentos puramente abstractos, systematisados por methodo, ligados pelas relações crescentes do simples para o complexo, do homogeneo para o heterogeneo, do concreto para o impalpavel; — espiritualizando-se emfim; libertando-se por esse modo, num momento, dos laços da materia, ah!... como era infeliz! Que triste, tenebroso e lugubre o panorama que se-lhe-abria deante da pupilla intellectual! Oh inconsciencia do Nada! Como tudo se desfazia num instante! Que era a historia do mundo sinão um punhado de atomos congregados num canto do espaço; atomos que for-

maram
que fo
e não
sappar
recer d
concep
era da
milhões
ainda p
da Terr
um hom
nome? E
na terra
sem a c
de seus
consider
negra da
toria da
paço, se
inconscie
formaçõe
conscienc
noite sem
vagalume
INCONSCIE
ginaria im
em que se
Platão, e
calpelo da
velhos dor
toda a sua
attributos
mitavel (di

maram montanhas e rios, planicies e mares; atomos que formaram os animaes, atomos que se resfriaram e não puderam mais produzir a vida, a vida que desapareceu do planeta, o planeta que ha de desaparecer do systema-solar?! E perante a grandeza dessa concepção real do Universo (divino Democrito!) que era da obra dos homens representando o esforço de milhões de seculos? E perante a obra dos homens, que ainda permaneceria sem espectadores na crosta gelada da Terra, como acervo de insepultas glorias, que era um homem só, por maior que fosse? que valia um nome? E á frente desse homem, o maior que houvesse na terra, que vinha a ser ella, fragil, timida mulher, sem a capacidade de perdurar na memoria collectiva de seus semelhantes, sem a capacidade de se impôr á consideração dos posteros?! Entristecia-se até á mais negra das melancolias. Tudo isso era o *Nada!* A historia da vida no planeta, em todos os planetas do espaço, seria eternamente isto: — antes a eternidade inconsciente, o *nada*, a materia bruta em suas transformações constantes; no meio um pedacinho de consciencia (a vida), a brilhar na escuridão de uma noite sem aurora, como o lapso de luz de errante vagalume; depois... depois ainda o *nada*, a eterna INCONSCIENCIA para todo o sempre! E lá se ia a imaginaria immortalidade da alma, outro edificio humano em que se trabalhara com affinco depois da vinda de Platão, edificio modernamente derrocado pelo escabelo da Physiologia, que invadiu triumphante os velhos dominios theologicos. E lá se ia Deus com toda a sua magestade nunca vista, com todos os seus attributos incompativeis, com toda a sua gloria inimitavel (divino Democrito!)...

Pensava assim; assim o pensava o medico. Elle soubera aproveitar-lhe as tendencias livres do seu espirito.

E nessa ordem de pensamentos continuou Esther por muito tempo, falando, demonstrando aos paes como havia razão de assim pensar.

D. Euphrasia, que sentia o « desnorteamento » daquella cabecinha de anjo, deixava-se levar na onda veloz da convencida e simples eloquencia da rapariga, sentindo com ella os proprios sentimentos, pensando as mesmas idéas e convencida, em quanto ella falava, de tudo que ella falava. Depois, por não ter memoria que guardasse os argumentos, por falta de certo preparo e por inveteradas crenças, tudo terminado, continuava a ser a mesma d. Euphrasia de sempre, isto é : alma muito boa, religiosa, temente a Deus, boa esposa e boa mãe.

O major, esse sorria orgulhoso de vêr tanta « sciencia de philosophia » na cabeça da rapariga, e posto que nesse sentido estivesse no mesmo nivel da esposa, tinha até certo garbo e prazer em ouvi-la, e a provocava quando estava de veia. Habitua-se, havia muito, a ouvir a esse respeito grandes discussões entre o doutor Teixeira e outros doutores, e das quaes sahia vencedor o medico seu amigo.

Ricardo era do lado da irman, e quando a esta faltava um exemplo, um termo proprio, um facto que corroborasse o que estava afirmando, elle o fornecia calmamente, pois que com ella passava horas inteiras a ler taes cousas ou a conversar sobre semelhantes assumptos. O que não fazia era provocal-os : não lhe estava na indole.

Com tal temperamento e disposição para appren-

der, constantemente sequiosa de tudo saber, ainda os mais intimos segredos da Natureza que não se nega a quem a procura; tendo por espontaneo, officioso explicador, um homem de elevados conhecimentos, um verdadeiro philosopho pelo seu poder de generalisação, como o era o doutor Teixeira, — completamente restabelecida, passava agora Esther as suas horas vagas a devorar livros proveitosos de assumptos scientificos.

— Um cerebro de homem sobre um systema nervoso de mulher, era como a defenia o medico, quando a seus amigos falava intimamente della.

Com effeito o poder de comprehensão e conservação de idéas marcava naquella moça um facto admiravel de ordem mental entre mulheres.

Já agora, em pleno estado de saúde, tinha-se ella passado de novo para o seu quarto de dormir; um sotam espaçoso, mais sala que alcova, para cima do telhado da casa, alto, com oito janellas, duas em cada parede; estas deitavam para os pontos cardeaes. As janellas de norte e léste, essas, ella as conservava sempre fechadas; as outras, as de poente e sul, abertas sobre o grande panorama de oéste, vasta planicie em suave declinio, que ia a perder de vista até ás ultimas linhas do horisonte, a duas leguas de distancia, batida de sol, mosqueada, aqui e alli, das sombras ambulantes das nuvens que voavam por cima. Nessa grande área, de verdes campos e viçosas moitas, semeada de pequenos capões que accusavam fórmaz bizarras, gostava Esther de engolfar os seus olhos, perdida na scisma, ou acompanhando, de Novembro a Março, as nuvens que sobre os campos passavam, peneirando grandes chuvas como regadeiras do céu.

As janellas fechadas davam para a rua em que morava o medico; devassavam ahi algumas casas pelo fundo, principalmente a do doutor, que não tinha arvoredos que a tapassem directamente e que era vista até á sala de jantar. Esther, pois, as conservava fechadas, por natural discreção para com aquelle homem, a quem consagrava profunda estima, cheia de um respeito quasi paterno, quasi religioso, e não porque os seus olhos pensativos não gostassem de se apascentar, como nas outras, naquellas paisagens que o norte offerencia com a sua serra ao longe, e o levante com o seu sólo crescente, até aos taboleiros que deitavam para os campos do nordeste.

Nesse sotam estava tudo quanto era seu, excepto o piano, que tinha o logar de honra na sala de visitas: — pequenas estantes com os livros predilectos, commodas, cabides, guarda-roupas; uma pequena mas elegante secretária, onde ella estudava e escrevia; dois consólos com vasos de flores; duas mesinhas, uma á cabeceira da cama, pequena cama, muito limpa, sempre cheirando ao rosmaninho em que os lençóes e fronhas coravam, seccavam na fonte — bellas fronhas de crivo que ella mesma fazia com flores ou nomes, trabalhados admiravelmente. Era ahi que as suas horas se deslizavam agora, povoadas de pensamentos vibrantes, fartos de emoções sempre as mesmas, e com que, mau grado seu, ainda se não acostumara a sua actividade cerebral. Era ahi que ella passava a maior parte do tempo, quando só, quando não havia visitas, ou quando a figura insinuante do medico se lhe não derramava pelo espirito, no brando aconchego de proveitosos ensinamentos, de despretenciosas — illustradas palestras.

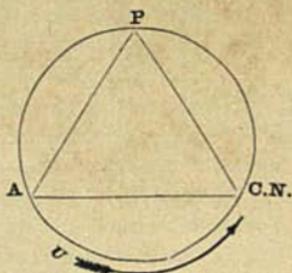
N
familia
lhe t
falava
no ju
todos
dindo
longin
rando
dendo
immer
cobert
os faz
da cre
as suas
— des
das me
até ao
cosmol
de tod
de, des
dondar
sicas de
do hon
E
medico
immuta
origem,
inconc
tantem
E
ultima
sempre

Nessas longas conversações, em que o resto da familia entrava apenas com pequenas perguntas, que lhe traduziam a admiração dos assumptos tratados, falava-se de astronomia, e então o cearense subia tanto no justo entusiasmo da sciencia chaldaica — que todos voavam com elle de estrella em estrella, medindo as distancias dos astros, embrenhando-se em longinquos, formosos, planetarios systemas, conjecturando sobre a pluralidade dos mundos habitados, perdendo-se no infinito do espaço, donde viam, sobre a immensidade do Universo, a Terra, grão de mostarda, coberta de um *fornigueiro* de homens, cuja vaidade os fazia suporem-se os reis, os primeiros productos da criação viva; — falava-se da physica, com todas as suas maravilhas, descriptas directamente da Natureza — desde a simples tendencia da unificação dos atomos, das moleculas e dos corpos, pelo principio de Newton, até aos grandes phenomenos celestes de que trata a cosmologia; — falava-se dos *mysterios*, assim chamados, de todas as cousas, desde a planta pequenina e humilde, desde a aggregação do seixo que os seculos arredondaram a mudal-o de logar com as mutações physicas do globo, até aos ultimos, complicados problemas do homem na sociedade, da moral no homem.

E qualquer que fosse o assumpto tratado pelo medico, a sua convicção era sempre a mesma, forte, immutavel, — de uma origem unica de todas as cousas; origem, que não poderia deixar de existir; origem inconsciente, ponderavel, eterna, transformavel, constantemente transformada.

E nos arroubos de seus pensamentos, subido á ultima esphera de uma generalisação logica, dizia elle sempre á sua discipula, ao ouvido mais attencioso que

encontrara no mundo, ao talento mais docil que viria na terra, á amiga mais intima que o seu coração lhe aconselhava, — a Esther, — dizia



U, *Universo*.

A, *Atomo*; **C**, *Cellula*;

N, *Nervo*; **P**, *Pensamento*.

$$A + C + N + P = U$$

$$C + N = P + A = U$$

$$P = A + C + N = U$$

$$U = A + C + N + P$$

$$\text{Somma} \left\{ \begin{array}{l} A + C + N + P + U = A + C + N + P + U \\ \text{ou} \\ A + C + N + P = U \end{array} \right.$$

bindo dahi ao terceiro vertice, em cima, onde estava o *pensamento*, que era como a ultima transformação, que era como o vapor ou como a electricidade, movendo impalpavel a machina do mundo. Trez portanto, seriam as facés de toda a Natureza; sob esses trez pontos capitaes do Universo é que gyrava a obra instavel do infinito. O curso de todas as cousas partia do primeiro vertice, chegava ao segundo, subia ao terceiro e dahi voltava ao primeiro, invariavelmente,

que o Universo, como elle o via, era como si fosse graphicamente uma circumferencia immensa e vertical, passando pelos vertices de um triangulo interno a começar do primeiro vertice, em baixo, em que estava o *atomo*, a materia inorganica, passando por transformações ao segundo, ainda na base, onde já se achava a materia organizada, a *cellula*, o *nervo* por excellencia, e subindo

eternamente para o vento do Fôra da triangulancia dos vultos que, ainda inacessíveis deixava Na cada fosse! de um tenceria ordem dade, á base. dade. C parabola collectiv neta, de individu ticular. A immo França DORA, va elevada lidade s reciment que em que pud Terra! D recida a

eternamente, para recommençar o movimento que não parava; trez, portanto, eram os pontos cardeaes do vento do Nada: — o *Atomo*, o *Nervo*, o *Pensamento* ! Fôra dahi, nos espaços intermediarios, nos lados do triangulo, só havia gradações que explicavam a descendencia das cousas e que, a meia distancia de cada dous vertices, accusavam o ponto de transformações, que, ainda que ás vezes rebelde, provisoriamente inaccessible á intelligencia humana, nem por isso deixava de exprimir uma verdade de ordem scientifica. Na cadeia das cousas não faltava um só élo que fosse ! Quanto mais perto se achasse um phenomeno de um desses pontos dados, tanto mais a elle pertenceria na classificação das cousas universaes. A ordem era sempre a mesma, crescente em complexidade, imperturbavel: — *partir, chegar ao cimo, voltar á base*. Isto na pedra, isto no homem, isto na sociedade. O circulo da vida era interminavel na infinita parabola dos espaços. A degeneração do homem collectivo desapareceria com a degeneração do planeta, do mesmo modo que a degeneração do homem individual começava com a degeneração do meio particular. Antes fôra o *nada*, depois seria o *nada* ! A immortalidade subjectiva do grande philosopho da França era simplesmente uma concepção CONSOLADORA, vazia de verdade, falsa em philosophia, á mais elevada das especulações logicas. Os termos *immortalidade subjectiva* eram contraditorios com o desaparecimento da vida no planeta; falsos mesmo, ainda que empregados para o incalculavel lapso de tempo que pudesse porventura perdurar a humanidade na Terra ! Desaparecido o ultimo homem, estaria desaparecida a *immortalidade* de Comte e voltado o pensa-

mento para o primeiro 'ponto de partida — o ATOMO! Só conhecia a immortalidade ponderavel do atomo, a immortalidade da materia eterna! Fóra dahi todas as concepções seriam productos de cerebros doentios, ou tendencias hereditarias do homem para o paiz do maravilhoso! Essa era a sua synthese universal, esse o seu modo de vêr e sentir, de pensar e julgar tudo que lhe cahisse sob o campo absorvente de seus aperfeiçoados sentidos.

Todas essas idéas, todos esses juizos, assimilava-os a moça, reforçando-os dia a dia com a leitura de obras por elle indicadas. E seu amor a tal ordem de conhecimentos tão intenso se tornava, que toda a sua actividade espiritual nelles se concentrava, num retumbamento crescente, cheio de poesia e nevrose, separando-a do resto do mundo que lhe não podia comprehender o conceito das opiniões.

Entrou ella dahi por deante numa lucta íntima, travada entre suas faculdades. Tinha já percebido que o medico não lhe consagrava tão sómente o amor insuspeito que os mestres votam aos bons discipulos. Com a intimidade que crescia de sol a sol e de mez a mez, na doce e bem fundada confiança que todos da familia depositavam na pessoa que, com todos os sacrificios, com toda a abnegação e amizade, a arrancara aos braços da morte, sem querer acceitar a menor recompensa,—de tempo em tempo, conforme o rumo da palestra, deixava o medico escapar phrases á meia voz, que lhe cahiam no espirito, revolvendo-o em suas bases, vibrando-lhe todas as cellulas, num rumor diabolico, que lhe agitava o sangue nas veias e lhe desnor-teava os pensamentos.

Aquelle homem, frio outróra, prudente e timorato,

assumia-l
dominado
paralysav
ao rosto

— A

sobre esse
todos os
como po
amara! —
annos, to
tellectual
agora, jov
agora — d
anesthesic
no olhar
paixão, c
sêde que
contacto
cobiça po
ção, que
naquillo.
falasse, te
pedisse, q
nado opp
segredasse
seus labios
lhe acheg
o cinto, —
que era p
bom e de
mas que s
Tirar-lhe-i
beijo que

assumia-lhe agora aos olhos as proporções de um dominador invencível; tinha as vezes olhares que lhe paralytavam o coração no peito ou lhe arremessavam ao rosto ondas de sacudido sangue.

— Amava-a, pensava ella; duvida alguma havia sobre isso. Amava-a com todo o pensamento, com todos os nervos, com o coração inteiro. Amava-a como pode amar um grande homem que nunca amara! — um organismo passivo, neutro durante 10 annos, todo entregue a um outro amor, o amor intellectual da sciencia; um organismo que despertava agora, joven como nos primeiros tempos da mocidade, agora — depois de longa hybernação sob os gelos anesthesicos da pesquisa scientifica. Via-lhe ás vezes olhar o relampago dos desejos. Na febre daquella paixão, cuja intensidade ella sabia avaliar, percebia a sêde que elle tinha de seu corpo, a necessidade do contacto de sua alma, a fome de sua voz, a profunda cobiça por toda ella. Não era vaidade, nem pretensão, que bem o conhecia. Amedrontava-se de pensar naquillo. Onde iriam parar as cousas? Si elle lhe falasse, teria ella coragem de desilludil-o? Si elle a pedisse, que seria feito della? Si, num momento, tornado opportuno pela intimidade da conversa, lhe segredasse uma palavra... uma só! cheia do fogo de seus labios, das lavas de seu amor, e si por acaso se lhe achegasse, e lhe tomasse as mãos, e lhe enlaçasse o cinto, — elle que era honesto, que era grande e que era para seu espirito quasi um Deus, um Deus bom e de respeito, que se adora com o pensamento, mas que se não ama com o coração, que faria ella? Tirar-lhe-ia a mão do cinto? Afastaria o rosto do beijo que os seus labios espichassem no ar? For-

malisar-se-ia, para despachal-o de sua casa, com um escandalo inaudito, que lhe prejudicasse a clinica naquella cidade, a elle que era tão bom, e a quem ella devia tudo, desde a saúde até ao justo conhecimento que tinha das cousas? Mas, si não reagisse, consentiria tacitamente naquelle amor que era impossivel, naquella união que jamais se effectuaria;— porque sua alma, como a delle, voava longe, presa nas azas de outro amor infeliz, na pessoa de um sêr, moço e bello, uma dessas visões celestes que surgem uma só vez na existencia.

— Ah! si ella o pudesse amar... a elle, o medico, o seu mais intimo amigo, o seu estremecido pae espiritual!

E um amargor profundo começou desse momento em deante a travar-lhe na alma.

— Devia amal-o! Tinha essa obrigação contrahida pela propria consciencia. O coração era um musculo que não devia pensar. O sacrificio uma palavra van. Sim! amal-o-ia... e perto delle, como duas borboletas que ora juntas, ora mais afastadas, vão-se, vão-se a perder no azul do céu, sempre amigas, e como ligadas por um filete de pensamento, viveria, viveriam unidos, a voar na vida sob o firmamento azulado dos sonhos que ambos sonhavam. Não era elle um dos sêres mais perfeitos que os seus olhos viam na Terra? Então!—de que valiam os maiores dotes exteriores, desses que o homem chamou belleza, quando o curso incessante dos annos, ou a fatalidade de uma molestia os desfazia num momento — nuvem que o vento sopra? Demais... elle não era feio. Num homem, para que exigir mais?

E, continua o a pensar, chegou mesmo a achar

bello os
vezes tin
grande sig
belludo qu
çada calvi
friamento
vida, e que
na historia
entre o cra
importava
ella não an
significar,
Que impo
concretizav
ções organ
educar filh
de si! unifi
e espirito,
moral que

Depois
do amor, o
tavel. Con
Que fazer?
ração e dis
das faculda
throno que
superficie c
teria uma p
vinhar-lh
tudo que el
ou nas caric
e a sua car
E, assim, d

bellos os seus olhos, castanhos, de olhar vivo, ás vezes tímido, petulante ás vezes. Pareceu-lhe um grande signal distinctivo a esterilidade do couro'cabeludo que lhe ia desnudando a frente. A sua comecada calviec tinha qualquer cousa, para ella, do resfriamento do planeta — epocha do apparecimento da vida, e que exprimia portanto estado mais aperfeiçoado na historia da creação dos mundos: era um paralelo entre o craneo do doutor e a crosta da terra. Que importava a côr morena do cearense, mesmo que ella não amasse essa côr, si a raridade do pêllo devia significar, assim o pensava, o afastamento do macaco? Que importava a idade, si os 33 annos de medico concretizavam uma grande economia de todas as funcções organicas, donde a probabilidade de durar para educar filhos e netos? Ah! queria amal-o! tel-o junto de si! unificar-se com elle! dar-se toda inteira, corpo e espirito, ao corpo e espirito daquelle grande vulto moral que lhe soubera desenvolver as aptidões!

Depois... acostumar-se-ia com elle. Na historia do amor, *o habito* era de uma influencia real, incontestavel. Conhecia os impetos de seu temperamento... Que fazer? modificál-os-ia. E nessa obra, de regeneração e disciplina cerebral, construiria, á mais elevada das faculdades humanas — á *Vontade raciocinada*, o throno que lhe têm levantado poucos, tão poucos na superficie do planeta. Seria para elle uma irman; teria uma passividade á toda a prova; buscaria adivinhar-lhê os pensamentos; cega, automatica, faria tudo que elle quizesse — um crime mesmo! No odio ou nas caricias, na dôr ou no prazer, seria o seu odio e a sua caricia, a propria dôr e o proprio prazer. E, assim, depois de certo tempo, que jubilo, ah!

havia de ter de certo, em sentir nos seus lábios a bôcca faminta daquelle homem que seria então o seu mafido.

Aqui a expressão de seu rosto protestou contra a generosidade do espirito. Viera-lhe á mente a imagem viva de um bello moço que, havia muito, lhe povoava a imaginação.

E de um salto, e nervosa, fôra ella á commoda e, abrindo uma das gavetas fechadas a chave, tirou de um cofresinho, que tambem abriu, a tampa de papelão daquelle caixa de lenços, que escolhera mysteriosamente no dia das compras, no Zé Novato, n' *A Flor do Chiado*.

Era a primeira vez, depois de san, que abria aquelle cofre e que revia a tampa da caixa de lenços.

Representava ella um chromo delicado, em que formoso mancebo scismava recostado á grade de marmore de um jardim, que deitava para um grande mar ou lago, em cujo ultimo plano o azul das aguas se confundia com o azul do céu.

O moço alli representado era quasi o retrato de um outro moço que ella vira no baile de que voltara, no primeiro capitulo desta narração; — tão semelhante o fizera a coincidencia, excepto alguns pequenissimos traços (que em nada alteravam o conjuncto da parecença) — que ella timbrara em possuir o chromo, desde o momento em que, de passeio com outras amigas, o vira pela primeira vez na vitrina d' *A Flor do Chiado*. E nessa epocha, entretanto, já a sua impressão amorosa, apezar de tê-la feito soffrer bastante, estava quasi que de todo apagada pela longa ausencia da adorada imagem.

Ao vê-l-o sentiment
nevrotica, r
dando-lhe o
das necessid

Agora,
se-lhe toda
visível de p
timas, por s
narinas e ba

— Não!

o braço par
abdicar essa
altares; seri
propria cons
do character
na passividad
digno dos sêr
humana. Era
do seu coraçã
e alma. Tão
um pedaço
constellações
tado! Tão cl
vermelho dos
macio bigode,
ebano! A prop
seus traços, a
cava nelle as m
seu nome! e r
medo de pergu
funesta, unica
os delle, e...

Ao vê-lo, ao vêr aquelle chromo, despertara-se-lhe o sentimento com toda a força de sua capacidade nevrotica, revivendo-lhe adormidos desejos, escaldando-lhe o sangue, seccando-lhe a bocca com a febre das necessidades sexuaes.

Agora, ao pôr os olhos no chromo, illuminara-se-lhe toda a physionomia, numa dilatação rubra e visível de prazer muscular, suggerido por idéas intimas, por secretas imagens, que lhe faziam arfar as narinas e bater as fontes.

— Não! pensara ella resolutamente, dando com o braço para baixo. Nunca! Seria vender-se; seria abdicar essa propria *vontade* á qual suppunha levantar altares; seria manchal-a, amesquinhal-a perante a propria consciencia, alienando-se da individualidade, do character que a Natureza lhe dera,—anniquilando-se na passividade estúpida de um sacrificio sem igual, digno dos sêres inferiores e inconscientes da familia humana. Era aquelle o seu noivo, o noivo predilecto do seu coração. A elle sim, dar-se-ia inteira, de corpo e alma. Tão formoso! No azul dos seus olhos via-se um pedaço do céu, por onde se adivinhavam as constellações deslumbrantes de um espirito alevantado! Tão claro —que parecia de neve! e sobre o vermelho dos labios como lhe ficava bem o pequeno, macio bigode, onde a côr do ouro substituiria a do ebano! A proporção de seus membros, o correcto de seus traços, a distincção de suas maneiras, tudo indicava nelle as mais elevadas qualidades. E nem sabia o seu nome! e nem donde era! Desde que o vira tivera medo de perguntar. Fitara-o de relance, naquella noite funesta, unica em que seus olhos se encontraram com os d'elle, e... nada mais! Que noite, que não dor-

mira! Lembra-se de tudo; do amanhecer daquelle dia; da luz entrando em leque pela figa da janella; dos passarinhos em bando a saudar a madrugada, cantando, rufando as azas, no arvoredo, fóra. E depois—tudo que passara dahi por diante! Nem uma cousa, por menor que fosse, lhe morrera na memoria! Soubera depois que elle cursava a Academia de S. Paulo; que faltavam dous annos para se formar. E lá estivera apenas oito dias. Lá fóra para passar um mez pelo menos. Era o tempo das férias. E nem pudera estar mais de oito dias! Desagradara-lhe de certo o aspecto da cidade! a monotonia da vida pacata de interior de provincia. Não! não seria isso talvez! Elle era uma alma nobre, com certeza. Ouvira-lhe a fala, o modo de vêr e sentir as cousas! e ainda conservava no ouvido a musica divina de sua voz, o acertado de seus conceitos. Elle parecia triste. Voava-lhe deante do olhar, pensativo olhar azul, a tristeza de uma saudade... talvez! Elle era um grande coração... — amava com certeza! Eis porque deixara logo a cidade. E ella... nem dançara com elle! Fóra-se! Fóra-se como o pombo ingrato, que abandonou a mão que o acariciava! que o alimentava! Sim! porque o seu olhar della, o seu amor, ser-lhe-ia a maior caricia do mundo, o maior alimento, talvez, para o espirito d'elle, ao menos em sua vaidade!—porque ella... não era feia, tinha consciencia; era até... —formosa mesmo, diziam todos! —rica, intelligente, distincta (aparte a modestia); elle devia lisongear-se de seu amor, de seus timidos, rapidos olhares. E, pobre de si! vel-a-ia elle? Achal-a-ia bonita? simpatica ao menos? Ah! que não acreditava nisso! Tão grande que era S. Paulo! Tantas moças do grande

tom, filhas de outro meio, com outros modos de civilização! De certo que elle tinha o coração occupado! Não pudera passar.... nem um mez de ausencia!

E ardia de desejos de conhecer aquella que lhe conquistara os dominios affectivos.

E com o olhar preso ao chromo, que segurava perpendicular ao seio, estremeceu, quando uma lagryma cahiu de chôfre no rosto do bem amado. Limpou a lagryma e, beijando o quadro, fechou-o no cofre, fechando em seguida a gaveta.

— Si pudesse vê-lo outra vez, que alegria! continuou a pensar.

A tristeza que lhe invadiu o espirito era filha da desesperança que lhe dilacerava o pensamento. A idéa de nunca mais o vêr recomeçou, como antes da anemia, a influir-lhe em todas as suas acções.

— Porque era tão infeliz!? Que estúpida a sociedade que a fazia desgraçada com a norma de suas convenções! Oh, si não fosse essa sociedade! — tomaria o trem, sosinha! Iria para S. Paulo, — que tinha isso? Iria procural-o! Havia de encontral-o por força, nas ruas, nos jardins, nos cafés ou em qualquer parte. Seria delle... Entregar-se-ia a elle... si elle a quizesse! Não faziam assim os outros animaes? Não andavam leguas e leguas, affrontando a fome e os perigos, em busca daquelles ou daquellas que amavam? Quem mais livre neste caso, na historia da vida: — elles ou o homem? Ah! queria toda a liberdade! Viveria para elle num desvelo incomparavel! Si tivesse azas, voaria com elle para a região das estrellas, lá, de onde o mundo não pudesse ouvir o somido de seus beijos, a musica de seus nervos sob a corda do grande arco das emoções! Si lá nessas alturas mor-

resse, si morresse á explosão medonha de um prae arrebentado, todos os fragmentos de seu corpo cahiriam no espaço como novos mundos, pequenos asteroides, illuminando por um momento a grande escuridão do Nada. Mas, como tudo isso era sombra? Como sahir daquelle degredo? Odiava o seu berço! a cidade-mãe, mãe inconscientemente cúmplice em sua desgraça! Odiava tudo aquillo, — arvores, prados, montanhas, valles, amigas; quasi que odiava a si propria.

E o pensamento lhe crescia em concentração. Ficava immovel, sentada junto á janella do sotão, a qual deitava para o poente. Era quasi meio dia. A' sombra da parede e junto a ella, sobre o telhado e por baixo da janella — dormia o *General*, grande gato da casa, que assim era chamado, numa sensibilidade tranquilla, amollecido ás ondas acariciadoras de um brando calôr.

Esther levantou-se; debruçou-se ao peitoril da janella. Scismava, luctava com os seus pensamentos.

— Quanto era mais feliz do que ella o gato que alli dormia!

E o *General* poz-se de pé. E com a cauda ençada para o ar, em movimento vagaroso de manometro, espreguiçou-se, arqueando extraordinariamente a espinha, numa descarga sensual. Tinha percebido a femea que repontara na cumieira, e que já agora dava uns miadinhos ternos, á surdina, tremulos, amorosos. E elle respondia no mesmo tom. Caminharam um para o outro, parando aos poucos. Elle espichava o pescoço, encolhia o corpo como si fosse dar um bote. Ella o chamava miando, miando baixinho, para não perturbar o silencio que reinava, e nem chamar testemunhas.

Houve alguns minutos de negação, de parte á parte Excitavam-se. Approximavam-se cada vez mais. Menos prolongados, mais brandos tornavam-se agora os seus convites. Agora era ella que se espojava sobre as telhas quentes, batidas de grande sol, dobrando-se em mil contorções suaves e elegantes; depois era elle que se arqueava de novo, que se coçava electricamente, que se lambia em diversas partes do corpo.

De um pulo cahiu perto della que se deixu ficar de costas, apesar de fingido arrufo.

Esther acompanhava com o maior interesse todos os pródromos daquelle amor felino. Nascia-lhe n'alma imperiosa vontade de gritar, de dar um grito immenso, agudo. O seu pensamento ardia-lhe em chammass na fornalha do cerebro. Sentia por todo o corpo um augmento de calór, uma indolencia brutal, que lhe pesava principalmente sobre as palpebras. Parecia-lhe sentir brazas pelos quadris. Com as mãos nervosas machucava distrahidamente o seio tumido, apertado ao peitoril da janella. Seu pensamento estava no chromo. Via distinctamente o estudante de S. Paulo. Amava-o mais naquelle momento. Via nos gatos uma pagina do seu futuro.

Agora, todo arripiado, todo grande, bello e senhor de si, mordia o *General*, carinhosamente, o corpo flexivel da companhia amada. Apparelhou-se com ella, e num impeto selvagem fignou-lhe com os dentes a pelle do pesçoço.

Nesse momento a gata abaixou-se e... Esther soltou um grito agudo, rapido, como se recebera uma facada.

Fôra o unico meio, e meio instinctivo, que achara para dar sahida á explosão de força nervosa que se lhe-tinha accumulado dentro do cerebro.

D. Euphrasia que subia as escadas do sotam, ouvira o grito e apressara os passos. Ia annunciar-lhe que as Oliveiras lá estavam.

— Que era aquillo? perguntou assustada.

Ao vêr a mãe, dobrara-se a rapariga em gargalhadas. Riu até ás lagrymas.

— Fôra um insecto! Um pobre bichinho que, voando, lhe batera no ouvido. Não sabia como elle era,—que se assustava atôa?

— Pois que descesse, porque as Oliveiras estavam na sala.

Esther chegou ainda á janella; mas do quadro de amor só avistou, levantado ao ar, o rabo do General a desaparecer de gallope pelo angulo do sotam, atraz da amante.

Desceu a receber as Oliveiras.

As Oliveiras eram Julia e Branca, filhas do Oliveira, velho capitalista e vereador da Camara Municipal. Muito mais amigas de Esther do que esta o era dellas; com tudo das duas preferia a filha de d. Euphrasia a mais moça, Branca, que era de mais sisuda.

Branca, um pouquinho estrabica, um tanto recatada, era alma sensivel e coração de pombo. Consumia-se, haveria quasi um anno, numa paixão sincera pelo Chico do Tenente, rapaz bonito, mas estroina, que lhe escrevia umas cartinhas melodiosas mas que na roda dos outros rapazes caçoava por ter ella um olho vesgo.

Com Esther é que Branca se desabafava. Contava-lhe tudo, todos os seus sonhos, todas as suas aspirações, todos os seus calculos de futuro. Esther cançava-se de dissuadir-a daquelle amor; de mostrar-lhe quanto era inferior, sem attractivos e sem caracte-

o Chico bonito, faltava mais er do Ser João T Andava moral, titulos Quebra- á missa dava log lho...

Esther de Joanna Joanna Não o fa mas sim em dia c A Q dente d alcunha E no andar vidos. E depois q principae moços. dava um andava d corpête grande t chinellos, velha pel

o Chico do Tenente. De que valia ser elle um rapaz bonito, porque lá isso o era, e tambem rico, — si lhe faltava o escencial: — talento, character, coração? De mais era um debochado. Naquelle questão do *Rancho do Serpa*, quando o Chico do Cannavial matou ao João Torto por causa da Bicuda, elle lá estava. Andava sempre com essas mulheres. Um sujeito sem moral, sem educação para bom pae de familia, sem titulos para merecê-la. Agora andava elle com a *Quebra-matto*, aquella grandalhona de buço, que ia á missa com aquelle chapéu muito grande e que dava logo na vista por causa do pennacho vermelho...

Esther sabia todas essas cousas por intermedio de Joanna que lhe contava tudo, porque tudo indagava. Joanna era curiosa e tinha entrada em toda a parte. Não o fazia com o character de intrigante, honra lhe seja, mas simplesmente pela vaidade de provar que andava em dia com o movimento da pequena cidade.

A *Quebra-matto* fôra para lá, havia pouco, procedente de Campinas, onde o cambio baixara; essa alcunha lhe viera das maneiras brutas que ella accusava no andar, nos modos e nos membros muito desenvolvidos. Era agora a *ordem do dia* naquelle logar, e, depois que escurecia, lá se encontravam na sua sala os principaes pandegos da terra, tanto os velhos como os moços. Ella tocava violão, fumava fumo Daniel e dava umas risadas que iam parar longe. Em casa andava de saia curta sobre a camisa, sem paletó, nem corpête e nem espartilho, com o torso á mostra, grande torso moreno, de seios fartos, descobertos; chinellos, sem meias; grossas pernas barrigudas, côr de velha pellica, lizas de todo, sem um fio de cabello,

nem para remedio ; tinha bôcca bonita, grande, dentes claros.

Esther, retirada a um canto com Branca e Julia, acabava de falar áquella sobre a *Quebra-matto*, quando entrou o doutor Teixeira.

O medico vinha carregado de livros. Eram os livros que lhe promettera, e que tratavam da doença que ella tivera. Queria que a moça os lesse para ficar sciente do perigo por que passara e da cura que elle conseguira. De mais, conhecedora da molestia, saberia melhor evitar-lhe a repetição, caso isso fosse possível.

Os livros estavam todos com os respectivos logares indicados, annotados á margem ; certos tópicos sublinhados a lapis de côr, desde as metrorrhagias temporaneas até ás vigalias intellectuaes, obrigadas por trabalhos mentaes ou excitações affectivas ; na parte concernente ao tratamento, abundavam elles em commentarios, talhados a proposito. Estava tambem indicada a ordem da leitura, em qual devia começar, em qual devia acabar ; e, depois da ultima palavra impressa do ultimo livro, havia entre parenthesis o numero um — (1) —, que elle puzera para chamar-lhe a attenção para uma nota que escrevera em francez, na mesma pagina, em baixo, e a qual rezava assim :— *Não é bom pensar em chromos ; fazem anemia cerebral.*

Esther foi guardar os livros e voltou.

Tinham chegado o major e Ricardo. A palestra estava animada ; falava-se de banalidades. Havia pílherias, casos já sabidos e repetidos com mais ou menos graça. Veiu a conversa a cahir sobre artes, particularmente sobre musica.

Esther teve que ir ao piano a pedido do medico.

— Que não! havia muito tempo que não estudava nada!

— Que tinha isso? redarguiu elle. Que todos o sabiam,—e que depois que ella sarara nunca mais a ouvira ao piano. E que ella tinha uma promessa... Si não se lembrava?

— Que promessa? perguntou.

— Fingia-se de memoria fraca, tornou elle. Si não se recordava de que lhe havia promettido *tacitamente* uma musica, para quando sarasse, no dia em que, ainda doente, elle lhe mandara segurar o dictionario francez, para vêr si o achava mais pesado, e que ella dissera que o dictionario parecia ter mais umas 400 grammas de peso? Então!?

— Recordava-se, respondeu sorrindo Esther; mas qual fóra a musica promettida? Agora queria vêr tambem si elle não se esquecera.

E elle, para verificar si ella não estaria lançando mão daquelle expediente, afim de saber qual tinha sido a musica pedida, não quiz dizer, provocando-a a que o dissesse.

Ella, por sua vez, victima da mesma desconfiança, accrescentou que era até capaz de dizer com as mesmas palavras a phrase d'elle.

Elle affirmou a mesma cousa.

— Bom, tornara ella, sorrindo-se e com o olhar brilhante e vaidoso,—para que se não lograssem reciprocamente, propunha que escrevessem ambos a phrase, cada um em seu pedacinho de papel, os quaes seriam abertos depois, ao mesmo tempo, um por Julia e outro por Branca.

E ella foi buscar um lapis e trouxe dois pedacinhos de papel.

Ambos escreveram e dobraram ; elle entregou o seu a Branca, de quem era Esther mais amiga, e ella entregou o outro a Julia.

— Podiam abrir, disseram.

Foram abertos os papelinhos.

Leu-se no delle :

— *O trecho que ella quizesse...*

No della estava o seguinte :

— *O trecho que eu quizesse...*

Elles se levantaram e quasi que se abraçaram. Depois ficaram calados, pensativos.

Pensavam talvez a mesma cousa ; tinham quasi a mesma indole, quasi a mesma educação. Quando nada, provaria aquelle facto a mutua consideração que se tributavam. Não se tinham esquecido, nem um nem outro. Envergonhados, agora, da expansão que não souberam reprimir ao vêr a mesma phrase escripta por ambos, deixaram-se ficar calados, a ruminar a indiscreção que tiveram.

Era quasi trez horas da tarde. O sol, caminho do occidente, verberava do lado do bêco as janellas cerradas da sala de visitas. Havia duas laminas finas de luz que as atravessavam, a duas dellas mal cerradas, e que, cahindo obliquamente, vinham morrer no meio da sala, perto do tapete do sofá. Nessas taboas de sol passavam e repassavam milhares de pequenas faiscas, invisiveis na sombra e alli visiveis, microscopicas, atomicas : — fragmentos de materia quasi imponderavel, levantados do soalho ao menor movimento do ar sacudido pelas falas, pelo movimento das pessoas, pela agitação da briza. Havia pequeninas ondas de pó que, como cobras que se achataassem ou se alargassem, se enroscavam na luz,

formando fugitivos, bellos desenhos de architectura. De tempos em tempos, um ou outro filête de fumaça, da fumaça dos cigarros, enrolava-se tambem naquellas taboas de sol, por entre as roscas da poeira do soalho, encaracolando-se no ar, formando no espaço momentaneas, placidas, bizarras figuras; ou então, pequenina explosão de luz, passava a aza da mosca no raio quente do sol, formando o ponto de incidencia entre o astro do céu e a pupilla do observador: eram scintillações rapidas, que desapareciam num momento, cedendo logar a outras, naquelle lençol de luz, em que os porticos do infinitamente pequeno se deixavam antevêr pelos olhos do artista.

Fóra, quem olhasse da sombra veria, sobre o solo abraçado, todo o mundo infinito dos insectos, no delirio eterno do movimento da vida; povoavam, zumbindo, a camada mais baixa da atmospherá, halito creador da Terra, que a terra expira ás emoções grandiosas que o sol lhe provoca nos flancos, com a lingua de fogo de suas caricias selvagens. As larangeiras, cobertas de nova folhagem, de brilhante verde-escuro, tinham reverberos metallicos que dançavam no ar, ao deslocamento das folhas, movidas de morna aragem. Ouvia-se, de tempo em tempo, saltando a frincha da janella, a cahir no centro da sala como uma perola sobre fino vaso de porcellana chinesa, o triste, poetico, mavioso trinar das perdizes que andavam a pequena distancia, á entrada da cidade, lá onde começavam logo a grande planicie de oéste, que ia morrer ás margens do rio, longe, duas leguas. Quem olhasse para o largo acima, teria de abrir a mão deante dos olhos, para não receber na pupilla, de ricochête, os sôcos do sol, vibrados sobre as vi-

draças da matriz. Sombras, aqui e alli, para o nascente, das casas e das arvores, albergando gallinhas, galinhas creanças, animaes domesticos. No alto, grande azul sem nuvens, arqueado a perder de vista, abobadado em curva intérmina; nas visinhanças do sol, desmaio de anil, esbranquecimento de luz, projecção de raios obliquos, de variadas nuanças entre perola e verde-claro; para o levante, fios de nuvens, tenues, horisontaes, quasi terra a terra, confinando com a linha do sólo, que separava o céu, 10 minutos de distancia.

Esther foi para o piano.

— *A que eu quiçesse!*... murmurou ella pensativa, sorrindo-se, de pé, com a mão esquerda sobre o teclado, recostada ao *Herz*, o indicador da direita sobre os labios.

Escolhia mentalmente *a que ella queria*, fingindo desintenção, apparentando indifferença. Sorria.

Depois, foi-se-lhe annuviando o semblante, e na expressão do olhar tremia o sonho de uma tristeza. Tinha escolhido a musica. A lembrança da melodia dava-lhe ao rosto os tons suaves, melancolicos, de uma emoção branda, ja sentida.

Sentou-se.

Indolentemente, os seus dedos calcaram as primeiras teclas. Era a *Serenata* de Schubert, velha e sempre nova melodia, admiravelmente vasada para a alma tropical. Desde os primeiros compassos, — immobilizara-se o doutor na poltrona, bebendo pelo ouvido as melodias de Schubert, com a satisfação intima da caravana arabe, que, após longos dias de sêde, encontra no areial do Sahara um oasis de *crystallinas fontes*.

Or
ora avo
gado e
cobra c
ridos, u
lhe esp
mento
nação.

Qua
bert che
feriam a
cerebro
campana
ventosa
acarriav

Terr

Era

recia o p
pensamer
dades op
seu corte
lembrança
sejos, apa
nada, sug
mundo to
luminoso,
a povoar-l
de peso e
atmosph
ficar na p
os sentid
que se lha
da memor

O *rhythm*o preguiçoso daquella musica do coração, ora avolumado em progressivos *crescendos*, ora alongado e flexível em curvos *minuendos*, parecia uma cobra coral feita de sons, brilhante de anneis coloridos, unvida de oleo santo, mansa, sem veneno, a lhe espiralar pelos nervos, a serpear-lhe no pensamento sonorizado de amor, hypnotizado de imaginação.

Quando a phrase dominante da musica de Schubert chegava ao fim, e que os dedos de Esther feriam as primeiras notas da repetição, elle sentia no cerebro uma pressão de dentro para fóra, como si a campana de um instrumento ou a bôcca de uma ventosa lhe arrancasse das cellulas a melodia que lhe acariciava os ouvidos.

Terminada a musica, o medico ficou triste.

Era uma tristeza doce, agradável de sentir; parecia o pensamento saudoso de amada pessoa ausente, pensamento que ao mesmo tempo encerra duas realidades oppostas: — a ausencia, objectiva, com todo o seu cortejo de pequeninos factos, circumstancias e lembranças; — a presença, subjectiva, rodeada de desejos, apascentando-se em si propria, vívida e contornada, suggerindo imagens, tramando perspectivas num mundo todo á parte, real tambem, reflexo intangível, luminoso, do mundo ponderavel. Sentia dentro de si, a povoar-lhe toda a individualidade, uma sensação geral de peso e bem-estar, uma como pressão sonora de atmospheria desconhecida, que o obrigava a se deixar ficar na poltrona, immovel e calado, ruminando com os sentidos as ultimas ondulações daquella musica que se lhe alastrava pelo organismo, pelas planicies da memoria, como os sons de um grande sino, enno-

vellados no concavo do bronze, depois da ultima badalada. E nessas ondas sonoras que se lhe succediam no espirito, como no campo do oceano as ondas marinhas, via elle, quando uma se abaixava e outra se levantava, no vão das duas, a imagem de Esther, a boiar sobre o pégo, sobre aquelle pégo indeciso e insondavel das suas emoções, da sua sensibilidade acustica ferida.

Respeitou-se por algum tempo o seu silencio; depois, a pouco e pouco, e com certa gravidade, foi se encetando a palestra, até que, dez minutos depois, estava ella francamente estabelecida, em seu nivel natural.

Então falou-se largamente de musica, dos effeitos que taes e taes peças produziam nesta ou naquella pessoa.

— Em si, disse Julia, nunca encontrara musica que influísse tão poderosamente como *O Trovador*. Ouvira-o uma só vez em S. Paulo e não pudera dormir toda a noite. Quem só o conhecia do piano não podia fazer uma idéa do que elle era na scena, na bôcca dos cantores. *O côro dos ferreiros!* — *tan-tan! tan-tan!* e a musica por detraz... Aquillo era esplendido!

E citou uma porção de pedaços da velha opera de Verdi.

— Quanto a si, repetia a irman, gostava mais da *Norma*. Ah, a *Casta Diva!* Aquillo é que era! Um mundo de melodias! A gente ia-se arrebatando a pouco e pouco, até...

O medico sorria-se. Depois perguntou a Esther:

— E a senhora?

— Não sabia. Nunca tinha ouvido uma opera...

Nunca fôra a S. Paulo. Conhecia-as apenas do piano, nada mais, e — por alguns pedaços que cantava, sem methodo, sem eschola, sem professor...

E por sua vez perguntou ella ao medico :

— E o senhor ?

Elle sorriu-se. Esteve calado algum tempo, a torcer um fiapinho de lan, resaltado da calça de camemira, perto do joelho. Depois levantando os olhos que se encontraram com os della, que esperava resposta, elle disse :

— Para mim...

E parou. Hesitava.

— Dissesse, tornaram todas impacientes.

— Para mim, de hoje em diante, parece que a musica que mais effeitos deixará é a... *Serenata* de Schubert.

As Oliveiras disseram que já esperavam aquella resposta.

Esther corara. Ficara pensativa.

D Euphrasia entrou na sala. Viera buscal-os, que o jantar estava na mesa.

O medico pegou o seu chapéu para sahir.

— Que não podia ficar. Esperava que o desculpassem...

Esther o havia segurado pelo braço com as duas mãos.

— Não tinha desculpas, dizia ella. Havia de jantar... eram horas!

Elle insistia, ella teimava.

E sentindo-se vencida, escondendo grande resentimento que, apesar de tudo, se lhe retratou nos traços do semblante e no quasi pranto dos olhos, deixou-lhe o braço, dizendo :

— Tambem, para que a companhia dellas? Era que lhe poderiam ser agradaveis, *ellas*, pobres moças.

A intonação que a sua voz vibrara ao pronunciar aquelle pronome pessoal, que por forçada discreção ficara no plural, denotando que o seu logar era no singular, desfez a resistencia do medico, que tocado nas fibras intimas, encostou o guarda-chuva e o chapéo a um canto do salão, e entrou com as moças para a sala de jantar.

Do corredor já se começava a perceber o cheiro agradável das iguarias bem feitas que as terrinas guardavam. Pelo furo da sopeira, de onde emergia obliquamente o cabo da concha, sahia tambem um filete de fumo aromatico, desprendido da sôpa juliana. Doirado e luminoso, entresachado de folhas de repolho rasgadas, desafiava o arroz, em fôrma de monte sobre a travessa e sob o mosqueiro, o mais rebelde appetite do mais sóbrio equatorial. Um palmo de lombo de porco, tostado a forno, coroado de rodellas de limão, pregadas a palito, todo cercado de azeitonas, cebollinha e cebolla de cabeça — ficava ao pé da frasteira de jaspe, peça de andares sobrepostos em fôrma conica. Tinha uma gravidade de dom abbade o gorão e sangrento rosbife, em cuja parte superior o garão bidentado prendia contra a carne o lusidio trinchante. Sobre pequena travessa, e entre quantidade parca de fino môlho, um frango assado e com recheio, leiro do calor do forno, prendia graciosamente a mitra, com um só bico, o inferior, fendido ao meio pela coanheira. Dous ou tres pratos de diversaservas. Na saladeira de *pó de pedra* tinha bonitos reflexos uma salada — coisa assim á maneira de triplice alliança — composta de agrião, alface e beldroegas, ungiada de

azeite doce, irrigada de limão gallego. Sob outro mosqueiro, e numa terrina pequena, — um guizado de palmito picado miudinho, com cebollada, côr de perola e coroadado de ovos estrellados. Nos extremos da mesa, dous vasos de flores, poucas domesticas, quasi todas do campo, entremeadas de ramos de murtha, e touceiras de capim florescido. Ao pé desses vasos e sempre para os extremos — jarros de vinho; mais adeante um pouco — môlheiros de comari e mala-guêta, vidros de conservas inglezas... Havia ainda alguns pratos cobertos, cujo conteúdo não se sabia por emquanto. Ao longo da mesa e um pouco afastada, uma mulatinha gorducha e de olho vivo, uns 15 annos de idade, com uma vara de bambú na mão, especie de bandeira, porque lhe pendessem do extremo livre dezenas de tiras de papel, afugentava as moscas, abanando-a sobre os pratos, num movimento automatico, que lhe levantava ou descia os seios, fructos do outomno, conforme os braços iam ou vinham, compassadamente, naquelle movimento horisontal.

Essa mulatinha era cria da casa, e cria de muita estimação, pois era a ultima filha de Joanna; intelligente, viva, cuidadosa, todos diziam que ella era filha do capitão Oliveira, o da loja, um dos mais madrugadores da cidade, aquelle que ás 6 da manhan já tinha tomado um banho de agua fria e por cima um copo de leite quente; — aquelle das cabeçadinhas para traz, velho cacoête que, dizia, lhe viera de uma constipação apanhada na nuca, quando era rapazito e andava nas folias da meia noite.

Leonarda, — era o nome dessa mulatinha, o *favo de mel do major* como a chamava o Chico do Tenente e todos os demais bilontras da cidade, depois que

elle lhe puzera esse appellido honroso, o qual não dizia sem apinhar os dedos na bôcca, num estalo de beijo indecente...

Sentaram-se todos á meza.

Como dos filhos era Esther a mais velha e mesmo bem mais desembaraçada que o irmão, desde que ella sahira do collegio, conferira-lhe o major a honra da cabeceira da mesa, logar que antes pertencera a d. Euphrasia. Era alli que ficava a sopeira. E, como em casa jantava gente de fóra quasi que todos os dias, quizeram os bons velhos vêr-se livres da massada de servir a sôpa e o mais, transferindo á filha a cadeira principal. E passaram-se para a direita, ambos juntinhos; á esquerda ficava Ricardo.

Nessas occasiões, porém, extraordinarias, a ordem se alterava sempre.

Esther collocou os hospedes: á sua direita o medico, depois d. Euphrasia, e em seguida Julia; á esquerda Branca, depois o major e depois Ricardo.

Foi servida a sôpa, que desde logo recebeu sinceros elogios. Serviram-se os copos — velho vinho portuguez gabado pelos entendidos na materia.

— Devia de ser bom; tinha custado caro. Era a opinião do major.

E a prosa recommçou.

— Aquillo de vinhos era tudo falsificação, sentenciara o medico. — Vinho puro, caldo de uva, num paiz importador, em 1886..., que esperanza!

— Em todo o caso aquelle seria um dos menos confeitados, assegurava o major, para não vêr de todo sem valor a sua compra.

— Ah! não havia duvida nenhuma! Aquelle era

um dos melhores que tinha bebido na vida, repetia o medico, a consolal-o.

Bateram palmas.

Era o capitão Oliveira, o do cacoête, o dos 80 annos. Amigo do major, desde longo passado, esse bom velho, das cabeçadinhas para traz e da constipação na nuca, nunca encontrara no mundo uma mulher em quem achasse as qualidades de esposa.

— Das mulheres sempre longe, longe! repetia elle constantemente, sacudindo a mão na altura dos olhos, num movimento negativo.

O major foi buscal-o para a mesa. Sentou-o ao pé de Julia e fêl-o começar pela sôpa.

A palestra agora versava sobre manjares. Falava-se da cozinha.

Oliveira achou occasião para se expandir como gastronomo, que o era, e um dos garfos mais respeitadados do logar, pelo vigor com que se desempenhava nas refeições, apezar de servir a patria do estomago havia cerca de 80 annos.

— Um benemerito, um benemerito! diziam todos nesse sentido, emquanto elle ia fazendo desaparecer rapidamente as iguarias de que era servido.

— Mais vinho, capitão?

— Oh, pois não, pois não! Deixe vêr, deixe vêr, que é bom.

Contavam-se casos alegres, que vinham a proposito. Ria-se com satisfação, com franqueza.

O lombo de porco, de rodellas de limão espetadas a palito, teve um elogio geral; mas ninguem discorreu sobre elle com mais proficiencia do que o capitão Oliveira, sempre risonho, ligeirinho, vermelho

como lacre, a limpar os bigodes brancos no fino guardanapo.

— Era um forte o capitão! diziam.

— Ah, lá isso então não tinha que vêr! E por causa daquelle appetite e da boa saude que tinha, devida aos banhos frios, é que elle era daquelle modo.

E espichava os braços para deante, rijos, sacudidos, punhos fechados, com bazofia, para indicar fortaleza, excesso de vida.

— Não dava uma perna pelos moços de hoje! Uns anemicos, uns pulhas!... No seu tempo... «cala-te bocca!». Nem era bom falar!...

— Falasse, falasse!

— Que dizia, hein, major? perguntava piscando um olho.

— De si não tinha nada a contar, accrescentara o major; mas delle capitão, — talvez que houvesse provas... alli mesmo na sala.

E o Oliveira, levantando os olhos, enfrentou com Leonarda, que, indifferente, não comprehendia a allusão da phrase.

O Oliveira encalistrou-se, e de ambos os lados da mesa subiu ao tecto uma gargalhada geral.

O gracejo do major fôra um tanto indiscreto; o medico fitara Esther, cujo rosto se tingira de pudor. Todos sabiam da historia.

Mas o homem recuperou logo a calma habitual, o seu humorismo facil.

Agora ia-se trincar o frango, o loiro frango de bico preso á mitra. Era o major quem estava de trinchante. E, ainda para gracejar, dirigiu-se ao velho:

— Olá! que dizia o capitão? Visse aquillo! Que dizia daquella posição? accrescentou com malicia, batendo com a faca no bico do frango.

— Dizia que era uma posição anti-social, posição em que o major não seria capaz de ficar.

Nova gargalhada subiu outra vez ao tecto.

Esther olhara para o medico. Ambos não tinham rido.

— Si o capitão já não estivesse um tanto no vinho não teria dado aquella resposta; — foi o que todos pensaram.

Foi servido o palmito com ovos estrellados.

— Um petiscão! affirmara o Oliveira.

O medico sorria-se de um modo suspeito.

— De que se rira? perguntara Esther curiosa.

Elle explicou-se do melhor modo possivel; mas deu-lhe a explicação em francez.

E distrahidamente continuaram a falar em francez. Diziam na lingua estranha amabilidades que não tinham coragem de dizer na sua. Chegaram mesmo a fazer calembúres. O medico amava a calembúr, a homonymia, a allegoria, a charada, e até o logogrypho. O seu espirito, habituado aos grandes pensamentos philosophicos, descia tambem com a mesma facilidade e promptidão ás cousas frivolas, educado por uma gymnastica mental, que havia começado na charada e terminado nos enigmas.

De repente gritou o major Cornelio:

— Hein? falava-se francez por alli? Qual *souvenir* nem meio *souvenir*! O bom era isto: pão pão, queijo queijo... O mais era historia!

E a sala encheu-se de estrondosas gargalhadas.

Estavam agora na sobremesa. Entravam a valer

nas fructas, nos doces. Os copos se sortiam, se esvaziavam de novo.

O Oliveira achava-se radiante.

— Capitão, mais um trago?

— Nem mais um pingo! respondeu, batendo com ambas as mãos na saliencia do abdomen.

Serviu-se o café e levantaram-se todos.

Era quatro horas e pouco. Uma tarde simplesmente bella.

Inventou-se para ir fazer o chylo ao campo, um passeio hygienico.

E foram.

Durante o percurso, e um pouco separados do rancho, iam a sós o major, o Oliveira e o medico. O major contava ao medico tudo que tinha observado na filha, depois da cura. Andava agora apprehensivo, receiando que a molestia voltasse. A rapariga, de uns tempos para cá, dera de novo em ficar triste, pensativa, com falta de appetite...

— Achava bom que fossem passar um mez fóra, interrompeu o Oliveira. Mudança de ares, mudança de habitos, de panoramas, de actividade... Nada como isso nas doenças dos moços! E perguntou a opinião do medico?

— Não seria mau... respondeu este contrariado.

— Essa intensão já elle tinha em segredo, tornara o major. Só a communicara á mulher. Queria ir passar um mez, mais ou menos, lá para S. Paulo. E a quadra não lhe corria peor para isso. Que achava? perguntou por sua vez ao medico.

— Não seria mau... repetiu ainda, fingindo-se calmo ao receber aquella noticia que, em fundo, lhe desagradava.

— Pois então... era isso, isso mesmo. Iriam nos primeiros dias do mez, concluiu o major.

As raparigas corriam pelo campo a fóra; apanhavam flores, saltavam montículos de terra.

Depois do vinho — Julia deitava ternura para Ricardo; dizia-lhe amabilidades, e em troca tambem as recebia.

Branca falava a Esther sobre o Chico do Tenente, sobre o medico depois.

— Que aquillo estava claro; para que negar? Todo o mundo via. Ah! como ella era feliz! Elle gostava muito della, e era bom homem e bom medico.

D. Euphrasia ia sosinha, a meia distancia dos dous grupos extremos; ora esfregando uma folha e cheirando-a, ora abanando um ramo, com que tapava o rosto dos ultimos raios do sol poente.

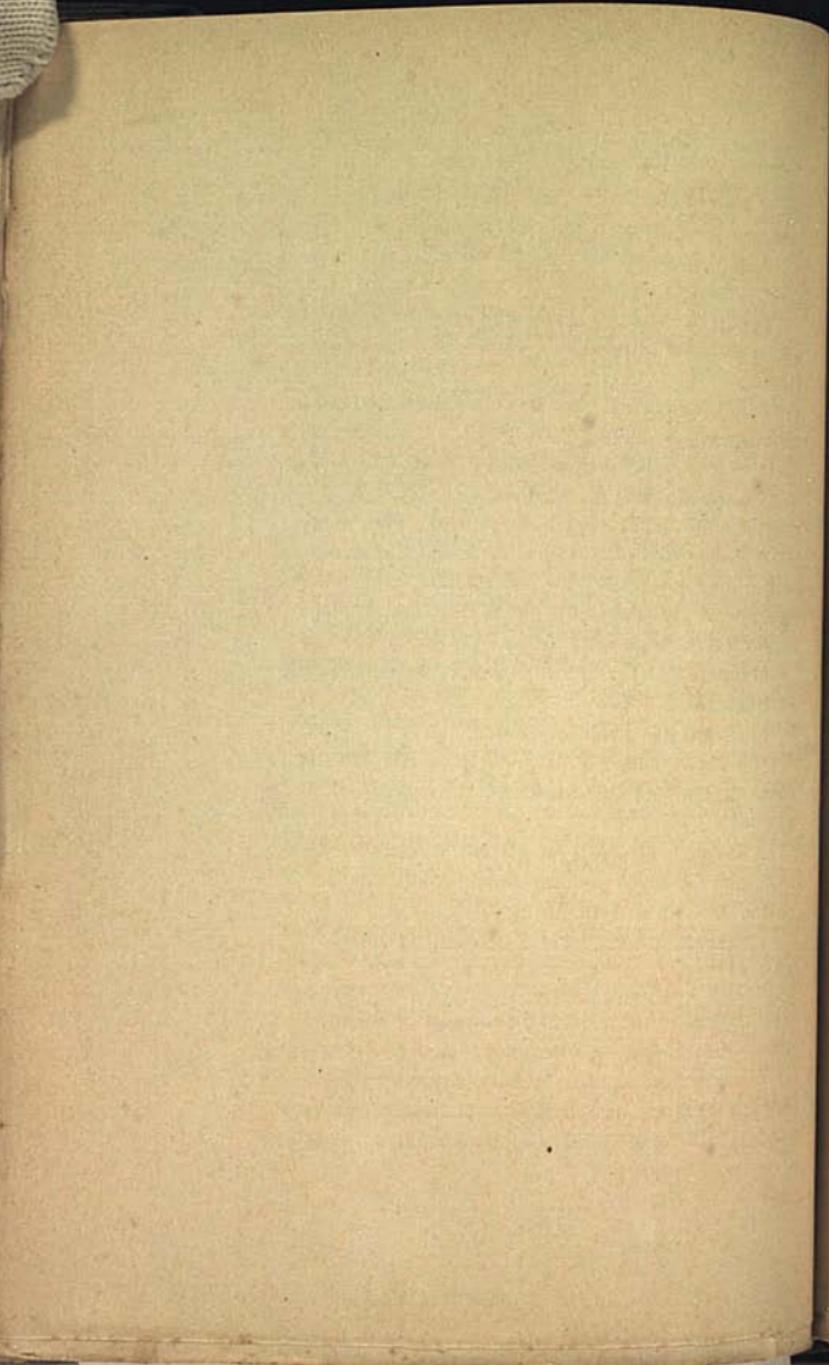
Ia anoitecer. Trataram de voltar. Tinham andado um kilometro.

Entraram na cidade já com o luar.

Quando o medico se despediu nessa noite, apertou a mão de Esther mais que das outras vezes. Estava tremulo.

A sua voz, mesmo gracejando, accusou certo sentimento: — era o seu espirito que entrava na penumbra de uma tristeza futura.

Começava a esmagal-o a imagem da solidão.



as
de
ex
re
oc
no
de
co
do
ma
ma
bo
se
ce
de
de
e

V

Fins de Abril.

Já a temperatura accusava graduado declinio para as baixas thermometricas do inverno.

De dias em dias registrava-se ás vezes um ou outro de 20 graus ; não havia muito descera o thermometro excepcionalmente a 15. O tempo, porem, corria com regular equilibrio e o céu se mostrava de belleza completa, lavado de nuvens, immensamente azul. As noites eram transparentes, de um socego monastico, de uma frescura deleitavel.

Comia-se bem, sentia-se renascer a vida, com o começo da consolidação anatomica de todos os tecidos do corpo :—chegava o tempo de não se suar mais. Respirava-se um ar alegre, benefico, embalsamado ainda das acacias silvestres, brancas de flor, bordando os campos e os pequenos outeiros com os seus aspectos á maneira de bouquet. Pelas velhas cercas, denegridas do tempo, as trepadeiras communs, de flóres em campainha, rôxas e brancas, leves e delicadas, mimosas inimigas do sol, abriam, manhans e tardes, os setinosos caliços, que recebiam no seio

o licôr de luz que a Natureza infunde do grande filtro da atmosphera.

No jardim de Esther primavam as palmas, rajadas de topazio, ou nuançadas de amarello vivo sobre vermelho-sulferino. As dahlias, variegadas, variavam na postura. Abriam-se as primeiras papoulas. Os brincos-de-princeza, dobrados, pendentes para o sólo, estrellas de escarlata, guardando ao centro uma perola de petalas, despediam-se do seu tempo para reaparecerem depois, quando Fevereiro e Março lhes trouxessem as primeiras intumescencias da prôvida anthese. Dessas flôres já os insectos se apartavam, correios alados do loiro pollen, que vai do estame á recatada, virginal carpella. — Os insectos! mundo infinito de bellezas aereas, musicos do azul, Beethovens e Mozarts no concerto da Natureza, transmissores da vida e da perpetuidade anthologica...

Na folhagem verde e abundante dos copados limoeiros, amarellos de oiro opaco — estrellavam limões a abobada daquellas auranciáceas. Pelos recantos abandonados viçava o estramonio com as suas flôres de neve, em trombetas de pétalas. De tempo em tempo, persistente, um raio amigo de sol estalava, no corymbo de pevides, a noz já sêcca do frondoso mamono; e a semente, rajada e luminosa, saltava ao sólo como saciado carrapato, que, exausto de sangue, entorpecido, cahisse á contracção lombar de já sugado corcel.

Todo o reino vegetal dessa época do anno tinha attingido o periodico desenvolvimento de suas funcções genesicas, rodeadas do cortejo de mil bellezas, desde a mocidade dos trôncos, o revestimento dos galhos, a inflorescencia, até ás flôres e fructos, ultimos

termos do renovamento vegetal. Dahi por deante, após uma parada de algum tempo, que symboliza o descanso creador no cimo da actividade, começaria então o periodo da reacção :— essa historia eterna da intermittencia, que tanto se manifesta na ordem physica como na ordem moral.

No centro dessa alegria virgem da Natureza, sentindo-a por todos os lados, a invadir-lhe os póros como diaphaneidade atomica; os ouvidos, como symphonia do céu; os olhos, como um poema do azul; as narinas, como onda de perfume; o paladar, como sabôr de fructos deliciosos; toda a epiderme, como um banho de vida, poderoso e fecundo :— embalada nessa poesia adoravel do planeta, foi que Esther recebeu da mãe a communicação de que a 1.º de Maio partiriam para S. Paulo. Um mez apenas de estada, passeios, divertimentos, theatro, saúde!

Antes que ella o soubesse já o medico estava ao facto da partida.

Como um insecto de Junho, toda a sua alma se contrahia a pouco e pouco no casulo da dôr,— immobilizada, presa pelo fio da vida a esse velho, musgoso paredão da affectividade humana.

Agora escasseava as visitas á casa do major. Temia ser fraco e, num momento de fraqueza, revelar a pusillaminidade amorosa de seu coração; o coração— esse anverso ridiculo da coragem masculina! Depois, não tinha direito de dizer nada. Como? em que qualidade, intervir nos designios justos daquela familia? Maguara-se, até á medula, no dia em que, radiante de jubilo, contara-lhe a rapariga que a 1.º de Maio partiriam para S. Paulo! •

— Ia em busca do *chromo*! Leve como a ando-

rinha, —voava o seu espirito de moça atraz de... uma chimera! Ella não o amava, sabia. Ingrata, não o fizera a Natureza para adaptar-se em todos os pontos ao molde da esthetica individual daquella moça. Por mais que se dilatasse ou contrahisse em si mesmo, elle não cabia com justeza nas exigencias affectivas de Esther: ora passava inconscientemente algum dos pontos do molde; ora não chegava a outros, dando-se ao ridiculo desfructe de uma sujeição inqualificavel, indigna até do seu character, do seu valôr como homem de sciencia. O papel que representava competia a ella como mulher, como sêr naturalmente mais fraco e de menos vontade na vida intellectual...

Depois continuou a pensar:

— Ella ia partir. Elle ficaria só. Quem partia estava de melhor partido; soffria menos; ia encontrar, no logar para onde seguisse, elementos de distracção. Tudo seria novo, falaria tudo aos sentidos pela primeira vez, desviando o pensamento do logar deixado. Não se lembraria mais d'elle! Novas relações, novos habitos; novidades visuaes, auditivas, olfactivas, gustativas, sensitivas, intellectuaes, emocionaes, moraes! Para elle nada disso: — tudo velho, repetido como sensação, como impressão! Nada lhe impediria, a elle, que a imagem della lhe povoasse o espirito, unida a todas as cousas dalli, desde a nota do piano até ao sacrificio da missa, a que ella ia, acompanhando a mãe, e em que ouvia com discreta conveniencia o escalavrado latim do velho parochó. Elle ficaria, pois, só; completamente a sós! Sem ella, tudo seria estúpido. E agora! — agora que ia entrar o inverno! E elle sentia tanto o inverno! Já as figueiras, quasi despidas, apresentavam poucas folhas, e essas mesmas

engrouvinhadas, esphacelladas nas margens, mosqueadas de manchas ferrugentas... A relva amadurecia! As primeiras nuanças de amarello já lhe davam esse tom triste do fim da vida. Pelos ares, todas as manhãs, já os papagaios, maitácas e periquitos passavam alto na atmosphera, gargalhando estridentemente a canção das colheitas, nas roças amadurecidas do districto. Na linha do horisonte, pelas tardes curtas desse mez, em vôo rapido, nuncias hyemaes, as pombas do matto, as pombas torcazes, *legitimas* ou *do ar*, passavam em bandos, desappareciam tão longe, sobre a copa verde das florestas! Chegava o tempo da descida dos peixes para as grandes aguas; que as pequenas seccavam. Ah! vinha a época dos parys, dos côvos e dos giquís, das tarrafas e espinheis, das caçadas ao campo, sob a luz branda e clara, de frescura delectavel, do sol no começo do inverno. Codornas, perdizes, já trinavam pelas verdes explanadas daquelle ponto do globo. Todo o bando volátil, de pennas mudadas em Março, tinha ao sol scintillações metallicas. Pelas sébes visinhas, em descuidados grupos, cantavam os melros pretos, ou vira-bostas, em côro, nas horas da sésta. Pelos curraes, cobrindo o sólo repisado da alimária domestica, centenas de rôlas, desde as esbeltas de côr havana escura, até ás mais curtas, de cinza clara, essas *fogo-apagou!* que já em Abril e Maio celebram o decrescimento dos raios solares, pronunciando essa phrase que o povo interpretou e lhes deu por nome. Pelos galhitos sêccos ou varaes do quintal, da estaca de uma cerca ou da cumieira de uma casa, eolípilo plumi-animado de algum tubo invisivel, dava um vôosinho vertical o *tziu*, de acobreada plumagem e pennacho de fogo, chilrando no ar os sons do seu

nome, e cahindo depois no mesmo ponto de que se elevava ! Dobravam ao redor das casas os doirados canarios. Pelas hastes das ervas espigadas do campo poisavam, revoavam as *viuvinhas* e as *tesouras*... Triste piava o bem-te-vi ! Com o vôo rasteiro, em curvas verticaes, passava piando o picapau *xen-xen*, a vigilante alegria dos campos. Revestidos de novo pêllo para os rigores de Junho e Julho, os rebanhos nédios de gado vaccum moviam-se pelas varzeas, lentamente, demandando ao meio dia os bebedoiros *crystallinos*, onde saciados quedavam-se, á beira d'agua, d'agua que lhes recebia do focinho um fio liquido de argentada baba ; — ou voltavam, ruminando, pacatos e bons, recendendo, á *emanação* de um sangue forte, esse delicioso e salutar odôr que lhes evola do couro ! Frio entrava o sol, cedo, e os dias eram sem tarde. A's 6 horas chegava a noite, e no céu infinito accordavam as pequeninas estrellas, abrindo no seio dos espaços as suas palpebras de luz atravez da cortina das trevas. E quando a noite vinha, as cabras mansas voltavam dos gramados de derredor da cidade, acompanhadas de cabritinhos a saltar, buscando para pouso as escadas da igreja ou os telheiros abertos, que resguardavam de sol e chuva as madeiras de construcção. Rapida fechava-se a noite, rapida descia a temperatura. Era assim tambem que ia anoitecer-lhe a sua alma, alma azul, transparente, constellada dos olhares de Esther, povoada de sonhos, colonizada de aspirações. E nessa quadra do anno, nesse tempo em que os organismos renovados, fortalecidos, mais precisavam do aconchego feminino, era ahi então que ella se ia embora, que o abandonava na bôcca do inverno, como tresmalhada ovelha, sob desconhecidos pinheiras !

Para contraste com toda essa natureza previdente das cousas, quando fóra ainda havia luz, movimento e vida, num bruxolear de formoso outono, — em seu espirito, da esperança — a lampada, tenebrario isolado, diminuia de chamma, e a sombra... a sombra se approximava, limitavam-se os horisontes, sedimentava-se-lhe o pensamento ao sopro gelado de uma tristeza profunda! Não! não iria lá mais! Estava tudo acabado! Afinal de contas precisava provar que era homem, que era forte, que estava acima dessas misérias do coração! Si ella se alegrava, porque elle havia de se entristecer? Si o não amava, porque insistir em amal-a? Cançava-se de ser tólo! Illudira-se tantas vezes! Ah! como era tão facil illudir-se a si mesmo quando se amava alguém! Ainda em uma das ultimas vezes em que lá estivera, ao vê-la recorda-se da musica pedida e da phrase com que a pedira, crêra-se amado pela persistencia das palavras na memoria della e pela maneira com que as rodeara de meiguice ao escrevê-las no papelinho!.. Como eram as cousas do mundo! Como se enganara! E, no entretanto, sabia o extraordinario poder daquella memoria de mulher! Não o amava e o cruciava! Crucia-o, sim; pois dias depois daquella, alludindo á nota que elle escrevera na ultima pagina de um livro, dissera-lhe entre risonha e maliciosa, que *não pensaria mais em chromos*. Pela inversa, — *pensaria, talvez, nelle*; ou pelo menos, dava-lhe o direito, fornecia-lhe a occasião de assim o interpretar. Finalmente perfida, manhosamente delicada, era contendora ter-tível, inimiga intelligente, que lhe tomava os caminhos por onde devia elle de chegar á rude franqueza da manifestação de seus sentimentos. E parecia, até, sob

aquelle véu dulcissimo de hypocrisia, comprar-se de sua humilhação, exultar de sua propria dôr! Não! não voltaria lá mais! Estava tudo acabado! mas —
COMPLETAMENTE ACABADO!

E, levantando-se da cadeira, espreguiçou-se loogamente, pegou as calças pelo cós, junto aos flancos, e olhando para as pontas das botinas, deu dous pulos no mesmo logar e poz-se alegremente a cantar o *La dona é mobile*, do « Rigoletto ».

Cantava fóra de seus usos, alto, muito alto, com elegancia, bonita voz, bem timbrada, que, com o socego do dia, ondulava pelo ar, indo morrer longe, dentro das casas da visinhança, cujas janellas saltava.

Esther que se achava no sotam, ao ouvir aquella voz, suppoz que fosse algum amator que estivesse em casa do mēdico, porque a este nunca ouvira cantar. Curiosa, abriera uma das janellas da direita, que andavam fechadas por deitarem para os fundos daquella casa. Surprehendera-se, estacara, recostada ao peitoril, ao verificar que era elle, elle em pessoa, o cantor de *La dona é mobile*; pois dalli o via, vestido de brim branco, encostado ao portal da porta do terreiro, de charuto entre os dedos, a cantar com elegancia aquella trecho que ella tanto apreciava! Uma verdadeira revelação para seu espirito, a de semelhante voz chrystallina e natural, expressiva e fresca, de uma tonalidade macia e agradável, que lhe chegava aos ouvidos por cima da copa do arvoredado, como canção de despedida, vibrada num momento supremo do coração d'elle, d'elle que a amava!

E não a tendo visto, continuava o medico o seu canto. Quando chegava ao fim, tirava uma fumaça do charuto e voltava ao principio.

A manso e manso, como quem vai commetter um sacrilegio, ella se foi debruçando no peitoril da janella, serenamente, projectando para fóra o seu busto esculptural, opulento de fórmãs, adoravel de perfeição.

Ouvia, escutava com um prazer egoista aquelle grito lyrico de uma alma sem esperanças, voltada para a realidade das cousas, martyrizada de affectos.

La dona é mo...

Aqui parou o medico, sem terminar a palavra, como si lhe degolassem o pescoço a golpe de guilhotina. Tinha-a visto, nesse momento, á janella do sotam, sobre o peitoril, attenta, toda ouvidos.

Ao parar, ella recuou, escondeu-se e fechou a janella.

Elle não cantou mais.

Aquellas janellas não se abriam nunca. Foram abertas naquelle dia, naquella mesma hora em que elle, triste, passara da tristeza á alegria, rumurejando com sarcasmo a canção dos descrentes, num dia de Abril, esplendido de luz, bello de movimento!

Calado, deixou-se ficar no mesmo lugar, tempo esquecido, parafusando idéas intimas, vivendo dentro de si mesmo, num subjectivismo cruel. E assim permaneceu, até que duas borboletas emendadas vieram dançar-lhe deante dos olhos, presas de amor, leves como um pensamento, a edificar nos ares a especie, a garantir a propria existencia com a perpetuidade da prole. Dellas, a menor estava extenuada; era a que voava por baixo, quasi pendurada, sem forças já para mover as azas, arrastada no azul pela femea, que era a maior e a de cima, radiante de prazer, rapida no

movimento, elegante, num delirio de jubilo, doude-
jando no ar, brincando, pairando sobre as azas, des-
cendo ou subindo. Volteava em torno dos arbustos,
voejava ao redor das folhas, como procurando lugar
proprio em que pousasse. E o achara, junto ao muro,
á sombra de um galho maior, na folha verde de uma
ameixeira pequena. O medico, que acompanhava com
os olhos aquelle bello par de nevrópteros, das borbo-
letas se achegou, com todo o cuidado, para vê-las de
perto.

Sobre a larga folha, que estava obliqua na linha
horizontal, viu elle a grande, com as azas cahidas,
e de pé, alta sobre a folha, a empurrar com os tarsos
posteriores a menor, o macho, já morto e molle,
e ainda preso á companheira amada.

E alli ficara-se o medico, até que os tarsos da
femea conseguiram desprender o macho, que escor-
regou, inerte, pela ponta da folha e... cahiu ao sólo.
Não resistira á lueta eterna da continuação da especie.
Morrera no seu posto de honra, depois de ter garan-
tido a sua existencia e a de seus antepassados na
prole que alli fecundara sobre dezenas de ovulos.

O medico a apanhara, levava-a para dentro e
a estudava agora sob um vidro de grande augmento.
Fez-lhe uma autopsia completa.

— Elle não morreria assim! A sua borboleta não
lhe amava a côr das azas; voava para longe, em
busca de outro macho que lhe quadrasse melhor na
sensibilidade! Elle morreria, triste e só, na soledade
de uma alcova sem gente, á luz escassa de um in-
verno rigoroso, ou em uma noite de trevas, completo
isolamento, allumiado apenas pela grande lampada da
imagem della, pairada horizontalmente sobre o seu

leito, com as vestes virginaes, brancas de neve, ondulantes no ar, risonho o rosto, satisfeito o espirito, socegado o coração ! Ausente que estivesse, longe, no extremo do mundo, elle morreria ao pé de sua imagem, — como aquella borboleta infeliz, ou antes feliz, ao lado da companheira que a matara. E quando o seu corpo cahisse da folha da existencia no sólo do nada, os vermes dos mortos, cirurgiões dos corpos sem vida, na lucta da existencia, fariam a ultima autopsia de seu cadaver...

Nesse momento bateram á porta.

Era Joanna.

— Que a senhora mandara perguntar si estava mal com elles, disse.

A senhora era d. Euphrasia.

— Que tempos que o seu doutor lá não ia ! Pois o ficaram esperando para a janta.

Esteve calado por muito tempo. Depois num movimento de rapida resolução :

— Que ia, disse.

E puxando o relógio viu que era duas horas.

— Lá, jantava-se das 4 ás 4 e meia, no maximo, não era exacto ? perguntou.

— A-q-u-i — qui, soletrando respondeu a mulata.

E ficaram calados por muito tempo. Depois proseguira o medico :

— Si Esther não tinha ficado muito alegre com a partida para S. Paulo ?

— Nem fazia idéa ! Isso ella ficara que parecia um foguete com o tição por baixo, disse Joanna, sem malicia.

O doutor Teixeira achou grosseira a comparação mas não disse nada. Sabia desculpar os que erravam ;

perdoava sempre. Limitou-se a ficar pensativo, ruminando a alegria da moça.

— Então? tornou a mulata, interrompendo-lhe o fio secreto dos pensamentos.

— Então, respondeu elle, é que não ia.

Joanna ficou séria. Depois de pequena pausa continuou:

— Não ia, como? Ora si havia de ir! Apostava até. Agora que já tinha dado a palavra é que queria voltar atraz. Bonito! E pensava que ella não havia de dizer tudo aquillo! Não ia... agora! agora—só porque ella dissera que a menina ficara alegre. Suppunha que era tóla? Ah! ah! como se enganava! Sabia tudo!...

O medico deu sua palavra de honra em como não era medico que ella pensava que elle deixava de ir, e interrogou:

— Que tinha uma cousa com a outra?

— Que tinha, não era? — tinha muito. E... Pois si não tinha, elle devia de ir. Fosse!

E ficou esperando a decisão. O medico conservava-se calado, irresoluto.

— Bom! Que não podia perder tempo. Ia ou não ia? Precisava levar uma resposta.

O doutor não dizia palavra.

— Ah! si elle soubesse!... disse ella como quem mostra um brinquedo a uma creança, e em seguida o esconde.

O medico levantou a cabeça. Olhou-a. Em sua pupilla accendera-se momentaneamente a chamma de uma esperança. Esperava. Ella repetiu a phrase, phrase capitosa, dizendo-a com mais mysterio, com as evidencias de uma promessa.

Estava indignado. Parecia-lhe um laço, uma especulação talvez; seria ao menos uma zombaria. Quem era aquella mulata para medir-se com elle frente a frente, atrevidamente, humilhando-o daquelle modo, tomando-lhe contas pelo seu procedimento? Quanto se tinha rebaixado! Accordava agora! Que leviandade em ter-lhe dado confiança! Ora *si elle soubesse!* fosse p'ra o diabo que a carregasse! Uma estúpida é que ella era! Canalha, e canhalha de baixa classe, com ares de alcoviteira mercenaria!

E continuava a fital-a; no rosto uma expressão feroz que accusava as metamorphoses colericas de seu pensamento.

A mulata percebera tudo.

— Não se zangasse! pedia-lhe com meiguice, arrependida.

— Desembuchasse! gritou elle, ameaçador, com impetos de dar-lhe um sopapo que a revirasse de pernas para o ar.

— Quizesse perdoar, mas é que o recado não fôra só da *senhora*.

— Pois de quem mais? berrou com maior força ainda.

Fôra tambem do *senhor* e...

Aqui Joanna sorriu-se outra vez como quem, tendo mostrado o brinco, o escondesse de novo.

E, quasi chorando, tambem sorriu-se o medico.

— Acabasse! pediu elle, impaciente, quasi abraçando-a.

Joanna não queria concluir, temendo agora, e justamente, que elle a tomasse por alcoviteira.

— Acabasse! Acabasse! supplicava.

E ella, hesitando e encanudando a mão ao redor da bôcca, disse baixinho, em segredo :

— E... *della* tambem.

— *Della*! murmurou o medico vagarosamente, com ar de incredulidade, e depois deu um moxoxo. — Mentira! gritou para a mulata.

— Jurava! Mas a *senhora* não tinha visto, e nem o *senhor*.

— Falasse! Falasse! supplicava o doutor, com dulcissimo, grato, apaixonado olhar.

— Fôra quando ella vinha sahindo no corredor. A menina chegara e lhe dissera: — Dindinha, si elle não quizer vir, não deixe de trazêl-o, ouviu? ouviu Dindinha? custe o que custar.

E, elle, calado e pensativo, pendida a cabeça, cruzara as mãos e ficara a olhar vagamente.

Sentara-se. Sentia-se fraco.

— Jurava! tornou ella. Mas olhasse! accrescentou, pondo o indice da mão esquerda sobre a bôcca toda contrahida, — aquillo, bico! entendera? Nem um pio!

— Ah! tinha entendido, affirmara. Estava claro! Podia falar sem susto, que falava a um tumulo.

E tirando uma nota novinha de cinco mil reis, lha deu em signal de gratidão, á mãe de Leonarda, que não a quiz acceitar, mas que foi forçada a recebêl-a, o que fez fingindo indifferença, ou melhor — contrariedade, e perguntando-lhe si afinal de contas ia ou não.

— Ia! concluiu elle, encolhendo os hombros, como disposto para o que dêsse e viesse.

E ella retirou-se.

Elle ficou pensativo:

— Tinha ainda uma hora de espera. Para se av-

liar o ter
só se fic
Uma hora
delle. Qu
— uma h
junto des

E, olh
sentiu um

— Era

Não! serv
adeantado.

comparece

E, lev
e com o
nutos para
seu relógio

— Age

mas sómer

garinho e.

prompto, s

quarto pas

e depois m

sem sentir,

seria? Ora

exemplo, c

E, olha

— O T

E, depois,

passeios va

quintal, iam

E entre

Poz ag

liar o tempo de uma hora... sessenta minutos, 60! — só se ficando á espera de que esse tempo passasse! Uma hora era um seculo para um coração como o delle. Quando se tratava de vêr uma mulher amada, — uma hora de espera, que martyrio! E, uma vez junto dessa mulher, uma hora era um segundo!

E, olhando para o relógio, pendurado á parede, sentiu um desejo invencível de adeantal-o.

— Era uma asneira! De que servia adeantal-o? Não! servia de muito; — si apresentasse o relógio adeantado, mentiria com mais convicção, quando lá comparecesse antes da hora.

E, levantando-se rapido, abriu a tampa de vidro e com o dedo correu o ponteiro vinte e cinco minutos para adeante. Adeantou o mesmo tempo ao seu relógio de algibeira.

— Agora já não faltava uma hora para as 3, mas sómente 35 minutos. Ia vestir-se; fal-o-ia de vagarinho e... gastaria 20 minutos. Quando estivesse prompto, só teria de esperar um quarto de hora. Um quarto passava mais depressa... Era só dez minutos e depois mais cinco. Os dez minutos elle os passaria sem sentir, — lendo qualquer cousa. Mas... que cousa seria? Ora que cousa seria! — qualquer. Leria, por exemplo, o...

E, olhando para os seus livros, concluiu:

— O Topinard... Um pouco de Anthropologia! E, depois, os outros cinco minutos, com uns dous passeios vagarosos, da porta da rua até ao fundo do quintal, iam-se que era um gosto.

E entrou para o quarto, a vestir-se.

Poz agua na bacia. Despiu-se, tirou a roupa dos

bahús, mudou os botões da camisa e dos punhos, e poz-se a lavar o rosto, a escovar as unhas.

Dando casualmente com os olhos no espelho, viu que estava a rir e completamente nú. Foi a primeira vez que viu rindo um homem nú. Achou graça naquillo e riu alto, ás gargalhadas, cahindo na cama, as mãos e o rosto brancos, brancos da espuma do sabão.

Riu-se muito, sósinho, como um doido. Cançado, voltou para o lavatorio e, tornando a fitar-se no espelho, viu que o seu começo de calva estava sem sabão.

E começou a falar alto com ella, como si ella o entendesse :

— Então, a senhora calva, hein? Pensava que era muito nobre por guardar o que havia de mais nobre, a intelligencia? Pensava, talvez, que por isso não poderia levar umas lambadinhas de sabão! Enganava-se a queridinha; havia de leval-as, olé! e já! Perante elle, e perante a Natureza, dona calva era perfeitamente igual á mais repugnante das immunidices.

E com as mãos cheias de espuma—bumba! arrumou sabão ás devéras por toda a cabeça.

Lavou-se, esfregou-se, poliu-se. Depois, sobre as pernas, morenas e musculosas, enfiou a ceroula de linho, cheirando ainda ás ervas em que corara; amarrou-lhe as alças em baixo, logo acima dos tornozêlos e levantou-se para vestir a camisa, que estava aberta em cima da cama, com o peito para baixo. Pegou-a pela fralda posterior e, de um arranco, descrevendo uma curva no ar, mettu-a pela cabeça que sahíu em cima, pela abertura da golla. Enfiou os

braços n
prende
punhos.

Em
vestiu as
por dent
que o in
da cerou

collete, p
concertou
os bigode
da Docten
dade » e

Pegou
sala.

Ahi c
e trinta e
minutos
apromptar

Pensa
vapor! Es

— Vi
tecia! Age
para torna
noves fóra

Sento
estante o
o livro ao
em gravur
mulher bo
começou a

* Les
de tablier

braços nas mangas, abotoou os botões de brilhante, prendeu o collarinho, atou a gravata e poz os punhos.

Em seguida calçou as meias, depois as botinas; vestiu as calças e accommodou as fraldas da camisa por dentro da ceroula. Nunca pôde tel-as por fóra, o que o incommodava muito. Abotoou os trez botões da ceroula e em seguida os cinco da calça. Vestiu o collete, puxou as mangas para cima e foi ao espelho: concertou o cabello e, com a escova, andou torcendo os bigodes; escovou os dentes com a *Eau dentifrice du Docteur Pierre*, uma « porcaria de primeira qualidade » e voltou a vestir a sobrecasaca.

Pegou o chapéu, pôl-o na cabeça e sahiu para a sala.

Ahi chegado, olhou para o relógio:—duas horas e trinta e sete minutos! Faltavam ainda vinte e trez minutos para as trez horas! Lavara-se, vestira-se, apromptara-se em doze minutos!

Pensava têl-o feito com todo o vagar e o fizera a vapor! Estava furioso e repetia:

— Vinte e trez minutos! Aquella só a elle acontecia! Agora o que devia de fazer era ir tirar a roupa para tornar a vestir-a. Doze e doze vinte e quatro... *noves fóra 6.*

Sentou-se, fez um *turco*, accendeu-o e tirou da estante o Topinard. (*Anthropologie*, 3.^a edição.) Abriu o livro ao acaso na pagina 374 onde ha um espécimen, em gravura, da *esteatopygia*, (nadegas collossaes) da mulher boschimane, e logo em cima na outra pagina começou a ler:

« Les deux particularités connues sous le nom de *tablier* et de *stéatopygie* » etc., e foi até ao fim

do periodo, decima quinta linha, que assim termina—
« ; c'est cela qu'on appelle le tablier des Hottentotes. »

Este trecho, por associação de idéas oppostas, fêl-o pensar na correcção, na harmonia de traços e proporções que elle antevia em Esther, percorrendo mentalmente a topographia anatomica de seu corpo. Ahi, nada de *tablier*, nada de *esteatopygia*. Producto quint'essenciado de uma raça superior, todos os seus orgams, bem desenvolvidos, apresentavam uma opulencia encantadora, uma vitalidade que seduzia! Ahi, nem o menor traço teratologico;—tudo harmonico, symetrico, esculptural! Vira-a tantas vezes, em casa, sem espartilho, tremulo o seio, de pé sob a camisa que parecia ter por cima—apenas o vestido. Ao menor descuido, no sentar-se, no mover-se, repuxavam-se-lhe as vestes, destacavam-se-lhe as curvas dos membros—numa belleza assombrosa, martyrizante, diabolica! Tinha impetos de agarral-a, despil-a toda, arrancar-lhe as carnes a dentadas, no phrenesi de um abraço, havia tanto tempo impedido, e sempre prompto para a primeira occasião! Si quizesse gritar, presa nos seus braços, tapar-lhe a bôcca com a sua bôcca, labios prendendo labios, na aspiração indomavel de um longo beijo, tão longo como os seus soffrimentos e como os seus desejos! Tapar-lhe-ia o folego com a lingua, até que ella morresse em seus braços, sem elle saber e, vendo-a morta, elle morresse tambem, numa syncope fatal que lhe paralyssasse nas arterias a circulação do sangue, naquelle momento de dôr suprema, dôr de têl-a matado, de têl-a perdido para sempre... E cahiria com ella ao soalho, ambos mortos no mesmo gos, para darem ás borboletas um

exemplo
grandes
meas,

E a
para as

Fico
samente

loco na
rotou-a,

cabeça e
para outo

Princ
chimbo.

— Di
Leva

um gran
fumar, br

Jacob De
gente e s

leira loira,
hombros,

de vellud

O pir
guttural e

— O s
Tinha muit

vinha hoje

— Fic
cando-o.

E com
A com

so pintor d
do lago, co

exemplo de amor: — de que na humanidade, nas grandes paixões, os machos não sobreviviam ás fêmeas, e nem as fêmeas aos machos!

E olhou para o relógio. Faltavam 10 minutos para as 3.

Ficou damnado. Tirou o chapéu e o bateu furiosamente sobre a mesa. Fechou o Topinard e o collocou na estante. Pegou de novo o chapéu, desamarrotou-o, passou-lhe a escóva com carinho, pô-lo na cabeça e começou a andar cabisbaixo, de um lado para outro. Estava phrenetico.

Principiou a sentir cheiro de fumaça de cachimbo.

— Diabo! donde viria aquillo?

Levantando a cabeça, de repente, assustou-se, um grande susto, ao vêr de pé, tranquillamente a fumar, braços cruzados, encostado á porta da sala— Jacob Despois, o pintor francez, physionomia intelligente e serena, 26 annos mais ou menos, bella cabelleira loira, que lhe cahia em annelladas madeixas pelos hombros, similhando-o a Christo, — com um gorro de velludo preto, bordado a ouro, sobre a cabeça!

O pintor falou-lhe, com a sua pronuncia toda guttural e áspera, carregando muito nos érres.

— O senhorr doctorr estava hoje muito nervoso!...

Tinha muitos dias que elle não via o senhorr doctorr; vinha hoje matarr a saudade.

— Ficava muito agradecido, disse o medico, abraçando-o.

E começaram a prosear.

A conversa foi sobre artes, o que deu occasião ao pintor de perguntar para que fóra aquelle quadro do lago, com um moço á grade de um jardim.

— Para uma cura por meio do hypnotismo.
 — Não sabia o que era isso, hypnotismo...
 — Uma descoberta moderna da sciencia. Um processo com que, por meio da *sugestão*, se conseguia dos doentes tudo que se queria—até a alienação da propria individualidade. Que em rigor elle não precisava do quadro, bastava que conseguisse o somno artificial, o somno nervoso, como o tinha conseguido, para dar as suas ordens, que haviam forçosamente de ser executadas, como foram. Mas, como era uma das primeiras vezes que tentava a cura por meio do hypnotismo, tivera seus receios e quizera fazer a cousa mais ao vivo.

— E... sorrira o effeito querido?

— Perfeitamente. Ordenara á doente que não se inquietasse, que não pensasse mais no *chromo*, que tivesse appetite, que digerisse bem, que se esforçasse por sarar, que dormisse tranquillamente todas as noites, que não tivesse sonhos nem delirios, que se conservasse o maior tempo possível deitada.

— E ella fizera tudo isso?

— Mas sem a menor discrepancia.

E o pintor, sorrindo, com o cachimbo na mão, abanou a cabeça, como quem duvidava.

O medico falou-lhe de curas admiraveis, de *paralysias chronicas* de 10, 15 annos, desapparecidas em poucas horas. E, a cada pergunta que o pintor fazia, dava elle uma resposta cabal, authenticando-a com factos descriptos na clinica de varios medicos. Tinha apenas o trabalho de abrir os livros, porque os factos comprobatorios do que affirmava estavam marcados a lapis, á margem das folhas, com a indicação bem clara, para facilitar-lhe as consultas.

Jaco
cedeu á
E, u
outro, fo
grande e
Era
concluido
da granc
oeste.
Viam
bem dest
bosque, u
relva, inte
dar no po
de uma c
rolho, velh
dade, aon
feiras, hav
alli, que ia
ao ultimo
luz e sor
poente, q
largo, mag
rança, alta
grandes ca
depois, ma
cendio que
teraes, con
tanta natur
photograph
peitada com
O medi
sua sensibili

Jacob Depois, á vista de tantos argumentos, cedeu á evidencia da nova descoberta scientifica.

E, dizendo ao medico que passava de um pólo a outro, foi ao corredor e trouxe de lá para a sala um grande embrulho chato.

Era uma téla, copia do natural, que elle tinha concluido, havia trez dias. Representava um canto da grande varzea, á beira do rio, na planicie de oeste.

Viam-se ahí, num traço genial, todos os planos bem destacados; ao fundo o rio, um pedaço de bosque, uma canôa presa á estaca, o tapete verde da relva, interrompido por uma trilha admiravel, que ia dar no porto e continuava do outro lado até á porta de uma casinha rustica, onde morava o Maneco Zarrolo, velho pescador muito conhecido em toda a cidade, aonde vinha trazer o seu peixe todas as sextas-feiras, havia mais de vinte annos. Coqueiros aqui e alli, que iam diminuindo gradativamente do primeiro ao ultimo plano. Uma felicidade extraordinaria de luz e sombra. O rio, com os reverberos do sol poente, quasi estagnado como elle era nesse logar, largo, magestoso, a reflectir do lado opposto a barrança, alta em alguns pontos, com filões brancos de grandes cascalhos, coroada de touceiras de capim; e, depois, mais para cá, uma explosão de sol, num incendio que doía na vista e se dilatava em raios lateraes, como de prata liquida. Uma cousa esplendida! tanta naturalidade como si fosse apanhada por uma photographia a cores! A optica nunca fôra tão respeitada como naquella cópia da Natureza.

O medico sentira-se profundamente tocado em sua sensibilidade esthetica. O que elle via alli não era

a obra das tintas, as regras da arte, o ingenho do homem, sinão o proprio logar, o proprio rio, a relva, a barranca, a choupana do pescador, a canôa sobre as aguas. Era a *Estiva* (que assim se chamava o logar), a propria *Estiva* que elle estava enchergando, illuminada por um sol de Abril, sobre um céu sem nuvens, immensamente luminoso, azul a perder de vista, numa tarde serena, tranquillamente doce, dessas em que o espirito rejuvenesce e os membros se dilatam no movimento alegre de uma vitalidade inconsciente.

— Si pretendia vendê-lo ?

— Sim ; mas depois que com os outros da sua collecção figurasse em S. Paulo, numa pequena exposição que pretendia fazer.

— Em quanto o estimava ?

— Não sabia ; mas suppunha que duzentos e cincoenta mil reis não era caro.

— Pois tinha gostado muito do quadro e achava-o muito bom para um presente . . . Si consentia em desmanal-o da collecção, dava-lhe por elle 300,000.

Jacob Depois quiz offerecer-lho ; não vendia, offerecia-lho em signal das obrigações que lhe devia, em lembranca de uma grande amizade.

— Si já lhe não tinha offerecido *A Estiva*, é que para o doctorr estava destinado um outro quadro actualmente em obra, e que elle suppunha dever agradar-lhe mais.

E, como o medico se negava a aceitar, insistia para que o acceitasse.

— Não acceitava por nada ! Alem do mais, não era para si. E como dar de presente um mimo que recebesse de presente ? Era simplesmente descortezia,

pouco caso. Comprava-lhe aquelle e ficaria então com o outro como lembrança, da qual se não esqueceria nunca.

— Si não fosse o doctorr, Jacob Depois já estava no cemiterio! murmurou o pintor entregando-lhe o quadro. — E o doctorr fôra tão generoso que não levava nada!..

— Vendido ou dado?

— Vendido, não.

— Dado é que não, replicou o medico.

E vendo o pintor que não havia outro remedio sinão ceder mais uma vez á tenacidade do doutor:

— Pois que fosse! concluiu, fechando o negocio.

E o medico pegou o quadro e foi buscar o dinheiro.

Ainda quiz o pintor teimar para receber só os 250.000 em que tinha, quasi de graça, calculado o valor da sua obra; mas foi em vão.

— Ou os 300.000 e o quadro ficava, ou nem um vintem e elle voltaria com a sua *Estiva!* intimou o medico.

O pintor accitou o dinheiro.

O dr. Teixeira lembrou-se então de que tinha de ir jantar em casa do major. Olhou para o relógio que marcava 3 e 35 minutos. Levou um susto.

— A prosa tinha-o feito passar das horas, observou elle ao companheiro.

E contou tudo a Jacob, que, puxando o relógio, mostrou que o do medico estava adeantado 25 minutos.

— Mas, não era possivel! Olhasse tambem o da algibeira.

E, puxando-o por sua vez, mostrou ao pintor que também alli eram 3 e 35.

— Embora! O que lhe podia garantir é que era 3 horas e 10 minutos da tarde.

— Tinha certeza?

— Toda a certeza.

E dirigindo-se para o relógio de parede, o atrazou o medico 25 minutos e fez o mesmo ao da algibeira.

No intimo, pensava elle que fôra uma providencia a visita do pintor; sinão, iria fazer má figura, apresentando-se tão cedo para jantar ás 4 ou 4 e $\frac{1}{2}$ da tarde.

Chamou o creado, mandou-o embrulhar em jornaes a formosa téla, que media seguramente mais de um metro de comprimento sobre altura correspondente, e ordenou-lhe que, um quarto de hora depois, fosse leva-la á casa do major onde elle se acharia então.

Jacob Depois despediu-se, e o medico retirou-se também.

A sua recepção fôra cordialmente jubilosa. Fazia muitos dias que elle lá não punha os pés. Houve ajuste de contas, « porque seria, porque não seria », terminando tudo em paz.

Esther foi para o piano e perguntou-lhe propositalmente que musica preferia.

— A que ella quizesse, respondeu elle também propositalmente.

E ella, sentando-se, tocou um trecho do *Rigoletto*. Estava muito seria e elle também. Executava com alma; seus movimentos eram nervosos, desembaraçados. Não tinha ainda voltado o rosto para ninguém. A musica a absorvia. Virava as paginas com uma rapidez que não prejudicava o compasso. Era a mu-

sica que elle cantara... Seguia-lhe os passos do pensamento, bebia-lhe na mesma fonte das emoções. Quando chegou ao *La dona é mobile*, voltou rapida o rosto, fitou o medico entre duas notas e olhou logo para a musica. Fugiu-lhe dos labios, nesse momento, o esboço de um sorriso,—sorriso malicioso, allusivo, sorriso instantaneo que se desfez logo, que desapareceu voluntariamente ao mando de uma vontade auctoritaria, altamente educada.

E tocou com mais calor.

Era uma negação inatingivel, incomprehensivel a todos os assistentes menos a elle, inacessivel a todos os ouvintes. Era, para o medico, uma especie de adhesão tacita aos seus sentimentos, uma prova finalmente urdida, delicadamente posta em pratica, de que... —o amava talvez! e de que *la dona*, que neste caso seria ella, não era tão *mobile* como elle pensava, pois que alli estava, *la dona*, a repetir o que elle cantara pouco antes, elle que a amava e que nella nem ousava confiar. Sim! *la dona* alli estava a despertar-lhe o espirito, a puxar-lhe a memoria para as mesmas cousas em que pensara, não havia muito, a ungil-as agora com a sua presença, com as graças virginaes do seu todo, a intensionalidade de seus pensamentos... —alli, junta do piano, adoravel de encantos, infinita de seducções. Era um espirito irrequietamente fino! um'alma artisticamente delicada.

O creado do medico entrou, entregou-lhe o quadro de Jacob Despois, quadro que foi offerecido a Esther, com uma simplicidade encantadora de verdade, nas palavras, no gesto, no tom da voz.

Uma surpresa, uma surpresa enorme!

— Era a *Estiva* mesma! Uma tēla admiravel, um

primôr de arte, de naturalidade! — Que extraordinaria identificação das côres! — Nos vegetaes — que maravilha de tons! E os coqueiros! E a barranca separada horisontalmente pelos filões de cascalho branco! Olhassem! olhassem a sombra da barranca dentro do rio! e mais para cá a explosão do sol no centro das aguas! Ah! e lá adeante então? Não viam? Reparassem a casa do Maneco Zarolho! E o caminho! e o caminho pelo meio do capim, sahindo do lado de lá do rio, continuando por alli a fóra até á choupana. Até o mastro elle puzera! o mastro de S. João, que o Maneco levantara em Junho passado! Como era natural! Ah! não tinham visto a canôa presa á estaca! Vissem a canôa! como era chique! como se destacava com a sua sombra pela tona d'agua. A corda que a prendia á estaca... que primôr! E mais para baixo, ao fundo, como era verdadeira a imitação do bosque! E depois o céu, o céu! grande, luminoso, transparente — *gris-perle* para o poente, azulando aos poucos para cima, que era o nascente, num quadrante de curva admiravel, num trabalho assombroso de perspectiva! Como os olhos se enganavam! Quem havia de dizer que tudo aquillo, tão bem destacado, de objectos e planos tão separados, estava num plano unico, a superficie chata de um panno, esticado a tachinhas, sobre um quadro de pinho!

Cada qual fazia a sua exclamação. Todos sentiam o mesmo entusiasmo, a mesma emoção que desperta a Arte quando em seus segredos profundos se encarna em verdade tangivel, confundindo-se com a propria Natureza!

Foi, sem duvida nenhuma, um presente inesti-

mavel, uma lembrança feliz, um pensamento luminoso, a offerta daquelle quadro.

— Iam para S. Paulo e lá, distante dalli, veriam a *Estiva* todos os dias, viveriam mentalmente alli, alli com os amigos, alli com todos, no meio das recordações, ao balanço da saudade, lento e bom, que faz vêr o passado, que nobilita o coração.

Annunciou-se o jantar.

Foi um jantar em familia, sem a menor formalidade, commodo, de prosa animada, de certa alegria fingida; fingida porque todos se queriam, se estimavam muito e iam separar-se. Era um mez, um mez só. Mas a conjectura de cada um, do que poderia succeder, sem poder ler no futuro, entristecia-os a todos, obrigava-os a não tocar no assumpto.

Esther, essa estava de uma brandura desusada para com o medico: — terna, meiga, achegava-se delle, falava-lhe unidinha, com uma confiança estranha, confiança de criação domestica, mansa, que nos roça pelas pernas, que nos acaricia até abhorrecer. Toda affectos, toda attencões! Parecia sua irman; brincava com elle, fazia-o rir, quando de espaço em espaço, distrahido, elle, que suspirava, ficava sério, com o olhar vago, velado de mysterioso, pensativo scismar.

— Que elle havia de escrever-lhes, não era exacto? Dar sempre noticias, sempre! Ir mesmo até lá, para passeiarem juntos... Elle lhes mostraria a cidade, pois que a conhecia bem, que lá estivera um anno... Si ia?

— Era possivel, respondia seccamente, sem fitar ninguem, com um desejo immenso de pôr-se ao fresco, de vêr-se livre daquelle meio asphyxiante, tenebroso, que lhe estava a roubar, barbaramente, no futuro, dias, annos de vida.

— A elle não custava nada ir, diziam. Era um corpo só... Esperavam que não faltasse. Promettesse! pediam.

— Era possível, já tinha dito.

Teve uma ousadia enorme: — perguntou:

— Quando iam? Si não tinham adiado a viagem?

— Não; não a tinham adiado. Iam depois de amanhã, a 1º de Maio mesmo... Hoje era 28 do mez. Inventaram um passeio pelo campo.

Devia de ser um passeio magnifico, tão sós, elle e a familia, á fresca da tarde, pela relva a fóra...

Negou-se. Não podia ir. Pretextara serviços de sua profissão:

— Tinha uma doente de febre, longe, lá para os lados do Antunes. Não fôra vê-la ainda hoje... Uma pobre rapariga... Não acreditava que escapasse...

— Coitada! Que febre era?

— Perniciosa, no ultimo grau.

— Uma pena!

— Com effeito o era. O mundo, porem, tinha dessas cousas. Moça e robusta, havia 15 dias e, amanhã — talvez cadaver.

Estiveram calados muito tempo. Precisavam de um pretexto para poderem se mostrar tristes, elles que já o estavam.

Tentaram por mais de uma vez refluir a conversação para pontos já tratados.

Duas, trez phrases, e ahi vinha o silencio, esse silencio pesado, incommodativo, que é filho das situações falsas. Era o tedio da ausencia, dura ausencia que se ia abrir entre aquella cidade pacata e monótona, de interior de provincia, e S. Paulo, tão longe, festivo e ruidoso, cheio de movimento e vida.

Dificultavam-se cada vez mais as cousas.

O medico esperava um accesso de coragem para despedir-se. Sim, elle não queria voltar mais alli; não queria passar instantes como aquelles.

E para ter animo, procurou, inventou uma pilheria, para que todos rissem, porque elle riria tambem, e, aproveitando logo aquelle momento de passageiro riso, pegaria o chapéu, e em seguida, pensando na pilheria para fugir á tristeza, despedir-se-ia, forte, sem revelar nada, impassivel, indifferente.

Collocou a pilheria, associada habilmente á ultima phrase dita, uma phrase gordalhona do major.

Em outra qualquer occasião seria um successo! Alli, fôra simplesmente um desastre. Riram-se para agradar-lhe, uns risos curtos e amarellos.

Esther abanou a cabeça, indicando que conhecia todo aquelle jogo intimo dos pensamentos delle; e elle, nervoso, rapido, levantou-se, bateu a botina para desenrugar as calças, tomou o chapéu, despediu-se e... sahiu.

Foi a primeira vez em sua vida que percebeu claramente que Esther lhe apertara a mão; um aperto anormal, tremido, quasi convulso, significativo. E elle, elle não lhe fizera o mesmo, não lhe apertara a pequenina mão, aquella mão macia e fina, feita para as caricias do grande amor, do amor elevado e honesto, para o beijo dos affectos profundos, para as bençams da felicidade. Tocara de leve, doce como uma penna, calculadamente, significativamente tambem.

Sahi, sahiu veloz, triste como a fome, desnor-teado, infeliz.

Fôra direitinho para a casa; não tinha nenhuma doente de febre. Qual Antunes nem perniciosas! O

que tinha era uma tristeza immensa, um mal-estar invencivel, uma dôr moral que se não media por falta de grandezas comparaveis.

Seu espirito, timorato por natureza, sentia, ainda que livre em todos os juizos, um como que presentimento funesto, uma como visão anterior de que lhe começara a segundâ parte de sua historia, lugubre historia de uma vida desconhecida e pesada, toda cheia de golpes e gemidos, de paginas intimas de dôr, sem compensações, sem risos, sem nada.

E o seu passado, inteiro, surgira-lhe no espirito, factio por factio, chronologicamente, desde os primeiros dias da infancia, de que conservava memoria, passada na provincia natal, á beira dos sertões de oeste, tão descuidosa e automatica, — de dia pelos campos a ajuntar o gado, — de noite, a ouvir, ao luar, as historias indigenas de Anhangûera e Caapora, emquanto ao longe, no escuro das mattas, gemiam os noitibós ou passava o jaguar, caminho das prêsas. Depois viera para o Rio dar pasto á sua vocação; formara-se em medicina e, ouvindo a fama de S. Paulo, viera para cá, sempre isolado, sempre triste, sem um affecto, sem um pensamento humano! Pae, mãe, nada disso possuia. Nunca tivera irmãos. Cada hora de sua existencia crescia proporcionalmente em minutos e maguas; contava-os, por seculos áquelles, a estas por centenares em cada um dos minutos. Sabia que tudo isso era exagero, um grande exagero mesmo de sua affectividade; mas com ser exagero não deixava de ser real perante a sua consciencia. Soffria portanto, e soffria muito. Tão delicada, tão fóra da comprehensão commum dos homens era a causa das suas maguas, — que não a revelava a ninguem, porque a

todos parecia ridiculo, infantil até. Ah! não se comprehendia facilmente que quanto mais fina é uma alma, quanto mais elevado um espirito, tanto mais se engolfa em pequeninas exigencias, imperceptiveis ás vezes, necessidades moraes, meiguices de azas brancas, transparentes e leves, e que, não satisfeitas, não realizadas, deixam, nesse espirito que as concebe e cria para si, — grandes trechos de escuridão impenetravel, como soluções de continuidade na plena luz dos cerebros de selecção. Dizêl-o era expor-se ao riso de todos, passar por... lunatico, doido talvez! Quem assim pensava, quem assim sentia, quem tinha nos nervos, na sua natureza physiologica essa irradiação por assim dizer, — dinamizada, espiritualizada, até ao ultimo grau das transformações cada vez mais complexas do espirito, das funções do cerebro, *disso* que se chama — a alma, quem assim era, por isso mesmo que o era, estava muito além do nivel commum dos homens, não podendo ser comprehendido por elles, isolado na esphera da vida, solitario cometa no infinito das dôres, no incommensuravel do Universo.

Essa solidão de si proprio no centro da expansão assombrosa, intérmina e movimentada de todas as cousas; essa unidade sceptica, de um individualismo severo e inamolgavel, mais ainda o pungia á vista do portentoso contraste de todas as manifestações da materia.

E assim pensando chegou á casa.

Ordenou ao creado que tivesse os animaes promptos para o dia seguinte; tinha que vêr um doente a nove leguas de distancia.

E recolheu-se, fechando-se a chave depois de dizer ainda ao creado — que não estava em casa para ninguem.

Ao fechar-se, sem saber porque, lembrou-se instantaneamente de Jacob Despois, do pintor francez que traçara *A Estiva*, téla primorosa que valeria na Europa um dinheirão.

E, pensando no pintor, cerrou as janellas da sala depois de descer as vidraças.

Nesse fim de mez, o sol passava quasi justinho por cima da rua em que o medico morava, de nascente a poente, pouco descambando para os lados.

Dentro de meia hora seria noite. Uma temperatura deliciosa poisava docemente de sob o azul do céu por sobre a tranquilla cidade, preguiçosa nessa hora do dia como um bocejo de somno; poisava mansa, a 19 graus Centigrado, sobre todas as casas, sobre todas as cousas. A luz poente, acariciadora e doce, entrava pela rua a fóra como o clarão de uma lampada electrica, que penetrasse por uma galeria subterranea. Para a direita, as paredes brancas e lateraes tinham reverberos que doíam na vista; as arvores dos quintaes se destacavãem no fundo luminoso das paredes caiadas; os canarios, que voavam, mostravam os peitos cõr de fogo ao brilho do sol;—longe, muito além do alcance visual, sempre para a direita, escurecia o firmamento, num azul-ferrête pesado, á proporção que se avisinava de terra; e, á proporção que subia, clareava, clareava sempre, interrompido ás vezes por pequenas nuvens, quasi immoveis, quasi informes, separadas, brancas á frocos de algodão, leves á sonhos de estio. Para a esquerda, todas as paredes lateraes estavam na sombra e os passarinhos que voavam pareciam pequenos pontos negros sobre o fundo occidental do céu, illuminado a tons de perola pelo sol no occaso,—pontos ambulantes, rapidos,

que a
ciava
nem
E lor
céu ca
do sc
de luz
força.
T
sciente
mento
pintor
E
unica
tura ;
para a
cessaria
si, gor
humido
como c
combin
quadro
ou ent
sobre a
alegria
dessa a
Inveja
Naturez
se desp
que a
cobrem
leza.
Sem

que se perdiam nos ares á medida que se distanciavam. Ahi não tinham as arvores scintillações, e nem se destacavam bem os planos do campo visual. E longe, quanto a vista podia alcançar, clareava o céu cada vez mais, á proporção que se approximava do sol, que parecia então o vertice de um cartucho de luz, na sua expansão universal de movimento e força.

Talvez fosse esse quadro que despertasse inconscientemente no cerebro do medico o compartimento anatomico que guardava latente a imagem do pintor.

E o via deante de si, feliz na vida, tendo uma unica paixão, facil de satisfazer bem ou mal—a pintura;—porque essa paixão artistica só dependia d'elle para a convivencia intima, para o feticchismo necessario de suas tendencias plasticas. Via-o deante de si, gorro ao lado, sobre as doiradas madeixas, olhos humidos e tristes, de uma nostalgia indecisa, vaga como o nascer de um desejo, a olhar, a olhar, como combinando mentalmente os primeiros traços de um quadro, cachimbo á bocca, fumaça a boiar nós ares; ou então—sentado no seu *atelier*, tintas á mão, pincel sobre a tēla, todo absorvido num pensamento, toda alegria e paz, vivendo em si mesmo, esposo da arte, dessa arte que elle tinha dentro da propria cabeça! Invejava a sorte, o placido viver daquelle amante da Natureza, dessa Natureza admiravelmente bella, que se despe para aquelles que a idolatram, para aquelles que a adoram e que, em compensação, nella descobrem cada vez mais ensino, cada vez mais belleza.

Sentia uma pressão immensa sobre toda a sua

individualidade; um desespero profundo de não ter na existencia uma arte que o consolasse nos transe da dôr; uma necessidade inadiavel de se expandir, de falar francamente a um amigo, de arrancar o coração, pô-lo numa salva, e, de bisturi em punho, fazer-lhe a autopsia á vista do amigo, mostrar-lhe o estado penoso daquelle musculo, chorar, pedir conselhos, pedir remedios.... elle que era medico e que descrevia nesse momento da sua therapeutica—conscienciosa e sábia.

Tinha accendido o lampeão e as velas, e fumava, passeando apressadamente ao longo da sala.

Escreveu um bilhete em que chamava o pintor e mandou o creado que o fosse procurar e trouxesse a resposta sem demora.

— Ah! ia romper com o seu segredo! Não podia supportar-o mais. A alma do artista, selecta e generosa, seria o cofre de suas expansões. Encontraria nelle o conselheiro amigo, o refugio da dôr, consolo das maguas! Sim! de sangue frio não lhe poderia dizer nada! fallecer-lhe-ia a coragem; parecia-lhe até uma deslealdade para comsigo mesmo! mas que pretexto que não eram as bebidas! O vinho, o cognac! Ah! o vinho e o cognac dar-lhe-iam essa coragem; e animado, animados ambos, dir-lhe-ia tudo com a maior franqueza, e lhe pediria conselhos, que, si lhos não dêsse, restar-lhe-ia ao menos o socego, a satisfação de se ter desabafado em voz alta, com verdade e calôr. Sentir-se-ia alliviado, dormiria tranquillo até que amanhecesse e, promptos os animaes, partisse, partisse para longe, afim de não se vêr obrigado a ir á estação acompanhal-os,—acto esse para o qual não se sentia com forças.

E
cóp
fino-c
todas
depois
a esp
A
Já
com u
luz—a
illumir
parad
a oést
estes r
Co
descia
ocaso
de éste
minaria
tarias,
piariam
timando
que ia
hyberna
canções
—
—
E,
O p
casemira
a deitar
—
medico.

E, entrando para a sala de jantar, trouxe da côpa uma garrafa de velho *Porto*, outra de cognac fino-champagne e trez ou quatro de cerveja. Pôl-as todas em seu quarto sobre um aparador. Trouxe depois uma bandeja com copos e calices, e continuou a esperar o pintor.

Abriu uma janella; debruçou-se.

Já agora, posto o sol, cahia a noite docemente, com um socego virginal. Pelo azul distante, gottas de luz—as estrellinhas do céu abriam as palpebras, para illuminar o caminho do somno, amigo sincero e reparador, que rodeia o mundo em 24 horas, de léste a oeste, fechando as palpebras dos homens, para que estes não vejam os olhos das suas estrellas.

Com o cahir da noite refrescavam-se os ares, descia a temperatura, e quando os ultimos clarões do occaso se confundissem com as sombras do quadrante de éste, quasi a pino, a lua, branca e silenciosa, illuminaria a terra a meia luz; e, pelas estradas solitarias, em vôos curtos e rasteiros, ao redor da cidade piariam os curiangos; e, pelos brejões da varzea, lastimando o calôr que ia desaparecendo, e a chuva que ia emigrando, as rans e os sapos, antes da hybernação do inverno, coaxariam as suas ultimas canções.

— *Bon soir, docteur.*

— *Bon soir, Jacob.* Entrasse, respondeu o medico.

E, fechando a janella, veiu abrir a porta da sala.

O pintor sentou-se, embrulhado em sua manta de casemira, e, calado como quem esperava, começou a deitar fumo ao cachimbo.

— Como tinha passado de hoje? perguntara o medico.

— Bem. Agora ia esfriando mais. O inverno aquelle anno parecia prometter,— respondeu Jacob com a sua pronuncia cheia de érres e pausada, docemente pensativo, quasi sorrindo.

— Si estava frio fóra?

— Bastante frio. A temperatura descera muito logo depois de entrar o sol. E a noite estava limpa e bonita.

O medico fôra até á porta do quintal, a vêr o seu centigrado:— 14 graus.]

— Não seria nada; desappareceria logo. O que elle preferia: vinho do Porto, cerveja ou cognac?

— Cerveja com aquelle tempo, oh!... respondeu o pintor.—Cognac; preferia cognac.

Foi aberta a garrafa de fino-champagne; encham-se os calices.

O doutor sentia-se deslocado. Estava visivelmente triste; pallido, accusavam-lhe a expressão do rosto e a maneira de olhar uma grande preocupação de espirito.

— Que o doctorr hoje... não estava bom,— aventurou o auctor d'*A Estiva*.

— O medico sorriu-se com ares de quem concordava com a affirmativa de Despois.

Longos trechos de silencio se succediam, interrompidos apenas por phrases curtas, ditas rapidamente.

Quando o pintor virou o resto de cognac do primeiro calice, o medico bebeu de um trago o terceiro. Havia uns 20 minutos que a garrafa tinha sido aberta.

Mais animado agora, e enchendo de novo os calices, censurava o dr. Teixeira a sobriedade do pintor.

— Não era sóbrio, respondia ; mas gostava de ir de vagar. Si não conhecia o ditado : — *petit a petit...*

— *l'oiseau fait son nid*, conhecia, respondeu por sua vez, e accrescentou :

— Que, então, iria tambem de vagarinho. Queria fumar.

E poz-se a fazer um *turco*.

O pintor tirou a manta e a arremessou ao espaldar de uma cadeira que estava á pequena distancia. A manta cahiu ao soalho e o medico que se tinha levantado e lhe ficava mais perto, apanhou-a e a repoz no mesmo logar.

O pintor agradecera, accrescentando com malicia :

— Aquellas *cadeiras* eram de pau, por isso é que a manta cahira.

O medico tão perspicaz em descobrir as intensões das palavras, não entendera a allusão do pintor, tão mergulhado se achava em seus pensamentos. Fôra preciso ao francez explicar-lhe a que ligara a palavra cadeiras.

Então, sorrira-se o medico ; achara boa a phrase e fino o pensamento.

— Hein? Si aquella manta falasse!...

O pintor, que acabava de tomar um golpe, concluiu pelo medico :

— Muitas cousas bonitas ouviria o doutor. E... si fosse uma chapa sensibilizada — bellos quadris de mulheres formosas, coxas alvas como as camelias, bem feitas como os primores de escultura, ventres docemente abahulados... Tudo isso passaria deante dos olhos d'elle, como uma tentação invencivel ; porque, quanto mais o homem se continha em suas... neces-

sidades, tanto mais nítidas e mais fortes lhe eram as imagens dellas no cerebro.

E contou-lhe a historia de uma conquista recente para os lados da *Estiva*, quando andava por lá a tomar nota para o seu quadro.

— Uma morenita sacudida, *chic* mesmo, com os cabellos que davam pelas nádegas, uns cabellos pretos, lúsidios... uma bôcca que era um mimo. Seios magníficos, gorducha... — coisinha muito x-p-t-o.-london, como dizia o capitão Oliveira, o da loja. Lá isso é que não padecia duvida.

Contava isto friamente, com um sorriso sincero de quem, não mentindo, dizia uma cousa natural, e ficara-se a olhar para o medico, que o contemplava, vendo nelle um homem feliz.

De facto, bello, de uma physionomia profundamente agradável, bem proporcionado e attencioso, olhar doce e energico, de limpidez admiravel, bôcca bem feita, vermelha, dentes claros, mãos mimosas, — era Jacob Depois querido das mulheres que não procurava, mas que de pouco em pouco iam-se engraçando com elle, dando e tomando liberdades, até que emfim, sem ser um conquistador, era um homem feliz, que sem paixões genésicas, sem trabalhos de estrategia, tinha mulheres que o adoravam... prezeres sem gastar dinheiro.

— Era a Tónica. O doutor a conhecia... Ella já tinha estado alli.

E apontou para o gabinete reservado.

— Tónica! tornara o medico pensativo, fazendo esforço por se lembrar. Não! não conhecia nenhuma Tónica!

Ora si conhecia! A filha da Magdalena!

— P
era Magd
— E
muito. E
porque o
— M.
conhecim
— H.
o pintor
com a T
isso não
manhan e
tia appar
de S. Jo
cobrar na
lá ia toma
não havia
diam vér,
esperava,
onde tinha
bados, vin
moíam no
causa dell
Mas, lá fô
se encontr
A mãe con
filha estava
que sempre
tivesse no
agora os
não havia
não curava
lengas... E

— Peior ainda ! Ora Magdalena ! Sabia lá quem era Magdalena ! ?

— E' porque não se lembrava. Ellas o conheciam muito. E a mão confessava-se até muito reconhecida, porque o doutor não quizera levar nada !

— Mas o que tinha elle feito afinal, para esse reconhecimento ?—perguntara o dr. Teixeira.

— Havia um anno mais ou menos... começara o pintor a responder. Já nesse tempo andava de olho com a Tonica. Não é que elle fosse um seductor, isso não ; mas, muito bonitinha, ella passava de manhan e lhe jogava flôres para dentro da sala. Um dia apparecera lá com a mãe. Queriam uma bandeira de S. João. Elle fizera a bandeira e não quizera cobrar nada. Ficaram amigos, e, de vez em quando, lá ia tomar uma chicara de café. Mas por esse tempo não havia occasião ; era impossivel. Os vizinhos podiam vêr, e... seria o diabo ! Mas quando menos esperava, soube que ellas se mudaram para a *Estiva*, onde tinham uma pequena chacara, e que, aos sabbados, vinham á cidade vender fubá de milho, que moíam no seu moinho, a semana inteira. Só por causa della estava claro que elle não iria á *Estiva*. Mas, lá fôra, para tomar nota para o quadro, e lá se encontraram. Isto havia um anno mais ou menos. A mãe começou a se queixar, nesse tempo, de que a filha estava muito doente, de que o major Zé Antonio, que sempre fôra o medico dos pobres e a quem Deus tivesse no Reino da Gloria — tinha fallecido, e que agora os doentes pobres morriam á mingua, porque não havia dinheiro para os medicos ; e os medicos não curavam de graça, etc., etc., — todas essas lengalengas... Então, aconselhara elle que viessem á cidade

e procurassem o dr. Lins Teixeira, homem... (não precisava dizer o que lhes dissera). E ellas vieram e o doutor não cobrara nada, como era de costume aos pobres.

— Mas qual tinha sido a doença ?

— Um tumor...

— Para baixo do umbigo, no ventre, do lado esquerdo? interrompera o medico.

— Justamente !

— Ah! conhecia e muito, respondeu, já de pé, e batendo palmas de admiração. — Mas a mãe não era Magdalena, era a Nhá da Porteira, morava na rua da Porteira, lá adeante, e o nome da filha, esse elle não sabia.

— Pois era essa mesma. Chamava-se Magdalena; a filha, Tonica; mudaram-se pouco antes da operação.

— Ah! mas aquella rapariguinha era coisa fina. Lembrava-se ainda e perfeitamente !

E contou-lhe em seguida a historia da operação. Que a mãe não quiz que cortasse a camisa; que elle trouxera uma colcha para tapar-lhe as pernas até ás virilhas, mas que, ao golpe do bisturi, ella não resistira, descobrindo-se toda... etc., etc.

— Pois era essa mesma, confirmara o pintor.

E continuou :

— Depois de muito amigo, fazia agora uns dois mezes... Agora no que ia entrar, em Maio, completava a Tonica 15 annos. Mas, uns dois mezes atraz, tudo tratado, ficara ella em casa, á beira do rio, e a mãe viera vender fubá. Era um sabbado... Não imaginava! Depois disso, todos os sabbados,—lá estava. Agora o engraçado (e só por causa disto é que elle estava contando aquella historia) é que a Tonica

já estava de
Jacob De
terminou el

— Toc

levantando
turas, á sua

O pintor
beberam até

— Feliz

intensidade

Felizes os q

dias por mim

a desejada pa

ignorancia de

devia amar e

mas com a

que tem sido

se compor d

— o sentido g

tura, quanto

tanto menos

a dôr physica

existencia, con

sêres, os mar

protistas até

teria organiza

physica. Mas

crescia na raza

mento dos or

mem era o

parecia ser nel

os outros an

de todas as tris

já estava de filho na barriga e... era elle o pae. Ora Jacob Despois, o pintor, reduzido a pae! — assim terminou elle sua aventura.

— Tocasse! falou o medico com enthusiasmo e levantando o calice. Bebia á sua saúde, ás suas aventuras, á sua felicidade!

O pintor tocou o seu calice no do medico e ambos beberam até ao fundo.

— Felizes! começara o doutor a falar com grande intensidade de sentimento e á maneira de discurso. Felizes os que na vida contavam, como o pintor, os dias por minutos. Essa era a expressão do bem-estar, a desejada paz do espirito, a ausencia das maguas, a ignorancia do lado mau da vida! A mulher não se devia amar com o coração: amal-a, sim, devia-se, mas com a intelligencia ou com esse novo sentido, que tem sido proposto em anatomia e physiologia por se compor de um verdadeiro e completo aparelho, — o sentido genital. Quanto mais animalizada a creatura, quanto mais bruta, quanto mais carne fosse, tanto menos soffreria. Convinha não levar em conta a dôr physica. — A dôr physica percorria a gamma da existencia, com intensidade igual, desde os primeiros sêres, os mais rudimentares, imperfeitos, desde os protistas até ás formas vivas mais complexas da materia organizada. Portanto ficava de parte a dôr physica. Mas a dôr moral! essa, cuja entensidade crescia na razão directa da complexidade e aprefeiçoamento dos organismos, por isso mesmo que o homem era o ultimo termo da criação na Terra, — parecia ser nelle a synthese de todas as dôres de todos os outros animaes precedentes na escala, a somma de todas as tristezas, o conjuncto de toda a maldade

do Universo, guardada na humana, pequenina caixa de um craneo. Quanto mais se descesse pela cadeia da vida, de typo em typo, de organismo em organismo, tanto mais se verificaria a simplificação, a diminuição da dôr moral até que, nas camadas infimas, tão leve e insignificante ella se mostrava — que desaparecia de todo si a comparassem com a sua congenere nas camadas altas da humanidade. Por isso, felizes os que, por um atavismo de remotissimos seculos, ainda que homens e talentosos como o pintor, eram os herdeiros da animalidade de seus antepassados, quanto ao que concernia á sensibilidade moral. Productos inconscientes de gerações que pensaram do mesmo modo, elles iam se libertando, de paes a filhos, no correr dos tempos, — desse modo caracteristico do coração do homem, o sentimento, grande útero fecundo que concebia da educação em sociedade — a dôr, esse baptismo das lagrymas, inicio da descrença e fonte justissima das contemplações de Schopenhauer! Para esses fôra justa a Natureza. Ao dar-lhes paixões, lhas aninhou nos proprios cerebros para que dessem livre expansão ás suas tendencias: — o estatuario abrindo no blóco de marmore a estatua que as suas paixões estheticas lhe erigiram primeiramente na região subjectiva do espirito; — o pintor, cobrindo na tela o debuxo ideal que a sua imaginação concentrada nella encherga; — o musico, corporizando graphicamente a harmonia que o ouvido do pensamento primeiro escutara; — o escriptor, materializando, a penna e tinta, as diversas fôrmas e percepções de sua actividade mental, como o constructor, reunindo a alvenaria com argamassa, para cobrir o plano que, antes do trabalho manual, levantara o da intelligencia; — o

poeta, essa
vibrava a
com o poder
brante, numa
o poeta! tuba
centro da Na
os bulícios d
maravilhas, e
harmonia do
da vida, de
sciencia; — to
atravessando
sorriso nos lab
as maguas qu
vencer, como
si proprios. M
dados, estava
mais da super
vida? Aquelle
tiveram que e
affectivas, com
— a mulher?
a imagem da
na tela; — o
criptos; — o p
do assim o le
os sentimentos
sonavam pelas
numa realida
dade de fôra,
terna. Os out
a fazer. O pen
se despegar d

poeta, essa corda sensível da Natureza, corda que vibrava a todas as suas vibrações, augmentando-as com o poder da imaginação, num fetichismo deslumbrante, numa homenagem á grandeza do Universo! — o poeta! tubo de vidro em espelho, como columna no centro da Natureza, para que nelle se incidissem todos os bulícios della, todos os seus encantos, todas as suas maravilhas, e elle as transmittisse sonorizadas, na harmonia do rhythmico, aos que passavam na estrada da vida, de *Nada a Nada*, de *Inconsciencia a Inconsciencia*; — todas esses, privilegiados do *ACASO* iam atravessando a existencia, de principio a fim, com o sorriso nos labios e a alegria no coração; porque as maguas que pudessem soffrer poderiam tambem vencer, como nascidas, crescidas, e vividas dentro de si proprios. Mas, os outros? Aquelles que, desherdados, estavam fatalmente acorrentados a cousas mais da superficie da terra, mais da contingencia da vida? Aquelles que no caminho escuro da existencia tiveram que encontrar com o espectro das paixões affectivas, conglobadas todas numa unica expressão — a mulher? O estatuario arrancava do marmore a imagem da mulher amada; — o pintor reproduzia-a na tēla; — o escriptor nos seus livros, nos seus escriptos; — o poeta nos seus versos, e todos evocando assim o lenitivo da intelligencia, evocando assim os sentimentos intimos, artistas que o eram, se apaixonavam pelas proprias paixões, vivendo em si mesmos, numa realidade interior, mais bella que a realidade de fóra, mais consoladora que a realidade externa. Os outros? Os outros não tinham evocações a fazer. O pensamento delles não possuia a força de se despegar das fórmulas objectivas que o desper-

tavam a si proprio. Nunca, uma vez preso, nunca mais voltaria esse pensamento ao cerebro, a constituir-se em autonomia, a aprumar-se na liberdade immensa de que o dos outros gosava. Esses desgraçados, nomes obscuros nos turbilhões do mundo, eram as hostias do sacrificio, aos quaes negou-se paz, negou-se repouso, negou-se alegria, negou-se a propria personalidade. Vivendo em outros e de outros, não viviam em si e nem de si; soffriam quando os seus desejos se não realizavam; e tanto maiores eram taes soffrimentos, quanto menos podiam elles desprender-se das causas motivadoras!...

Todos esses pensamentos o medico os expoz com uma intonação triste, dolorosamente sincera, deixando perceber a Jacob as maguas que lhe iam pelo espirito.

Já em ambos se sensibilizara bastante a bóca da ternura com as libações constantes ao cognac. O francez sentia por vêr sentir; o medico, porque o sentia de facto.

Os calices foram cheios de novo.

— Tocasse! tornou o medico, batendo com o seu calice no do pintor. Assim, pois, bebia á saude do amigo e ao desprezo que se devia votar ás mulheres!

E notando que Depois não entrava em assumpto, não lhe interrogava sobre aquella maneira pessimistica de vêr as cousas; que se conservava calado, sem nada dizer, pró ou contra, continuou, depois de virar o calice:

— Si elle nunca experimentara a dôr de uma paixão não correspondida? Fosse franco!

O pintor abanou a cabeça tristemente, e, mau

grado seu
numa que

Ja en
abraçou,
vergonhas
tambem fia

Estava

— * E
o seu cora
ar livre do

Sua v
uma saud
suspenso p
do pintor,

— * A
mãos della
terra já tir

Limpo
em cima d

— * Q
ao cemiter

uma grinal
caixão carr

Os solu

— Bebe

franzindo as
morriam á

Viraram

— * So

puzera um
foi-se, o lyx

e de luz; m

uns olhos d

grado seu, as lagrymas desceram-lhe das palpebras numa queda subita.

Ia envergonhar-se do facto, quando o medico o abraçou, pedindo pelo amor de Deus que não se envergonhasse de um sentimento tão nobre! O doutor tambem ficara com os seus olhos humidos de lagrymas.

Estava aberto o caminho largo das confidencias.

— « Era bem moço ainda, aos 18 annos, quando o seu coração florescia como um lyrio virgem ao ar livre do campo », disse o pintor, e parou um pouco.

Sua voz tinha as flexões ternas e melodiosas de uma saudade immorredora. O medico estava immovel, suspenso por suas palavras; tinha os olhos fixos nos do pintor, e ternos e brilhantes.

— « Amava o calor e a luz... mas o calor das mãos della e... a luz de uns olhos de azul, que a terra já tinha furado... »

Limpou as lagrymas com o lenço, poz o cachimbo em cima da mesa e proseguiu :

— « Quando veiu o inverno, elle foi acompanhalla ao cemiterio da sua aldeia. Ella ia vestida de branco, uma grinalda de flôres de lorangeiras na cabeça, e o caixão carregado por virgens... »

Os soluços embargaram-lhe a voz.

— Bebesse! impoz o medico, pondo-se de pé e franzindo as sobrancelhas. Homens como elles não morriam á mingua de coragem!

Viraram os calices.

— « Sobre a sua cova fôra elle o primeiro que puzera um punhado de terra... Quando o inverno foi-se, o lyrio já não existia. Morrera á falta de calor e de luz; mas do calor das mãos della e da luz de uns olhos de azul que a terra já tinha furado... »

E depois de uma pausa terminou.

— « Dahi para cá aquelle coração nunca mais pulsara com affecto, a não ser o amor da Natureza e a amizade dos homens. Como homem, satisfazia, quando muito perseguido, o desejo das mulheres que o procuravam, satisfazendo assim tambem o seu desejo. »

E sorrindo accrescentara ainda :

— Ouvira sempre dizer que, tambem, si não se casavam com sapo é porque não sabiam qual o macho.

E o medico, numa agitação continua, vermelho e tremulo, contou-lhe tudo, alternando com o pintor os calices de cognac.

Desabafou-se a valer. Reproduziu a historia da sua paixão infeliz, desde os primeiros movimentos affectivos, rudimentares como os do feto no ventre, até ás convulsões sinistras em que ella se achava ultimamente, no periodo agudo da sensibilidade amorosa.

Esta narração durou cerca de duas horas, em que os menores factos foram ditos minuciosamente, repisados e religados uns aos outros, acompanhados ás vezes de protestos, de exclamações ás vezes, de lagrymas e anáthemas, de desespero e de dôr.

Nos transes violentos da grande excitação alcoolica, quando ferido em seu amor-proprio, levantava-se elle da altura da propria dôr e, dizendo improprios contra a sua predilecta, batia com o punho cerrado sobre a mesa.

— Fôra sempre covarde ! timido ! disse. Devêra antes ter-lhe falado aos sentidos. Si a atacasse, num momento azado, talvez que ella o amasse — excitada pelos desejos. Havia mulheres assim. Si a sua mão, num impeto de atrevimento, lhe tivesse tocado as partes mais sensiveis do corpo, embora causasse um

protesto
socegado
visto nelle
verdadeira
que receb-
pelo contr
tade, trata
se revelass
proprias de

A' mei
A primeira

Dignos
a miudo, ja
a se revelar
nessa noite

Sentiam
penderam a

Fôra de

11. Uma so
mecida. O

luminando a
De tempo e

Juntos,

fumar, a se
thema, semp

Agora c
estivesse de

logo ás boa
lampeão, one

seguida.

As suas
vontade. E c

lhes moviam

protesto, quasi um escandalo, passada aquella hora, socegado o espirito, amal-o-ia talvez, porque teria visto nelle a prova da energia viril, a nota do homem verdadeiramente apaixonado. Mas com a educação que recebera, nada disso era capaz de fazer, e — até pelo contrario — por uma educação aturada da vontade, tratara sempre de evitar que as suas emoções se revelassem no rosto e nos olhos, nas expressões proprias dos sentimentos que as produziam.

A meia noite abriram mais uma garrafa de cognac. A primeira estava exgottada.

Dignos parceiros um do outro, viravam os calices a miudo, já muito tontos, com a lingua meio presa, a se revelarem segredos mutuamente, a se conhecerem nessa noite mais que em todas as palestras do passado.

Sentiam a sala quente. Abriram as janellas, suspenderam as vidraças.

Fóra descera o thermometro trez graus. Estava a 11. Uma solidão immensa pesava sobre a cidade adormecida. O luar, baço, tinha uma tristeza indizível, illuminando a meia luz todas as cousas daquella área. De tempo em tempo cahia no céu uma estrella.

Juntos, deixaram-se ficar á janella, a conversar e fumar, a se excitarem cada vez mais. Sempre o mesmo thema, sempre a velha historia do amôr.

Agora discutiam, querendo cada qual que a razão estivesse de seu lado. Quasi brigavam, mas voltavam logo ás boas e, muito amigos, vinham á mesa do lampeão, onde enchiam os calices e os esvaziavam em seguida.

As suas pernas mal obedeciam já ás ordens da vontade. E quanto mais fumavam mais os objectos se lhes moviam aos olhos.

Em rigôr não deviam de beber mais. Timbravam, porém, de fazê-lo, para individualmente não darem parte de fracos.

O medico sentia-se bem. Parecia ter esquecido todas as cousas que o maguavam. Voltavam-lhe ao espirito as grandes alegrias de seus momentos felizes. E percebendo que se insensibilizava aos pensamentos tristes que lhe vinham ao cerebro — bebia cada vez mais.

Falaram de pintura, de musica, de medicina, de caçadas, de natação, de cousas da mocidade, de mil assumptos, até cahirem no verdadeiramente inexgotavel, no assumpto erotico, com uma liberdade que não teriam fóra do cognac, a pronunciarem os termos proprios, descarnados, palavradas que doiam nos ouvidos de qualquer assistente, e fariam as proprias paredes corar.

E chegados ahí, nessa região do espirito em que a influencia do alcool annulla o sentimento do pudôr, e em que uma depressão moral nivela o homem com os proprios brutos, para os quaes a luz do sol e o olhar do povo não impedem as scenas do cio—porfiavam em pilherias, destaziam-se em conjecturas, figuravam proezas estroinas em que elles eram heróes, e heroínas as moças mais honestas da cidade. Despiam-nas mentalmente, lhes commentando as fórmias: —que deviam ser assim, que deviam ser « assado », etc., etc. E tinham gestos medonhos e desejos brutaes, capazes de espantar as mulheres mais devassas, os D. Juans dos quartéis. E riam-se ás gargalhadas, engasgando-se em seguida, tossindo, espirrando com o frio da noite, que lhes entrava pelas janellas, que foram logo fechadas.

Suava
nariz que
começo de

Não lev
esbarro nu
com um de
desviar-se
cahir redon
tando com
de puxar u
sol.

O medi
muito e se

Agora c
em sua mór
suspensos n
çoço sem g
cahido, a e
nariz a fung
olhos verme
cadas em ar
mente; as p
pupillas baça

— Alli r

Era preciso

E convic

— Dalli

— Era p

E quiz p

patas pelo se

contra o com

canalha muit

Tinha ch

Suavam na testa, limpavam constantemente o nariz que distilava uma aguadilha branca, como o começo de qualquer defluxo e... viravam os calices.

Não levou muito tempo—o pintor cahiu, a um simples esbarro numa cadeira. Perdera o equilibrio, batendo com um dos pés por fóra do calcanhar do outro, ao desviar-se da cadeira. E ao amparar-se, para não cahir redondamente, esfolara o cotovêlo e ia-se levantando com difficuldade, como um pobre boi, caçado de puxar um carro de café, por um dia inteiro de sol.

O medico quiz ajudal-o; cahiram ambos, rindo-se muito e se deixando ficar no logar.

Agora quasi não falavam. Mastigavam as palavras, em sua mór parte inintelligiveis, rolando no soalho, suspensos nas mãos, cahindo e se levantando, o peçoço sem governo, a bôcca aberta, o beijo inferior cahido, a escorrer uma baba grossa e pegajosa; o nariz a fungar para que o catharro não descesse; os olhos vermelhos e contrahidos; as sobrançelhas esticadas em arcos que se abriam e fechavam successivamente; as palpebras frouxas, mal deixando vêr as pupillas baças, quasi desaparecidas sob os cilios.

— Alli não podiam dormir! gaguejou o medico.

Era preciso ir para a cama.

E convidou ao pintor.

— Dalli não sahia, respondeu Jacob.

— Era preciso sahir. Elle é que alli não ficava.

E quiz pôr-se de pé. Não o pôde. Sahiu a quatro patas pelo soalho a fóra, arrastando-se, praguejando contra o companheiro:— que era um estúpido! um canalha muito grande! um sujeito muito atôa!

Tinha chegado ao pé da mesa, onde estava o

lampeão. Virou-se ainda para o pintor e, com toda a energia de que podia dispôr no triste estado em que se achava, fuzilou-lhe uma descompostura horrível, por tê-lo abandonado alli, em sua propria casa, deixando-o beber até áquelle ponto.

E isso sempre calou no espirito de Jacob, que, imitando o companheiro, seguiu-lhe as pegádas, tambem a quatro patas, até á mesa, junto da qual se achava o medico, dentro da sombra projectada no soalho.

— Levantar... armas! gritou o doutor, agarrando-se á perna da mesa e pondo-se de pé.

O pintor chegou-se á outra perna e, fazendo o mesmo, gritou:

— Levantar... armas!

E seguros aos bordos daquelle movel, com os corpos cahidos um para o outro, fitaram-se e romperam de novo na gargalhada.

— Que mona... ih!

— Ih! que mona! han? respondeu o pintor.

E assim estiveram uns dous minutos.

Já lhes tinham apparecido os soluços.

— Apontar... armas!

— Apontar... armas! respondeu Jacob.

E com grande difficuldade o medico encheu de cognac os dous calices, gritando em seguida:

— Fogo!

Mas Jacob Depois ficou quieto, a olhal-o com uma pontinha da pupilla, e com a cabeça cahida ao lado, no hombro.

— Fogo! gritou com mais força o medico.

Nada.

— Fogo! fogo! repetiu elle furioso.

— Não
pondeu o

— Era
deitar-se.

E a ga
mão, fez-se
a metade c

— Com

— Entã

— Fog
gancia.

E virar

O med

panhado pe
no quarto c

Subiram
a um tijollo

nariz em ag

O pinto

No dia
despertados

Encontraram

de um mau

O medi

Almoçar

o doutor, ac
de que lhe f

Nesse di

despedir-se d

Era a F
pisavam naqu

— Não podia mais beber, sinão vomitava, respondeu o francez.

— Era só aquelle! Só aquelle calice para irem deitar-se.

E a garrafa, que o doutor tinha conservado na mão, fez-se em pedaços no soalho. Tambem teria só a metade do cognac.

— Como era o ultimo, que fosse! disse o pintor.

— Então... fogo?

— Fogo! respondeu Jacob Depois com arrogancia.

E viraram os calices.

O medico desceu pela perna da mesa, e, acompanhado pelo pintor, entraram ambos, a mãos e pés, no quarto onde havia outro lampeão accêso.

Subiram á mesma cama, como uma lesma sobe a um tijollo, e deitaram-se vestidos, offegantes, com o nariz em agua e a cabeça em roda viva.

O pintor lançou... cargas ao mar.

No dia seguinte só accordaram ás nove horas, despertados pelo creado que lhes batera á porta, Encontraram-se no póte, a beber agua, queixando-se de um mau gosto horrivel na bôcca.

O medico fizera preparados para combater os effeitos terriveis daquella embriaguez.

Almoçaram juntos ás 11 e meia e a uma partira o doutor, acompanhado de seu creado, para a viagem de que lhe falara na vespera, dahi a 9 leguas.

Nesse dia, á tardinha, lá fôram major e familia, despedir-se d'elle.

Era a primeira vez que Esther e d. Euphrasia pisavam naquella casa.

Seria 5 horas da tarde. Lá encontraram a cozinheira a fazer a limpeza da sala. Havia cadeiras caídas; signaes de cuspo e pontas de cigarro por toda a parte. Uma garrafa de cognac, em cacos, ao pé da mesa, e outra vazia sobre esta, — attestavam ainda, com os calices sobre o oleado, que naquella noite fria o medico e mais alguém allí estiveram a beber.

Esther, curiosa, passara um olhar rapido sobre todas as cousas, uma por uma. Em um papel que estava perto do lampeão leu escriptas a lapis, letra do medico, uma meia duzia de phrases e palavras, que não se prendiam umas ás outras, mas que tiveram para ella uma referencia á paixão daquelle homem. Examinou o gabinete particular; abriu um livro de obstetricia que estava sobre a grande mesa do laboratorio, mas o fizera tão infelizmente que o fechou logo, como se lhe tivesse queimado os dedos. Essa obra tinha estampas. E, voltando, enfiou a cabeça numa porta e ficou a olhar o quarto do medico.

Lá estava ainda a cama desarranjada, com dous travesseiros, como si elle fosse casado.

Ficou triste e veiu para junto dos outros, que falavam com a cozinheira.

— Era exacto; fôra para dahi a 9 leguas, chamado ás pressas, dizia a cozinheira, escorando-se no cabo da vassoura.

— Mas, aquella noite elle deitara-se tarde? perguntou Esther.

— Tarde! deitara-se hoje mesmo, já para amanhecer o dia.

Retiraram-se.

No dia seguinte, ás 6 horas da manhan, tomava o major Cornelio com sua familia o trem de S. Paulo.

Quando
a cavallo
tenente cor
entregou ao
da parte de

Quando o comboio apitava para partir, chegara, a cavallo e a toda a pressa á estação, um escravo do tenente coronel Jeronymo de Aguiar e, apeando-se, entregou ao major, na portinhola do vagão, uma carta da parte de seu senhor.

Q dia

Era uma

vimento de m
vento incom

Tinham

até tarde a
embarcar no
vam-se de u
passando. Q
dentro, era
cantado a se
veram de pé,
cheiro delicio
cozinha.

Esther de
tempo que d
fugitivos com
sem permaner

Já agora,
rodas, encolhi

VI

O dia estava amanhecendo.

Era uma manhã fria, triste. Havia grande movimento de nuvens, e soprava com intermittencia um vento incommodativo que vinha dos lados do norte.

Tinham dormido pouco essa noite. Tinham ficado até tarde a arranjar na sala tudo quanto era para embarcar no outro dia. A cada momento lembravam-se de uma cousa, de mais outra; e o tempo ia passando. Quando tudo esteve prompto, noite a dentro, era quasi duas horas; já os gallos tinham cantado a segunda vez. Antes das cinco todos estiveram de pé, e a essa hora inundou a casa inteira o cheiro delicioso do café que Joanna estava a coar na cozinha.

Esther dormira menos que os outros, e o pouco tempo que dormira tivera sonhos nervosos, rapidos, fugitivos como as idéas mal concebidas, que ficam sem permanencia na memoria.

Já agora, ao balanço do trem e ao ruido das rodas, encolhida a um canto da primeira classe, im-

movel e com os olhos fechados, tinha a formosa rapariga, sem dormir, as apparencias de quem dormia.

Eram os unicos que occupavam a primeira classe. Ricardo estirou-se logo em um banco e adormeceu. D. Euphrasia vinha pensativa, olhando pelas janellas ora a fumaça da locomotiva, ennovellada e branca, cintando o fundo verde da matta, ora as grandes arvores e cavas, pedaços de môrros e trechos de cafezaes, que lhe fugiam dos olhos numa successão interminavel de movimentos.

Dentro em pouco o major adormeceu tambem.

Enrolada em sua capa de lan, sobreposta ao guarda-pó, ia pensando a moça num diluvio de pequeninos nadas, que lhe foram crescendo no espirito a pouco e pouco, incorporando-se em fórmãs vivas, se movendo e chocando, e lhe absorvendo inconscientemente todas as energias.

A principio foi uma grande alegria, uma alegria secreta e amorosa, alegria livre da mulher que se suppõe livre um momento para ir buscar o amante com quem nunca estivera, mas do qual tem a certeza de que não será repellida em seus carinhos; alegria doida do lepidóptero que levanta o vôo, vôo livre e balanceado, do lugar em que nasceu, e sóbe, sóbe pelos céus de Julho, azulados e limpidos, á procura da companheira que se embriaga de azul; alegria do coração inexperiente que, ás primeiras lufadas do amôr, julga perto a tempestade que só o tempo e o martyrio produzem.

— La vê-lo em S. Paulo! era a phrase que o seu pensamento repetia.

E perto d'essa imagem de um desconhecido, mais grado seu — surgia sempre a imagem do medico, com

todas as
opinões.
hora todos

Mas, p
prazia, julg
que no dr
loiro, loiro
phantasia,
depois pae
phenomeno
de pre-sens
ravel ternu
do livro da
la pens

— Ah

ella possuia
fazer como
como victim
superavel!
Quantas vez
fosse, iria ce
violencia de
Antes assim
buscavam e p
que tem o f
rolar das agr
longinquas
todos os dia
livre! » Lá,
pinho daque
mestre: — o
Nada, era inc
da vida com

todas as suas susceptibilidades e maneiras, gestos e opiniões. E, sem o querer, repartia fielmente nessa hora todos os seus pensamentos com ambos.

Mas, por um esforço intellectual que lhe comprazia, julgava que pensava mais no desconhecido de que no dr. Teixeira. E, provocando a memoria, via-o loiro, loiro como o Nazareno, embelezado por sua phantasia, apaixonado por ella, noivo, depois esposo, depois pae! Sentia mesmo com antecedencia, por um phenomeno de concentração mental, por uma especie de pre-sensação dos instinctos maternos, — essa adoravel ternura das mães, uma das mais bellas paginas do livro da Natureza.

La pensando :

— Ah si elle soubesse o mundo de carinhos que ella possuia para offerecer-lho! — o que era capaz de fazer como sua escrava, que o era voluntariamente : como victima daquelle amôr de fogo, desejoso e insuperavel! Si elle não a quizesse, ella... voltaria. Quantas vezes tinha pensado aquillo! E, voltada que fosse, iria confiar a vida ao fundo negro do rio ou á violencia de um veneno qualquer. Seria Cleopatra... Antes assim, — o descanso! O descanso que todos buscavam e poucos encontravam. Na pesada escuridão que tem o fundo dos rios, nem sentiria ao menos o rolar das aguas; não veria o olhar das estrellas, das longinquoas estrelinhas, que lhe pareciam segredar todos os dias com seus raios de luz : — « Vão! Sê livre! » Lá, no fundo do rio, não sentiria mais o espinho daquelle amôr infeliz. Pensava como o seu mestre : — o silencio da morte, na inconsciencia do Nada, era incomparavelmente preferivel ao borbórinho da vida com a estupidez das convenções sociaes.

Depois — morrer era libertar-se, no sentido mais genuino da palavra. Grande homem que era aquelle medico, seu mestre e amigo. E como devia conhecê-la! Si não a conhecesse, ella estaria morta. Com que zêlo, com que interesse estudara profundamente a molestia de que ella ia sendo victima, chegando ao conhecimento de todas as particularidades anormaes produzidas pelo seu temperamento! — chegando quasi ao conhecimento da causa primeira que a originara, causa que ella ia agora buscar em S. Paulo, para satisfação de suas necessidades affectivas.

E, pensando sempre no mesmo assumpto, foi-se a pouco e pouco entorpecendo, numa tristeza suave, docemente poetica, alimentada em parte pelo *rum-rum* do trem que voava pelas fertilissimas culturas do Oéste.

Perdia de tempo em tempo o fio do pensamento, quando o comboio apitava ou parava em alguma estação.

Já agora tinham entrado mais passageiros para a primeira classe. Pareciam todos membros de uma só familia. Era uma velha de cabellos brancos, abertos em dous grandes bandós sob as abas largas de um grande chapéu, rosto vermelho e sympathico, figura de uns 70 annos mais ou menos, tagarella e risonha, como si estivesse mais perto do berço que da cova; — duas moças loiras, bonitas e bem vestidas, tambem risonhas; um velhote de seus 50 annos, queimado de sol, typo de fazendeiro, e um mocinho debil, pallido, de olhos negros e brilhantes, o qual entrou com uma rapariga forte pelo braço, tambem loura e corada, seios grandes, e que parecia irman das outras duas. Provavelmente eram casados, e elle era genro do velhote de 50 annos,

que por s
entrarara
tanto separ
mesmo cha
hombro d
Parecia do
um sorriso
tosse forte
outros se r

— Aqu
muito palli
medo de un

O incio
vassém rela

— Havi
forte, e não
começara p
depois febr
escarros de
tratar. Era

Todos
que parecia
banda, a com
cabeça sobre
ageitara no
De vez em
para vêr si
ouvia-se o p
sorrisia com
abertos e la
suspirando, r
E assim f
e desaparece

que por sua vez parecia filho da velha de 70. Os que entraram de braço dado sentaram-se juntinhos e um tanto separados dos outros; envolveram-se ambos no mesmo chale e elle deitou a pequena cabeça sobre o hombro da companheira, e fechou as palpebras. Parecia doente. Ella o acariciava e elle sorria; era um sorriso triste, de agradecimento. Veiu-lhe uma tosse forte, convulsa, e, quando elle escarrou, os outros se reuniram para vêr o escarro.

— Aquillo não era nada! disseram ao vê-lo ficar muito pallido. Que diabo! um rapagão forte, com medo de um escarro de sangue!

O incidente permittiu que as duas familias travassem relações.

— Havia trez mezes que elle estava casado. Era forte, e não sabiam como tinha sido aquillo! A cousa começara pelo estomago; não parava nada dentro; depois febre, dôres nas costas e no peito, tosse e escarros de sangue. Iam para Campinas consultar e tratar. Era outra cousa; lá havia medicos muito bons.

Todos estavam com dó. Ella, a esposa ficou... que parecia um cadaver. Agora deitara-se elle de banda, a conselho do major Cornelio, com a pequena cabeça sobre a coxa volumosa de sua mulher, que se ageitara no assento para que elle estivesse a gosto. De vez em quando ella punha-lhe os labios na face para vêr si elle estava com febre, e, ao retiral-os, ouvia-se o pequenino chiar de um beijo; então elle sorria com malicia, voltava o rosto e, com os olhos abertos e languidos, fitava-a muito tempo; depois, suspirando, readquiria a primeira posição.

E assim foram até Campinas onde desembarcaram, e desapareceram do outro lado da estação.

Esse quadro impressionou extraordinariamente a filha do major Cornelio. Talvez que aquella esposa fosse cumplice inconsciente do estado grave daquelle pobre moço.

— Quando elle voltava o rosto para a mulher e sorria, disse Ricardo sem segunda intensão, ambos ficavam se olhando, com uma expressão tão triste e resignada como si se estivessem lembrando de uma felicidade perdida.

E perguntou si não estavam com fome.

Cahiram na gargalhada e abriram os cêstos onde vinha o almoço de viagem, que encontrou boa disposição em todos.

— *Jundiahy*, disse Ricardo á irman, mostrando-lhe a pittoresca cidade no dorso de uma collina.

Começavam a sentir que ia esfriando muito.

— Desde que se passava de *Jundiahy*, ponderou ainda o rapaz, que era da roda quem conhecia mais essas cousas ; — desde que se passava de *Jundiahy*, sentia-se logo a differença. Ia esfriando cada vez mais até S. Paulo. Tinha, havia tempos, colleccionado umas notas sobre a altura das principaes cidades da provincia. S. Paulo era mais alta que *Jundiahy*. Não se recordava bem, mas parecia-lhe que a differença não era muito grande. Em todo o caso não chegava a 15 metros, tinha certeza ; e entretanto S. Paulo era muito mais fria que *Jundiahy*. Campinas, sim ; a differença já era bem maior.

— De quanto ? perguntaram.

— De cerca de 65 a 70 metros.

— Mas, então qual a altura de S. Paulo ?

— Pouco mais ou menos, trez quartas partes de um kilometro sobre o nivel do mar : — 756 metros.

E ferraram na prosa.

O comboio, agora, voava com mais rapidez. O céu nublado parecia prometter chuva. Dentro de pouco tempo estariam em S. Paulo.

— Aquelle ventinho frio que soprava, ponderou Ricardo, era o sudéste que, muito frio e garoento na capital, ia diminuindo até ás alturas de Jundiaby, em cujas paragens desaparecia. Em S. Paulo era geralmente conhecido com o nome popular de « *Santo-Amaro* », porque vinha mais ou menos dos lados da povoação de Santo Amaro, a duas leguas e tanto distante da grande cidade. Um horror quando o *sant'amaro* cahia forte. Em Santos, o vento temido era o *noroéste*. Uma cousa pavorosa; quente como a bôcca de um forno, violento e pernicioso, trazendo comsigo grande carregamento de dôres de cabeça e ferroadas de callo. Um horror! Um verdadeiro horror! Uma occasião apanhara elle em Santos trez dias de *noroéste*. Não imaginavam! Nunca sentira um mal-estar tão grande; perdera o appetite; não havia cerveja, nem refrescos, nem banhos frios, nem gelados para similhante inferno: era um sol de fogo, areias revolvidas, arvores vergadas por terra, suor em bica, cabeça tonta, callos a picar... Não havia emfim uma posição, um recurso, um remedio para similhante cousa! Contaram-lhe lá que as mulheres, então, — soffriam mais que os homens nesses dias. E que se fosse morar numa terra dessa ordem! Si não fôra isso, o calôr e a humidade, Santos seria um paraíso. Só o mar... quanto não valia o mar! A Barra! que bella cousa que era a Barra! Os passeios pelos canaes, as variadissimas paisagens, a sociabilidade da população, de mais facil convigencia que a de S. Paulo. Mas o diabo era o *noroéste*!

— Quando houvesse um dia de noroeste, accrescentou depois de alguma pausa, dirigindo-se á irman, — havia de lev-la a Santos.

Nesse instante escureceu. O trem tinha penetrado no túnnel, o que os obrigou a mudarem de assumpto.

— Ora que diabo! tão distrahdos que nem viram a entrada do túnnel! Mas ao menos iam vêr a sahida.

E ficaram promptos para quando começasse a clarear.

Zaz! sahiu o trem do outro lado.

— E esta! estava surda! disse d. Euphrasia.

— Era aquillo mesmo, natural. O barulho do comboio nos túnnels, quando estes não eram pequenos, deixava no ouvido uma sensação de surdez, — ponderou ainda Ricardo.

Mais adeante:

— *Belem!* gritou um empregado batendo nas portas dos vagões.

Estavam na estação de Belem. Foi um momento só; o trem partiu logo.

— Agora só faltavam duas estações, accrescentou Ricardo: *Perús e Agua Branca*. Depois *Luç* — já em S. Paulo; — a ultima. Dalli de Belem a S. Paulo eram...

E abriu a carteira para verificar.

— Dalli a S. Paulo eram 39 kilometros: seis leguas e meia. Aquillo ia num apice, emquanto o diabo esfregava um olho.

— Mas como estava frio, meu Deus! exclamou d. Euphrasia, enrolando-se toda num grande chale de casemira.

— Pudera! Pois si estava soprando o *noroeste!* replicou Esther.

— Que *noroeste!* tornou Ricardo, dobrando uma

garga
mora
T
C
Mado
ramen
nimbo
lares,
morro
appare
o mov
—
—
apenas.
—
replicou
E l
dir-se d
partira e
e não c
E te
moveis,
vira na
pelo rost
lbe subir
nesse m
pentinam
olhos fito
senho, pe
mões!
d. Euphra
Entendia
mentos, f

gargalhada. Sudéste ! accrescentou para a irman, demorando-se em cada syllaba para que ella tomasse nota.

Tinham já passado a estação dos Perús.

Cada vez descia mais a temperatura e mais nublado parecia o céu. O sol ia se mostrando mais raramente aqui e alli, por entre massas pesadas de nimbo: sahia ás vezes em fachas por clareiras nebulares, doirando uma encosta de collina, um topo de morro ou trechos verdes de algumas vargens. E desaparecia logo, com o movimento do comboio e o movimento das nuvens.

— *Agua Branca* ! gritou o empregado.

— Estavam distantes de S. Paulo uma legua apenas, disse-lhes o rapaz.

— Tão perto de S. Paulo, e tão longe de casa ! replicou Esther.

E lembrou-se do medico. Quando foram despedir-se delle não o tinham encontrado. Bom, generoso, partira em cumprimento de seus deveres profissionaes ; e não o vira como queria vê-lo.

E teve uma representação viva do gabinete, dos moveis, da garrafa quebrada, dos calices, de tudo que vira na sala do dr. Teixeira. E, rapida, passara a mão pelo rosto, como para afugentar o grande calôr que lhe subira ás faces:— tinha se lembrado, tambem, nesse momento, do desenho que lhe apparecera repentinamente ao abrir o livro de obstetricia. Com os olhos fitos no ar, como si estivesse a vêr aquelle desenho, pensou consigo mesma:— « Como soffrem as mães ! » E instinctivamente voltou os olhos para d. Euphrasia. Tinha vontade de ler um livro daquelles. Entendia que á mulher não se devia negar conhecimentos, fossem quaes fossem. Si aquillo era tão na-

tural, si estava na propria natureza das cousas, e nesse drama solemne, de dôres e venerandos prazeres maternos, a mulher era o principal personagem,— porque conservava ignorante dessas dôres que santificam e e que tanto a ennobrecem, completando o seu destino na vida— o ser mãe?...

E pensando que para ser mãe era preciso que houvesse um pae, lembrou-se outra vez, no correr desses pensamentos, da cama do medico, que ella vira com dous travesseiros seguidos, como si fosse uma cama de casados, como si elle não dormisse só!

Ficou triste por muito tempo.

— Quem seria? perguntou mentalmente a si mesma, e sentiu-se a picar de ciúmes, com um grande desejo de saber quem era. A cama estava desmanchada... parecia ter havido lucta. Elle deitara-se de madrugada... mas antes de deitar-se estivera a beber. Só-sinho, não teria bebido duas garrafas de cognac, nem teria deitado os moveis por terra, nem fumado tantos cigarros... O chão, todo cuspidado e cheio de restos... Como fôra estúpida de não perguntar á cozinheira quem lá estivera! Provavelmente a *Quebra-matto*, que era quem estava na ordem do dia e a cousa assim mais limpa que havia na cidade. Mas nunca pensava que elle descesse tanto! Si não visse a desordem de tudo e os vestigios da orgia, nunca, palavra de honra que nunca o julgaria capaz de...

— Lá estava o *O'*, mostrou-lhe Ricardo, apontando para a esquerda.

— Que *O'*?

— A povoação de *Nossa Senhora do O'*, respondeu elle, celebre pela caninha que lá se fabricava, deliciosa aguardente conhecida pelo nome de *caninha do O'*.

— Ao menos de nome era afamada, ponderou o major.

E ficaram-se a commentar a povoação, situada sobre o môrro, nas elevações que vão subindo gradativamente até á serra da Cantareira.

Falou-se da cachaça do João de Souza ; essa, sim, é que não tinha parelha ; limpa como crystal, e forte que parecia restillada.

— Mas de mau gosto, afirmou Ricardo, e a caninha do O'...

— Isso de mau gosto era por causa das terras...

— Sim, mas a do O' não tinha esse defeito.

— Que estava muito cançada, ponderou d. Euphrasia.

— E' que ella nunca tinha chupado um gollito da do O', gracejou o rapaz.

E todos riram-se por causa da cara que elle fizera.

— Lá estava a *Penha!* mostrou elle ainda para a esquerda.

E enquanto olhavam todos para a Penha, contou-lhes as festas de Setembro, que allí terminavam depois da novena, no dia 8, todos os annos, com uma concorrência de doze a quinze mil pessoas, rôlo a cada instante, grossa pancadaria, camoecas de escachar pecegueiro, alta jogatina, em que se via tudo, desde quarenta ou cincoenta bancas de búzio, debaixo de grandes telheiros e tôldos, bancas redondas, como tampas de caixas, inveralizadas do contacto das mãos, até ás grandes rolêtas, o baralho, as rifas, as rodas, o vispora, a « estrada de ferro » mil diversas, variadas maneiras de saccar com geito o dinheiro alheio. E... era uma verdade : — lá iam jogar figurões, altos cothurnos da capital paulistá. Mas era bonito ! aquelle

mundo de barraquinhas, de circos mechanicos para creanças, de botequins, de cafés ambulantes, cervejarias improvisadas, realejos, cosmoramas, bandas de musica, gabinetes particulares de grandes regabofes...

— Por isso é que elle perdera o tempo em S. Paulo, disse-lhe o major, que lhe estava a ouvir calado aquella descripção calorosa das festas da Penha!

Ricardo enalistrrou-se um pouco e depois de se ter voltado para o lado direito :

— Olhassem ! olhassem ! disse. Não estavam vendo aquelle grupo de arvores no alto ?

E da janella do vagão apontava para o poente.

— Que vinha a ser aquillo ? perguntaram.

— Pois era o cemiterio de S. Paulo, no alto da Consolação. Estavam já na capital. Tudo aquillo eram casuarinas, aquellas arvores.

E o trem começou a apitar fortemente, seguidamente, dando o signal de chegada.

— Dalli é que era vista, — accrescentou Ricardo, depois de apontar outra vez para o cemiterio.

E puzeram-se a olhar as casas que iam desapparecendo, umas atraz das outras, com a velocidade do trem. Sentiam frio. Para a hora em que estavam, a temperatura era muito baixa.

O céu, todo tapado de nuvens escuras, tinha nas ultimas camadas de cima um fundo pardacento, immovel, côr de cinza molhada. Era um dia triste, humido, que elles não sentiam por causa da novidade de estarem chegando á capital da provincia.

Essa data nunca mais lhes fugiria da memoria, data de sua chegada a S. Paulo, — 1.º de Maio de 1886.

Triste é o mez de Maio em S. Paulo. Vieram encontrar a estação a meio outono. Ha grandes saltos

de temperatura, descendo o thermometro rapidamente. Em geral o céu se conserva enfarruscado e os nevoeiros e garôas, manhans e noites, se extendem pela cidade, envolvendo-a num como espesso lençol alvissimo. E' o mez dos grandes nimbos, constantes e pesados, lentamente movidos, nos baixos da atmospheria, pelos ventos frios do sul, nuncios incommodativos de que o sol já se vai afastando para o pólo do norte, e de que nos vamos approximando da frigidissima Anthartica. A's 5 e meia já era noite. Anoi-tecia rapidamente, sem crepusculo, sob um céu pesado e proximo, onde as estrellas se escondiam, longe, por traz da grande massa nebular. Em compensação, é Maio o mez das camelias brancas, termo de compensação para o que houver de mais alvo, de mais candido e fresco; são estrellas vivas por sobre o verde dos jardins, aos quae adornam com graça, belleza e encanto. O mimoso bogari, a finissima parasita, os cravos; a magnolia pumilia, de tamanho perfume, suave e doce; o singello jasmineiro em flôr, os cravos e o jasmim-manga... todos elles reunidos parecem compensar no olfacto o que o céu turvo nega aos olhos. Os dias, já bem curtos, de 11 horas no maximo, e diminuindo cada vez mais. A's vezes trovoadas monótonas, a rolar pelos céus, em movimentos curvos e surdos. Floresce a ameixeira; amarellece a relva, porque Junho ahí vem com o seu solsticio do inverno e os seus frios rigorosos. Poucos são os dias de luz do Maio paulista, desse mez chamado das flores e de Maria.

O trem tinha parado na Estação da Luz. Agrupados, todos elles olhavam, reparavam, já fóra, na plataforma. O borborinho do povo; o tinir dos ferros

aos choques dos vagões; a maneira da estação; pelo fundo — as arvores do *Jardim Publico*, com o seu alto observatorio; o barulho dos carros na rua; o *rum-rum* dos bonds; o papagueiar dos cocheiros; o vento frio... tudo isso ao mesmo tempo lhes roubava a attenção a todos, que se sentiam alegres e dispostos a jantar, anciosos por verem de uma vez a capital inteira.

Esther lembrou-se do momento da partida naquella manhã, as 6 horas; lembrou-se do medico, do seu gabinete, do livro de obstetricia, da cama com os dous travesseiros e da bella figura daquelle moço que ella adorava, formoso e louro, e que devia encontrar em S. Paulo.

Era essa, havia muito tempo, a sua idéa fixa, caprichosa: — vê-lo, descobri-lo em qualquer parte. Depois... seria o que dictassem as circumstancias.

E nessa doce esperança, intimamente, profundamente alegre, agitada e commovida, como o pendulo de um relógio havia uma idéa tenaz que lhe oscillava no espirito, verticalmente, de um a outro extremo da consciencia, dizendo em cada um delles — *S. Paulo!* Essa era a idéa-capital, em torno da qual todas as outras turbinavam. O mais que pensasse não lhe perturbaria a oscillação desse pendulo; seriam os quartos de hora, os minutos, os segundos... E' que só aquellas duas palavras lhe pareciam incorporar por assim dizer toda a sua aspirada felicidade, uma felicidade para o futuro, um sonho que sempre lhe parecera impossivel.

Acommodadas as bagagens, sentados no carro, tudo prompto, partiram.

Ricardo vinha dizendo á irman o nome das ruas,

á medida que por ellas passavam. Elle e Esther, num carro, na frente; os outros vinham noutra carro, atraz. Estes nada sabiam. O major já tinha vindo a S. Paulo algumas vezes; tinha mesmo ido ao Rio; mas eram sempre viagens rapidas, feitas á toda a pressa, viagens de fazendeiro que trata de seus negocios. Por isso elle e a mulher punham agora as cabeças para fóra do carro e espiavam calados, attentos, reparando tudo: os bonds cheios de passageiros, as fachadas dos predios, o movimento do povo, os grandes cartazes de diversas côres, sobre as paredes, illuminadas pelos lampeões de gaz. Mais adeante, no horisonte, grandes montões de sombras, cortadas de quadrilateros de luz: — era o amontoamento das casas, illuminadas por dentro. O céu estava negro; aqui e alli algumas grandes nódoas brancas, reflectidas da illuminação.

— Rua *Florencio de Abreu*, antiga da Constituição, desse Ricardo.

E contou-lhe em seguida porque mudara de nome aquella rua. Feia, ruim, embellezou-a o presidente Florencio de Abreu, rebaixando-a muito, calçando-a, organizando aquelles *passeios* de grades, etc., etc.

— Lá estava, para a esquerda, onde ella via aquellas luzes, o *Braz*, grande e populoso bairro de léste, sobre a varzea e mais terras baixas do Tamanduatehy.

Perguntado, respondeu que o Tamanduatehy era um pequeno rio, ou antes uma ribeira, banhando a cidade de sul a norte, separando-a do Braz e lançando-se a final no rio Tieté, entre os arrebaldes do Bom Retiro e da Luz.

Depois contou-lhe as boas pandegas que alli fizera de Dezembro a Janeiro.

— Aquillo é que era. Pandegas de canoas, no tempo das enchentes. Nesses mezes toda a varzea era um mar. Tratavam então o dia... O Octavio, o Silva, o Correia, não faltavam. Na hora — era aquella certeza. Ia o vinho, ia o cuscús, a mortadella e o pão; iam as sardinhas, a cerveja e muitas vezes a *canninha do O'*, que quasi sempre atrapalhava tudo...

Esther ouvia-o com meia attenção, porque a outra metade estava consagrada ás outras cousas que lhe iam surgindo aos olhos. Sorria assim mesmo, fazia-lhe alguma pergunta, e elle continuava :

— Ahí é que era então : grandes rodadas, rio abaixo, desde os *Inglezes* para os lados da Gloria, sul da cidade, até á *Ponte-Grande*, bairro do extremo norte. Ah ! que folias ! que carraspanas magistraes ! Voltavam ás vezes com o luar, mortos de canceira, sujos, molhados e muitas vezes rotos e a pelle ardendo de sol ! Mas... como era bom ! que somno á noite ! Nunca passara tempo melhor ! Viver era assim ; o mais, asneira.

Já agora a moça não o ouvia mais. Distrahida, engolfada em seus pensamentos, de braços cruzados, recostada ao fundo do carro, deixava levar-se mais pelo balanço agradável de sua imaginação que pelo do vehiculo. Cabeça sonhadora, coração mordido por affectos caprichosos, combinava com facilidade pensamentos e sentimentos e vivia em si mesma a maior parte das horas de sua existencia.

Scismava no moço do chromo ou no chromo do bello moço do baile, ave de arribação que atravessara de um vôo o céu de sua cidade natal.

Tinha-o deante de si, numa representação quasi palpavel, pensativo como naquella noite, simples em seus modos, tão formoso e modesto, poisando sobre as pessoas e as cousas a serenidade azul de uns grandes olhos melancolicos. Havia de encontral-o por força!

E oscilava a idéa-pendulo, tocando-lhe os extremos oppostos da consciencia.

Nesse momento atravessava o carro por um pequeno largo triangular, onde havia muito povo, muita luz em todas as casas.

A' direita, sobre duas portas de um edificio cheio de mesas e formigando de gente, accendiam-se varios bicos num cano de gaz.

— Que era aquillo? perguntou a rapariga, aturdida com o grito estridente dos engraxates, dessas creanças italianas que annunciam os jornaes do dia, e com o falatorio dos transeuntes e o barulho dos bonds.

— Aquillo era o Java, o *Café de Java*, respondeu Ricardo. Pois lesse; não via o nome escripto a lettras de gaz no cano?

E ella poz-se a ler o nome do café nas chammas batidas de vento, e por isso mesmo azuladas.

— Era sempre assim? perguntou ao irmão.

— Sempre, não. Nos domingos e dias santos... nos dias de festa emfim.

E perguntou-lhe Ricardo si aquelle não era dia santo.

— Não, absolutamente.

— Então não sabia por que era. Naturalmente seria aquillo alguma sopa de tartaruga: — um reclamo para chamar os freguezes.

E contou em seguida que lá mais acima estava

o hotel, onde iam ficar, o *Hotel de França*, o hotel do Guilherme como se dizia aqui. Bom homem que era o Guilherme; circumspecto e sisudo; olhava firme por cima do cavanhaque... um cavanhaque já grisalho e com arez de classico, num rosto sympathico, encabeçado por um boné preto de alpaca ou seda. Iam ficar mesmo no centro da cidade, rodeados de todas as commodidades.

E o carro rodava.

A moça ia imaginando que *elle* devia de estar por alli; tanto povo, tanto movimento, tanta luz!

A tensão de seu espirito, preso no dédalo constante das mesmas e repetidas idéas, como que lhe esbatia em cada musculo a somnolencia preguiçosa dos desejos estagnados. Estava visivelmente triste. Ouvia-se, á pouca distancia atraz, o rumôr do outro carro que trazia d. Euphrasia e o major.

A irman de Ricardo suspirou. Foi um suspiro profundo, doloroso; suspiro de quem sentia a vida como uma grande massada prestes a desfazer-se.

— Não se incomodasse! disse-lhe o rapaz em tom animador. Que ella sarava, garantia. Havia aqui medicos de primeira agua. Escutasse: — o dr. Barreto... que medico! que operador! Era um tigre, de virar a gente ás avéssas e tornar a concertar. Em operações então, — cortava a carne como quem corta manteiga! E, em cima de tudo, ainda philosopho.

E contou que houve aqui outróra um professor americano chamado Morton, que viu de que pau era a canôa, numa discussão scientifica travada na imprensa com o dr. Barreto.

E continuou:

— Tinham o Carlos Botelho, formado na Europ^a,

muito
 tinha u
 rector
 pedico,
 zometre
 sim sen
 mas qu
 o que e
 chiques.
 gracios
 dedos d
 Sabia e
 que as
 o Vergu
 profund
 Batera s
 assim p
 Campos
 enfim.
 E i
 uma sin
 — E
 O c
 Con
 aporento
 Essa
 preceder
 mudança
 cama se
 da parec
 madrega
 barcar;
 que proc

muito moço ainda, filho do barão do Pinhal, e que tinha uma clientella enorme; era o fundador e director do *Instituto Cirurgico, Hydrotherapico e Orthopedico*, que funcionava lá para o Braz, rua do Gazometro... Um rapagão bonito, o Carlos Botelho; sim senhor, lá isso é que era tambem uma verdade; mas que medico de mão cheia!... Afinal de contas o que elle lhe invejava eram os bigodes: — uns bigodes chiques, côr de pelles de lontra preparadas, curvos e graciosos, uns bigodes educados que ficavam onde os dedos os deixavam, como os animaes bem ensinados. Sabia ella o que vinha a ser *hydrotherapia*? Talvez que as duchas lhe fizessem bem!... Tinham tambem o Vergueiro, que estudara na Allemanha, e que era profundo. E, então, que duellista que elle não era! Batera se muitas vezes lá. Tinha cada signal!... E assim por deante, muitos outros medicos distinctos: Campos, Miranda Azevedo, Mesquita... uma porção emfim.

E ia continuar, mas um forte *belém-belém*, de uma sineta, cortou-lhe a garrulice.

— Estavam no *Hotel de França*, disse elle.

O carro tinha parado.

Conduzidas as bagagens, lhes foram indicados os aposentos que tinham de occupar.

Essa noite pouco mais dormira Esther do que a precedente. A differença dos commodos, trazendo a mudança de habitos; a falta de *ninho* na cama, uma cama sem a fôrma de seu corpo; o aspecto do papel da parede; o barulho da cidade até alta noite; de madrugada o movimento dos passageiros que iam embarcar; todo esse fervilhar de diversos movimentos, que produzia diversos rumores e sons, conservara-lhe

as palpebras leves e o cerebro alerta. Parecia-lhe, a cada momento que iam abrir a porta de seu quarto e que mão desconhecida ia pousar-lhe no corpo. E preparava-se para dar um grito que afugentasse o atrevido que tivesse coragem de tal cousa.

Fôra uma noite longa, entremeiada de sobreexcitações, passada entre estados medios de somno e accôrdo, nem bem dormida, nem bem accordada. E agora, na escuridão da alcova, como na claridade de seus pensamentos nervosos, mesmo pelo isolamento em que se achava, a idéa-pendulo tinha mais nitidez, movia-se com mais amplitude e percepção. Vinham-lhe os pensamentos, uns após outros tripetrépe, como ladrões sahidos de grandes furnas; e silenciosamente passavam-lhe a unha em todas as suas energias, que se achegavam mais umas ás outras para lhes offerecer resistencia, acotovellando-se como num incendio a massa moveiça dos assistentes. Esses pensamentos traiçoeiros, involuntarios, tomavam-lhe toda a cabeça, nella tripudiavam e se sumiam depois, cedendo logar a outros que vinham vindo perto.

A's vezes parecia que elles lhe saham de dentro como emanações dos velhos tumulos, abrindo-se fóra em flôres de luz que illuminavam a escuriza da alcova; e, meio allucinada pela grande concentração de força nervosa localizada numa idéa unica, — via fóra de si as imagens que tinha no espirito, as paisagens phantasticas do seu amôr, leves como as azas das borboletas, variegadas de sentimentos, etherizadas de aspirações, povoadas de pequeninos labios vermelhos, dois a dois, suspensos no ar como sylphos, movendo-se em todos os sentidos, beijando-se repetidamente. Depois eram fórmãs de homens, uns fortes e barbados,

que lhe
contra
do medi
sôcos d
pecto le
fracos, in
supplices
fita-a cor
de vér o
tambem a
mais e ir
subindo e
desappare
mesmo ca
tação a in
mais pode
de uma
Sentia-se
para aflu
verificar si
dêlo... Na
tadêlo! —
pesadão e
seu coraçã
outro. Som
manifestaçã
gava que
so do chro
daquelle g
sempre de
em tempo
as horas d
Contava-as

que lhe rodeavam o leito tramando uma conspiração contra a sua virgindade; e entre estes ella via a figura do medico, com o seu olhar penetrante e os labios sêccos de febre, as mãos asperas e nervosas, o aspecto levantado e resolutivo; — outros, imberbes e fracos, timidos como as meninas anemicas, de olhares supplices e furtivos, adorando-a como santa, mas sem fital-a como mulher; e entre esses teve a surpresa de vêr o moço do chromo, que chamou para si, tendo tambem a decepção de vêl-o empallidecer cada vez mais e ir se sumindo gradativamente á medida que ia subindo em perpendicular pelo escuro do quarto, até desaparecer como um fumo que se desfaz. E, pelo mesmo caminho por onde subira, descia em substituição a imagem do medico, cada vez mais insinuante, mais poderosa e nobre, como si voltasse triumphante de uma grande lucta — travada com o seu rival. Sentia-se tonta, atordoada. Passava a mão pelo rosto para afugentar aquellas idéas sinistras, como para verificar si estava dormindo, si não seria um pesadêlo... Não! não estava dormindo; não era um pesadêlo! — ou, antes, era mesmo um pesadêlo, esse pesadêlo eterno da incerteza, da indecisão em que o seu coração se achava perante o medico e perante o outro. Sondava-se a si mesma, auscultava as proprias manifestações mórbidas do sentimento, e quando julgava que o seu amôr, que toda a su'alma pertencia ao do chromo, uma parte havia que era do medico, daquelle grande philosopho, cuja lembrança surgia sempre de par com a do estudante paulista. De tempo em tempo assustava-se num grande choque ao ouvir as horas dos relógios, dadas nas torres das egrejas. Contava-as todas, quarto por quarto. As noites do in-

terior quanto eram melhores para ser dormidas! Como se atravessava uma noite dessas sem o saber!

Era já de madrugada. Cançada, cançadíssima de pensar e sentir, foi cahindo numa somnolencia doce, que dentro de algum tempo mais se accentuou, transformando-se finalmente em somno. Estava de bruços, ultima posição que tomara no leito, para descançar das anteriores.

Veu-lhe então ao cerebro um sonho que ja havia tido uma vez e que lhe fizera muito mal; um sonho cuja historia ella quasi que a contara ao medico num de seus delirios, sonho que lhe zvivava sempre e por muito tempo as impressões affectivas que recebera do estudante e que com o tempo se iam esmaecendo. Esse sonho parecia-lhe uma vista de sylphorama, illuminada por uma grande luz de fóco invisivel:

— « Era um horisonte vasto, a perder de vista. Um mar sem fim, mar ou lago, immovel, ao abrigo dos ventos. Lá, na extrema, na praia da frente, como uma *paisagem a oleo*, a verdura primaveril de um jardiminho florescia, em cujo fundo alvejava uma casa de campo, cercada de arvoredos e palmeiras imperias. Parecia lhe aquillo um canto de Veneza. E, olhando para baixo, viu que estava dentro de uma gondola. Vinha-lhe de longe até aos ouvidos a voz de outros gondoleiros. Era uma dessas barcarolas de amor, em que a poesia e a musica popular tinham vazado tudo o que havia de mais sensivel na alma italiana. O accento harmonioso e doce daquellas vozes parecia approximar-se della. Ora augmentava, ora diminuia de intensidade, segundo a briza intermittente. Vinha dos lados da Istria aquelle concerto celeste que parecia dominar, fóra do golfo, as ondas do Adriatico.

* Ella escutava, e a sua gondola ia voando para a praia opposta.

* Boiava nos ares dulcissima fragrancia dos campos da Dalmacia. Por cima, abrindo-se numa cúpola colossal, arqueava-se o azul da Italia, fechando a planura do horizonte com a circumferencia de um raio gigantesco. E a *paisagem a oleo* lá estava, a chamal-a constantemente. O sol, no occaso, doirava a copa das arvores no jardim. E a superficie do lago se extendia azulada a perder de vista.

* A vela da gondola era como as azas de um sonho, libradas na phantasia. E ella se deixava levar pelo vôo macio da vela branca, ouvindo a barcarola de amor que vinha dos lados da Istria; e sorvia os delicados perfumes que lhe mandavam os campos da Dalmacia. E á proporção que a gondola voava, mais se approximava a *paisagem a oleo*, destacando-se na grade do jardim o vulto de uma figura humana. E os gondoleiros que vinham, cantando sempre, chegavam as suas gondolas para a gondola em que ella ia.

* Mais proximos agora, ella ouvia o que elles diziam na sua canção. Era a historia triste de uma moça que se perdera por um principe. Mais ou menos o seguinte :

— *Nas noites de estio, quando o luar illuminava Veneza e as ondas do golfo espelhavam as constellações do céu, elles sahiam na gondola, véla ás briças, e, longe do bulicio do mundo, iam amar por sobre as aguas, dormir á luz das estrellas.*

Um dia... o principe a abandonara.

Quebrado o vinculo que os prendia á vida, ella sahiu sósinha na gondola e foi-se pelo mar a fóra.

Quando a vaga passou, entregou-se à vaga. Boiou um pouco e desapareceu; desapareceu para sempre, porque ninguém mais tornou a vê-la.

Agora, porém, nas noites de estio, quando o luar illumina Veneza e as ondas do golfo espelham as constellações do céu, em vez do amor sobre as aguas, do somno á luz das estrellas, ha uma gondola sem gente, que voga sobre as ondas, buscando a gondoleira que a vaga levou.

A gondoleira não volta; mas gemem as ardentias e suspiram as estrellas.

E elle, o principe, recostado á grade de seu jardim, espera que a moça volte, a gondoleira que a vaga levou.

« Começara o crepusculo. Nos céus, ouro e purpura; no golfo, myriadas de luzernas penduradas nas gondolas que se approximavam, formando um largo semicirculo ao redor da sua gondola. E os gondoleiros repetiam a barcarola da amante do principe. E as lanternas de varias côres projectavam nas aguas claridades cambiantes.

« E ella ia á frente, véla ás brizas, em busca de seu ideal—aquelle moço que a esperava na grade, lá ao longe, onde o crepusculo, a morrer, doirava ainda a casinha branca do jardim.

« Ella era a amante do principe; não se entregara ás ondas como os gondoleiros cantavam; viva, voltava agora para abraçal-o... »

E accordou assustada, sentando-se na cama, ao rufar de uma banda de musica que subia pela rua de S. Bento.

Era 6 horas da manhan.

Recapitulou o seu sonho tim-tim por tim-tim. Sentia-se profundamente impressionada.

O principe que vira, pela segunda ou terceira vez num e mesmo sonho, era ainda o moço do chromo. O jardim, o golfo de Veneza, eram o mesmo jardim e lago do chromo. A historia dos gondoleiros... seria um aviso, um desses presentimentos que tantas vezes se realizam? Isso de crer em sonhos era uma tolice! Demais o moço do chromo não era nenhum principe, e si fosse principe ella não o amaria, com certeza. Ora que idéa! — um principe em Veneza, quando ella estava em S. Paulo! Muito podia a sua imaginação! Deitava-se aqui e ia accordar na China, no Spitzberg, em Veneza ou na lua! Outras vezes — cahia eternamente no espaço!

E lembrou-se, nesse instante, de um outro sonho que tivera, havia tempo, e do qual nunca mais se esquecera. A lembrança desse sonho trazia-lhe o sangue ao rosto, num sentimento intimo de pudôr. Ah! mas esse — nunca o dissera a ninguem. Nunca o diria... nunca!

Uma hora depois, em uma das sacadas da sala de espera, observava Esther o movimento da rua Direita. Acompanhava com os olhos o vendedor que gritava as suas verduras; o leiteiro que conduzia a vacca, parando ás portas dos freguezes e sacudindo a campainha para os avisar da sua presença; os carros que iam e vinham; os bonds, os passageiros; a rêde telephonica, convergindo toda sobre o telhado da estação-central que era então no sobrado da frente. Lia as taboletas, os lettreiros das paredes, os numeros das casas, as suas firmas commerciaes. Examinava cuidadosamente cada moço que vinha.

— Quem sabia lá! era mui provavel que o visse, mesmo áquella hora da manhan.

Depois do almoço assistira da sacada de seu quarto, que dava para a rua de S. Bento, a subida e descida dos estudantes da Academia, os quaes ou iam para as aulas ou dellas voltavam.

— Alli estava á sua esquerda, e para cima, a Academia, pegada á egreja de S. Francisco; é o que lhe havia dito o Ricardo.

E sentia n'alma uma como anciedade restauradora de quem espera a todo o momento encontrar ou vêr o que mais deseja.

Amanhecera pallida, mais que de costume; queixava-se de um pouquinho de dôr de cabeça.

O dia não estava como o antecedente. Ia-se desannuviando a pouco e pouco, e repetidamente mostrava-se o sol entre nuvens, um sol amigo e bom, que abria sobre os telhados das casas um cortinado de luz. Cessara o *sant'amaro* e o thermometro subira á altura de uma temperatura agradável. Já não eram nimboes que percorriam o céu, mas cumulos esbranquiçados, amontanhando-se uns sobre os outros, em fórmaz bizarras e movediças. E os espaços entre os cumulos eram azues, de um azul vivo e bello que lembrava os olhos purissimos da ingleza mais ingleza da Bretanha.

Depois do almoço sahiram todos a dar um passeio de bond, para lançar uma vista geral sobre a cidade.

Fôram a Santa Cecilia.

— Que lindo que era S. Paulo! Que movimento, que luxo, que oppulencia! Esplendida a edificação! Casas de muito gosto! Que bonitas chácaras! que jardins! Jardins por toda a parte... — que mundo de

flôres! Que bellissimas camelias! Nunca tinham visto uma camelia! Lá, ellas não davam por causa do clima.

Viam tudo, reparavam em todes as cousas; nada lhes escapava.

— E os chalés? Aquillo era moda nova de casas que por lá não tinha, disse o major. Muito bonitas e commodas é que ellas eram para morar. Assim é que ainda havia de fazer uma casa.

— E ella, o que estava ha muito tempo a admirar entre outras cousas, disse d. Euphrasia por sua vez, — é como os burros eram fortes aqui. Olhassem que puxar um bond daquelles, com aquelle despropósito de gente dentro!... Os burros de lá de certo que não podiam com aquillo. E bem tratados que estavam, gordos de allumiar o pêllo. Vissem o que era o trato, Tudo neste mundo queria bom trato...

— E no outro mundo tambem, disse o major, que de vez em quando gostava de fazer pilherias.

Visitaram a nova Misericordia.

— Aquillo é que era monumento. Pois, senhores, não faziam idéa!... Si não fosse a necessidade de trazerem a filha para os medicos, talvez que nunca vissem tanta coisa bonita.

D. Euphrasia, que não era entendida em technologia, do que mais se admirava era « do talento do *carapina* que tinha riscado e feito aquillo tudo ».

O major Cornelio era da opinião de sua mulher.

Esther sentiu intensa e agradabilissima emoção ao descortinar do terraço da Misericordia o vasto panorama que se lhe desdobrava pela frente, limitado em semicirculo pelas montanhas da Cantareira. Não se cançava de proferir palavras que traduzissem a sua emoção esthetica; e nisto Ricardo estava com ella --

de opposiçãõ aos paes que diziam ter visto cousa superior :

— Tinham-se casado de novo e foram ao sul de Minas visitar uns parentes afazendados perto do arraial de S. Thomé das Lettras. Já sabiam da historia, mas nunca o tinham visto. Passados dias, houve uma festa em S. Thomé e foram. S. Thomé ficava lá nessas alturas, em cima de uma serra que entrava pelo céu a dentro. Eh! que cousa! que vista! Isso era uma immensidade de leguas ao redor que nem se contavam. As nuvens ficavam por baixo da gente; as baixadas iam... que a vista não alcançava mais: valles, montes, mattas, campos, tudo ficava misturado lá no longe, emquanto mais para perto, e embaixo, estavam pequenos povoados, fazendas, manchas brancas do gado pelas *invernadas* de angola, lagõas reflectindo o sol, rios com grandes voltas, apparecendo e tornando a desaparecer... Ah que cousa bonita!

— E as lettras, hein? perguntou d. Euphrasia.

— Era verdade, as lettras! As lettras é que tinham dado nome á povoação. Eram feitas na pedra e ninguem sabia o que era aquillo. Tinha uma gruta, com uma pia natural; de cima, tudo de pedra, cahia de tempo em tempo um pingo de agua dentro da pia e da pia cahia outro no chão, tambem de pedra, sumindo-se por uma greta. A pia tinha uns lambarys dentro. Tudo aquillo é sagrado, dizem elles, e foi o santo que fez quando por lá passou.

— Visse! Dalli via-se melhor a Penha, dizia Ricardo á irman.

Depois, atirando o braço num largo gesto que descreveu um semicirculo no horisonte, accrescentou:

— Aquella era a Cantareira. De lá é que descia a

agua para a cidade. Os Inglezes « bicharam » com os paulistas. Aquillo era uma melgueira de primeira sorte.

— Não tinha nome aquelle tôpo mais alto? perguntou-lhe Esther.

— Pois aquelle era o Jaraguá. Não se lembrava? Haviam passado perto, na viagem, e elle tinha mostrado.

E em quanto reparava, distrahida recitava baixinho, entre labios, e como uma prece :

— « E' este o meu patrio monte
que junto ao rio cresceu,
e que envolve a idosa fronte
nos nevoeiros do céu.

Não temas, não, viajante,
ao vê-o erguido no sul;
tem aguias — são andorinhas
e seu hombro é todo azul. »

— De quem era aquillo? perguntou Ricardo.

— Então não se lembrava mais das *Madresilvas*?

— Ah! fez elle. Eacrescentou: — Brazilio Machado.

E desceram todos, e foram subindo a pé emquanto esperavam o bond.

— Oh senhor! que bellissimo chalé! exclamou o major, apontando para a direita, e como que pregado ao solo. De quem era?

— De d. Veridiana Prado, respondeu o filho.

— D. Veridiana Prado...

— Sim; mãe do Martinico Prado, o republicano, e do Antonio Prado o conservador.

— Sabia, sabia. Dois thebas é que elles eram, tanto um como o outro. Mas que chalé! que bello palacete! que bellissima vivenda!

— E si elle visse por dentro então ! Diziam todos que aquillo por dentro era uma especie de Paraíso.

— Devia de ser. Já se via que era uma senhora de muito gosto a senhora, como se chamava mesmo ?

— Veridiana Prado.

— Veridiana Prado, era isso.

E si não fosse ter vindo o bond, lá ficaria o major Cornelio no mesmo lugar, a admirar o famoso palacete da opulenta senhora.

— Olhassem que aquillo era a *Consolação*, um bairro de S. Paulo, falou Ricardo.

Alli em cima, onde estavam as casuarinas, é que era o cemiterio. Haviam de lá ir tambem, outro dia, para verem o que era uma vista !

Esther ia pensando comsigo que a cidade era muito grande. Como descobrir aquelle que procurava e que lhe não sahia da memoria ? Não seria elle o verdadeiro medico para a sua enfermidade ? Tólos que eram ! tinham-na trazido para aqui com medo de que a doença voltasse, só por que ella andara triste e enfastiada alguns dias ! Como era certo que qualquer que fosse o remedio devia de ser applicado não ao corpo, sinão á sua alma ! O mal estava era no pensamento, no coração. O dr. Teixeira tinha chegado a essa descoberta. Falavam a esse respeito as notas que elle escrevera á margem dos livros em que estudara a anemia cerebral, livros que lhe dera a ella para ler depois que sarara. Tólos que eram ! Então si lhe voltasse aquella doença, ella podia lá consentir outro medico que não fosse o seu amigo e mestre, o seu professor e grande philosopho ?

Esses primeiros dias passaram-se todos em visitas

á cidade. Era-lhes impossivel encontrar melhor cicerone que Ricardo.

Já agora mais acostumada com essa vida, dormia melhor a moça e comia satisfactoriamente.

Com o exercicio que fazia todos os dias, voltavam-lhe ao rosto as côres. Acostumara-se já com o barulho da laboriosa capital e admirava-se de ter supposto que nunca se acostumaria com o viver rumoroso das grandes cidades. Via agora que tinha a aptidão latente para o grande mundo, e seu espirito era como um fio interminavel de considerações intimas e de todos os tons, que lhe voavam na transparencia dos sonhos, como bolhas de sabão por um céu sem nuvens. Admirava o incessante laborar da massa enorme da população paulistana, que lhe surgia aos olhos como um formigueiro immenso, a remexer num canto do planeta. Todas as classes tinham os seus representantes na obra geral do trabalho, em que cada individuo garantia a propria vida com a somma de um esforço pessoal, de que todos se aproveitavam, em troca de conveniencia e bem-estar, por menor que elle fosse. Só então é que pôde verificar o que estava acostumada a ler: — que o homem não é um ser isolado, independente, senhor de si, de livre arbitrio e privilegiado. Só então é que pôde ver, sentir e avaliar o que vem a ser a concatenação fatal das necessidades e deveres sociaes, presos uns aos outros, especializados pela divisão do trabalho e formando como resultante o grande todo, que é a evolução harmonica e cada vez mais perfeita da humanidade. Havia aqui trabalho para todos, homens ou mulheres, velhos ou moços. Vira um aleijado, um homem que havia perdido um braço, servindo pedras ao calce-

teiro de uma rua. Lançando os olhos para dentro de uma grande ferraria, avistara sobre um cepo um velho sem uma perna; mas com o braço puxava o cordão da forja; cooperava para avermelhar e amolecer o ferro que o ferreiro ia malhar; dalli sahiria a chapa de uma roda, o eixo de um carro, ou a ferradura de um cavallo. Esse homem portanto tinha uma parte na obra do progresso, da mesma maneira que o foraminifero microscopico é o grande architecto das grandes ilhas do oceano. Ah! era aqui por certo que se podia apprender a avaliar o que era a vida, o que valia a saúde! Abençoada a alegria dos operarios! Como era bom trabalhar! Vira em uma officina de sapateiro 12 ou 15 italianos a cantar, batendo as palmilhas sobre as fôrmas, apertando os pontos, pregando as sólas. Tudo aquillo marchava a compasso, o compasso do canto reforçado e vibrante, ao ruido surdo das machinas de costura unindo as gáspeas ou cosendo os elasticos. S. Paulo se lhe apresentava ás suas considerações como uma grande escola pratica, em que os alumnos não zombavam do mestre; o mestre chamava-se *Necessidade*. Quantos e quantos que lhe não deviam a posição feliz que tinham! Sim, porque só a necessidade é que ensinava a trabalhar,—mais, muito mais que todas as ambições do mundo. Que melhor professora de economia que a necessidade? As suas lições é que tinham creado os grandes thesouros, depois das grandes industrias! A' oppressão irresistivel de sua força ou a Fome ia buscar o pão ou o corpo animado morria no mesmo lugar. A sua logica era a mais simples deste mundo; compunha-se de duas condições, á escolha do individuo, que só podia se apropriar de uma dellas; a

sua logica chamava-se um dilemma: — *Ou é forte e vence, ou é fraco e succumbe.* Não quiz que os fracos vencessem, porque para ella o individuo não valia nada, considerado em si; para ella, era a Especie, era o todo que devia de permanecer e tem permanecido. E nisso, que parecia uma dôr immensa da Natureza, nisso é que estava toda a maravilha progressiva da vida universal. Os fortes abriam caminho pela estrada real da existencia; os fracos morriam-lhe á margem, esfalfados do gallope vertiginoso que ia do berço ao tumulo; — aquelles continuavam, extendiam no tempo e no espaço (quantas vezes lho dissera o seu mestre e amigo!) o tronco de onde brotaram, a arvore genealogica onde abriram um dia como flôres de carne, transmittindo as heranças que tiveram, mais aperfeiçoadas já, a seus successores, e aquellas que adquirem com as provanças da vida, na pratica com-os homens; — estes, os fracos, iam a pouco e pouco se abysmando na inacção crescente de sua natureza fragil e já teriam desaparecido do mundo si, por uma providencia, por assim dizer inconsciente, não se alliassem por vezes aos fortes na obra da Especie, creando o meio-termo, progredindo mais um pouco.

E lembrou-se de uma pagina do Padre Vieira, intitulada *Pão para a bôcca.*

— As proprias mulheres quantas vezes não as vira aqui desempenhando trabalhos proprios dos homens! Vira-as nas boléias das carroças, de manhan cedinho, rédeas em punho, a vender a verdura, o carvão e os fructos da terra. Eram estrangeiras essas mulheres; eram italianas. Tinham vindo de lá onde o trabalho nobilita e onde se trabalha mais, porque a vida é mais difficil. Boas mestras, as suas lições

seriam aproveitadas. Vira-as tambem dirigindo estabelecimentos commerciaes, armarinhos, joalharías, etc. Estas eram francezas em geral. E ainda não bastavam esses braços de carne para levar o alimento á bôcca faminta da capital paulista! — Braços de ferro, grandes machinas se occupavam nesse mistér, para saciar o estomago do progresso e manter-lhe a circulação que vinha a ser o dinheiro. Para esses braços de ferro, pouco, muito pouco: — agua e fogo; e ali vinha o movimento, transmittido e multiplicado, até ás machinas mais aperfeçoadas, e para todas as cousas. Bastava erguer os olhos: — de espaço a espaço, por cima dos telhados, aprumavam-se nos ares, successivamente, grandes chaminés quadrangulares, de tijolos, das casas industriaes, desenovellando no azul a cabelleira negra das fornalhas occultas. Ermm torres, torres do trabalho que haviam de vencer, por certo, segundo o espirito do seculo, as grandes torres mudas e inuteis dos velhos templos de Deus! Sim, porque a época, essa arcava com a pressão crescente de uma descrença tenaz. A Sciencia, em relação á idéa de Deus, mas nessa relação unicamente, era um grande mal para os pobres de espirito, porque quanto mais avançava, com o seu escalpéllo de analyse, mais Deus recuava, negando-se ou não resistindo ao menor golpe. Quanto devia ella ao medico por lhe ter feito vêr estas cousas, por lhe haver ensinado a pensar sem idéas preconcebidas! A Sciencia, hoje, negava tudo que era divino e provava a sua negação. As *secções scientificas* dos jornaes faziam geitosamente essa propaganda, que em todo o caso nunca chegaria a crear as fogueiras da inquisição. E, nessa lucta da crença moderna com a velha crença, era raro, notava,

havia muito, que sahisse a campo um cultor qualquer das idéas atacadas, um sacerdote emfim — capaz de fazer frente á onda revolucionaria do espirito scientifico. E si por acaso um delles se apresentava, era para ser logo fulminado com a argumentação dos factos, e cahir, cahir como um sapo, no começo da polemica. E' que as idéas dos povos, como muito bem lêra em um livro, eram como as idéas de um homem:—mudavam para melhor conforme o augmento da idade.

O pensamento de Esther realçava cada vez mais por sua energia vibrante; tumultuava, encachoeirava-se, desprendia-se de grandes alturas ou para lá subia como um aerostato, até desnortear-se completamente das primeiras cousas pensadas, das imagens que lhe aprazia lembrar.

Tinha um habito velho a moça, velho e intimo, que era como uma gymnastica difficillima, e que ella gostava de pôr em pratica nos dias em que estava nervosa:—dar tratos á memoria, a vêr si chegava a descobrir o primeiro pensamento que, uma hora antes, por exemplo—lhe servira de ponto de partida áquelle que lhe occupava a attenção no ultimo momento.

E por um grande exercicio, ainda que com muito trabalho ás vezes, raramente lhe falhava o intento. E assim era que a sua memoria se tornara uma verdadeira potencia.

Tinham chegado ao hotel. De uma das janellas viu a rapariga uma scena dolorosa que lhe causara um grande abalo:—passara um bond por cima de um pobre cão.

Numa agonia lancinante e depois dos primeiros

gritos calara-se o misero animal; com a lingua de fóra e a cabacear, firmado nas patas deanteiras, arastando o infeliz os quartos esmagados e sem governo, pois que uma das rodas lhe havia tambem quebrado a espinha. E debatia-se num pôço de sangue, a cahir e levantar-se sobre as patas livres, com as orelhas fitas, os olhos saltados de dôr, até que enfim, convulso, não se levantou mais e morreu.

— *A dôr dos « animaes » devia de ser a mesma dos homens, pensou Esther. Como estes elles deviam de ter uma alma.... « immortal » segundo queriam muitos.*

E as idéas foram-se succedendo no seu cerebro: eram lembranças que voltavam, de cousas que lêra; pensamentos repetidos, sensações já percebidas, imagens, raciocinios, juizos; sentimentos que se abraçavam; outros que se repelliam com descargas nervosas; uns, longos, esguios, leves e rapidos; outros, pesados, de grandes áreas, densos e volumosos; consolações amadas, risonhas e venturosas; dúvidas que não quizera lembrar, sentir de novo, negras e invenciveis; visões de todas as cousas, de todas as fórmias e tons, e tudo se succedendo tão rapidamente que lhe parecia ás vezes simultaneo, como si houvesse simultaneidade nas cousas do espirito.

Ao fim de certo tempo o seu pensamento repetia inconscientemente esta phrase: *« A fórmia do manjar devia de ser mudada, afim de evitar que o pensamento dos homens parasse no seio das mulheres.*

Estava já a considerar sobre a exquisitez de tal pensamento, quando o irmão bateu-lhe no hombro, chamando sua attenção para outra cousa.

Estremeceu. Sorriu para Ricardo, mas tomou nota

da phrase. O que ella queria era saber de que maneira fôra que da morte de um cão tinha ido parar em considerações sobre a fôrma de um doce.

— Sabia ella que o exame medico estava marcado para o dia seguinte, ás 8 horas da manhan? perguntou Ricardo. Pois que se preparasse, porque o pae já havia falado aos medicos, que eram trez — fulano, cicrano e beltrano.

E contou-lhe curas milagrosas de cada um delles, notando e dizendo que achava a irman muito preocupada naquelle momento e lhe perguntando que cousa tinha.

Como lhe respondesse que nada sentia, que estava apenas com muito dó do cão, que elle tambem vira morrer, — Ricardo retirou-se a assobiar os primeiros compassos de um tango.

Esther viu-o desaparecer na esquina da rua. Depois voltou ás suas idéas:

— *A fôrma do manjar devia de ser mudada, afim de evitar que o pensamento dos homens parasse no seio das mulheres.* Isto lhe tinha vindo por se ter lembrado de uma mesa de doces em que houve pratos de manjar com as pequeninas *pomas* tostadas, mesa essa de um jantar politico que havia tempos seu pae offerecera aos amigos.

— Mas... donde a lembrança da tal mesa de doces?

Custou muito a descobrir. Via-se-lhe no rosto o esforço de memoria que ella fazia, todo o trabalho intenso do pensamento. Apertava as palpebras, fitava o olhar firme pelo espaço, maltratando com os dedos um rofolho do vestido, tombando a cabeça ora para um lado ora para outro. Tinha, bem accentuadas, as expressões physiognomicas de quem procurava uma

cousa de que estava quasi a se recordar, cousa que lhe fugia, lhe escapava por entre os dedos da memoria, a escorregar como uma bicha hamburgueza. De repente mudou de posição. O olhar accendese-lhe bruscamente; banhoulhe o rosto uma serena alegria e um sorriso fez-lhe cócegas na commissura dos labios. Tinha descoberto a causa.

— Vira numa vitrina da rua da Imperatriz estojos finos de costura: — dahi o lembrar-se de uma agulhada que tinha dado sob a unha do polegar esquerdo, quando, havia mezes, estava bordando um lenço. O desastre dera-se no dia do jantar politico, e tanto era isso exacto que ella não pudera tocar piano á noite. Enesse jantar houve pratos de manjar, que tinham sido muito gabados pelos convivas. Fôra pois a vitrina e o estojo que a obrigaram a pensar na mesa de doces e depois nos manjares.

— Mas... donde a lembrança da vitrina com o estojo?

— Facil, muito facil. Tinha estado momentos antes, em pensamento, na vitrina do Novato, na sua cidade natal — vitrina onde vira o chromo da caixa de lenços, aquelle mesmo chromo que lhe avivara um sentimento já quasi morto.

E parou um pouco, porque agora estava difficil acertar com os motivos que a tinham levado mentalmente a *A' Flor do Chiado*.

— Podia ter sido o chromo; mas tinha certeza de que não era.

A idéa do chromo lhe atrapalhava o pensamento. Iam-se os segundos, os minutos; passava o tempo e... nada.

Finalmente Esther estremeceu:

— Ah! fez ella á meia voz. O sonho! o sonho!
Tinha sido o sonho do principe á beira do lago.
E esse sonho viera depois de ter ella pensado em
Veneza. Antes de Veneza andara pela Italia; antes
da Italia—Verdi; antes de Verdi, a sua opera—o
Hernani.

Até aqui fôra tudo muito bem e a galope; mas
neste ponto estacara a moça de novo a procurar a
causa de ter pensado no *Hernani*.

Chegara mesmo a ficar incommodadissima, muito
nervosa, suppondo impossivel descobri-la.

Poucas vezes lhe tinha acontecido tal. E quando
isso acontecia ella ficava doente ás vezes por muitas
horas, por dias mesmo; esse é que era o caso. De-
vido a taes exercicios é que a sua memoria era em
verdade uma memoria de anjo, como se costuma
dizer. Sempre vencedora, quando aquillo que buscava
não lhe surgia no espirito, a preocupação desse pe-
quénino desgosto creava-lhe um estado mórbido por
dentro de todos os nervos.

— Custasse o que custasse! pensava Esther.
Agora era um capricho; havia de descobrir, oh si o
havia! donde lhe viera o *Hernani*!

E travou mentalmente um dialogo com a sua
propria memoria:

— Ah! ia mostrar quem podia mais! si ella ou
ella. Desafôro! Seria em ultimo caso desmentir a
historia de sua *vontade*.

E a memoria zombava de seus esforços; parecia
passar-lhe deante do pensamento, como o perfume de
uma flôr invisivel deante do nariz. A sua concen-
tração era enorme, completa. Por uma synergia im-
mensa de sua natureza educada, toda ella convergia

nessa idéa unica de descobrir o que a obrigara a pensar na opera de Verdi. A' proporção que os minutos se succediam, mais se embrenhava a moça numa myriada de pequeninas cousas, de mil nadas que lhe poderiam ter despertado aquella idéa, mas que de facto não a tinham precedido. Todas as cousas, todas as possibilidades passavam-lhe pelo espirito num galopar vertiginoso, como que electrico.

— Ah! decididamente que a sua memoria lhe lograra daquella vez! exclamava mentalmente a rapariga. Fugira-lhe a genetriz do *Hernani*, como o bello moço do baile; aquella deixara-lhe a nervosia de um capricho; este, um... amor sem esperanças, um amor infeliz, desprotegido.

Depois vieram os outros. D. Euphrasia dirigia-lhe a palavra e ella respondia por monosyllabos. Preoccupada até á medulla da abstracção, havia momentos em que se achava completamente isolada de todas as cousas que a cercavam; não via, não ouvia, não percebia nada. E o seu olhar se conservava fito no espaço, atôa, com uma expressão vivissima de olhar que visse alguma cousa. Dir-se-ia que os seus olhos tinham a loucura de querer fitar um átomo. E *Hernani* ahi estava deante della, defronte de seu espirito, sem antecedentes, completamente solitario do lado do passado; seguido, no futuro, de Verdi, Italia, Veneza, *A' Flôr do Chiado*, etc., — *Hernani*! a lhe interromper a sua viagem para o ponto de partida, que ella procurava como quem procura o X de uma equação!

Todo esse resto de dia passou-o a moça no mesmo estado nervoso. Sahiu a passeio com o irmão; andou pelas ruas centraes da cidade, mas não lhe

fugiu

A

e fez

se lem

E

uma i

imper

A

Fôra :

medico

todos

nhuma

mente

lharam

banhos

vertime

E

que in

mais ob

ignorari

quelle n

—

seram c

e depois

dições.

—

pergunte

—

so exam

de acom

gicos par

symptom

com os

fugia do cerebro a preocupação que o avassalava.

A' noite deitou-se a pensar ainda no *Hernani*; e fez um protesto de não tocar-o mais enquanto não se lembrasse do motivo que a fizera pensar nelle...

E passou quasi toda essa noite em claro, noite de uma insomnia horrorosa que a tornara em extremo impertinente.

A's 8 horas da manhã houve o exame medico. Fôra minuciosamente auscultada e interrogada. Os medicos desciam ás mais subtilezas. Foram todos accordes de que não havia lesão organica nenhuma; que tudo aquillo eram phenomenos puramente nervosos, pois que ella nada sentia. E aconselharam uma infinidade de cousas, como passeios, banhos frios, de chuva ou duchas, espectaculos, divertimentos, etc., etc.

E Esther tinha um sorriso fino, epigrammatico, que incommodava principalmente a um delles, o mais observador, — sorriso que parecia chamal-os de ignorantes, de verdadeiros tólos, representando naquelle momento um papel de comedia.

— Era preciso um outro exame dahi a dias, disseram os trez esculapios. Iam receitar uns remedios e depois fariam um segundo exame em outras condições.

— Mas qual a molestia, afinal de contas? — lhes perguntou Esther.

— Ah! que por enquanto era temerario com um só exame diagnostical-a mathematicamente. Precisavam de acompanhar o marcha dos phenomenos physiologicos para verificar e determinar o facto morbido. Os symptomas até alli observados podiam se confundir com os de uma dezena de outras doencas.

— E si não se incomodavam quando não podiam saber logo, immediatamente, o que desejavam? — de esperar, emfim, por uma cousa de que não tinham certeza si appareceria ou não? — perguntou-lhes a moça, pensando ainda no *Hernani*.

Sorriram-se. Haviam achado exquisita a pergunta.

O major Cornelio e d. Euphrasia revelaram um ao outro, em suas conversações intimas, desejos vagos de ficar de mudança em S. Paulo.

— Nada tinham gosado na vida! diziam. E estavam já velhos. Era tempo de descansar; tinham trabalhado a melhor parte da existencia. Com a fortuna que possuíam, era bem que ganhassem agora a liberdade. E só dous filhos, dous filhos cujo futuro estava garantido até seus proprios netos. Depois, si morassem na capital, Ricardo podia formar-se; á vista delles estudaria por certo. Desejos de continuar é que lhe não faltavam. Ah! mas no meio desses sonhos surgia uma cousa difficil, difficillima mesmo—a fazenda. Onde comprador para a fazenda? para os escravos? Não! a vender—venderiam só a fazenda. Os escravos, não! Tão bons que tinham sido sempre!... Foram elles que fizeram aquella fortuna! Tambem, pela liberdade de que gosavam, já eram quasi livres. Outra cousa ainda: — aqui seria mais facil casarem a filha. Lá não havia um moço que prestasse. Si o pharmaceutico fosse outra cousa e Esther tivesse querido, elles o teriam acceitado; mas o pharmaceutico era um... pobre diabo, embora com algum dinheiro. Constará que elle tentara suicidar-se na vespera do dia em que partiram para S. Paulo.

— Quando falava á filha sobre o pedido do Aguiar? perguntara d. Euphrasia.

— Ora nem sabia, respondeu-lhe o marido.

Esta pergunta referia-se á carta que fôra entregue ao major Cornelio, á sahida do trem para S. Paulo, por um escravo do tenente coronel Jeronymo de Aguiar, um dos fazendeiros mais importantes do municipio; a carta era um pedido de casamento, em que elle solicitava em seu nome e no de seu filho Francisco de Aguiar a mão de Esther para esse mesmo filho.

— O Chiquinho (era assim tratado o candidato), continuou o major, não tinha defeito algum, era verdade; mas para seu genro faltava-lhe uma cousa que elle mesmo não sabia o que era. Depois, seria asneira falar disso á filha. Pois não se lembrava de que ella sempre o achara agua morna?

— Sim, não havia duvida; mas tambem era certo que a resposta precisava de ser dada. Uma carta escripta com tanta delicadeza e attentões... pedia resposta.

Nesse momento Esther achegara-se de ambos, que interromperam a conversa, a olhar para ella.

— Si estavam tratando de si? perguntou a rapariga sorrindo.

O major abriu a carteira e respondeu á sua pergunta mandando-a lêr a carta do tenente coronel Aguiar.

A moça leu a carta impassivelmente. Na physionomia não se lhe alterou um traço unico. Depois entregou a carta ao pae.

— Então, que dizia? perguntou elle.

— Mas dependia della? replicou a rapariga.

— Certamente. Não era a primeira vez que o affirmava.

— Nesse caso... não o acceitava, disse resolutamente.

O major dobrou a carta, metteu-a na carteira e não se falou mais desse assumpto. Estava decidido. Esther retirou-se.

— Comprariam uma casa aqui si achassem baratinha, proseguiu d. Euphrasia; porque tinha ouvido dizer que ás vezes em leilões faziam-se pechinchas da china.

— Sim, mesmo porque elle ja andava muito abhorrecido e cansado não só de ser fazendeiro como de ser politico. E, para « retirar-se ao ostracismo », só ficando em S. Paulo.

— Que vinha a ser ostracismo? perguntou a esposa. — Uma palavra que sempre ouvia dizer e não sabia o que era.

O major pensou algum tempo e depois respondeu:

— Ostracismo era... uma cousa muito sabida. O dicionario dava! Quando um chefe politico deixava de trabalhar, isto é, abandonava o seu partido para descansar, dizia-se que elle *se recolhera ao ostracismo*. Mas lá, no interior é que elle não podia recoller-se a esse descanso. Os taes amigos politicos eram uma sarna! O diabo que os aguentasse! Depois o seu partido estava que era uma tristeza; mais carança e atrazado que o proprio partido conservador; e elle, por amor ao velho liberalismo de outros tempos, a pactuar com quanta indecencia havia! Isso de partidos, hoje, o verdadeiro era o republicano.

E expoz todos os seus planos ao Guilherme Lebeis, o proprietario do Hotel; com quem já tinha travado relações intimas.

O Guilherme fez-lhe vêr que não havia necessidade de vender o sitio :

— Que hoje em dia uma fazenda de café era uma California, um capital seguro, cujo premio crescia com os annos, como o valôr do diamante com os quilates Arranjasse um bom administrador e deixasse rolar o marfim. Tomasse o exemplo dos Prados e muitos outros.

Esta idéa foi um achado para o major Cornelio.

— Elle bem sabia que lhe estava faltando uma cousa qualquer para descobrir. Atinar com ella, ahi é que estava a difficuldade. E o Guilherme zaz, traz — tinha desembaraçado a meada! disse o major a d. Euphrasia. Ia tratar de tudo isso; mas que os filhos não soubessem de nada! Era uma surpresa que lhes queria pregar. E como elles ficariam alegres, coitados! principalmente Esther para quem a vida tinha sido até alli uma cousa insipida.

Nesse sentido começou o major Cornelio a agir em silencio.

S. Paulo os inebriava a todos.

metti
de un
distan
da pa
tido,
lhe p
D
C
tensãe
grand
image
samer
lhe ha
os tra
E
doent
T
quina,
viver
conata

VII

DEPOIS da grande bebedeira partira o medico.

Todo o dia seguinte conservara-se elle ausente, mettido sósinho num quarto immundo e desmobiado de uma hospedaria sem hospedes, no arraial visinho, distante duas leguas e meia da cidade. Esse era o dia da partida de Esther; mas como pudesse não ter partido, falhara ainda o dr. Teixeira mais tres dias, que lhe pareceram infindos naquelle povoado sem gente. Depois voltou.

O pessimo passadio, as noites mal dormidas, a tensão constante de seu espirito, projectado como grande aza de luz por sobre a imagem da moça, imagem localisada no logar mais distincto do seu pensamento; todo esse esforço e gasto de economia vital lhe haviam diminuido o pêso do corpo e afrouxado os traços da physionomia.

Encerrara-se em casa e só sahia para vêr os seus doentes, voltando immediatamente.

Toda a cidade murmurou. Desde a venda da esquiua, desde a fonte, onde as escravas discutiam o viver domestico, até ás reuniões mais sérias, falava-se constantemente do facto.

Na opinião de uns tinha o medico levado taboa e o caso era commentado em desfavor da familia do major.

— Diabo! que mais queria a moça aristocrata? Decerto que estava esperando algum principe. Já o outro idiota quasi que levava o diabo por causa della.

— E tinha rasão! accrescentara o Chico do Tenente; que a rapariga era fazenda para crear agua na bôcca. Que ancas e que peitos! Dava vontade de morder tudo aquillo! Devia ter cada perna!... Era uma mulher que... si elle fosse rico daria um conto de réis para vê-la núa!

Todos riram-se ás gargalhadas e disseram que até alli morrera o Neves.

— Sim, sim; morrera o Neves, mas é que elle é que não passaria disso. Amigos! quem não bebia cachaça cheirava o barril.

— Ora não passaria disso, elle! Inda mais elle!

— E por falar em cachaça — como ia a sua apaixonada, a filha do Oliveira?

— Ora aquillo era uma espiga! Nunca lhe fizera cócegas. Não valia nem um olhar da Esther. Ainda por cima, vesga! Trocava cinco minutos de Esther por um mez inteiro daquella. Depois... queria lá saber de uma sujeitinha amarella, com cara de pepino maduro? Não faltava mais nada! Gostava mas era de mulher de bochechas gordas.

Esta ultima phrase fôra acompanhada de um gesto indecente que provocara da parte dos ouvintes uma gargalhada enorme.

— Mas o doutor era um idiota...

— Apoiado! gritou o Chico do Tenente. Eh! elle é que queria ser medico! Um homem que apalpava...

as mulheres, não ter sabido segurar a bicha! Aquillo era apalpar de vagarinho, arreitar, fazer olho de sapo, dar um beijo, pedir a mão e ser acceito! Eram todos uns pungas! tinha medo das mulheres! Não sabiam que quando se trata com esses animaes nada como a audacia! Ora bolas! — um homem era um homem e um gato um gato! Mulher o que queria era... homem, e homem que não quizesse mulher não prestava para nada.

— Pois o dr. Teixeira tinha inteiramente fugido até das rodas dos amigos! Não o viam mais em parte alguma, nem na botica, nem no Maciel, nem nos passeios á tarde! commentavam.

— Sim... mas a mulata do major lá ia de vez em quando á sua casa! disse ainda o Chico.

— Que mulata?

— A Joanna.

— Ora a Joanna, — uma velha!

— Sim! Fiassem nisso! Sempre tivera medo de boi sonso! Depois, si não era a mãe era a filha. Podia ser a mãe, porque tinha uns 50 annos e ainda era fazenda!

— Que filha?

— A Leonarda. Aquillo é que era torresminho! Já estava com cada teta de um kilo! O diabo da mulatinha deixava-o latejando! Aguava! Amigos! leitôa em ponto de espeto...

Riram-se muito, muito.

— Mas si não fosse o medico, tinha então de ser elle. Havia bastante tempo que o anzol estava iscado.

— Mas a piaba era muito arisca.

— Meus amigos quem porfia mata a caça!

Na opinião de outros o medico não chegara a pedir a rapariga.

Essa era a opinião do capitão Oliveira, opinião que elle emittia todas as manhans, em conversa com amigos, depois do banho frio e do copo de leite, de pé na porta da loja, a mascar o charuto e cuspinhar na areia, tudo isso alternado de umas cabeçadinhas que dava para traz, e que dizia vindas de uma constipação apanhada na nuca, quando ainda era rapazito.

— Não havia duvida nenhuma. O dr. não a pedira, receiando tomar um *não* pela frente,* porque a rapariga tinha muito cobre.

— Mas... não se dizia que ella gostava delle?

— Ora... dizia-se tanta cousa!

— Mas si elle pedisse...

— Isso lá elle é quem sabia. Para quem estava de fóra seria sempre melhor continuar a pensar que fructa de cabrito não era azeitona.

Entretanto os dias iam-se passando.

Todo o mez de Maio foi para o medico de uma grande tristeza. Nem ao menos tinha a companhia do seu mais intimo amigo naquella occasião, — Jacob Despois.

O pintor estava empenhadissimo de trabalhos. Alem de télas finas em preparo, para concluir a sua collecção, choviam-lhe as encommendas de bandeiras de S. João, porque Junho ahí vinha com as suas grandes festas de 24, em honra do Baptista.

Nessa vida assim, profundamente atribulada, começara o medico de sentir ao fim do mez um grande abatimento, um verdadeiro desanimo.

Um dia não se levantou. Tinha passado a noite em claro, exgottando-se em imaginação. Ao romper da manhan sentira a cabeça pesada, um entorpecimento

geral
palpeb
Dormia
a fala
a cozi
De
até ter
—
As
Fo
em que
—
—
—
—
—
passeio
O
dava-lha
uma po
—
moça b
Joanna.
—
matto?
com a c
—
gente, t
mas não
E p
—
—
—

geral por todo o corpo. E, sem o perceber, as suas palpebras se ajustaram a pouco e pouco. Adormecera... Dormira até ao meio dia, hora em que accordara com a fala de Joanna que havia entrado e tagarelava com a cozinheira na sala de jantar.

Despertara com muita dôr de cabeça e parecia-lhe até ter um pouco de fêbre.

— Não seria nada, murmurou consigo mesmo.

Assobiou á creada para trazer-lhe café.

Foi Joanna quem lho trouxe, numa bandeijinha em que só cabia a chicara e o assucareiro.

— Então o que tinha o *seu* doutor?

— Nada; uma cousa atôa.

— Si dêsse licença lhe dava um conselho.

— Podia falar.

— O seu doutor do que precisava era de dar um passeio a S. Paulo.

O medico sorriu-se com muita satisfação. Agradava-lhe a prosa daquella mulata, trazendo sempre uma pontinha de allusão aos seus affectos.

— Sim, em S. Paulo tinha muita distracção, muita moça bonita, e alli não tinha, continuou a corpolenta Joanna.

— Como não tinha? Então onde estava a Quebramatto? a Pão-de-Assucar, a Pacau e outras? falou com a cabeça apertada entre as mãos.

— O *seu* doutor era muito sério, não gostava dessa gente, tinha certeza. Assim mesmo tinha ouvido falar, mas não acreditava...

E parou.

— Que cousa tinha ouvido falar?

— Dava licença?

— Dava.

— Tinha ouvido falar que *seu* doutor tinha andado uns tempos atraz com a mulher do Juca Simplicio.

— Não era exacto, palavra!

— Pois si não era exacto, não seria de certo por causa della. Verdade, verdade: — era muito bonita, mas, *curu?*! era muito semvergonha!

— Pois elle nem sãbia que a mulher do Juca Simplicio era das taes.

— Ora si era! Diziam até que o marido sabia de tudo, mas quebrava pau no ouvido.

— Mudando de assumpto, proseguiu o medico, tinha recebido noticias novas?

— Tinha. Já não estavam mais no Hotel; alugaram uma casa muito bonita e grande, e o velho não demorava muito estava por alli.

— E a menina?

— A menina? muita saudade de tudo e de todos. Coitadinha! Boa coisa que ella era! Aquillo... uma pomba sem fel!

E, tomando a bençã, retirou-se.

A cabeça doeu-lhe mais ainda com a retirada de Joanna, que o deixara a pensar em Esther.

Tinha um medo tão doloroso de que algum outro sujeito se casasse com ella, que esfriava rapidamente ao pensar nisso, com a fuga do sangue para os varos centraes. Parecia-lhe que num desses momentos ia ser fulminado por uma apoplexia, apesar de refractario por indole a essa morte esplendida.

A' noute recebeu visitas.

Lá estiveram o pintor, o Oliveira, o tenente coronel Aguiar, e outros.

Joanna tinha contado ao Oliveira que o medico

estava
noticia

posto,

mesmo

Es

muito

a falar

ferno!

para o

genar-s

estudar

E s

A r

estrellas

azul im

aurora,

Sah

voltou a

sachristia

deitadas

mente u

haver aia

passar pe

muito bc

Esther.

pelo vão

— A

alta, appr

Estev

a mão, a

estava doente, e o Oliveira encheu a cidade com a noticia.

— Felizmente não era nada, como tinham supposto, disseram. Ainda bem! Ainda bem!

— Uma cousa atôa, affirmava o medico. Amanhan mesmo estaria bom.

Essa noite o medico a dormiu bem. Levantou-se muito cedo, muito antes mesmo do sol.

— Nada! era preciso mudar de vida! poz-se elle a falar comsigo mesmo. Aquillo, assim, estava um inferno! Si facilitasse adoecia mesmo! Ella que fosse para o diabo, que elle ia passear, espairecer-se, oxigenar-se, viver! Do que precisava era de vida, para estudar muito e escrever muito.

E sahiu.

A madrugada estava clara, sêcca, e friissima. As estrellas iam-se apagando a pouco e pouco, lá no azul immenso do céu. Ia elle vêr um bello romper de aurora, cousa que havia muitos mezes não via.

Sahiu da porta e subiu a rua até á esquina, onde voltou á direita e veiu sahir no largo, em frente á sacristia da matriz. Ahi, na poeira do caminho, vaccas deitadas bufavam de levesinho a recender deliciosamente um halito salutar e mórno. Apesar de não haver ainda bastante luz, reconhecera o medico, ao passar por detraz da igreja, a *Mansinha*, uma vacca muito bonita, boa leiteira e de toda a estimação, de Esther. Tão mansa, que os creoulinhos lhe passavam pelo vão das pernas.

— *Mansinha! Mansinha!* chamou o dr. em voz alta, approximando-se.

Esteve alguns segundos a amimar-lhe o pêllo com a mão, a falar com ella como si ella entendesse.

Depois, pondo-se de cócaras palpou-lhe os grandes uberes estufados de leite; em seguida enfiou a mão entre elles e a côxa de *Mansinha*.

Sentia um prazer immenso nessa caricia; aquelle logar quente provocava-lhe um delicioso enervamento, porque com a imaginação desvairada elle suppunha que aquelles grandes uberes macios eram os peitos de *Esther*, os quaes elle apertasse contra o rosto, ao olhar discreto e amigo das estrellas da madrugada.

Ouviu um assobio e poz-se de pé, de um salto.

— Que susto! pensou. Si o pilhassem alli, que diabo haviam de pensar?

E depois é que viu que ainda estava escuro.

Voltou de novo á esquerda e subiu toda a rua até sahir fóra da cidade, dez minutos apenas de distancia. Ahi a estrada tomava para nordéste; era o caminho de sacramento que ia ter á velha estrada real de Santos. Os terrenos subiam gradativa e violentamente até aos taboleiros que davam descida para os grandes campos daquella zona.

Fôra amanhecer a quasi meia legua de distancia, numa grande altura, de onde via um horisonte enorme para o lado da cidade, fechando quasi em circulo uma área immensa, limitada ao norte pela serra, ao noroéste e mais longe um pouco pelos grandes cafezaes da fazenda da *Soledade*, posse do major *Cornelio*, cultura que dahi se via, por causa de ser muito alto o logar; essa área era limitada ao poente e a sudoéste pela propria fraqueza da vista que não alcançava o fim das grandes campinas, que iam para muito além do rio; e ao sul, primeiro pelas grandes mattas e depois pela serra mais ao longe.

O que elle admirava sobretudo era a limpidez dessa manhan de fim de Maio.

Tinha parado.

Percorria agora com os olhos todo aquelle enorme amphitheatro, salpicado de serras e fazendas, de pequenas propriedades e de casinhas brancas sobre o fundo verde dos terrenos.

O sol não tardaria a nascer. No vermelhão do nascente havia um ponto mais esbrazeado que indicava o logar em que elle ia apontar. Em baixo, na cidade, levantava-se de alguns tectos o fumo dos primeiros fogos que se accendiam, e que no azul do céu se enovellava lentamente, esbranquiçando-se á medida que subia, desfazendo-se á proporção que mais se afastava das chaminés. Já não se via uma estrella. Ouvia-se no emtanto o mugir tristissimo das vaccas de leite que vinham chegando da redondeza, á procura de suas crias, presas nos pateos da cidade. Passava-lhe pelo nariz, como delicia restauradora, a exhalção balsamica dos vegetaes, o vivificante perfume dos campos, tão agradável nas manhans sêccas... Nas moitas já ruflavam as azas, sahindo para fóra, os primeiros passaros accordados...

Elle sentia-se preso de todos os sentidos a esse bello romper do dia. Tomava um banho de Natureza, tonificante, vitalizador. Como que escutava o ar, como que apalpava o céu e a terra com os seus olhos, como que se hypnotisava espontaneamente ao brilho ideal de tantas maravilhas.

O sol, vermelho, brotou no horisonte.

Um oceano immenso de luz, numa invasão colossal, doirou simultaneamente as serras do norte e do sul, as elevações em que o medico se achava, os

cafezaes e as florestas da *Soledade*, toda aquella área enorme do horizonte, que, com os vapores leves da noite, e a luz serena da manhan, ficou como num banho liquido e transparente de ouro e rosas, de saphiras e opalas.

O medico tornara-se estatico.

Com a mão aberta deante dos olhos, para que o sol os não maguasse, elle olhava para todas as cousas e sentia a pelle arrepiada, a reagir contra as suas emoções estheticas. Começou a assobiar baixinho, distrahidamente, o *La dona é mobile do Rigoletto*; depois o seu assobio foi se tornando mais alto. Sem o perceber passou do assobio ao canto; começou baixinho tambem; foi subindo, subindo... Em alguns minutos cantava em sua voz natural, limpida, de um timbre dulcissimo, terno e volumoso; repetia inconscientemente as phrases, a mesma copla, dous, tres compassos ás vezes. Cantou depois mais alto, com mais vehemencia ainda. Afinal, excitado, cantou com todo o calor, com toda a alma, como no dia em que fôra apanhado em flagrante, recostado á porta do quintal, vestido de branco a fumar o seu charuto.

E tudo isso o fez lembrar-se de Esther, do seu sotam, das arvores que o rodeavam, das borboletas emendadas que lhe passaram deante dos olhos, até dos proprios pensamentos que ellas lhe suggeriram.

— Ah! mas tudo aquillo tinha se passado! não voltaria mais! dizia elle, sentindo-se forte, tonificado pela photorrhéa solar, e pelo oxigenio da manhan. Sim! Afinal fôra uma loucura, nada mais. Ora que tolice! andar a matar-se por quem não se importava comsigo! Um factio interessante realmente, e até—com caracter mórbido!

E começou a voltar para a cidade. Apanhava seixos pela estrada e os atirava, para vêr a que distancia iam, e calcular a sua força muscular. Assobiava, cantava, ria ás vezes, outras vezes parava apprehensivo, triste; mas dentro em pouco recommçava a marcha, de um arranco, e já cantando ou assobiando.

Passaram por elle caipiras a cavallo; iam para a cidade. Depois passaram mulheres a pé, carregando cestos na cabeça. Depois negros com peneiras, outros com saccos ás costas. Lembrou-se então de que era domingo, de que toda aquella gente ia chegando para assistir á missa. E olhou no relógio. Oito e quarto. Tinha-se demorado muito, mas sentia-se forte; e para experimental-o, gyrava os braços como si manejasse uma funda.

Quando ia se approximando da cidade começou a sentir as primeiras sensações de fome.

— Bravo! exclamou baixinho, apalpando o estomago. — Ia ter fome! cousa que não sabia o que era havia um mez. Oh! decididamente estava bom.

Achava-se tão alegre que tinha « palpites » de gritar bem alto os nomes mais indecentes.

— Ah! exclamava, como era feliz! morrera o seu amor! O seu amor se acabara! Agora, morto o asno, cevada ao rabo!

E ficara de uma alegria enorme, dizendo baixinho no fundo do cerebro, por entre uma porção de pensamentos estroinas: — *Viva a Republica!*

No emtanto o sol ardia, galgando a abobada do céu matinalmente azul, sem uma nuvem, como um brilhante sem jaça, cortado de espaço a espaço pelo vôo das pombas selvagens, pelo chilrar dos sanhassús aos pares, pelo trinar metálico dos gafanhotos irri-

tados pela volupia da luz, pela concupiscencia do calor, numa termorrhagia brutal.

Elle sentia nos seus nervos reacções salutaes; grandes representações de cousas impossiveis, pensamentos desencontrados, desejos carnaes que lhe buliam com os musculos, que lhe chicoteavam a espinha dorsal. Cortavam-lhe o âmago do pensamento idéas corporizadas de phantasias lascivas. E como os gafanhotos, as suas fibras nervosas vibravam sons tambem metallicos, rebolando-se á grande invasão da luz solar, oxigenadas de volupia, mordidas da concupiscencia do calor.

Passara-lhe pela imaginação um quadro rapido como os de uma lanterna magica: — era um vasto salão á oriental, onde as columnatas de ouro e pedrarias raras perdiam-se na extensão; os mais finos estófos da India forravam as paredes sumptuosas; aqui e alli, os vazos sagrados do Japão, tudo que as maravilhas da ceramica têm conquistado ao tempo — aqui e alli se succediam num deslumbramento colossal; cortinas da mais fina seda, por sobre tóros dos mais finos setins; reposteiros admiraveis com bambinellas de ouro; sarnefas de porcellana e embraces de xarão; grandes estrados de mosaico, lampadas do mais admiravel trabalho... — um céu, uma delicia, um paraiso! E quando elle parou, fitando esse vastissimo salão que lhe parecia mais uma phantasia que uma realidade,— suspensa no ar, passara serenamente Esther, numa nudez esplendida, na posição de um anjo, com duas azas de luz, empunhando uma trombeta e dando aos seus olhos, aos olhos d'elle, todas as bellezas secretas do seu corpo, que elle lambia com o olhar, como o touro enrigecido de amor relambe, na esmeralda dos

campo
as nov
A
E
a prim
O
maneir
Em
Po
seu viv
O
estava
o major
O p
dico os
vidou-o
—
alugado
nova, ro
da cidad
mente n
se hosp
mento d
uma not
ingrato!
Esther.
Com
Cornelio
em um c
da cidad
lados, fre
do Tama
horisonte

campos, ao zumbir dos insectos, á luz quente do sol, as novilhas ciosas que o vão receber sobre as ancas.

A visão sumira-se pelas columnatas...

E tudo escurecera, ao repique do sino tocando a primeira vez para a missa do dia.

O medico chegara á casa e almoçara de uma maneira assombrosa.

Entrou Julho e sahiu Julho.

Pouca alteração introduzira o dr. Teixeira em seu viver, apesar dos protestos que diariamente fazia.

O major lá estivera e se retirara. A *Soledade* estava agora sob a direcção de um administrador que o major levava.

O pae de Esther repetiu com insistencia ao medico os offerecimentos que já lhe havia feito; convidou-o muito para passar dias em S. Paulo.

— Agora tinham casa, disse-lhe o velho. Haviam alugado uma excellente morada, muitos commodos, nova, rodeada de jardim, em um dos melhores pontos da cidade, nem propriamente no centro, nem propriamente no bairro. Si o amigo fosse a S. Paulo e não se hospedasse com elle, podia contar com um rompimento de amizade. Porque não havia escripto? Nem uma noticia, e todos com tamanha saudade! Era um ingrato! Ia levar a Leonarda, que fazia muita falta á Esther.

Com effeito, desde fins de Maio que o major Cornelio e sua familia tinham-se instalado na capital, em um dos pontos mais altos e salubres da parte sul da cidade:—uma casa nova, com jardim de ambos os lados, frente para oeste e fundos para a grande bacia do Tamanduatehy, avistando-se no ultimo plano do horizonte os outeiros do Cambucy e da Gloria, os

terrenos do Ypiranga e da Penha, e mais ao fundo, para o norte, azulando a duas leguas e tanto de distancia, a serra da Cantareira. Aquém desse ultimo plano, ao centro, os arrabaldes da Moóca, a sudéste; Braz ao nascente; Marco da Meia Legua um pouco mais para a esquerda, e Pary a nordéste.

Para entrar na casa era mister passar primeiro pelo jardim do lado direito, isto é—do lado do norte. Havia ahi um alpendre ladrilhado em mosaico, e que acompanhava parallelamente a duas paredes em angulo recto; a da sala tinha duas janellas, a porta e uma outra janella de um corredor que lhe ficava á esquerda; a outra tinha uma unica janella. O alpendre era acima do solo trez degraus de uma escada de marmore; e pelas columnas que sustentavam o tecto, coberto de telhas francezas, entrelaçavam-se, trepadeiras presas por fios de arame, as roseiras *Guanabara*, e *Marechal Niel*, esta com as suas bellas rosas de um branco amarellado; e as glycinias roxas (*wisteria sinensis*) com os seus grandes cachos de flôr de amethysta rachidos para o sólo por cima da verde folhagem. Sobre o peitoril da balaustrada, em vasos de barro, havia violetas florescidas, craveiros que se abotoavam para Setembro e Outubro, begonias exquisitas, de enorme variedade no formato e no colorido. Pendentes do tecto, em fios tambem de arame e dentro de supportes de pausinhos em quadro, uns sobre os outros, á moda das fogueiras, com humê dentro,—viam-se orchideas esplendidas, grande numero de variegadas parasitas, alli, á meia luz crepuscular do tecto, formada pela folhagem verde e espessa das trepadeiras. Ao longo das grades, da parte de dentro, em tinas especiaes, azáleas viçosas em flôr, umas ver-

melh
dabr
adoc
rêdes

F
Nesse
ainda
pedim

os ins
ao ca
se via
banam
no ar
immen

as flô

F

os pe
gradea
semici
viçava
flôres.

umas

ora si

As ma

estrella

de um

rodear

bellas

as peta

tardes

perfum

lias pu

Nos ra

melhas e singellas, outras rajadas e de côr de rosa, dobradas e bellissimas, e de perfume longinquamente adocicado. Em posição symetrica e á distancia—duas rêdes para as grandes preguiças depois do jantar.

Era um ninho de perfumes, um ninho de delicias. Nesse mez já havia dias de forte calor que parecia ainda mais forte, por causa do inverno que se ia despedindo e fôra tambem forte. Voltavam as moscas e os insectos; abriam-se as nymphas de Abril e Maio, e ao cahir da noite, a voar nos fogos crepusculares, já se viam as grandes borboletas dos coqueiros e das bananeiras,—emquanto ao calor do meio dia bailavam no ar, voando, mil insectos zumbindo, toda a familia immensa dos lepidópteros, a beijar as flôres, todas as flôres do jardim de Esther.

Fóra do alpendre estavam os pequenos canteiros, os pequeninos alegretes, cercados de verde grâma, gradeados de arcos de bambú, que se cruzavam em semicírculos, e que se enterravam na terra fôfa. Ahi viçavam tambem craveiros que ainda não tinham flôres. As saudades, abertas, formavam o centro; umas rôxas, de corôa; outras brancas, ora dobradas, ora singellas. Abriam-se os primeiros mal-me-queres. As margaridinhas eram praga. Em grandes touceiras, estrellavam, sobre o verde do fundo, amores-perfeitos de uma grande variedade, avelludados e lindissimos, rodeando os troncos das roseiras, pejudas então de bellas rosas. O sol, terrivel sol de Agosto, entorpecia as petalas dos lyrios, emquanto no ar mórno das tardes enfumaçadas pairava dentro do alpendre o perfume capitoso da flôr do imperador, das magnolias pumilias e das larangeiras florescidas no quintal. Nos ramos leves e delicados, sacudia a briza no jas-

mineiro a onda de seus perfumes. As anemonas e os rainúnculos, vermelhos e amarello-claros, rajados e dobrados, erguiam-se solitarios aqui e alli, á margem dos canteiros; e acompanhando a grade que deitava para a rua, por entre as madre-silvas novas e as roseiras de selecção, desdobrava o geranio, em corymbos rosados, as suas flôres de cinco petalas. Nos pequenos alegretes de esporás desabrochadas, abriam-se tambem as violetas ao pé do muro. Havia caixões suspensos, de sementeira; mimos-de-Venus, vermelhos, de sangue; goivos tristes pelos cantos inacessíveis. Rasteiras e teimosas, as camaradinhas purpuras abafavam as roseiras anans, dessas que não crescem um palmo, num canteiro ao pé da grade. No centro, á sombra de uma camelieira branca, havia um pequenino repuxo, muito pequeno mesmo, com um fio d'agua que cabia na penna de um pato. Era apenas para fornecê-la ao aguamento do jardim; a bacia de marmore que a continha era proporcional ao tamanho delle. Do outro lado, em frente á camelieira, estava florescida uma magnolia fuschata, com as suas seis petalas despontadas e alternas, trez ao centro e trez fóra, de um rôxo-claro por cima e rôxas por baixo,—e aos pés abriam os euphorbios, em grandes cachos, as suas flôres pequeninas, cinco petalas e côr de lacre. Num pequeno caixote, suspenso a um galho da camelieira, viçava uma touceira de malva cheirosa, de grandes folhas, já florescida, e cujos galhitos molles cahiam pelas bordas do caixão; em um desses galhitos, na parte inferior de uma folha, uma crysallida dourada reflectia o sol todos os dias, de uma hora da tarde até ás duas; e tão polido era o ouro daquella nympha que o raio reflectido ia até

á rêde
estava
nova fe

Do

pela ru
ipé sem
estava
cinco F
em cini
suas flô
folhager
quanto
um finc
pequeni
de estar
quintal,
acompan
trepadei
que dav
dahi a c
campos
exteriore
tremos n

— A

sahia-se
repostei
Dunkerqu
e vasos
grandes e
paredes,
graphia e
panno ve
ladeado d

á rêde de onde Esther a descobrira. Os phyllanthos estavam sem flôres, e as esponjeiras se revestiam de nova folhagem.

Do outro lado da casa, não tinha o jardim entrada pela rua. No quintal havia arvores fructíferas, e um ipé sem folhas (uma *primavera* como o povo o chama) estava coberto das suas grandes flôres de ouro, de cinco petalas, seis separadas em baixo e duas unidas em cima, maiores que as outras, juncado o sólo das suas flôres amarellas. Os eucalyptos iam renovando a folhagem, que lhes nascia de um verde azulado; enquanto os pecegueiros em flôr pareciam cobertos de um fino véu rosado, petalas em concha para cima, pequeninas e em numero de cinco, com um feixinho de estames rôxos ao centro. Em baixo, no fundo do quintal, e como que o cercando, — uma fila de bambús acompanhava o muro, todo coberto de rosa miuda e trepadeiras silvestres. Nesse muro havia um portão que dava para terrenos deshabitados, que iam sahír, dahi a cinco minutos de caminho, em largos e altos campos do sudéste da cidade. Eram estes os pertences exteriores da nova vivenda do major Cornelio. Entremos nella.

— Apenas subidos os trez degraus do alpendre, sahía-se logo numa boa sala de visitas, com grandes reposteiros sobre as portas e estóres nas janellas. Dunkerques de fino gosto, com serpentinhas de crystal e vasos de Sévres, ornavam dous vãos de janellas; grandes espelhos de crystal cahiam obliquos sobre as paredes, que tinham alguns quadros raros de lithographia e desenho a oleo. Coberto com uma capa de panno verde, lá estava a um canto o piano de Esther, ladeado de uma etagére cheia de operas e diversas mu-

sicas. De frente á entrada ficava o escriptorio do major, e no mesmo correr, adiante, o seu quarto de dormir. Por traz desses trez commodos, passava á esquerda um corredor de fóra a fóra, dando entrada em primeiro logar para duas grandes salas, ladeadas cada uma de espaçosa alcova que passava o nivel lateral da frente. Nessas duas salas, na da direita dormia Ricardo; na da esquerda Esther, que tinha na alcova adjacente o seu gabinete de leitura, a sua não pequena e escolhida bibliotheca. Este gabinete deitava uma janella para o alpendre, duas para o norte e duas para o nascente, por onde descia o quintal. Um segundo corredor, pequeno e perpendicular ao grande, conduzia ao salão de jantar, o maior commodo da casa, e que podia comportar para cima de 30 pares num baile. A direita desse salão, que era reentrante á parede esquerda da sala de visitas, — havia dous quartos tambem espaçosos, um servindo de cópa e dispensa, outro para dormitorio si fosse preciso, e depois a cozinha. Num angulo recto, acompanhava outro alpendre avarandado a parede de fundo da sala de jantar e a parede esquerda da cozinha, com uma escada de oito degraus, descendo para o quintal. O salão de jantar tinha janellas para o norte e para o nascente e duas para o dormitorio de Ricardo.

O major se esmerava em mobiliar a casa; trazia-a como um brinco e era servido por creados estrangeiros. Tencionava comprar aquella vivenda, que tinha um grande valor por ser quasi dentro da cidade; o dono, porem, pedia por ella cento e vinte contos de reis, allegando que só os terrenos a ella pertencentes, divididos em lotes, para novas casas, dariam mais de setenta contos; e que a municipalidade projectava

abrir
fundo.

Ad

e fóra
obra fi
do soal
o comp
o norte.
um vela
saicos
porcella
de phos
de fóra
O tapet
vasta c
frente d
movel
offerecia
grande
para me
pentes,
cencia a
deiramer

Fren

e por de
parede u
vazos de
um albur

Dahi

unida á p
com livre
jectos so
Era ahi

abrir no futuro uma rua paralela ao portão do fundo.

Ao entrar no quarto de Esther, logo á esquerda e fóra da parede, estava a sua grande cama franceza, obra fina de jacarandá, com grandes florões e rente do soalho, forrado por um tapete quadrado e de todo o comprimento do leito. A' cabeceira, que ficava para o norte, e quasi em frente á primeira janella do quintal, um velador elegante, tambem de jacarandá, com mosaicos de laranjeira, tinha em cima um castiçal de porcellana com uma vela transparente, uma caixinha de phosphoros e dous ou trez livros; ao pé, do lado de fóra uma cadeira e aos pés da cama outras duas. O tapete representava uma caçada de lebres, numa vasta charneca, espaçada de pequenas moitas. Em frente da porta ficava o seu grande guarda-roupa, um movel precioso pelos repartimentos commodos que offerecia. Antes da primeira janella do quintal—o grande lavatorio de marmore, com um espelho oval para meio corpo, bacia e saboeiro de porcellana azul, pentes, escóvas, oleos e perfumes. Tudo aquillo recondia a uma limpeza adoravel, a um aceio verdadeiramente exemplar.

Frenteando ainda com as duas janellas do nascente, e por detraz da cabeceira da cama, ficava pegado á parede um aparador coberto de oleado, com dous vaxos de flôres artificiaes, uma estatueta de bronze, um album de retratos e uma dezena de *bibelots*.

Dahi, passando-se ao gabinete, via-se á direita, unida á primeira janella fechada, uma grande estante com livros, por detraz de uma secretária onde os objectos sobrepostos guardavam uma ordem correcta. Era ahi que Esther lia, ahi é que a filha do major

estudava, quasi todo o dia e mesmo á noite quando não havia visitas.

Nos dias de *sant'amaro*, quando soprava frio o sudéste, ella fechava a janella do quintal e deixava as duas do norte abertas e a que pelo alpendre deitava para o jardim. Podia-se dizer que era nesse compartimento que a rapariga passava agora a sua vida. Tinha alli uma grande rêde, uma cadeira de balanço, um sofaete com um grande couro de tigre e um preguiceiro de palhinha, onde o major gostava de passar por uma somneca antes do jantar. Sobre o leito de Esther cahia do tecto, das bordas de pequenina cupula de setim azul, numa chuva de escumilha, o cortinado transparente, de fios de sêda cor de creme, com ramagens de um leve admiravel. As paredes ahi eram forradas de papel branco, com traços dourados, perpendiculares ao soalho, muito finos, a grandes espaços uns dos outros. Havia cabides e quadros pelas paredes. A *Estiva*, de Jacob Despois, tinha sido posta no gabinete, ao lado da janella que deitava para o jardim; a téla ficara obliqua, pendurada por cordões de sêda, recebendo em cheio toda a luz do norte e do nascente.

— Era um cantinho da terra natal dentro do seu gabinete, dizia a moça.

Estirada no preguiceiro, nas tardes quentes de Agosto, a boiar com o pensamento na onda de perfumes que lhe entrava pelo alpendre, passava a filha do fazendeiro horas inteiras, scismando nos dias do passado, a fitar as paisagens de léste — ou nos dias do futuro, com o coração amarrado por uma cadeia de angustias, fundida nos ultimos dias do *Hotel de França*, pela decepção que lá passara.

Com effeito, nos fins de Maio, já nas vesperras da

mudança para a casa acima descripta, e enquanto jantavam na ultima mesa da esquerda, ao pé do grande espelho, viu Esther entrar no hotel aquella creatura adorada, que o seu pensamento embellezara e de quem o seu coração não se esquecera mais nunca, — cumplice nessa permanencia o chromo da caixa de lenços.

Era elle mesmo, elle em pessoa. Vinha com outros companheiros. Achava-o muito mais gordo, com o bigode crescido e mais escuro.

A sua physionomia tinha perdido muito daquella doçura angelica que notara na noite do baile, na sua cidade natal.

Elle trajava sobrecasaca de panno preto, e calça estreita de casemira escura.

Sentaram-se na mesa adjacente á do major, e elle ficara em frente della.

Começaram a jantar e a beber. A sua voz tinha-se tornado aspera, e os companheiros o provocavam a contar umas historias alegres, de altas bilontragens, de que elle era auctor.

Elle as contava com garbo, com orgulho mesmo, lhes descrevendo os *planos* de que se servira, ora para arranjar dinheiro que nunca mais restituiria, ora para illudir as moças incautas que se deixavam prender pelas suas maneiras de salão e pelos seus dotes physicos.

De tempo em tempo o advertiam de que estava falando muito alto; elle olhava em derredor, com indifferença, bebia dous ou tres goles, limpava o bigode louro com o guardanapo, levava a faca á bôcca, mastigava e proseguia.

Os companheiros que o apreciavam, com excepção de um, rapaz moreno e baixo, quasi impubere, —

eram por certo seus amigos intimos, camaradas de pandegas naturalmente.

Esther, fingindo-se indifferente ao que se passava naquella mesa, sentia-se profundamente abatida e não perdia uma unica palavra do que conversavam.

Tinha ouvido de bôcca propria os depoimentos mais compromettedores da alma pequenina daquelle moço, em quem os sentimentos da honra e do decôro haviam-se apagado, a julgar pela desfaçatez com que se retratava aos companheiros que o applaudiam, revelando um prazer immenso em ser canalha, tendo no rosto as mesmas expressões de jubilo do homem de bem, que se revive nos seus feitos honestos e grandiosos, quando os repete ou delles se lembra.

O Guilherme approximara-se a sorrir. O major, que tinha ouvido um trecho da conversação, perguntou-lhe quem eram aquelles sujeitos.

— Dalli só conhecia dous : o pequeno sem bigodes, que era seu pensionista, e o louro que alli viera, como os outros, naturalmente a convite do primeiro. O pequenino era um segundo-annista, rapazinho muito bom e sério, honesto e bem comportado ; o outro, conhecia-o por ouvir dizer ; mas era muito conhecido em S. Paulo. Depois de muitas bombas sempre estava agora no quinto anno. Os bons estudantes, os estudantes sérios não se ligavam a elle ; tinha uma fama feia, dizia-se o diabo...

— Pela sua prosa não podia ser outra cousa, affirmara o major.

— Pois aquelle typo tinha estado lá, por occasião da ultima festa do Aguiar, disse Ricardo ao pae.

— Agora estava muito gordo...

— De vez em quando elle desapparecia, conti-

maou o Guilherme.—Devia a todo o mundo e já ninguém lhe fiava. Havia aqui muitas ruas onde elle não podia passar por causa dos « cadáveres », E era casado o patife. Com as suas maneiras afidalgadas (o bonito, diziam, era vê-lo num salão !) conseguiu no Rio illudir um desembargador e casar-se com uma de suas filhas, suppondo que o desembargador tinha muito cobre. Verificando depois que se enganara, abandonou a mulher ao fim de trez mezes, e veio para S. Paulo onde fez o quarto anno, e ia agora fazer o quinto. E o interessante é que aqui se dava por solteiro.

— Mas, donde era filho ?

— De uma das provincias do norte, não estava certo de qual dellas.

— Naturalmente havia de ser da terra da *borracha*, disse o major, com espirito, alludindo á sua boa disposição de beber vinho.

— Naturalmente, respondeu o Guilherme, sem rir, e a brincar com a corrente do relógio.

— Aquelle sujeito já tinha querido fazer pensão allí, continuara o hoteleiro.—Pedira-lhe o dinheiro adiantado. Elle dissera que pessoas de sua categoria não costumavam pagar o que ainda não tinham comido; ao que lhe respondera que era o estylo da casa.

— E depois ?

— Depois foi-se embora. Pudera ! pois si elle caloteara o *Grande Hotel*, coloteara uma pobre viuva, a d. Genoveva, que tinha casa de pensão ; caloteara o *Hotel das Familias*, caloteara meio mundo e ainda havia de caloteal-o !?... Outro officio !

— E como era que depois da exigencia do cobre á vista elle ainda voltava allí ?

— Sem pudor. Sujeito sem vergonha. Estava bifando o jantar do outro que era inexperiente e que com toda a certeza estava sendo explorado; porque era seu costume explorar os outros. Mas ia abrir-lhe os olhos.

Nesse momento o moço do chromo, já um tanto avinhado, apercebeu-se de Esther, sem reconhecê-la. Fitava-a com uma insolencia bestial e estúpida, sorrindo-se quando por ventura os olhos della se encontravam com os delle; era um sorriso franco, illuminado, bello, a mostrar por sob o bigode louro uma fila correcta de dentes alvos, debruados de beiços vermelhos.

A filha do major julgava-se a mais infeliz das mulheres; devia odial-o naquelle momento e não o odiava; sentia por elle uma commiserção profunda, e só se revoltava contra si mesma, contra a Natureza que vestira a alma de um tartufo com as fôrmas de um homem de bem. Sem que a cousa parecesse desfeita, ella que se achava muito abatida e pallida, com o susto de vê-lo, e com a decepção de ouvi-lo, levantou-se e foi para a sala da frente, onde se deixou ficar na sacada.

Dez minutos depois elles para lá foram, palitando os dentes e accendendo charutos. Olhavam-na pelas costas e faziam gestos de abraço, apinhando os dedos na bôcca, em beijos furtivos.

A moça os percebera alli, mas não quiz retirar-se immediatamente. Fê-lo depois, e ao passar por perto do louro elle curvou-se todo e disse-lhe uma graça.

Ella parou instantaneamente, no mesmo logar, tremula e altiva, e o fitou com tanta dignidade, com tanto desprezo, que elle foi ridículo, profundamente

ridículo, e ficou tão atrapalhado que ella ainda teve mais dó e retirou-se para ir chorar fechada no seu quarto.

Ahi, a imagem do medico cresceu-lhe no pensamento como a cauda luminosa de um cometa. Ella o via na grande altura de toda a sua probidade, de toda a sua sciencia, a mendigar-lhe um bocadinho de amor, e ella a negar-lho, presa por uma loucura á imagem daquelle pobre moço que ia acabar naturalmente nalgum carcere! Tinha desejos de abraçar o medico, seu mestre e amigo, alma tão fina e elevada, espirito tão delicado e culto! — e que ella não soubera comprehender, absorvida por um sonho! Mas devia ter sido uma doença!

— Que horror! que horror meu Deus! pensava exclamativamente, entre lagrymas, balançando-se numa cadeira de balanço.

E, desde esse dia, mais e mais pensava no medico á medida que o tempo se passava. Todas as cousas a obrigavam a lembrar-se delle: o livro, a flôr, a folha; a rêde, onde si fossem casados se sentariam juntos; a estrella, que elle gostava de mirar, perdendo-se no mundo das phantasias; o piano, onde ella tocara o *Rigoletto* para bulir com elle; a sua mão, porque com ella muito apertara a delle na ultima vez em que lá estivera; o espelho, porque ao vêr-se, faltava-lhe ao lado a imagem do medico, para se verem juntos no crystal polido, ella com o braço esquerdo prendendo-o pela cintura, elle com o direito lhe enlaçando o pescoço, e beijando-lhe o rosto: — tudo tinha uma parte daquelle homem.

Elle, no pensamento della, estava ligado a todas as cousas que lhe cahiam sob os sentidos, desde as

mais exquitas e inconfessaveis até ás mais coherentes e nobres.

Mas uma havia que tinha a supremacia sobre todas as outras : era a sua grande cama franceza, que guardava um logar vazio e que devia de ser preenchido por elle, o eleito de seu coração.

— Alli é que elle devia de dormir, juntinho della, pensava a rapariga ; alli, ambos abraçados, no grande recolhimento daquella alcova-salão, presos pelo mesmo amôr, sentindo os mesmos sentimentos, pensando as mesmas idéas ! E nas noites estrelladas e de luar, tomando o seu amôr por batel, por vélas a phantasia, como elles subiriam aos céus, nos extasis sagrados daquella grande paixão !

E desnor-teava-se a pensar mil cousas.

Ferviam-lhe no cerebro os receios do futuro. Preferia estar agora na sua cidade natal, naquella monotonia adoravel da roça ; no seu sotam, sem as commodidades que tinha em S. Paulo ; doente mesmo, na alcova da sala, para que elle fosse tratá-la, tomar-lhe o pulso, collar o ouvido á onda de seu seio para ouvir a onda de seu sangue, ajudá-la a deitar-se, ficar tremulo ás menores palavras que ella lhe dissesse com mais um boccadito de ternura.

Doía-lhe o coração de ter sido tão severa, tão ingrata para com elle ; e essa dôr crescia-lhe tanto mais quanto ella ia sabendo que o doutor se isolara de todos, que se fechara em casa e que emmagrecera de saudades, deixando crescer a barba, crescer o cabello e, si sahia, era sempre solitario, pensativo e triste ! Ella imaginava, com a finissima delicadeza da sensibilidade nervosa daquelle grande homem, — a dôr immensa que lhe devia de ir solapando a sua

alma viril de medico, aquella alma enamorada e angelica, virginalmente bella, immaculadamente perfeita.

Os espectaculos já não a distrahiam; os passeios a incommodavam. Sentia-se emmagrecer tambem; tornava-se dia a dia mais impertinente, como nas vespervas de cahir com a anemia cerebral.

Leonarda não lhe servia á sua vontade. Não tinha com ella a liberdade que tinha com a velha Joanna, nem lhe depositava confiança alguma; era uma creança a Leonarda, uma creança de dezeseite annos...

Sentia uma saudade immensa de Joanna, uma necessidade imprescindivel daquella boa creatura que fóra a sua mãe de leite e com quem ella se entendia melhor sobre as cousas do coração. E pedia ao pae, repetidamente, que a mandasse vir.

— Mas, filha! quem ficaria tomando conta da casa? dizia o major, pesaroso de não poder satisfazer-lhe o desejo.

Diversos creados e creadas tinham sido despedidos já, por seu respeito, e ás actuaes havia prohibido expressamente que lhe bulissem no quarto. A propria limpeza era ella quem fazia. Um dia brigara com Leonarda, porque a mulatinha deixára na secretária a regua fóra de seu logar, e instinctivamente, alheia de si, dera-lhe um tapa no rosto, pela primeira vez.

A filha de Joanna nunca apanhara. Esther nunca dera em ninguem.

Ao receber a bofetada, Leonarda abaixara o rosto, limpava as lagrymas no avental e puzera a regua no logar proprio.

Esther cahira-lhe aos pés soluçando, chorando copiosamente, pedindo-lhe perdão. Leonarda conseguiu

levantal-a; ella deu um grito e tombou desaccordada, rija e em convulsões.

Houve um grande rebuliço em toda a casa.

Levaram-na para o preguiçeiro, desabotoaram-lhe o vestido, arrebetaram-lhe o cós das saias, afrouxaram-lhe as ligas, e deram-lhe ether a cheirar. Ella voltou a si muito pállida, fria e muito quieta. Abria as palpebras lentamente, espaçadamente. Pedia ar, queria muito ar, e todas as janellas estavam abertas, e fóra o sol fundia-se numa photorrhéa colossal, sem uma nuvem sequer, a inundar céus e terra, toda a varzea, onde alvejavam as roupas das lavadeiras.

Ao dar com os olhos em Leonarda, começou de novo a chorar. Chorava agora mansinho; era um chôro infantil, angustiado, como que cheio de resignação... As suas lagrymas molhavam a almofada; os seus labios, descahidos para os cantos, brancos de cêra, tinham pequeninos tremores nervosos, miniaturas de convulsões.

— Que era aquillo, filha? perguntava-lhe com todo o carinho o pae.

Ella redobrava de pranto.

— Dissesse! elle pedia-lhe com todo o affecto.

E ella, sentando-se rapidamente, e com os olhos arregalados, perguntou-lhe si elle lhe fazia um favor? — que si não fizesse, jurava! nunca mais lhe pediria nada.

— Tudo que ella quizesse!

A moça dirigiu-se á mãe:

— O favor dependia della, della tambem, disse-lhe. Fazia?

D. Euphrasia abraçou-a, dizendo que nunca lhe negara nada.

— Então que escrevessem já para a Joanna vir-se

embora... Nem que a casa ficasse fechada! — mas antes de escrever...

E rompeu de novo no pranto.

Abraçaram-na.

— Disse pelo amor de Deus! pediam! Que fariam tudo que ella quizesse!

E com os olhos novamente arregalados, a voz presa das contracções da larynge, ella concluiu:

— ... mas antes de escrever, passassem, já e já, carta de liberdade a Joanna e a Leonarda...

E levantou-se rapida, a esperar a resposta, olhando para um e outro, com olhos de allucinada.

O major sentou-se na secretária, abriu a pasta, tirou uma folha de papel almaço e passou cartas de liberdade ás duas escravas. Assignou-as e em seguida assignou tambem d. Euphrasia.

Tudo isso passara-se em poucos minutos.

Esther recebeu das mãos do pae as duas cartas; a Leonarda entregou a que lhe pertencia, abraçando-a entre lagrymas, e lhe perguntando si estava perdoada.

E em seguida, numa gargalhada nervosa, abraçou tambem o pae e a mãe, beijando-os muito e lhes contando o que se havia passado. Sentia-se com a consciencia alliviada, com a satisfação incomparavel de quem tinha praticado uma acção bellissima.

E lembrando-se do medico, que devia de ter assistido áquella scena, para vêr como ella era bôa, foi ao piano e cantou o *La dona é mobile*, com o pensamento naquelle homem que lhe ensinara a ser bôa, educando-lhe o character e aprimorando-lhe o espirito.

Mandara o major buscar a velha mulata. A casa fôra entregue aos cuidados de uma outra velha, que passara a morar nella.

A recepção de Joanna, alguns dias depois, foi uma scena tocante, uma pequena festa de familia.

Só então soube ao certo a filha do major o que era feito do medico.

A sua *Dindinha* contara-lhe tudo, ainda as menores cousas. Todas essas noticias mais lhe opprimiam o coração, creando-lhe uma atmosphera de remorsos ao redor de seu espirito.

Soube da bebedeira da vespera, delle com o pintor; soube que o medico fugira para não vê-la partir; soube de confissões dolorosas que Joanna lhas ouvira fazer a Jacob Despois; soube dos seus suspiros, das suas insomnias, dos seus sonhos, do seu desespero.

E tudo isto a maguava. Tudo isto mordia-lhe fundo na alma, queimando-a de desejos de que elle tivesse um momento (de loucura para elle) em que lhe escrevesse uma carta, a ella, para dar-lhe direito de escrever tambem a elle.

— Ah! como derramaria a sua alma pelas linhas do papel! Como lhe diria que o amava, que o idolatrava com todas as fibras, com todos os pensamentos, com toda a sua alma apaixonada e doida... doida de amor por elle, doida por tudo o que fosse delle e que viesse delle!

Parecia mesmo uma loucura! Já ha muito que devera ter percebido que era a elle que amava. Elle é que era o moço do chromo, aquelle da grade, a vêr o lago. A elle é que ella amava, porque a imagem delle é que tinha mais imperio na sua alma de moça, vencendo sempre, em todos os sonhos, em todas as cousas, — a imagem do outro! Mas... porque motivo se illudira tanto? Quem lhe dissera que ella amava o louro? Porque não reconhecera em si mesma que na

lucta entre o coração e o capricho, entre o sentimento e a phantasia, eram o coração e o sentimento que tinham a razão por si, que não fingiam, que não mentiam? — sempre sinceros, honestos e bons amigos!

Nessa ordem de pensamentos, sem descanso, passava agora Esther os seus dias com uma impertinencia atroz.

Tinha desejos vehementes de morrer.

A morte para ella, nessas circumstancias, seria de um encanto maravilhoso. Pensava em suicidio, num suicidio original, unico. O *Nada*, porque a filha do major não acreditava, seguindo os passos de seu mestre, na immortalidade da alma,—o *Nada* para ella era uma realidade concreta, personificada; era a materia inconsciente e eterna a acenar-lhe com delirio, a chamal-a para o paiz do descanso, que se lhe afigurava um verdadeiro Paraiso, onde a inconsciencia individual tinha o seu reinado, anterior e posterior a todas as transformações da propria materia. Ah! vivia-se a verdadeira vida universal. Ah!, si o prazer nunca existira, tambem a dôr nunca nascera. Quando ella, a amante do medico, se fundisse no espaço, desfeita em átomos, a se aggregar e desagregar eternamente, sob as duas leis fataes, os dous irmãos siamezes *Materia* & *Força*, — como iria feliz na ignorancia de si propria por esses mundos infinitos que rolam na immensidade, no intérimo evolver do tempo, na área sem fim do Universo! Que dôr immensa a de poder *pensar*! Não era o pensamento o maior algoz da serie zoologica? Não era a memoria a maior inimiga da paz que desejava? E como a sua memoria se enfraquecia de dia para dia! Já ia para trez mezes

que perdera o fio do *Hernani*! Ah! nunca mais o tocaria!

E poz-se a reconstruir a sua associação de idéas, tantas vezes recomeçada, e sempre interrompida quando chegava á opera de Verdi.

— Então! Onde estava essa liberdade do homem? esse livre-arbitrio? Porque não se lembrava do que queria? Então era liberdade preferir entre duas cousas a que mais lhe agradava? Não havia nisso uma escravidão dos sentidos á maneira sympathica com que as nossas visceras ou a nossa intellectualidade escolhiam *instinctivamente* as cousas de que precisavam? Nesses casos não seria o *motivo*, que determinava as preferencias, uma força superior á *Vontade* e portanto de quem a *Vontade* dependia? E si a *Vontade* dependia, onde estava a sua liberdade? Não! Tudo ia na corrente da vida como a folha de Arnault.

E rezou baixinho :

De ta tige detachée
 pauvre feuille desséchée
 où vas tu? Je n'en sais rien.
 L'orage a brisé le chêne
 qui seul était mon soutien ;
 —de son inconstante haleine,
 le zéphir ou l'aquilon,
 depuis ce jour me promène
 de la forêt à la plaine,
 de la montagne au vallon.
 Je vais où le vent me mène,
 sans me plaindre ou m'effrayer ;
 —je vais ou va toute chose,
 ou va la feuille de rose
 et la feuille de laurier.

O que via no homem era a sua escravidão completa, a sua absoluta passividade á Natureza. Si amava ao medico, não era porque o quizesse. Ia nesse movimento como a folha de Arnault. Ninguém dizia a uma dôr de dente—*cessa!* que ella cessasse; e ninguém tinha a dôr de dente por sua vontade. Seria querer fazer curvo o raio da luz; querer que a agua tivesse uma fôrma, que a estrella não brilhasse, que a dôr não pungisse. A *Escola de Eléa* mentiu; Zenon, Cleantho e Chrysippo tinham sido uns grandes idiotas! Na fatalidade das cousas estava a natureza dos sêres. Amava-o, porque o amava! Esquecera-se do *Hernani*— porque se esquecera! Cada cerebro tinha um limite a suas forças. O cartucho de sombra dos planetas, opposto ao sol, era sempre proporcional ao diametro dos mesmos planetas e á distancia em que elles gyravam do sol. Um Deus, que elle existisse!— não quebraria essa lei. Pois então, si tudo era assim, donde lhe viera semelhante proceder para com o medico, para com aquelle homem quasi divino, quasi um Deus, que a arrancara do tumulo, que a amava com o amôr mais intenso, mais verdadeiro e doloroso que o coração humano podia conter? Porque não se apercebera, ella mesma, que era a elle que amava, sendo preciso para a consciencia d'isso ir até quasi á loucura, em busca de um sêr inferior que a sua phantasia tornara elevado, e que um capricho mórbido lhe collara nos nervos? Ia escrever-lhe uma carta. Dir-lhe-ia tudo, confessando que já « não pensava mais em chromos » como elle lho havia recommendado. Ia fazêl-o feliz e a ella tambem.

E parecia-lhe que a sua felicidade tinha começado.

Nesse momento entrou o major no gabinete e disse-lhe que o 5 de Setembro ahi vinha; que ella já tinha amigas e diversas conhecidas; que o Ricardo tambem os tinha, e portanto podiam fazer... assim qualquer cousa. Dançava-se um pouco, comia-se, bebia-se, e estava festejada aquella data, que felizmente cahia em domingo.

Era o anniversario natalicio de d. Euphrasia.

Toda a casa poz-se em movimento.

O major sentia se feliz de poder ostentar com dignidade os seus dotes e os de sua familia, com luxo e pompa, perante convidados de primeira ordem que pretendia reunir nos salões de sua grande vivenda.

Dous dias antes foram distribuidos os convites.

Tinham sido contemplados, nessa distincção, entre outros o dr. Amancio com sua familia, mulher e tres filhas. O dr. Amancio, medico, era um conhecimento já velho do major; fôra o antecessor do dr. Teixeira na terra daquelle; era um dos frequentadores de sua casa. Eugenia, Amanda e Beatriz, suas filhas; Constança sua mulher.

A familia Meirelles, um conhecimento feito em casa do dr. Amancio. O Meirelles era negociante de fazendas por atacado, uma casa forte que gyrava sob a firma de *Meirelles, Campos & C.*; o primeiro portuguez naturalizado, o segundo, brasileiro, e o *companheiro* era um rapaz tambem portuguez, guardalivros da casa e casado havia dous annos com a filha mais velha do Meirelles — a Leocadia, que já lhe dera um filhinho e estava agora para dar-lhe um outro; o socio brasileiro era o Honorio Campos um grande preguiçoso, de um appetite admiravel, cincoenta annos de idade, rico, celibatario por natureza, muito amavel

e mettido a philosopho. Era o dictionario vivo do Meirelles, em todas as questões, quaesquer que fossem. O Meirelles jurava sobre a palavra do Campos, e o Campos o acompanhava a toda a parte aonde fosse, quer só, quer com a familia.

— As Figueiredos, umas boas visinhas que elles tinham, filhas do velho Thomaz de Figueiredo, viuvo e capitão da guarda nacional. Essas raparigas eram quatro, todas magras, muito espirituosas, e trabalhadoras; uma dellas, a Hilarinha, meio myope e com uma bella pinta natural ao canto esquerdo da bôcca.

— Uma meia duzia de rapazes, estudantes da Academia, conhecidos em qualquer dessas casas; alguns outros rapazes de outras profissões; o dr. Silva Marcondes com sua mulher e... estava fechada a roda dos convidados.

— Si falhassem seria o diabo! exclamava o major, satisfeito com as suas compras.

Tinha sortido a cópa do que havia de mais fino nos mercados da cidade, não só em bebidas como em conservas e doces de todas as qualidades, feitos em casa e encommendados nas principaes confeitarias.

Quando chegou o domingo, segundo o costume de todos os annos, quiz elle fazer o seu presente a d. Euphrasia. Sahira de manhan e andara por lojas e joalharias, sem saber o que escolher. Afinal determinou, numa das ultimas, que o homem levasse um sortimento do que tivesse de melhor, de mais moderno e mais fino, á sua casa, para lá ser escolhida a peça que tivesse de ficar.

O joalheiro lá foi.

Era elle um judeu-francez, louro, esperto como todos os judeus. Extendeu sobre o sofá e as cadeiras

da sala duas caixas de mogno, com algumas divisões, em que trazia a encomenda como fôra feita. Havia diversas pulseiras de ouro, ora polido, ora fôsko, com varias cravações de brilhantes e outras pedras; anneis com magnificos solitarios; brincos; pulseiras; broches com varios nomes em perolas e diamantes; pequenos relgios para mulheres; brincos modernos; joias de grande valor artistico; alfinetes á phantasia, para o penteado; um mundo emfim de pequeninas cousas de grandes valores.

Entre todos esses artefactos havia tambem muita peça já fôra da moda, mas que o habil judeu lá puzera como novidade, a vêr se vendia:—broches de porcelana com aros de ouro em filigranas, e quadros pintados ao centro; objectos de coral, de fôrmas já passadas, presos em ouro colorido; joias, como cruces, cannivetinhos, medalhas, de photographias microscopicas com vidros de augmento, representando monumentos celebres, ruinas de antigas cidades, e uma collecção completa dos passos do calvario.

Nestas joias deteve-se Esther a examinar os desenhos e as representações da legendaria historia tão sua conhecida:

— *Ruth nos campos de Booç*. E lembrou-se da dedicação sublime que aquella moça da Biblia consagrava a Noemi, a mãe de seu chorado esposo, acompanhando-a para Bethlem;—um exemplo que edificava;

— *Os pastores da Arcadia*. Copia da tcla esplendida de Nicoláu Poussin, seculo dezesete, o grande pintor do *Moyisés salvo das aguas*. Representava os tempos paradisiacos da Grecia, o Eden da mythologia helenica;

— *Napoleão em Santa Helena*. Lá estava, de pé sobre um rochedo escaldado, o famoso corso, o genio mais destruidor dos tempos modernos, e que viera dos fins do seculo passado como um furacão horrivel, abalando os alicerces da Europa, vencido em Waterloo e morto em Santa Helena em 1821, após seis annos de degredo.

Sentia-se a grande solidão daquelle quadro: — na immensidade do mar, um rochedo, e sobre o rochedo, triste e pensativo — o vencedor de Austerlitz...

— *No cantão de Valais*. Era uma paisagem suissa, representando um lago sereno, a espelhar cristas nevadas de montanhas alpinas. Tudo ao longe, vago e com uns tons sombrios de saudades perdidas.

— *A Assumpção*. Um quadro do seculo dezesete, de Murillo, o grande pintor hespanhol. Representava a Virgem subindo ao céu por entre o coro dos anjos;

— *Jesus entre as creanças*. Era um quadro em que o Nazareno se achava rodeado de creanças, abraçando a umas, beijando a outras, abençoando a todas. Havia allí mães, vindas de todos os cantos da Terra Santa, apresentando os filhinhos ás bençams de Jesus, cujo nome transpuzera os angulos da Judéa e os pincares do Hermon;

— *Bethlem*. O que os seus olhos viam agora era a terra da tribu de Judá, sobre a vertente de uma collina. Allí estava o berço de David, mais tarde o berço de Jesus.

E lembrou-se de Ruth, porque a pagina mais tocante de sua historia passara-se nas vizinhanças de Bethlem;

— *Christo em Emmaús*. Sua primeira appareição aos discipulos depois de resurgido. Uma copia do

grande quadro de Paulo, o Veronez, o immortal auctor das *Bodas de Caná*, e um dos pintores mais celebres, e que viveu no seculo dezeseis;

— *A fuga para o Egypto*. Era um quadro vulgar da historia de José e Maria, a salvar o menino-Deus do decreto de Herodes, que ordenara em Bethlem a degolação de todas as creanças menores de dous annos.

S. José, á frente, — de pé, cajado á mão e tunica ao hombro, puxando pelo deserto em fóra a mansa alimária em que ia a virgem e o futuro reformador do mundo.

No mais distante do quadro, fincadas na solidão do ceu, viam-se as pontas immoveis das pyramides, historia feita de pedra, guardando no seio dos seculos a gloria dos Pharaós. (Lembrou-se de Champollion);

— *A Santa Familia*. Cópia de pintura flamenga, de um quadro de Rubens, fins do seculo 16 ou principios do 17.

Este quadro despertou-lhe todos os seus instinctos de mulher. Via a mãe sentada com um filhinho nú ao collo e outro aos pés, com um carneirinho atraz. A' esquerda, o pae. Que expressão em todos elles! que alegria! que felicidade!

A imagem do lar, mas um lar como o d'*A Santa Familia*, cresceu-lhe no coração;

— *A festa da Paschoa*. Era um quadro de costumes hebraicos, em homenagem ao anniversario do *exodo egypcio*.

Lembrava o sangue do cordeiro que advertira ao Anjo-exterminador de que dentro estavam os hebreus que deviam de ser poupados. Era a mais importante das festas hebraicas; durava sete dias e cahia a 15 de

Nisan, primeiro mez do anno, tendo o cordeiro da paschoa sido immolado ao anoitecer do dia anterior.

— *Surge, et ambula!* Era a assombrosa resurreição de Lazaro. Jesus, com a mão esquerda erguida, mandava Lazaro que se levantasse do sepulchro, e que passeasse. E o irmão de Martha, com grande pasmo dos assistentes, vinha se levantando da sepultura. Esta photographia microscopica devia ser copia de uma celebre agua-forte de Rembrandt.

Depois succederam-se varios outros quadros, todos biblicos, todos de assumpto conhecido, sobre os passos de Jesus.

Agora tinha parado a rapariga a contemplar a *Ascensão do Senhor*, ultima pagina da tragedia do Calvario, posta em scena com o beijo de Judas.

Esse quadro abria no espirito da moça uma grande valvula, por onde entravam as recordações de seu passado, quando, menina ainda, ella soubera quasi que de cór a historia sagrada.

Tinha ao vivo na imaginação aquella grande scena do quadregesimo dia, da resurreição de Jesus. Lembrava-se até dos logares, no mappa da Palestina, por ella examinados um a um, quando sensibilizada relia com as lagrymas nos olhos a historia do Nazareno.

— Fôra aquillo depois que elle instruiu os apóstolos, preparando-os para a dolorosa separação. Tomando então a estrada de Bethania, parara o Divino Mestre no monte das Oliveiras. Extendera as mãos sobre os discipulos e, cheio de saudade o olhar, fôra se elevando a manso e manso no azul, até perder-se na immensidade do espaço. Estava concluida a sua missão. Ia começar-se a obra dezenove vezes secular da catechese das gentes, — e o Espirito Santo to

maria um por um todos os sacerdotes de Christo, e os guiaria incolumes atravez de todos os perigos, para que se cumprisse a vontade do Eterno, de que fôra mensageiro seu filho humanado...

Neste ponto de suas recordações a attenção se lhe distrahiu, porque a mãe tinha escolhido o broche moderno com que devia de ficar.

Era um mimo de finos lavores e custo de um conto e duzentos mil reis.

Esther achara-o muito chique e voltara a vêr a ultima cruz, que ainda não tinha visto, da collecção.

Ao levá-la á pupilla não pôde evitar uma exclamação de grande alegria, de verdadeira surpresa, que obrigou todos a se voltarem para ella, perguntando o que fôra.

— O Horto do *Hernani*, respondeu, — e cahiu na gargalhada, corrigindo em seguida o seu trocadilho:

— O Horto de *Gethsemani*! um quadro esplendido que, havia muito, desejava possuir.

E dirigindo-se ao judeu perguntou-lhe o preço da cruz.

E, como si estivesse sosinha, entregue a seus pensamentos, para delles não se esquecer, repetiu: — *Hernani, Gethsemani; Gethsemani Hernani...*

Ao levar aquella cruz á pupilla, e ao vêr o Horto de *Gethsemani*, lembrou-se immediatamente do *Hernani*, ponto de que não tinha podido passar na reconstrucção de sua associação de idéas. Com effeito *Gethsemani* tinha sido por assonancia a palavra pre-genitrix do nome *Hernani*.

Como a sua memoria era verdadeiramente phenomenal, nada perdera de vivacidade a reconstrucção começada.

— Ah ! exclamava mentalmente a rapariga. Já agora podia tocar a sua querida opera.

E ficou com a cruz que a libertara daquelle incommodo de espirito, verdadeira idiosyncrasia psychica.

— Ora, quando que se havia de lembrar de que *Gethsemani* gerara *Hernani* ! Que relação tinha uma cousa com a outra, a não ser certa similhaça de sons ? — tenuissima relação, tão insignificante que talvez ella nunca mais a descobrisse, nunca mais executasse a opera de Verdi !

E, olhando a cruz, via com amôr o jardim legendario do Monte Olivete, aonde costumava Christo se dirigir para fazer as suas orações.

— Fôra ahi que á meia noite, pensava a moça, após agonia de morte e suor de sangue que humidecia a terra... fôra ahi que o buscaram os soldados de Annaz, os principes dos sacerdotes, os guardas da fortaleza de Antonia, os magistrados do templo, e os demais inimigos... Fôra então que Judas se adeantara e, saudando ao Mestre, lhe dera aquelle beijo que o levava á *Ascenção*, passando anteriormente pelo supplicio do Golgotha.

E, descendo a cruz, recordou-se de que havia pensado em *Gethsemani*, na sua associação de idéas, por ter antes andado em espirito pela Galliléa, a proposito de Magdalena. Lá estava Magdala, o seu berço natal, ao norte de Tiberiadas, ambas nas margens occidentaes de Genesareth.— *Magdalena* viera depois que ella pensara em Christo, — idéa que tivera por um motivo de religião, pois que a precedera a lembrança de *Leão XIII*. Sabia que se lembrara do papa por ter pensado em *leões*, factio mental que por sua vez lhe

tinha vindo á memoria por ter antes divagado pela Africa, a velha patria daquelles felinos.

Neste ponto demorara-se ainda em religar os pensamentos passados. Era preciso descobrir por que motivo é que andara pela Africa.

Encontrara-o.

— *Angola!* tinha sido a Angola. Lembrara-se dessa possessão portugueza na Africa, por causa de uma penna que lhe parecera de gallinha d'Angola, penna que tocada pelo vento lhe passara pela frente, quando estava na sacada a seguir a serie de pensamentos da referida associação.

Nessa occasião dera-se até um facto interessante para ella, uma coincidência, podia-se dizer: — é que estava a pensar no chromo e na corrida das gallinhas d'Angola, no dia em que comprara ao Novato, n'A' *Flor do Chiado*, a caixa de lenços, — quando a penna ao passar, desviou-lhe de lá o pensamento e o arremessara atravez dos mares, para as regiões africanas.

— O ter antes pensado em sua terra, no Novato, nas *angolas*, na caixa de lenços, — tudo isso se filiava á lembrança de uma cadellinha que possuira e que morrera de parto. Fôra horrivel o soffrimento do pobre animalito que ella tanto estimava.

A lembrança da cadellinha viera do desastre succedido ao cão sob as rodas do bond.

Estava reconstruida pela ordem descendente, isto é, — ás avessas, a sua associação de idéas. Sentia-se radiosa a moça. Tinha descido, ponto por ponto, toda a escala mysteriosa daquelle grande trecho de pensamentos, desaparecido entre duas phrases, como o navio que relacionou dous continentes, naufragado em meio do oceano.

O primeiro continente, no caso, era a phrase— *A forma do manjar devia de ser mudada, afim de evitar que o pensamento dos homens parasse no seio das mulheres*; o segundo continente era— *A dôr dos « animaes » devia de ser a mesma dos homens. Como estes elles deviam ter uma alma « immortal », segundo queriam muitos*. E no meio, tudo que prendia esses dous pensamentos, era o navio sobre o mar largo das idéas, o qual, revoltado, tragara até ás profundezas um trecho de sua vida mental.

Agora o que era preciso, aquillo de que a moça necessitava era de pôr as cousas em seus termos, isto é— pela ordem directa, do simples para o complexo e o mais syntheticamente possível. Esse trabalho era-lhe facil; fazia-o como quem desvira um sacco do avesso para a direita. Tinha partido de cima para baixo; ia agora partir de baixo para cima.

Tomou o seu livro de lembranças e começou a escrever uma chave mnemonica. Ahi as palavras em grypho, estranhas aos pontos da associação, serviam apenas de copula ás palavras em versaletes; estas eram os pontos, eram os marcos miliares do pensamento desaparecido e depois encontrado.

E escreveu o que se segue e que conserva aqui a mesma fórma por ella dada:

NOTAS A MIM MESMA

« A dôr dos *animaes* devia de ser a mesma dos homens. Como estes elles deviam de ter uma alma *immortal*, segundo querem muitos. »

O BOND da TERRA-NOVA (cão) matou a CADELINHA DE PARTO em MINHA TERRA, quando passava no

af UMA PENNA que era de gallinha d'ANGOLA, penna que me levou á AFRICA, onde eu vi OS LEÕES dilacerando o papa (Leão XIII)!

Era chegado o fim da RELIGIÃO de CHRISTO, que acompanhado de MAGDALENA, partira de MAGDALA, na formosa Galiléa, afim de esconder-se no HORTO DE GETHESEMANI!

Ouviu-se então num realejo o HERNANI, tocado por VERDI. Christo fugiu para a ITALIA e refugiou-se em VENEZA, fazendo-me sonhar com um PRINCIPE á BEIRA DE UM LAGO; lembrei-me do meu CHROMO DOS LENÇOS, e voltando á « A' Flor do Chiado » vi Jesus na VITRINA DO NOVATO; era esta muito parecida com a da rua da Imperatriz, aqui, onde eu vi um bello ESTOJO DE COSTURA.

Sempre que vejo um ESTOJO lembro-me da agulhada no dia do jantar politico, que teve uma mesa de DOCES de arromba, tendo sido muito apreciados os MANJARES, com as suas fórmãs de pequeninos PEITOS.

« A fórmula do manjar devia de ser mudada, afim de evitar que o pensamento dos homens parasse no seio das mulheres. »

— Esther.

S. Paulo, 4 de Setembro de 1887. »

Levantou a cabeça e, fechando os olhos, repetiu de memoria e em voz alta todos os versaletes dessa pagina.

— Prompto! exclamou, já de pé, numa alegria enorme; e foi ao piano e encheu a sala com as harmonias do *Hernani*.

Ia anoitecendo.

Havia vasos de flôres por toda a parte; festões

pendentes do alto das portas sobre os portaes; cada aparador, cada consólo era um pequeno jardim. Havia em tudo, em todos os moveis, uma ordem admiravel; um aceio que dava vontade de beijal-os; uma disposição sympathica e correctissima, accusando a determinação de uma das melhores donas de casa. Todos os commodos da grande vivenda estavam franqueados aos hospedes dessa roite, e em todos elles havia a mesma harmonia, a mesma ordem, o mesmo aceio. Licoreiros aqui e alli, sobre mesinhas. No salão de jantar tinha-se levantado num canto um grande bufete, especie de kiosque de verdura, onde havia um creado ás ordens de todos os convivas:—ahi estavam em prateleiras forradas os vinhos mais caros dos primeiros paizes productores, desde os de Lormond, Pomard, Sauterne e Madeira, até aos finos de Chambertin, Steinberger e Champanhes Cliquot, e Mœt & Chandon; os mais delicados e deliciosos licores; doces sêccos para abrir a sêde; queijos diversos; sandwichs, etc. Neste kiosque havia um letreiro que dizia:—*E' pedir e beber*. Na sala de jantar, por sobre a mesa, e seguro por duas bambinellas de folhagem, lia-se em grandes letras — *Toda a liberdade*. Em cada porta dizia um cartaz—*Entrae, á vontade*. Cerveja, á discreção.

O major Cornelio quiz dar a seus amigos uma amostra das suas festas no interior. Tudo recumava naquella casa uma alegria enorme. A creadagem trançava por toda a parte. Elle tinha convidado mais amigos; convidara tambem pessoas altamente collocadas com quem já tinha relações.

Eram esperados commendadores, conselheiros, barões, typos emfim da nata paulistana. Os homens

do directorio liberal, esses foram dos primeiros convidados.

A festa devia pois de ser esplendida.

Agora estava-se arranjando a mesa do jantar; tinha sido augmentada em dobro; nella, collocavam-se pyramides para doces; supportes portateis, para mil cousas pequeninas; candelabros e serpentinas; grandes jarras de porcellana atopetadas de flôres. Um copeiro louro estava extendendo a baixella—uma baixella riquissima, de ouro, de que todas as peças eram marcadas em monogramma com as iniciaes *C & E*—Cornelio e Euphrasia; pratos de frisos dourados, porcellana transparente e delgadissima; grupos de copos de varias côres e tamanhos deante de cada prato; os guardanapos dobrados em flôr...

Na cozinha o movimento era enorme,—no fôrno, no fogão; a essa hora estava já quasi tudo prompto... Ia anoitecendo.

Nesse tempo antes das 6 horas era já noite.

No dia anterior tinha chovido muito,—grandes cargas d'agua com raios e trovoadas, de modo que o dia 5 tinha sido formosissimo. A tempestade varrera do céu as fumaças de Agosto; o thermometro descera a uma temperatura agradavel, e sentiam-se os pulmões cheios de bom ar.

A lua, em quarto crescente, pairava no quadrante, de léste sob um firmamento desanuviado e azul, onde as primeiras estrellas começavam de tremular. A frouxa claridade do astro na infancia entrava pelas janellas do nascente, abrindo no soalho losangos de luz.

Era uma noite fresca e sem vento.

Accenderam-se as lanternas de phantasia do alpendre e do jardim.

Começaram a chegar os carros: — os convidados eram recebidos pelos dous irmãos, com toda a gentileza.

Esther trajava um vestido de sêda côr de crême, de uma simplicidade seductora, com um peitilho de velludo escuro, de um palmo de largura e estreitando-se á proporção que descia. As suas mangas lhe enluvavam os braços, um primor de estatuaria na phrase do dr. Teixeira; essas mangas eram curtas como o vestido tambem, que deixava a descoberto uns sapatinhos pequenos, de salto baixo, onde se aninhavam dous pombos vestidos de sêda carmesim. Por unico enfeite, uma rosa branca, uma rosa unica sobre o peitilho de velludo.

Já tinham chegado o conselheiro Costa com a sua familia, filhos e filhas; — aquelles, estudantes de direito; estas, das mais bonitas de S. Paulo, sobretudo a Maricota, que era uma morena alta, forte e corada, um typo de belleza sensual;

—O dr. Amancio, magro e espigado, barba toda, claro e de pinçe-nez, com sua mulher, gorda, morena, e muito baixa, barriguda por natureza, bôcca batida, com buço espesso, e sempre a fungar, cançada, com o pescoço atolado no vão de dous seios enormes... Eugenia, a filha mais velha, sahira á mãe; tinha como esta banhas a valer e era morena e baixa; do pae só herdára a myopia e estava noiva. Amanda era magrita, clara e alta, o typo mais nobre da familia, cabellos castanhos e olhos pardos. Beatriz, 15 annos, a mais moça, herdara igualmente dos paes; ficava entre moreno e claro, altura regular, bem proporcionada e roliça. Via-se-lhe nos olhos, negros como uma jaboticaba, e nos beiços, carnudos e rubros, todo o

fogo dos temperamentos tropicaes. Era a namorada de Ricardo. Tinham ambos, um pelo outro, uma paixão violenta, sensual e perigosa, porque eram muito moços e tinham muita liberdade. Isso agradava em extremo ao dr. Amancio, que via no facto um bom partido para o futuro.

Chegara depois o commendador Silva com toda a sua familia; chegara tambem o padre Valerio, um rapaz magro, vermelho, alto e de nariz romano, que não nascera para sacerdote e que chorava lagrymas de sangue por ter dado essa cabeçada. Gostava de estudos de historia e amava as mulheres com ternura; sentia-se muito bem no aconchego das saias, e contentava-se com os sonhos que Deus lhe dava, e em que elle fazia de timido amante, gozando, ás occultas, as mais bellas mulheres de S. Paulo.

Os ultimos a chegar foram os Meirelles, que trouxeram o Campos, grandalhão e gordo, com a sua papada de touro sobre o collarinho deitado, olhos carnudos e vivos, sustentando sempre o celibato, apesar de amasiado, havia alguns annos, com a filha de um salsicheiro allemão. Não dançava por se cançar muito; mas jogava e discutia, e quando precisassem de bons queixos para a mesa, ou de gente para fazer brindes — era com elle. Tinha raiva dos padres e mettia as botas constantemente nos « sotainas hypochritas » nos « cães de sachristia » como os chamava.

Já se podia dançar; poucos dos convidados tinham deixado de comparecer.

A's 9 horas dera a musica o primeiro signal de quadrilha. Tiraram-se pares, formaram-se alas.

Esther lembrara-se da pilheria do Alcantara, na

noite do baile no Aguiar, rompendo com um dobrado horroroso, fóra, na rua, no momento em que a quadrilha ia ser começada, ficando interrompida até que elle com a sua gente acabassem de tocar.

— Um pobre! pensou a rapariga.

A dança rompera animada.

Para todos os rapazes era Esther o primeiro typo da sala. A nobreza de porte, a seriedade e distincção de maneiras, a elegancia natural e toda pessoal no mover-se, no falar, no dançar; o elevado dos conceitos, sem affectação e sem preparo prévio, — tudo isso fazia da rapariga a primeira figura da sala, figura simples e poeticamente despretençiosa.

Mal acabava uma quadrilha já estava ella sendo pedida para outra.

Ricardo e Beatriz não se largaram mais; passeavam de braço dado por toda a casa, alegres, conversando; elle a limpar o suor com o lenço, ella a abanar-se com o leque. Nas valsas, nas polkas, ficavam unidos como bananas gemeas...

O kiosque da sala de jantar adquirira uma freguezia enorme. Os homens iam alli constantemente beber; depois começaram tambem a levar as mulheres.

Os rapazes examinavam a bibliotheca de Esther; abriam ahi os livros e os encontravam lidos, annotados por ella á maneira dos livros do medico.

— Era um commodo esplendido! diziam.

Estava tudo illuminado, prodigamente illuminado. Pelas janellas via-se o jardim com as suas lanternas á phantasia.

— Que boa preguiceira para a digestão! exclamavam. — Que boa cama!

E tinham desejos de rolar na cama da rapariga,

sob o grande cortinado de escumilha de sêda. Tudo aquillo era uma delicia para elles; cheirava a muito cobre.

As janellas estavam abertas.

Via-se, baixa no horizonte, a lua que descia sobre o valle extenso do Tamanduatehy, donde, nessa hora da noite, começava a se espalhar uma facha de nevoa a marcar as curvas do rio pela planicie.

O padre Valerio não podia dançar, estava com um callo arruinado; e, junto do kiosque, perto das janellas abertas, apreciava a noite serena, bebendo e fumando, a sustentar com todo o enthusiasmo a verdade do catholicismo, atacado pelo Campos numa discussão travada havia mais de hora, discussão em que o socio do Meirelles tinha ironias cortantes e ás vezes grosseirias censuraveis.

Grupos de moças e de rapazes, nos intervallos das danças, approximavam-se delles, os ouviam um pouco, lhes davam apartes e se retiravam depois; e o olhar do padre Valerio, rapido e amoroso, acompanhava as sêdas roçagantes das raparigas bonitas; e, quando ellas desapareciam, o padre suspirava.

Elle era casamenteiro, sabia ser amavel e chamar para si as moças, que o ouviam com prazer. As suas conversas versavam sobre o amôr, sobre a poesia, sobre a musica... A sua voz era suave, terna como a de um capão acompanhado de pintos. Elle ficava nervoso e entrecortava as phrases. Delicado em extremo, affectando sempre muito respeito ás cousas da religião, fingindo-se quasi santo, gostava que lhe pedissem para recitar, o que só fazia depois de muito rogado.

Este padre, bom homem, coitado! tinha entrada

nas principaes casas de S. Paulo. O padre Valerio!
quem não o conhecia?...

A uma hora começaram a servir a mesa.

Já lá estavam todos os convidados, quando d. Euphrasia deu por falta de Ricardo e Beatriz. Ambos tinham entrado regularmente no *chartreuse*.

A mulher do major Cornelio foi encontral-os no jardim, sentados num banco, á sombra de uma camelieira. Ella chegou-se pé ante pé.

Falavam baixinho.

— Ja tinham ido para a mesa! dizia-lhe Beatriz. Podiam lhes notar a ausencia!

E levantou-se.

— Não! não! Ninguem daria pela falta! Elle queria ainda um beijo, um só! supplicava Ricardo.

E enlaçou-lhe a cintura forte, assentada sobre largos quadriz, unindo o corpo della ao seu corpo.

— Bom, um só; mas um só, sim? accedera a morena.

E passando-lhe os braços por cima dos hombros, entregou-lhe a bôcca vermelha que elle apanhou entre os seus beijos, com amôr e com lascivia.

E deixaram-se ficar abraçados, immoveis, suspirando á sombra da camelieira.

D. Euphrasia appareceu no alpendre, chamou-os como si nada tivesse visto e voltou para a mesa. Elles a acompanharam.

Comia-se com uma disposição admiravel. Trocavam-se brindes a todo o instante. O Campos, já bem torrado, fez trez discursos:— um, provando que os padres deviam de ser casados; outro, provando que a vida era um valle de lagrymas, e o ultimo saudando a um dos cavalheiros mais distinctos que tinha conhecido em sua longa vida de 50 annos: o major Cornelio!

Foram muito brindados os donos da casa, directamente e na pessoa de Esther, — « uma das moças mais gentis e formosas de que tinha feito aquisição a elite da sociedade paulistana ».

Falaram todos que o quizeram. A's tres horas recommçou-se a dança e o Campos ainda fazia discursos, ainda comia e bebia e ainda discutia religião.

Da meia noite em diante Esther tinha principiado a se abhorrecer de tudo aquillo, havendo momentos em que se distrahia e o revelava no rosto.

Em uma das ultimas quadrilhas, dançando com o Costinha, um quinto-annista, filho do conselheiro Costa, rapaz lindo, estudante distincto e muito bem educado, — este lhe notara o facto.

— Que desde que alli entrara não a perdera de vista. Era observador; gostava de estudar as pessoas. Havia uma cousa que a preocupava, que lhe pesava no espirito; podia ser que elle se enganasse, — mas a causa do estado em que ella se achava não estava naquella reunião, sinão elle ja teria descoberto.

E a sua voz era terna, de uma meiguice e doçura capaz de impressional-a si ella realmente não estivesse a pensar noutra cousa. Já antes o *dr.* Costinha, como o chamavam, deixara escapar com muita nobreza e seriedade as bellas impressões que recebera della.

Esther, que não era vaidosa e não queria illudil-o, confessou que elle tinha acertado quanto á preocupação.

E para que não pensasse na possibilidade de ser amado por ella, depois de interrogada sobre o motivo daquella apprehensão :

— Saudades, simplesmente saudades, disse.

— Não seria indiscreto si perguntasse de quem ?

— Não. Era muito natural que o desejasse saber, como achava natural que ella lho dissesse.

— Então...

— Faltava alli naquella reunião uma figura muito distincta, que sempre fizera parte das reuniões de sua familia, no interior... disse a moça!

O filho do conselheiro conservou-se calado e pensativo durante alguns segundos. Depois:

— Si era noivo della? perguntou baixinho, indeciso.

— Não; ella ainda não era noiva, respondeu sorrindo.

— Então... era...

— Concluisse, ordenara Esther. Disse com toda a franqueza.

— O seu predilecto.

— Estava a pensar que elle fosse dizer *namorado*, tornou-lhe a rapariga, já empallidecendo e já sorrindo. Si o houvesse dito ella teria protestado.

— Mas um predilecto era um namorado.

— Não. As pessoas de educação fina—amavam, mas não namoravam. O namoro era incompativel com os sentimentos elevados e nobres.

O rapaz calou-se de novo e por muito tempo. Depois:

— E esse cavalheiro?... perguntou.

— O dr. Lins Teixeira, um grande medico, um grande philosopho.

— Ah! conhecia-o de nome. O dr. Luiz Pereira Barreto falava sempre e com louvor do dr. Teixeira.

— Então já via que era mesmo distincto.

— E que a escolha não podia ter sido melhor.

Esther pediu-lhe o braço e o conduziu ao Gabinete, para mostrar-lhe *A Estiva*, o presente do medico,

um cantinho da sua terra; — era uma das obras primas de Jacob Despois.

E falou longamente sobre este pintor.

Cada vez mais pállida, a fazer um esforço enorme para não proromper num diluvio de confissões, ella estava tremula; vivia agora do passado, só vendo a imagem do medico a crescer-lhe no coração como um polvo de luz, prendendo-a, suffocando-a á sucção de seus tentáculos.

Pedida para cantar, cantou as musicas de que mais gostava o medico; e como as cantara pensando nelle — fôra enorme o seu triumpho, sendo recebida por salvas de palmas, e applausos de todas as qualidades.

— Além de todás as distincções, tinha a de ser uma grande cantora, uma cantora de grande merito, disse-lhe o dr. Costinha, que se sentia triste, com a noticia que ella lhe dera, admirando-a mais e mais.

Vinha vindo a madrugada. A lua tinha-se occultado por detraz dos morros da Penha. O céu, crivado de constellações, immensamente azul, de uma serenidade virginal, cobria S. Paulo com a sua cupula de estrellas, atravessada pela facha branca do *Caminho de S. Thiago*.

Dentro em pouco, baixo no céu, começou de apparecer um vermelhão para os lados de Mogy das Cruzes. Era o dia que vinha amanhecendo.

Os convidados foram-se despedindo... até ficar a familia a sós.

Nesse dia, ás 10 horas, o carteiro trouxe uma carta do medico, sobrescriptada ao major e dirigida a Esther, que ainda estava a dormir.

VIII

AGORA, cada dia que se passava, maior era a tensão mental no espirito de ambos, do medico e da rapariga.

Nelle, já crystallisada, tinha a paixão periodos de fluxo e refluxo, movimento e repouso, conforme as condições externas que lhe falavam ao corpo ou ao espirito; e, assim, num dia de luz, de muito sol, — num dia em que se alimentava melhor, com mais appetite, por qualquer motivo, lembrava-se mais della, parecendo que a amava mais, que a amava até á loucura; — nos dias tristes, nublados, ou quando comia mal, elle não sentia do mesmo modo a lembrança da creatura amada, tão longe, ausente, delle esquecida talvez.

Identificara-se com aquella idéa; ia se acostumando com ella. Fazia parte já de sua individualidade como o braço com que pegava a bengala, o cerebro com que pensava.

Nesses dias, de repouso affectivo, os seus pensamentos eram tranquillos como o espelho de um lago circumdado de montanhas; pensava nella suavemente,

reflectindo-a na sua memoria, como o lago reflecte a estrella, inconscientemente, no socego tropical das noites quietas de estio; via-a como si fosse um balão a desaparecer no espaço, a diminuir, a diminuir, até perder-se, sumir-se da vista — na patria azul do firmamento.

A arvore do seu amôr tinha crescido, florira, fructificara. Era uma existencia completa já, e que fazia parte da sua vida de consciencia.

Nesses dias de repouso, era de uma passividade a toda a prova; chegava a illudir-se, pensando que não a amasse mais; era como os animaes hybernantes: — sentia-se immobilizado, entorpecido no gelo dos affectos, a 20 graus abaixo de zero no centigrado de seu amôr... Comprehendia que todo esse gelo lhe vinha da ausencia della, dessa mulher que lhe era a luz, o sol, a vida; mas não reagia na occasião, por faltar-lhe a consciencia, — pois só a tinha, desse estado, quando delle sahia, refeito então de forças, entrando no de movimento, onde a imagem della se approximava mais, como o sol no perihelio, — trazendo-lhe a primavera do espirito, com o degelo de seu temperamento, o renascer de seus affectos, o refulgir de sua imaginação!

No espirito da moça, tornava-se a tensão mental cada vez maior, porque todas as energias de seu systema-nervoso reagiam cada vez mais, protestando contra o capricho em que ella se mantivera, e destacando com fulgôr a imagem do medico, pregando-lha no cerebro a martelladas de amôr, vibradas pelo pulso vingativo e forte de uma lembrança finissima.

E, assim, a separação lhe era um pêso, um pêso permanente e insupportavel; a ausencia causticava-lhe o pensamento, enervando-lhe a sensibilidade geral,

que se tornava de estranha delicadeza; e as suas necessidades affectivas exigiam a imagem d'elle — sempre festejada com o pensamento, no mais alto, no mais puro subjectivismo.

Agora, andava o medico melancolico.

Com a partida de Joanna, que sempre lhe falava da rapariga, a alma do doutor ensombrara-se de scismas, anoitecera de saudades.

Começou a apparecer-lhe no espirito o desejo de escrever uma carta.

— Mas... escrevê-la, como? perguntava a si mesmo. Nas circumstancias especiaes em que se achava, a carta havia de infallivelmente passar pelas mãos do major; portanto nada poderia dizer do que sentia e do que penava. Para ir sobrescriptada a Esther, seria uma ousadia, que o major tomaria em conta como desconsideração; e ainda assim lê-la — e portanto estava elle no mesmo caso da primeira hypothese. Ah! si pudesse escrever a ella só, de modo que mais ninguem visse! — eis o alvitre que lhe era absolutamente impossivel pôr em pratica. Em todo o caso escrever-lhe-ia com o sobrescripto ao major. Isto a obrigaria a responder; e possuir a sua lettra já era um conforto, já era uma grande consolação. Mas que cousa lhe diria? Achava-se tão estúpido, que nem sabia o que dizer!

Sentou-se á mesa, tirou o papel, accendeu o cigarro e molhou a penna.

Depois de pensar muito tempo, numa irresolução penosa, começou: — « Minha Senhora. »

— Não! *minha senhora* não ficava bem; parecia ridiculo. Tinha tanta liberdade com ella, que não devia

usar de *minha senhora!* O melhor seria entrar em materia sem dirigir-se a ninguem.

Começou de novo: — Tudo por aqui, depois que todos partiram...

E levantou o braço que estava tremulo, quasi convulso.

— Diabo! Como era besta! disse em voz alta.

Deu duas voltas pela sala, atirou fóra a ponta do cigarro e sentou-se á mesa.

Bateram na porta.

— Quem era?

Ninguem respondeu.

— Quem era, entrasse! ordenou com impertinencia.

A porta cedeu e elle virou-se na cadeira.

Era um velho de barbas brancas, de pés no chão, ponche e calça arregaçada, com um lenço envolvendo a cabeça por baixo do chapéu.

— Que desejava?

— Queria uma receita...

— Si não podia voltar logo?

— Morava longe... e ficava ruim para elle...

— Pois elle é que não tinha nada si ficasse ruim; era si quizesse. Diabo! não se tinha tempo nem de escrever uma carta! Era um inferno aquella vida!

— Mas elle não lhe vinha pedir nada de graça... trazia dinheiro para...

— Patife! já dalli p'ra fóra! já! já!

E o velho retirou-se.

Alguns segundos, e o doutor correu á janella e viu que elle ia perto... Poz o chapéu e foi buscal-o. Trouxe-o para o gabinete. Pediu-lhe desculpas e ouviu-o com toda a attenção.

Examinou-o, recebeu-o, e não cobrou nada.

Mais tranquillo agora, fôra elle vêr o que estava escripto.

— Mas não tinha o nome della ! portanto ficava a carta sendo dirigida ao major !

E rasgou colericô a folha de papel.

— Aquillo era o diabo ! Como é que havia de fazer, senhor ?!...

E coçava a cabeça, e torcia o bigode...

— Bom ! punha em cima o nome della, — *Esther*, só ! Mas seria muita liberdade, liberdade que elle nunca tivera. Visto isso, punha *D. Esther* e nada de *rossa excellencia*.

E achou graça e pegou a rir, lembrando-se de que seria muito desfructavel si alguem o visse naquelle momento !

— Como era estúpida a posição dos que amavam !

Para pôr em cima, numa carta, o nome da mulher amada, mil difficuldades !

Tirou outra folha de papel e começou : *D. Esther*.

Cada phrase só era escripta depois de muito pensar. Elle receiava o ridiculo, receiava trahir-se, ser infantil ; seu verdadeiro receio não era o de trahir-se nem o de ser infantil — era o escarneo provavel que as suas palavras podiam despertar nella.

— Si elle a visse rir do que lhe escrevera, seria capaz de apertar-lhe o pescoço.

E essa lembrança trouxe-lhe uma onda de sangue ao rosto.

Já havia escripto umas doze linhas. Ahi estavam as saudades que sentia de todos, do piano della, e as poucas novidades que tinha havido na terra. Já fazia calor e já tinha chovido.

Releu duas ou tres vezes esse pedaço; achou-o bom, e dispoz-se a continuar.

— *Pan-pan, pan-pan-pan.*

— Quem era? gritou furioso.

— Era de paz, respondeu Jacob Despois.

— Oh! como ia o Jacob de saúde?... Ha que annos que não o via! disse abrindo a porta.

— Jacob não ia bem, respondeu o pintor como si falasse de terceira pessoa.

E tirou o gorro de sobre as madeixas louras e começou a encher de fumo o cachimbo.

— Então que novidade havia?

— A novidade é que a Tonica se embirrara com a mãe e metterá o arco.

— Para onde fôra então?

— P'ra casa delle. Entrou e não quiz sahir mais. Ella estava com um filho na barriga... de modo que era impossivel botá-a na rua. Uma espiga! Uma espiga!

— Era o diabo! disse o medico. Mas emfim, que queria que elle fizesse?

— Que fosse vêl-a; o filho estava querendo sahir antes de tempo, — tinha 7 mezes e... ella estava de cama havia dous dias. Era preciso dar um remedio.

O medico ficou com os olhos muito brilhantes.

Tinha-se lembrado da scena do gabinete, quando ella lá apparecera com a mãe para ser furado um tumôr do lado esquerdo, abaixo do umbigo. Viu-a em pensamento levantar o vestido e tapar as pernas com a colcha que lhe trouxera; vira-a deitar-se; lembrou-se do momento em que lhe levantara a camisa, dobrando-a sobre os seios, descobrindo-lhe um bello ventre boleado, macio e lizo como uma luva cheia, côr de pouco café com muito leite, a descer em curva

para as virilhas, que se abriam em angulo para cima, sobre largos quadris, redondos, de carne quente. Lembrou-se de quando descera a colcha mais, de quando apalpava as immediações do tumor, tendo que voltava um pouco para a direita. Só ali é que sentira a influencia do que via, do calor provocante daquelle pelle de quatorze annos. Lembrou-se de quando dera a lancetada, da colcha que descera com os movimentos da dôr até aos joelhos da rapariga, atirando-lhe aos olhos uma puberdade na infancia, um ninho de amor, avelludado como os arminhos e feito da primeira pennugem das aves. Sentiu desejos de vê-la, de apalpa-la de novo. Andava doido pelo contacto das mulheres. Tornava-o assim uma continencia voluntaria, longa ás vezes de dous, trez, quatro mezes. Queria vê-la agora. Devia de estar outra. A gravidez embellezava as mulheres. Todas as femeas, na animabilidade, eram mais formosas, mais gentis e seductoras, quando gravidas. Havia um excesso de vida que lhes corava as bochechas, illuminava o olhar, entumecia os seios e desenvolvia todos os musculos. Queria vê-la! queria palpa-la!

Sahiram ambos.

A morena do pintor havia crescido mais; deitara largas ancas e seios para a maternidade. Era outra agora e mais desembaraçada. Com os olhos de um negror diabolico, rasgados em amendoa; com a bôcca bonita, rubra como um golpe de roman, sorria a rapariga para o medico, respondendo ás perguntas que elle fazia, a mostrar-lhe os dentes claros sob os labios espessos e appetitosos.

Elle tambem ria; era um riso nevrotico, de contentamento lascivo e malicioso, de quem pelo dedo

estava enchergando o gigante. Podia ter dado a receita pelas informações. Não o quiz.

— Era preciso vêr em que posição se achava a creança.

E ella não esperou que a mandassem deitar; estirou-se por si mesma num movimento forte... O seu paletó de morim, abotoado por um só botão, abriu as abas para os lados, ao pêso dos peitos gordos que penderam um pouquinho para fóra; e o grande arco do ventre, coberto por vestido de chita vermelha, arredondou-se por cima, destacando-se no fundo branco da parede caiada.

Elle desabotoou-lhe o vestido, ajudado por Jacob Despois; desatou-lhe o cós da saia e, abrindo-os para os lados, poz-se a apalpar por cima da camisa. As suas mãos ora subiam, ora desciam, e elle tinha o aspecto de quem escutava uma cousa ao longe. Já agora nem se lembrava da scena do gabinete; alli era simplesmente o medico, mais ninguem. Tinha exclusivamente o interesse da sciencia, cumpria um dever, não pensava em mais nada.

— Si fosse casado quem sabe si a sua mulher não morreria de parto!? perguntou a si mesmo mentalmente.

E lembrou-se de Esther, e lembrou-se da carta que deixara em cima da mesa.

— Bom; aquillo não seria nada, affirmou.

Receitou e sahiu depressa, já incommodado como o pintor, por lhe haver este roubado pelo menos uma boa meia hora.

Entrou em casa e foi continuar a escrever.

— Que mais diabo havia de dizer? Ah! sabia!

E escreveu que as ameixeiras do quintal della es-

tavam vergadas ao pêso dos cachos dourados,—doces como mel; a pitangueira, de perto da janella do sotam, estava tapadinha de flôres e, apenas nascia o sol, ouvia-se alli um sussurro enorme de insectos, de diversas qualidades de abelhas, maribondos, mamangabas, etc.; as bananeiras, que tinham sido queimadas pelas geadas de Junho, estavam pondo folhas novas. 'Si se lembrava do caminho da Estiva?— pois os ipês de lá estavam todos florescidos... muito chiques, pareciam flôres de ouro; mas a casa estava tão triste!... não se via ninguem! Até o *General* tinha sentido esse isolamento; passeava soturno por cima dos muros, por baixo das arvores, a dar uns miados melancolicos, e a parar de vez em quando para lamber o peito. Via a *Mansinha* todos os dias; estava gorda que era uma bola. Do bezerro é que não sabia noticias; estava fechado no pateo.

Depois parou e viu que já tinha escripto muito; era preciso concluir.

Accrescentou que andava morto de saudades; que tinha um grande desejo de vir a S. Paulo, mas, que não podia abandonar os doentes; que emfim, um dia quando menos esperassem, elle cá estaria.

Disse mais que escrevia a ella para ter resposta logo. E recommendou-se muito a todos.

Neste ponto ficou embaraçado. Não sabia como terminar; si devia pôr *De V. S. am.º cr.º obr.º*, ou simplesmente *cr.º obr.º* ou *servo respeitoso*...

— Estava o diabo aquillo! A primeira fórma era ridicula; a segunda... forçada; a terceira, servil, e só empregada em alto estylo,—contrastando portanto com o que escrevera!

Depois de muito pensar assentou de não pôr nenhuma dellas.

— Assignaria o seu nome, simplesmente, mais nada! Pois então?

E assignou.

Releu a carta duas vezes; emendou erros que lhe escaparam na febre com que a escrevera, e puxou o envelope.

— Aquí sim; podia pôr *V. Ex.*, isto é, *Excellentissima*. Era por fóra, e por fóra o tratamento devia de ser com todas as etiquetas. O *Excellentissima* ia depois do *Illustrissima*.

— *A' Illustrissima e Excellentissima Sra. D. Esther de Athayde Paiva*, sobrescriptou. Poz em seguida o nome da rua e o numero da casa, e embaixo — *S. Paulo*.

Fez tudo isso com uma lettra linda, corrente, caprichada. Chamou o creado, deu-lhe um níkel e o mandou pôr a carta no correio.

Depois fez o calculo de quando ella devia de ser recebida em S. Paulo.

— Era sabbado, 4 do mez; domingo—chegaria á capital; mas só segunda-feira 6 é que seria entregue pelo carteiro. Então segunda-feira leria Esther a carta. A demora na resposta marcaria o grau de affecto que ella lhe tivesse. Si respondesse immediatamente, é que andava tambem com muita saudade delle, e que lhe merecia por conseguinte alguma attenção, alguma sympathia; si passasse dous, trez dias sem responder, então quasi nada valeria aos olhos della; si não desse resposta....

E tendo mêdo de concluir o pensamento começou a assobiar alto.

— Portanto, voltou elle ao principio, — ella responderia no mesmo dia ou no seguinte, e terça ou quarta-feira, á noute, leria elle a sua lettrinlia miuda e elegante, nervosa e bonita, com os tês minusculos cortados em baixo, de uma só pennada; os dês com a perna em um só traço oval, ligado á letra seguinte; os éfes, feitos á alleman, e os gês com as pernas puxadas para a esquerda e sem chegarem á linha de escripta, porque terminavam em baixo num til. Elle mesmo iria ao Galdino, o agente do correio, esperar a sorte grande.

Fôra essa a carta que, ás 10 horas do dia seguinte ao baile, o major recebera com sobrescripto para si e dirigida á filha.

Achara muita graça nas noticias dadas pelo medico, e disse que quem havia de realmente apreciar-as era a Esther.

— Falava das ameixas, das *primaveras*, do *General* e da *Mansinha*! Ora o Teixeira não tinha mais que fazer! Era um poeta o diabo!

Entretanto, ia o sol subindo no horisonte. Nesse mez, elle passava quasi justo no mesmo plano das ruas de léste a oéste na capital paulista. Batia de chofre nas duas janellas do poente, semi-abertas, no quarto de Esther. Para ter o ar constantemente renovado durante a noute, deixava a rapariga essas janellas altas com os batentes um pouco separados e as vidraças suspensas á altura de uma caixa de phosphoros *Jönköpings*...

A claridade da manhan tinha-lhe invadido a vasta alcova.

A's pancadas do pendulo da sala de jantar, dando

11 horas, abriu ella as palpebras lentamente, moveu-se entre lençóes, e foi-se despertando a pouco e pouco.

Com o calor da noite tinha Esther empurrado a colcha para os pés, ficando apenas com o lençol; este a cobria do cinto para baixo, deixando a descoberto o seu formoso busto de estatua, deitado sobre o flanco esquerdo, vivificado pelo movimento vagaroso do seio livre, que subia e descia, cortado em meia lua pelo decote da camisa alvissima.

Quando ella pôde conseguir toda a consciencia de que estava acordada, começou por pensar uma infinidade de pequeninas cousas, acompanhando com o olhar a dança lenta das moscas no ar parado da alcova. Viu depois no espelho do lavatorio a imagem do aparador que ficava em frente ás duas janellas do quintal, com o seu oleado côr de havana, os dous vazos de flôres artificiaes, a estatueta de bronze representando Washington, diversas figurinhas e enfeites de biscuit e o album de retratos.

— Não tinha o retrato do medico, pensou consigo. Si ao menos o tivesse!

E, apertando as palpebras, abriu a bôcca, num bocêjo longo que descobriu grande parte de seus bellos dentes, onde não havia uma carie nem uma desigualdade,—de um esmalte admiravel, de uma correcção de linha a toda a prova.

Sentou-se na cama, espreguiçou-se e pôz as pernas para fóra, descansando os pés nus sobre o tapete, com as mãos cruzadas entre as coxas. Olhava para os seus pésinhos claros, mimosos e gordos, lizos e de veias azues, de uma alvura para beijos, em movimento de compasso sobre o tapete immovel, onde as lebres corriam perseguidas pelos cães.

— O seu amôr era como as lebres ; mas os seus cães chamavam-se desejos ; corriam pouco ; não as alcançavam nunca !

Puxou a camisa para o ventre e examinou acima do joelho uma mancha roxa que lhe tinha apparecido havia muitos dias. Chamava-se *melancholia*, na linguagem de Joanna. De roxa ia ficando azulada, ia se espalhando, ia desaparecendo.

— Aquella *melancholia* viera de pensar nelle, disse-lhe o coração, a ella que se engolfava em reparar a belleza das proprias pernas, nûas e lizas, de uma pelle fresca e macia como a das creancinhas, de uma côr de copo de leite em que se pingasse uma gotta de carmin.

Ahi estava concentrada toda a arte plastica da Natureza. Com a pressão da beira da cama ellas se haviam unido em cima, aquellas pernas grossas, numa intimidade quente e só de todo separavel com a morte.

— Era assim que ella devia de viver com o medico, unidos assim, segredou-lhe a memoria ao sentimento...

E descruzando as mãos, descançando-as nas cadeiras, lembrou-se do Novato, no dia das compras n'A' *Flor do Chiado*, — quando elle espalmou brutalmente a sua manopla sobre as meias a vender, para mostrar que nellas cabiam pernas e companhia.

— Mas tudo aquillo era só para o medico, pensou sósinha a sorrir, já se levantando e indo para o lavatorio.

O pendulo batera um quarto.

— Com os diabos ! era tarde !

Espreguiçou-se toda, abriu mais os batentes da janella e começou a preparar-se.

— Era a mais infeliz das creaturas! Tão só no mundo! Joanna já lhe não servia de cousa alguma, nada sabia delle, nada lhe podia dizer. Era preciso acabar com aquillo de uma vez. Queria que o medico lhe escrevesse; mas de moto-proprio elle não lhe escreveria nem uma palavra, apesar de ter tido indirectamente essa permissão. Conhecia-o muito: — era de um orgulho immenso, porém louvavel, grandioso! Mas a ella é que competia escrever; ella é que partira de lá, e os que partiam é que deviam de escrever primeiro. Quem sabia si elle não anciava pela primeira carta della, para dizer-lhe tudo então? Quem lhe affirmava que elle não pensasse assim, justamente como ella andava a pensar? Portanto, era fazer cara dura; era humilhar-se e escrever-lhe uma cartinha para que elle tambem lhe escrevesse. Ah! que alegria quando pudesse ler a sua lettra dirigida a ella directamente! Depois, não precisava comprometter-se na primeira carta, posto que fosse esse o seu maior desejo, como uma satisfação dada, como uma reparação á maneira por que sempre o tratara; mas, em boa tactica, e de conformidade com a sua posição de mulher e filha-familia, — elle que se compromettesse em primeiro logar!... Toda a difficuldade estava nesse primeiro passo; dado que fosse, ficava aberto o abysmo de seu amôr, do amôr de ambos, onde ella acharia o consolo que procurava, nas palavras delle, e elle nas palavras della. Depois viria naturalmente o desenlace, o casamento! Ah! que alegria quando elle se visse nos braços della, elle que talvez nunca o esperasse, e lhe dissesse: —E's minha! e ella o pudesse abraçar como esposo, a mostral-o orgulhosa pelas ruas de S. Paulo, como um dos homens

mais distinctos, um dos médicos mais habeis, um dos philosophos mais celebres... e num beijo lhe dissesse nos labios, como das mulheres a mais feliz—*E's meu!* Passeiariam juntos por toda a parte, e as tristezas da vida nunca os attingiriam, porque ninguem se amava como elles, e nunca ninguem fôra mais digno um do outro! Seria um Paraiso então, e os seus desejos, agora, alcançariam o seu amôr como os cães da caçada alcançavam as lebres... que fugiam. Sim!—ia escrever-lhe; seria uma cartinha laconica, sem uma palavra só que se prestasse a dous sentidos. Elle, responder-lhe-ia immediatamente e... quem sabia?—talvez que, mais corajoso, resvalasse de si proprio! Nisso é que estaria então toda a sua ventura; porque na segunda carta ella resvalaria um pouquinho tambem, e assim em cada uma, iriam ambos se entregando mutuamente, nesse amôr immenso que os sacudia e que os martyrizava, tornando-os felizes! Estava pois decidido:—ia escrever-lhe.

O pendulo deu meia hora. Esther sahiu da alcova.

— Tinha uma cousa para ella, disse-lhe d. Euphrasia na sala de jantar. Advinhasse o que era.

A moça ficou a pensar.

— Que poderia ser?... perguntou cogitando. Era cousa que se comesse?

— Melhor que isso.

— Melhor do que isso?

— Sim.

— Cousa melhor do que o que se comia!?

— Melhor para ella, bem entendido. Não dissera uma occasião, a proposito de certa cousa que recebera, que a achava melhor do que tudo que havia de melhor em gulodices?

Lembrou-se que de facto havia dito isso ao receber uma carta de uma sua amiga.

— Ah! disse radiante, é uma carta de Branca... de Julia?

— Tinha acertado, respondeu-lhe a mãe, passando-lhe aberta a carta do medico.

Quando ella leu em cima *D. Esther* e em baixo *Dr. Lins Teixeira*, sentiu um estremecimento geral em todo o corpo; ficou pálida como um cadaver.

— Tinha vindo com sobrescripto para o major, acrescentara d. *Euphrasia*.

A' medida que ia lendo, ia tambem recobrando nova vida. Os seus olhos tinham adquirido o fulgor dos grandes diamantes lapidados; toda a sua physionomia se illuminava. Sorria, apertando o beijo superior entre os dentes, a ler a carta do medico; parecia-lhe que o estava ouvindo falar, gesticular; a voz delle lhe estava entrando pelos ouvidos; a sua figura lhe invadia a retina, dominando o cerebro; sentia-o por todas as fórmias; percebia até os gestos que deviam de ter acompanhado a estas ou áquellas palavras, si elle as tivesse proferido.

Sentara-se em uma cadeira para não cair, porque lhe sobreviera ás pernas um tremor nervoso, um desfalecimento progressivo.

Lêra toda a carta sem tirar os olhos do papel. Quando acabou de lê-la, suspirou, olhou para a mãe que a observava sorrindo, a acompanhar com interesse as transformações de sua physionomia.

Envergonhara-se.

D. Euphrasia a abraçou com ternura dando-lhe um beijo na face.

Ella debruçou-se na mesa, com a cabeça sobre os braços cruzados, e desfez-se em soluços.

Não resistira, naquelle momento, á caricia symbolica de sua mãe. Tudo aquillo queria dizer, para ella, que o segredo estava descoberto, e que fôra recebido com generosidade por d. Euphrasia.

— Que se deixasse de tolices! falou-lhe a esposa do major. Chorar porque? Cuidasse em responder á carta, é o que devia fazer. Excelente homem que era o medico.

E entre o sorriso e as lagrymas Esther perguntou o que lhe havia de escrever.

— Seria ensinar o *padre-nosso* ao vigario, respondeu d. Euphrasia.

E falaram longamente de tudo que a carta continha.

— Como devia de estar chique a pitangueira da janella! E as ameixeiras carregadas de ameixas? coitado do *General!*

Esther lembrou-se do dia em que elle figara a gata pelo pescoço em cima do telhado.

— E a *Mansinha*? Até da *Mansinha* elle dera noticias! Não tinha visto o bezerro porque andava fechado no pateo!...

Riram-se.

— Como era mesmo o nome delle?

— Do bezerro? ora esperasse! disse a mãe a vêr si se recordava. — *Moleque, Moleque!*

Tinha-se lembrado.

— Era isso mesmo, *Moleque*; Já devia de estar bem grande. Coitado do *Moleque!*

— Que saudade! Que saudade de tudo! dos campos florescidos de ipé,— as *primaveras!* as *primaveras!* dos mattos enfolhados de novo! dos bellos

dias de Setembro, quando as chuvas lavavam os céus desfazendo as fumaças de Agosto! Era ao cair da tarde... — ouvia-se então o pio ascendente e descendente do inhambú, uma escala chromatica vibrada no seio dos campos, ao redor das moitas florescidas, ao sussurro das ultimas folhas sêccas. E os sabiás? Como os sabiás cantavam nesse mez! um canto triste e saudoso, nas arvores mais altas, — immoveis, a fitar o céu, a encher os bosques solitarios, as brenhas escuras, com a harmonia de seu canto!

Lembraram-se de tudo. Falaram meia hora das cousas de lá.

E o sol subia, quente, e sem nuvens que lhe impedissem o brilho.

Nas gaiolas da sala de jantar cantavam os passarinhos, á grande luz do dia, em quanto pelo quintal abaixo voavam aos pares, num vôo de arranco, as pequenas borboletas brancas das couves; as pintadas de amarello e preto, das laranjeiras; as côr de havana, dos pecegueiros, com azas semelhantes a meias-folhas sêccas; voavam outras, muitas outras de origem desconhecida para ella, que ouvia das janellas abertas o sussurro dos insectos pelo arvoredado, o cacarejar das gallinhas á sombra, no quintal visinho, o canto estridulo das cigarras nos eucalyptos.

Lá estava a Penha, no alto, reverberando o sol com as suas casas brancas; em baixo corria o Tieté, vagaroso e triste como o rio da vida; para a direita a chacara da Gloria, onde passavam os trens de Santos; mais para a direita ficava o Ypiranga; para cá, no mesmo rumo, no topo da collina, alvejava a Casa da Polvora; e mais para cá ainda, na encosta de outra collina, a Capellinha do Lava-pés.

Esther estivera a vêr tudo aquillo e a pensar na resposta ao medico.

— Era preciso responder naquelle mesmo dia. O coração não sabia esperar. Mas a sua carta... ella devia de mostral-a primeiro aos paes, por delicadeza; portanto devia de medir todas as palavras.

Recolheu-se ao gabinete e cerrou a porta.

Principiou a escrever.

Estava sob uma grande excitação nervosa. A velocidade da penna podia apenas apanhar alguns pensamentos; os outros fugiam na sua maior parte.

Contou tudo que tinha havido até então, tudo, tudo. Encerrou a carta com a narração do baile da vespera, annos da mãe. Não lhe falou de sua propria pessoa, sinão das saudades que tinha delle. Disse que a sua vida era mais estúpida em S. Paulo do que lá. Lia muito agora; estudava a valer. Referiu-lhe as obras novas com que convivia, obras de historia natural, de physica, de philosophia, de astronomia, e algumas monographias medicas. Falou-lhe longamente de Letourneau, da sua *Physiologia das Paixões*, um livro que a impressionara até á medulla; cada dia que se passava, mais apprendia a se conhecer a si mesma; nessa obra lembrara-se muitas vezes delle, o medico, ás observações e analyses do dr. Letourneau, não só porque verificava o que elle tantas vezes lhe ensinara, como tambem porque o via como prova das asserções do medico e philosopho francez. Falou-lhe tambem das *Metamorphoses dos insectos*, — uma obra esplendida de Maurice Girard, toda illustrada, e que fazia parte da *Bibliotheca das Maravilhas*. A entomologia lhe tinha aberto vastissimos horisontes á acção de sua intelligencia. Mas, quanto mais lia, mais admirava o

talento do seu mestre e amigo, de quem não se esquecia, de quem se lembrava sempre saudosa. Falta-lhe aqui com quem conversar sobre esses assumptos, e elle devia de comprehender quanto isto abhorrecia a quem quizesse falar sobre taes cousas sem achar... companheiro. Quando se resolvia a vir dar um passeio a S. Paulo? Ia já para um anno e cinco mezes que tinham partido de lá e só agora é que elle os tinha honrado com uma carta!

Neste ponto hesitou um pouco, mas escreveu o que estava pensando — esta palavra unica: — *Perfido!*

Estava a sobrescriptar a carta, quando viu Joanna ao pé de si. Foi um grande susto.

A velha mulata, alta e gorda, tinha entrado pé ante pé, e havia uns dous minutos que a espreitava a escrever a carta.

Riu-se muito do susto de sua afilhada e disse-lhe que d. Euphrasia estava dormindo na rêde.

— Papae?

— Ainda não tinha vindo.

— Ricardo?

— Estava na aula.

Esther leu toda a carta á sua *Dindinha*, que a ouviu a sorrir maliciosamente.

— Que tal?

— Muito boa, mas faltava *tudo*, disse Joanna, carregando com a voz na ultima palavra.

— Faltava mesmo — *tudo*, *tudo!* confirmou a rapariga.

E entristecendo-se, perguntou-lhe:

— Como havia de dizêl-o, si a carta havia de ser lida pelos paes?

Joanna condoeu-se da afilhada.

— Ah si ella pudesse escrever-lhe directamente, sem que mais ninguem lhe lesse as cartas!

— Que juizo! Não via o perigo que ia nesse proceder? perguntou-lhe a ama.

— Perigo... entre cabeças de vento. Entre elles dois, não. Pensava então que elles escrevessem cartas que não pudessem apparecer, caso houvesse necessidade? Era o que faltava! Já via que não eram cartas de namoro, mas de bons amigos, gente de educação, gente séria... Apostava em como elle guardaria as suas cartas debaixo do maior segredo!...

— Tinha certeza disso, respondeu a mulata. E até affirmava mais ainda: — si elle ja não lhe havia escripto directa e occultamente, era tambem por lhe faltarem os meios de o fazer.

Aqui, a physionomia de Esther illuminou-se.

Toda caricias e ternuras, começou ella a sua obra de catechese. Queria que Joanna lhe arranjasse um logar onde fossem recebidas as cartas que o medico lhe escrevesse. Ella faria com que elle lhe escrevesse directamente; isso ficava por sua conta.

Joanna apresentava mil razões para negar-se. Esther as desfazia todas com grande facilidade.

Afinal, a mulata accedeu com uma condição:

— Qual? perguntou a moça, alegre e agradecida.

— A de serem sobrescriptadas a ella Joanna, por causa das duvidas. Tinha muito mêdo desses negocios. Era preciso que ninguem desconfiasse, que ninguem viesse a saber! Por isso, seriam sobrescriptadas a ella e podiam ser dirigidas para a casa de Nhá Lucia.

Nhá Lucia era uma lavadeira, com quem Joanna travara conhecimentos na lavagem da roupa no Ta-

manduately. Velha, viuva e sem filhos, morava alli, perto do rio, e tomara muita amizade a Joanna.

— Onde morava Nhá Lucia?

— Na rua do Conde d'Eu, respondeu Joanna, e disse-lhe o numero da casa. — Alli não havia perigo; Nhá Lucia, além de ser incapaz de suspeitar, era mulher muito séria...

A' hora do jantar foi a resposta lida pelo major e d. Euphrasia.

Ao fechal-a, Esther metteu-lhe dentro, numa tirasinha de papel estas palavras:

— *Não tem desejos de me escrever, para que só eu leia, sem mais ninguem? Desculpe esta pergunta de tola. Pique bem este papelsinho.*

A carta foi para o correio.

Dias depois veio a resposta, sobrescriptada ainda ao major.

Com uma habilidade de mestre o medico empregara diversas vezes no correr das phrases, tratando de outros assumptos, a palavra *desejos* griphada com um traço azul; todas as demais palavras que podiam servir de resposta á pergunta de Esther, como *imensamente, muito, extraordinariamente, não imagina*, griphou-as elle com um traço vermelho, mas sempre tratando de materia inteiramente diversa.

Na resposta a essa carta, noutra tirasinha de papel mandou-lhe Esther o endereço para a sua primeira carta directa, dizendo-lhe que ella não era tão má como lhe parecia a elle, pois que a prova ahi estava na leviandade desse procedimento. Assim o fizera porque sabia adivinhar.

Terça-feira 7, á tardinha, meia hora antes da chegada do correio, já estava o doutor no Galdino.

Elle apparecia por lá poucas vezes. A correspondencia era o creado quem ia buscar sempre. Desta vez fizera uma excepção.

Quando abriam as malas, entre algumas cartas e jornaes reconhecera elle a lettra miudinha da rapariga. Ella omitira no sobrescripto o *Illustrissimo Sr.* Ao centro do envelope lia-se com toda a simplicidade *Dr. Lins Teixeira*; em baixo, — o endereço, e nada mais. Elle não teve coragem de abrir a carta na rua; foi direitinho para a casa, rapido, nervoso, saboreando o antegosto de uma alegria immensa.

— Agora, nem que fosse uma descompostura, considerar-se-ia o mais feliz dos homens; tinha a lettra della, em carta a elle, a sua lettrinha nervosa e pequenina, com os éfes á alleman e os tês minusculos cortados de um só traço!

Fechou-se em casa e leu a carta; devorou-a de um folego.

— Ia escrever-lhe directamente. Ella lhe explicou tudo.

A sua alegria se manifestava por desejos exquisitos. Queria correr, correr por toda a cidade, a gritar, a apregoar bem alto os seus amôres, como nos centros populosos apregoam-se os jornaes; tinha vontades de endoidecer, de sahir em pêllo pelas ruas, para ser preso e dizer o motivo do escandalo; queria estar no campo, no convívio intimo da Natureza, para espojar nú sobre a relva, como as bestas de tropa, depois de longas viagens, á beira dos ranchos, a esfregar o lombo que arde, empastado de suor da jornada, crivado de pisaduras — a esfregar-o na relva fresca dos prados ou na poeira quente das estradas.

Passeava ao longo da sala a grandes passos, fa-

lando sósinho, respondendo a si mesmo, a gesticular com energia, a amar todas as cousas.

Tirou o paletó, depois o collete; em seguida tornou a vestir-los. Pegou a véla e foi ao quarto; lá se esquecera do que fôra buscar, e, para não deixar de fazer alguma cousa, virou duas cambalhotas em cima da cama, urinou sem vontade no seu grande urinol de porcellana, e voltou para a sala.

Precisava expandir-se, de qualquer fórma, nem que fosse com uma cabeçada no portal. Porque não? Ninguem o via, desapparecendo portanto o perigo de ser considerado doido! Doido! Doidos eram todos os homens! Cada um tinha a sua falha no cerebro! Os maiores artistas tinham sido os mais deslôcados.

E lembrou-se da noite em que se abria com Jacob Depois, daquella noite de uma tristeza immensa! Como elle era desgraçado naquelle tempo! Jacob que o ouvira na amargura, que o ouvisse na alegria!

Mandou chamal-o.

O pintor foi encontrado na rua. Estava passeiando com a sua companheira, que precisava de exercicio.

Fazia um luar esplendido. A cidade quedava-se no grande silencio da noite, perturbado apenas pelos sons longinquos de uma sanfona monótona.

Foram ambos á casa do medico, que os recebeu como velhos amigos. A presença de Tonica despertara-lhe ainda mais a febre amorosa. Elle via naquella rapariga, forte e gorducha, de seios volumosos e ancas de egua, sanguinea e morena, um dos melhores productos da Natureza, para auxiliar a evolução anthropologica. Tinha desejos de morder-lhe

os beiços, de queimar-se ao rescaldo daquella pelle nova e sadia, esticada sobre os musculos, a copial-os transparentemente como uma luva fina de gomma-elastica. Ella ria umas risadas grossas, limpidas, a abrir a bocca vermelha e lasciva, de beiços carnudos, mostrando os dentes claros, bellos como os de Esther. Na obra da Natureza, estava alli o mais genuino exemplar da femea. Que bello cruzamento! que esplendido producto não seria o della com Jacob Despois! Talvez que o filho do pintor desconhecido sahisse um novo Sanzio, um novo Rembrandt! Applaudia a coragem daquelle homem, que rompera com os preconceitos, unindo-se á mulher que o amava e á qual tambem amava! Na ordem natural das cousas conheciam-se *uniões*, não se conheciam casamentos; era *o facto*, e não a *fôrma*; a *força de cohesão* e não a lei que a determinava, porque a lei era uma *relação* e como tal — subjectiva; só existiu portanto no cerebro do homem, creada pela arte de synthetisar conhecimentos! Começou por abrir cerveja, e depois de algum tempo passaram ao cognac.

Conversavam os trez como bons amigos, alegres e ditosos, sobre todos os assumptos. Depois de Tonica era o medico quem bebia menos, porque tendo ainda de responder á carta, receiava ficar em estado de não podel-o fazer convenientemente; sinão, acompanharia com prazer a Despois e, pela segunda vez, agora de jubilo, metter-se-ia noutra carraspana.

Tinha guardado na carteira a tirsinha de papel, que lhe viera solta na carta de Esther. Referira tudo ao pintor e á sua companheira, sentindo-se de uma ventura inqualificavel.

A' meia noite já o artista se achava bastante in-

fluenciado pelo cognac, e Tonica, devido ao estado de gravidez, e ás roupas apertadas, começava a queixar-se, dizendo-se incommodada.

— Que eram horas, que queria sahir! repetia ao pintor.

Este, porém, achava ainda cedo :

— Que diabo! Então não era capaz de passar uma noite em claro?—Uma rapariga forte como ella, bonita e boa!

— Tudo aquillo ia desaparecer, disse o medico, com a fala macia, terna.

E pediu-lhe que tivesse toda a liberdade.

— A sua casa era a casa de seu amigo Jacob Despois e de sua companheira. Si precisava de alguma cousa, era só falar. Entrasse, sahisse, á vontade! Mas não se envergonhasse delle! pedia. Si eram as roupas que a incommodavam, desabotoasse-nas! Si era canceira, fosse deitar-se — alli mesmo na sua cama, no quarto. Vergonha, porque? Não era elle medico? não lhe havia furado um tumor, vendo-a quasi núa? Vergonha? tolice! Para si nunca a mulher merecera tanto respeito, tanta sympathia como quando estava grávida. Um ventre maternizado. (E elle nunca maternizara um ventre!) era a obra-prima da Natureza; — um altar, o utero que alimentava um féto!...

E bebiam...

Mas a afflicção da rapariga augmentava-se cada vez mais, ainda que lentamente.

Ella estava corada e bella, de uma belleza creadora, viril e sensual. Ora sentada, ora de pé, ouvia e conversava...

Já agora, numa cadeira de balanço, austriaca, tinha a amante do pintor tirado o chale de casemira,

debaixo do qual havia desabotoado a sobre-saia de chita e desatado a saia.

Os seus largos hombros, arredondados, e quentes, sahiam lizos e morenos do cabeção bordado da camisa. Via-se-lhe todo o collo, nú, circumdado de um rosario, e os peitos, empinados e gordos, appareciam em meio sob as rugas frouxas do decote cahido.

Jacob Depois chegou-se á companheira :

— Bonito ! não, doutor ? disse elle ao medico, passando a mão pelas espaldas da rapariga.

E, curvando-se, beijou-lhe o collo, numa adoração plastica.

— Esplendido ! respondeu o medico, a meia voz, approximando-se, e com os olhos muito brilhantes.

Houve uma pausa longa, cheia da contemplação de ambos.

Ella sentia-se melhor, mais desafogada.

— Estava fazendo um estudo do nú, encetou de novo o pintor, vindo sentar-se ao pé da mesa ; — estudo de *modelo-vivo*, o modelo era ella...

— Oh ! devia ser divino !

— Mas estava interrompido por causa da gravidez. Divino ?... upa ! mais do que isso. Não imaginava que corpo o da Tonica ! que belleza ! que esthetica ! — mas a esthetica da força productiva, a esthetica da maternidade. Nos tempos de ouro da Grecia, ella seria a amante de um Praxiteles, a estrella de um Anacreonte.

E levantou-se. Chamava a attenção do medico para as menores linhas do collo da moça, de seus hombros esculpturaes, dos braços quasi nus, bellissimos e musculosos, tapados apenas em cima pelo anel branco das manguinhas curtas da camisa. Analyza-

va-lhe a movimentação dos musculos — mudando-lhe os membros de posição, voltando-lhe o rosto ora para um, ora para outro lado. Era como que um estudo minucioso de anatomia topographica. E falava :

— Ah! o doutor não podia imaginar... jurava! o que eram as bellezas occultas da Tonica! as bellezas que só elle é quem via.

E tinha as expressões do assombro, mas assombro de artista que, deante de Phryné núa, se esquece do grito do sexo, com o pensamento absorvido na obra-prima da Natureza. E continuava :

— As linhas curvas do cinto! que regularidade admiravel ao abrirem-se pelas nadegas! Nem a sombra de um osso alli se via! Tudo unido, arredondado, transparente, macio, compacto! Parecia feito de geleia, si aquillo lhe tremia! As nadegas! — tinham covinhas! Depois eram as pernas, tão admiravelmente esculpidas, que pareciam mais a obra de um estatuario, que o proprio trabalho da Natureza. Tudo nellas era perfeito, desde o principio, nos quadriz, até aos pés minusculos, de altos concavos, e tornozêlos pequenos. Nunca vira uns joelhos tão lindos! E as curvas por detraz!? E a lizura da epiderme!...

O medico offereceu-lhes cognac. Todos trez beberam. A amante do pintor ouvia-o com orgulho, com amôr. A principio sentira um pouquinho de péjo; mas acostumara-se logo, pois aquellas exclamações eram muito suas conhecidas.

O pintor continuou :

— E as bellezas do tronco! Logo em cima era aquelle collo e aquelle seio que elle estava vendo. Espaduas correctissimas! dous peitos de tamanho natural, gordos, de pelle diaphana, com as veias á mostra,

nascidos altos e empinados para fóra! A linha do ventre parecia traçada pela mão de Raphael de Urbino e executada pelo buril de um Phydias moderno. Essa linha, profundamente artistica, estava agora desnaturada por causa do filho que se achava dentro... Mas si o dr. visse aquelle bello ventre de Venus, quando ainda vazio! Descia numa curva suavemente esplendida, sem as deformações do espartilho, porque ella nunca soubera o que era um espartilho, e ia até afunilar-se no pubis, por sob um pêllo setinoso e raro, que ensombrava...

Tonica levantou-se rapida e tapou-lhe a bôcca com a pequena mão mimosa.

Elle afastou-a com caricia e continuou:

— Todo aquelle corpo, todas as suas fórmãs eram de uma belleza sem sinão, de uma vitalidade que asombrou. A linha dos quadriz, a opulenta largura da bacia...

Ella tornou a tapar-lhe a bôcca, pois conhecia aquelles termos, que elle lhe explicava a copial-a sobre a tella.

— Bom! tornou o pintor, não falaria mais; depois, porém, que ella puzesse a creança para fóra, queria que seu amigo, o medico, fosse vêl-o trabalhar deante della, deante do modêlo-vivo, na sua téla de tamanho natural. Queria que elle a visse, alli, sobre o estrado alto, núa, de pé, a receber a luz pela frente, cahindo obliqua do telhado de vidros. Era só para não pensar que Jacob Despois estava fazendo imaginação.

— Qual o nome do quadro? perguntou o medico.

— Era em francez, respondeu o pintor. — *AU PLUS FORT. E*, mais abaixo, entre parenthesis: — (*Pour*

la maternité). Não tinha achado em portuguez expressões fortes como aquellas.

— A posição, qual era ?

— De pé, um pouco reclinada para traz e para a direita, a descansar sobre a perna do mesmo lado; as mãos nas ancas; attitude marcial de desafio; a perna esquerda para a frente; os cotovellos para traz unindo os omoplatas.

Depois accrescentou :

— Nessa posição os dois peitos projectavam-se mais; o ventre cahia em toda a sua extensão, sem uma ruga, numa linha em arco, bellissima, que ia terminar na pennugem negra de uma vulva volumosa e bella.

— Estava adeantada a obra ?

— Bastante adeantada. Imaginasse aquelle torso! disse, encaminhando-se para a rapariga. — Visse! exclamou, tentando descer-lhe as manguinhas da camisa, que ella segurava, oppondo-se ao seu intento.

— Não fosse besta! berrou elle, encolerizado. Sempre havia de encontrar em seu caminho aquelles que o não comprehendiam! O mundo estava cheio de embecis... A arte não tinha pensamentos maus. Ninguem queria ver-lhe o corpo com desejos deshonestos. O que se queria admirar era a belleza da fórma, a plastica da natureza humana, como si fosse numa estatua, como si fosse numa obra de arte. Immoral, deshonesto — era ella que concebia taes pensamentos. Havia immoralidade na nudez da estatua? Porque o pudor, mal entendido perante elle e o medico, si ella era uma estatua animada? Corpos daquella perfeição deviam de andar nus pelo mundo, para ensinar a arte aos filhos da Natureza!

E parou um pouco, fingindo-se molestado.

Ella sorria-se, disposta a não resistir mais si elle tentasse de novo.

— O medico era seu amigo, continuou o pintor, depois de tomar um gollinho de cognac.— Era elle o homem de sua maior confiança neste mundo. Não hesitaria em deixal-a na cama d'elle; no dia seguinte juraria que amanhecera intacta. Demais, agora é que estava com luxo... Quando foi para rasgar o tumor, e nesse tempo ainda não conhecia nenhum homem, não se importara de espernear até mostrar-lhe tudo!

E descendo-lhe com energia as mangas, puxou-lhe a camisa para baixo dos peitos, que se desnudaram tremulos.

A' grande luz do lampeão viu o medico um dos mais bellos bustos de mulher morena.

O pintor tinha arrastado a cadeira de balanço para junto da mesa, onde accenderam-se algumas velas. E, cheio de si, e orgulhoso de sua amante, elle pegava com amôr e cuidado os seios da moça, e mostrava ao doutor o chique das veias azues sob a pelle finissima e quente, a aréola rosada, terminando no mamillo, mais rosado ainda, furadinho como o fundo de um dedal — formoso bico de peito, mimoso botão de rosa.

Ella os chamava de bobos, que pareciam nunca ter visto um seio. Intimamente, porém, agradavam-lhe os elogios do medico.

Ambos palpavam-lhe os musculos com uma satisfação volumosa de attritos macios, attritos de carne viva de mulher bonita, e o medico achava que si a copia fosse fiel, a tēla do pintor seria um dos quadros immortaes da pintura brasileira.

— Ah! mas elle não tinha visto nada ainda! respondeu-lhe o pintor. — Si era capaz de descontar o que excedia de ventre actualmente?

— Descontar... como?

— Sim! Vê-a como si não estivesse grávida? Queria mostrar-lhe a perfeição de todos os membros, o conjunto harmonico de todos as fórmãs, a divina correcção das coxas!

— Perfeitamente! descontava! respondeu o medico, certo de que a amante de seu amigo não se deixaria despir.

Ella é que se não oppunha a mais nada, acostumada, como estava, a pôr-se nua para ser copiada na téla.

— Tivesse paciência! disse o pintor á companheira, abraçando-a, beijando-lhe a bôcca. — Nada de vergonhas! Era preciso ir-se habituando desde já com aquillo, porque o doutor é quem havia de assistil-a no parto. Não queria saber de parteiras. A *sia* Joanna era uma bruta; —quasi arrancara a madre á mulher do Barboza... por um pouco que ella não batera as botas.

E tomando-lhe as mãos levantou-a da cadeira.

Suspendeu em seguida o cabeção da camisa e desabrochou o colchete unico que lhe segurava a sobre-saia de chita por cima da grande barriga, logo abaixo dos peitos.

A sobre-saia, a saia branca e a camisa cahiram ao soalho em rodilha.

A sensação visual do medico foi uma cousa indescritivel.

Ella havia feito das duas mãos uma folha de

parreira. Parecia mais bella assim. O doutor voltara ainda a Camões :

«... Porém nem tudo esconde, nem descobre
O véu dos roxos lírios pouco avaro... »

Jacob mandou-a soltar o cabelo, o seu cabelo basto, longo; e a onda negra e revolta da coma ondulante inundou-lhe os flancos, morrendo-lhe na meia altura das coxas.

Ella sahio de dentro da rodilha de saias, como Venus das espumas do mar.

— Queriam vêr, não era? pois vissem, dizia, virando-se nos calcanhares, com os braços erguidos como uma dançarina.

Era flexível, elegante. Todos os seus movimentos tinham uma deslocação inconscientemente artistica. Sob os cabellos no ar, moviam-se-lhe as nádegas rosadas, desunidas uma da outra pela separação natural, que com a luz das velas parecia uma sombra de pincel clareando de dentro para fóra.

O pintor só tinha a impressão do Bello, e fitava o medico pregado no sólo sob duas emoções alternantes:—a do bello na estatuaría, a da volupia nos nervos.

Gravida mesmo, o seu corpo era um primor de esculptura. Aquillo deslumbrava! aquillo... doía, matava!

— Visse-lhe as pernas! mandou Jacob Depois — Duas columnas vivas, com um ninho de... amôr, na ogiva!

E corria-lhe a mão de vagarinho pelo corpo abaixo, para mostrar ao medico as curvas graciosas,

concavas e convexas, chamando-lhe a attenção para as menores cousas, a disposição de um musculo, a frescura da pelle, a direcção das veias, etc., etc.

Depois afastou-se e gritou levantando os braços:
— *Au plus fort!*

E ella poz-se na posição do quadro, rindo-se para o medico, estupefacto, mudo, pregado ao sólo.

Elle, porém, de um pulo, abraçou-a rapido, com a espinha em arco, beijando-lhe a bôcca repetidamente, carinhosamente os peitos.

Ao voltar, encontrando-se com o olhar grave de Despois:

— Tinha beijado a *Estatua!* tinha beijado a *Arte!* disse-lhe nervoso, satisfeito de sua resolução.

O olhar do pintor era desconfiado, sério; parecia duvidar do medico.

— Jurava! tornou-lhe este, franzindo os sobrolhos. — Jurava! Pela sua fé de medico, pela sua palavra de homem de bem! numa attitude nobre e energica, o braço extendido no ar, a mão aberta, como si jurasse sobre um livro.

O pintor dobrou uma gargalhada, pois elle havia percebido as intenções puras do medico; fingira toda aquella scena de desconfiança.

O doutor resentiu-se. Houve explicações, e voltaram ás boas.

— Si queria vêr uma cousa linda? linda, mesmo! — perguntou o pintor com enthusiasmo, batendo as palmas e cruzando os dedos.

— Queria! Queria vêr tudo! tudo! respondeu o medico, sem tirar os olhos da nudez que o deslumbrava.

Beberam mais um pouco de cognac.

Em seguida Jacob Despois mudou a mão esquerda do modelo-vivo para cima da cabeça, e :

— Han ? gritou, com os olhos arregalados, afastando-se para longe afim de vêr o effeito. — E isto ? perguntava ao medico, descendo agora a mão pelo bello flanko arredondado e livre da sua companheira amada.

— E isto, han ? perguntou de novo.

Era a concha axillar esquerda, que elle estava mostrando, forrada de um pello fino, curto, escuro e lustroso. E passava as costas dos dedos, repetidamente, sobre aquella pellugem avelludada, num mixto de caricia voluptuosa e esthetica.

— Outro ninho, han ? perguntava, sempre a alizar.

O seu modelo-vivo, a sua companheira amada, excitava-se visivelmente áquellas caricias de macho amoroso e artista. A sua pelle, sadia e quente, reçumava um almiscar brando, suave, evolado das glandulas em acção ; um cheiro agradável que lhe era proprio, que della se desprendia nas horas em que vibrava toda a sua natureza physica de mulher e de moça.

— Doutor ! Doutor ! E isto ? han, doutor ! ?

Jacob Despois mostrava agora ao medico o bello contraste de luz e sombra nos planos iliacos, e o correcto afinilamento das partes molles do pubis, salientes, desaparecendo em violenta curva, de cima para baixo.

Notara o dr. Teixeira nesse momento que a excitação passava os seus limites ; si continuasse, podia haver perigo. Disse-o em francez a Jacob Despois, fazendo vêr que era tempo de deixal-a descansar. Elle é que queria fazer agora uma experienciã.

Mas o pintor protestou, pedindo ainda para mostrar-lhe duas posições, só duas, de dous pequenos quadros que estavam também esboçados. Uma era *O Pudor*, em que ella se transformara completamente, tendo no rosto os traços das virgens de Nero, quando eram despidas perante o povo romano, nos amphitheatros da cidade eterna; outra, *O Somno*, que foi representada na cama do medico.

Depois, vendo-a muito excitada, tomou-lhe o doutor os pulsos, mandou-a que o olhasse firmemente, cravou nos olhos della os seus, illuminados, grandes, fixos, e após alguns momentos fechou-lhe as palpebras e ordenou-lhe que dormisse.

Hypnotisou-a á vista do pintor, que ficou maravilhado ao vêr as cousas que ella fez ás suggestões do medico. Em seguida este mandara-a deitar-se e dormir tranquillamente. E assim foi.

Já o relógio da matriz havia dado 3 horas da madrugada. O céu, fóra, estava de uma limpidez de diamante. Havia um silencio enorme, uma solidão completa.

Conversaram ambos ainda muito, muito mesmo. Falaram longamente da filha do major Cornelio.

— Aquella é que elle tinha vontade de copiar, si isso fosse possível! affirmava o pintor. — Porque aquillo, sim! além de ser uma obra de arte, era clara como a neve, esbelta e verdadeiramente adoravel. Tinha isso melhor que a Tonica.

Entretanto, foram se cançando a pouco e pouco. Já a madrugada vinha rompendo. Jacob adormecera na rêde e o medico sentara-se e respondera então á segunda carta de Esther—dando com finissima habili-

dade respostas sublinhadas á pergunta da tirsinha de papel.

Dias depois enviava elle a sua primeira carta directa á filha do major Cornelio, com endereço a Joanna Maria de Paiva, rua do Conde d'Eu, numero tantos, S. Paulo :

* Esther.

X, 10 de Setembro de 1887.

Permite que eu te trate por tu. Sei que mais ninguem me lerá. Escrevo com o coração na penna... Parece-me um sonho este momento. A felicidade chegou... e eu não esperava a felicidade. Ha quanto tempo que és no deserto de minha vida, na soledade do meu espirito, o oasis unico onde vai beber a caravana timida, fugitiva e discreta, de meus pobres pensamentos. Sabes onde mólho a penna? mólho-a na minh'alma, nos meus proprios sentimentos. Tu me evitavas... eu nunca te disse nada. Tive a fatalidade de vêr-te e de... nunca mais poder pensar em outra mulher. Todas as emoções affectivas que se revelam da puberdade aos vinte e cinco annos, eu só as conheci agora, pela primeira vez, depois que te vi, agora, nos meus 33 annos... Suppunha-me refractario a esse doce captiveiro do coração. Conformava-me com a indiferença da minha indole e vingava-me dessa minha posição, neutra na vida, estudando com a esperança de ser um dia util aos homens. Tudo isso desfez-se a pouco e pouco. Hoje, tróco a mais bella pagina de sciencia por uma palavra tua, ainda que essa palavra fosse banal... crê. Sei lá, filha! quanto mais penso parece que mais ignoro. Vejo hoje, em tudo, uma especie de fatalidade absoluta, uma mecha-

nização de todas as forças brutas e vivas, a qual absorve até os factos do espirito. Acho que somos todos irresponsáveis. Dize ao lago que não reflecta o raio da estrella; ordena ao dia que se illumine sem a luz do sol; ao cerebro que não se apaixone pelo Bello:—lago e dia e cerebro não te obedecerão. Lago é toda a minha personalidade; dia, o meu coração; cerebro, a minh'alma, o meu espirito captivo. Tu és — a estrella, o sol, o amor.

Sinto-me tão perturbado e... tão satisfeito ao mesmo tempo! Não sei o que é que me segreda que eu sou feliz, que os *meus dias de luz* ahí vêm, esses dias que os meus olhos nunca viram! Tamanha é a minha alegria que sinto na pelle as festas do calor, o clarim marcial de todos os meus affectos. A minha imaginação vestiu-se de galas; dentro em breve, nau do espaço infinito, ella partirá para o *Paiç dos Sonhos*, sob as grandes velas brancas de minha pobre phantasia.

Não indago si tenho o direito destas confissões; faço-as e — nada mais. Eu sempre pensava commigo mesmo que havia de chegar esse dia em que eu te dissesse:—EU TE AMO! Então? disse ou não disse? Si não te agrada, paciencia! Ahí vai o meu nome em baixo; guardal-o-ás para lisonjear a tua vaidade de moça bonita... formosissima. QUE TE AMO, tinha eu vontade de grital-o bem alto, por toda a parte, pelo mundo inteiro. Si eu fosse poeta, só morrerias si eu morresse, si a minha obra não chegasse á posteridade. Ao contrario, lá irias commigo, na romagem da fama eterna. Eu levaria o teu nome, coroado das harmonias do verso, até ás nações novas do futuro, até aos ultimos povos que vissem no planeta. Nós

seríamos um exemplo de perfectibilidade, um estímulo para a evolução do sentimento humano. Não sou poeta no entanto; mas, anonymamente, tu me fizeste bom, e a minha influencia que é toda uma continuação da tua sobre mim, crescerá nos seculos como uma força indeterminada, mas real, sobre os individuos da nossa especie.

Aonde vou eu, porém? E' o advento da luz...

As grandes alturas têm isto: entontecem. Vê como a minha letra está me trahindo! Treme-me o braço! Nos olhos sinto o baptismo das lagrymas!... E vejo-te, Esther, tu, formosa, tu, santa,—viva, deante de mim, como visão nycalópica, com os teus grandes olhos doces, pensativos e negros... O teu olhar cai sobre mim como uma redoma de luz suavissima e bemaventurada! Foste mais que um anjo, permitindo-me que te escrevesse—a ti só. E me chamaste *perfidio*! Eu perfido! Eu que fiz de ti a companheira do meu espirito solitario, a noiva de minh'alma, a religião do meu sentimento!—eu que tenho os olhos voltados para ti como os martyres christãos os tinham para o philosopho da Galiléa!—eu que me isolei dos homens, eu que me desterrei de todos os prazeres para a ilha deserta do meu pensamento, porque lá vivias—só porque lá vivias—, eu *perfidio*!

Não! Tu não o disseste de coração! Confessa que foi para provocar-me que o proferiste.

Olha:—pois é levandade o me haveres aberto a *janua cæli* de tua alma?—alma que é synthese de tudo que o evolver humano tem produzido de melhor!... Dá que eu me lustre nos divinos clarões de tua intelligencia, na tua bondade suprema, na belleza de teu espirito culto e na correcção das tuas fórmulas!—Si

eu pudesse morrer nas malhas da tua alma... que bello quando o sepulchro é um raio de sol!

Tu és a rainha de um grande paiz, tão grande como não o ha nos continentes do mundo. Sabes a extensão que o meu espirito occupa no tempo e no espaço. O meu espirito, Esther, é esse paiz, e o meu pensamento é o teu escravo.

Ah! eu não ter azas para te fazer um berço de estrellas! Escuta! Pensa em mim sempre! Pensa naquelle que, distante, vive em tua companhia! Sim! pensa em mim *sempre!* SEMPRE! com um pensamento grande, luminoso e bello. Responde.

Dr. Lins Teixeira.

« Meu mestre e amigo.

S. Paulo, 13 de Setembro de 1887.

Não imagina! Quasi fiquei doida ao receber a vossa carta. Tinha eu acabado de lêr um capitulo de Santa Thereza de Jesus quando me chegou ás mãos esse delicado mimo de 10 do corrente. Eu o vi meu Senhor, a vós em pessoa, rodeado de um nimbo luminoso. As vossas palavras, unidas de amôr, eu não as li, ouvi-as com estes ouvidos da minha carne. Ellas me espalharam pelo corpo aquelle bem estar de que fala a grande santa, quando se refere a Jesus. Ellas puzeram no meu espirito essa consolação beatifica que só é dada aos eleitos da paz.

Vivi em espirito. Todo o meu sêr se alienou, e, num transporte divino, eu vi o berço de estrellas que o meu mestre e Senhor colhera para a sua escrava.

Fôra longa a viagem; mas, como eu ia pelo vosso braço, os mundos do infinito não me assustaram. Sor-

riam-me os abysmos do espaço ! A minha imaginação nunca fôra tão grande em representações, nunca subira tanto ! Vós o ordenastes e a escrava humilde cumprira as vossas ordens.

Ha na minha vida uma pagina triste que eu ainda vos hei de contar : — é a historia de um *chromo*. Por hoje basta que saibais que de todas as cousas que se me prendem á existencia, neste quadro immenso de dôres e alegrias, de grandes sombras e grandes claros, sem aquella meia-luz suave de que me falaveis, e que significa a paz e o descanso, — de todas essas cousas vós sois o ponto saliente, a imagem unica que se destaca, vós sois hoje o meu *chromo*, a minha *idéa-fixa*, a mais legitima de minhas aspirações, o grande oceano de luz para onde rola o rio encachoeirado, o crystalino rio de meus pensamentos.

Eu é que sou a vossa escrava ; fazei de mim o que vos aprouver.

Que felicidade estranha é essa, que nos veiu não sei donde ? Eu era um sêr incompleto, um aleijão na seara da vida. Vós apparecestes, e eu me completei. O meu coração inflammou-se de amor. Ardí nos fogos sagrados do mais santo affecto, e o meu espirito banhou-se nas claridades de uma ventura que eu antes não podia calcular. Cantou-me n'alma um passaro ignoto, uma ave do céu, e o meu seio se atapetou dos mais finos adornos para receber a meu Senhor e amigo. As festas de meu cerebro são hoje mais formosas que as festas profanas do mundo ! Na côrte sumptuosa de meu pensamento convivo com Beatriz, convivo com Eleonora, com Fornarina, para apprender a fazer de meu Senhor e amigo um Dante, um Tasso, um Sanzio — no amor.

As estrellas são minhas amigas, ouvem-me as maguas no silencio da noite e vejo no brilho dellas o fulgôr dos vossos olhos. Não sei como agradecer-vos o bem que me haveis feito: —trato de aperfeiçoar-me, lendo os grandes homens, para assim ser digna de vós. Todo o meu passado está de pé deante de mim, quando penso no meu amigo e Senhor. Todas as minhas fibras se estremecem quando o meu espirito pronuncia o vosso nome. — Sem o meu amado companheiro, viver! como?

Vós me abristes as palpebras, creando na minha retina a faculdade da visão. Vós me ensinastes a conhecer as cousas, e foi comvosco que eu apprendi qual o meu lugar na Natureza. O meu temperamento se modelou a pouco e pouco pelo vosso: — quasi que sentimos juntos! quasi que pensamos juntos! Esta unidade moral não é, logicamente, o principio de uma unidade... physica? Para que envergonhar-me de dizê-lo? Não é exacto que falo a um homem superior? Apprendi a amar o que amais, a querer o que quereis, — e só amais o Bem e o Bello, e só quereis o Nobre e o Justo. Todas as delicadezas, dos vossos nervos de poeta, infundiram-se nos meus, acclimaram-se na minha vida espirital, como por uma especie de transfusão por contacto. Vós sois o meu principio e eu sou o vosso fim: — ambos nos completamos.

Que ha entre nós, hoje, que possa impedir a grande lei natural da affirmacão da especie, na phrase do nosso adoravel Darwin? onde a barreira que obste a que a *selecção natural* da nossa linhagem se accentue com fulgor pela união de dous corações que se idolatram?

Sinto-me fecundada dessa luz intensa do Bem, a

qual sobre mim projectastes desde que os meus olhos se offuscaram deante dos vossos!...

Habituei-me tanto a pensar em vós, tanto! tanto, que eu não penso em mais nada! Si o espirito tivesse um estomago, eu diria, servindo-me de uma comparação grosseira, que vós ereis a carne do meu espirito. Supprimir-vos da memoria seria supprimir o proprio espirito da circulação da vida.

Não imagináis o desejo que tenho de vêr-vos, depois que a maior das felicidades nos permittiu que escrevessemos um ao outro. E' que, nem falando, eu conseguirei jamais dizer o que sinto a vosso respeito. Não desconfiareis nunca do logar reservado que occupais simultaneamente no meu coração e no meu cerebro.

A minha imaginação é sem azas; não vos pode offerecer um berço de estrellas, mas vos offerece o meu seio, onde tendes um sacrario, e toda a sinceridade dos meus affectos, como eu os possuo e os cultivo.

Permitti que vos beije as mãos

a serva humilde e amante

Esther de Paiva ».

A resposta do medico, a esta carta, foi escripta com uma linguagem profunda de emoções, de sentimentos tumultuariamente affectivos. Vazara a sua alma no papel, unguida dos mais suaves pensamentos poeticos. Cada palavra era o testemunho evidente de sua paixão, do estado penoso em que elle se via, nevropathizando-se minuto a minuto, hora a hora, todos os dias, a pensar nella, com o espirito preso a mil desejos, acorrentado ás graças de sua bem-amada.

Escreveu-lhe quasi um caderno de papel, descendo com franqueza ao terreno das intimidades, falando do passado, analysando o presente, conjecturando o futuro. Foi philosopho, foi artista, foi poeta, foi pintor, foi musico; — foi tudo que era capaz de ser com o pensamento, com a palavra, com o talento e com o coração.

Dahi por deante não cessou mais a correspondencia de ambos, cada vez mais apaixonada, mais necessaria como um consôlo, como um alimento para o espirito.

Tinham chegado á familiaridade dos esposos. A quasi 60 leguas de distancia, separados um do outro, viviam no emtanto juntos, conversando pelo correio, com a palavra escripta, com o pensamento reduzido a letras do alphabeto. Elle indicava-lhe livros, ella os lia com um phrenesi amoroso, e os commentava nas suas cartas escriptas de trez em trez dias. Por sua vez, mandava-lhe ella novos livros que chegavam ao Garraux, sobre medicina, sobre philosophia, sobre psychologia, sobre hypnotismo, sobre todas as cousas que lhe interessavam.

Tudo que era formalidade lhes havia a pouco e pouco desaparecido das cartas. Viviam em espirito, na região da sciencia; falavam os termos proprios; discutiam pontos melindrosos da natureza hamana, mergulhando-se em seus segredos, até a *pars pudenda* da sciencia. Não havia muito, tinham elles terminado uma longa correspondencia sobre a physiologia da concepção. E nunca se agradaram tanto um ao outro, nunca se conheceram tão de perto como agora, agora que se achavam separados.

Já não tinham futuro, porque os dias vindouros

estavam preenchidos de acções, como si fossem passados ou presentes. Eram casados, tinham filhos, viviam num Paraizo. Estudavam juntos, e escreviam juntos, ensinando os filhinhos, preparando-os para bons cidadãos e para supportarem com facilidade a lucta pela vida. E sustentavam que a felicidade estava em suas mãos. Tinham localizado o amor na Natureza, determinando-o physiologicamente, até ás suas crystallizações mentaes, na esphera da vida no planeta. E achavam mais belleza e poesia no conceito scientifico desse sentimento do que no conceito metaphysico ou divino. Não levariam illusões para o thálamo. A verdade era quanto lhes bastava, em sua nudez sympathica e grandiosa, que fazia a ventura dos espiritos superiores. Que felicidade a de amarem os phenomenos como elles eram, *sentindo-os* com as seducções que outros não percebiam! Isso é que era SER FELIZ! A grande questão estava, pois, em evitar, o mais possível, os desgostos que a gente mesmo cria pela não satisfação de necessidades imaginarias, e procurar ao mesmo tempo todas as alegrias e todos os prazeres, physicos e moraes, sem nunca tocar ao excesso. Methodizar a vida, intellectualizal-a com *vontade* e *sentimento*, era essa a divisa que estabeleciam, o lemma com que iam demonstrar no futuro a felicidade da existencia. Não querer o impossivel, não desejar nada sem vêr primeiro si os motivos do desejo eram justos. Chamavam a isto—o *freio do espirito*, a *pêia da imaginação*. Era preciso tambem que não contassem somente com o interesse de ambos. Desde que se unissem, contrahiam por isso mesmo um compromisso enorme perante a sua consciencia illuminada, que sabia discernir as cousas do mundo: — o *compromisso da*

Especie. Tinham que olhar para o interesse dos filhos: — começaria pelo preparo dos paes para que aquelles nascessem com aptidões mais accentuadas e mais numerosas. No ultimo degrau da escala zoologica essa era a obrigação dos dois sêres mais intelligentes do mundo, esse macho e essa femea que se chamam—o *Homem* e a *Mulher*.

Senhores assim do cargo que tinham de desempenhar no theatro universal da Existencia, ambos se haviam voltado ao tranquillo viver dos dias descuidados de outróra, endosmosando-se, exosmosando-se, como duas visceras visinhas.

Ao medico voltara a jovialidade attenciosa de seu caracter; á rapariga, o riso e a paz, o socêgo de espirito, o bulicio ruidoso e musical de seu temperamento, a saúde inalteravel e completa emfim. Assentara-se-lhe a imaginação, adormeceram-se-lhe os desejos.

Só uma cousa havia em ambos, que se avolumava cada vez mais :—a *saudade* ! essa representação mental, terna e doce, ao mesmo tempo vaga e pungitiva, do objecto amado, que a distancia nos rouba aos olhos da carne, mas que a memoria nos offerece aos olhos do espirito.

A
dous gr
—o sep
O p
vinha d
Mar
publico
mente a
apaixona
idéa da
toda a p
Os a
repassad
geral, co
provincia
desenvol
S. F
gredir liv
Mart
culto, sol

IX

FINHA entrado o anno de 1888.

A provincia de S. Paulo achava-se em lucta com dous grandes problemas, cada qual o mais importante: — o *separatismo* e a *libertação dos escravos*.

O primeiro, bem mais velho do que o segundo, vinha de mais longe.

Martim Francisco, filho, tinha agitado o espirito publico pela imprensa da capital, escrevendo diariamente artigos de propaganda, cheios daquelle calor apaixonado e nobre de seu temperamento soffregio. A idéa da autonomia paulista achava adhesão geral em toda a provincia.

Os artigos separatistas de Martim Francisco eram repassados de uma indignação justa contra o governo geral, contra o Centro, que absorvia as rendas de sua provincia, sem lhe fazer concessões, peiando-a em seu desenvolvimento, acorrentando-lhe a liberdade.

S. Paulo não podia mover-se, não podia progredir livremente.

Martim Francisco, um talento nervoso, vibrátil, culto, sobretudo em historia, educado em politica, e

possuido de uma idéa patriótica, sabia fazer a propaganda; — falava ao povo em seus interesses, á bôcca da algibeira, creando o elemento popular, desde o pequeno operario até ao burguez dos latifundios, o millionario cafelista. Lançava mão de todas as armas e figurava a provincia de S. Paulo em todas as circumstancias, argumentando com os numeros, com a renda, apresentando dados estatísticos, pintando-a no futuro, quando livre, quando autónoma, quando pudesse dispôr do dinheiro que ganhava.

A's invectivas que lhe vinham de fóra, de outras provincias, ás quaes não convinha a separação, no modo de entender dellas, — respondia Martim Francisco com a lettra dos relatorios das mesmas, com a receita e despesa, com argumentos irrespondiveis.

Dentro de alguns mezes ficara plenamente provado que S. Paulo podia separar-se, constituir-se povo livre, no dia em que o quizesse, mandar o Centro ao diabo e assentar de vez a primeira pedra de sua nova historia.

As tradições do povo paulista; a sua indole de gente orgulhosa e trabalhadora; aquella pagina sublime dos antigos *Bandeirantes*, esses argonautas do futuro, — tudo isso entrou como elemento necessario á acceitação das novas idéas. E os adeptos surgiam e a imagem da *Patria Paulista* corporizava-se dia a dia, vestida com as roupagens formosas de um ideal de poeta.

Sob o titulo geral de PROPAGANDA SEPARATISTA, publicou Martim Francisco o seu folheto revolucionario *S. Paulo Independente*, que desapareceu em poucos dias, tanta era a avidéz de saber aês cousas, tanto o interesse que ellas continham

Dous trechos desse folheto :

—
hido qu
para o g
contos d
que as c
tres mil
Vale
o que se
historia n
tante da

A pr

Por

Por

Por

Por

Por

Rece

Por

Por

Por

Por

Por

Calcu

habitantes

habitante

Por

Por

Por

Rece

Por

Por

Por

Por

Por

Por

(1) S.

— « UMA PROVINCIA CARIDOSA. — E' geralmente sabido que a provincia de S. Paulo rende annualmente para o governo geral quantia superior a vinte mil contos de réis, e os documentos officiaes confessam que as despezas geraes aqui mal chegam á quantia de tres mil contos.

Vale a pena comparar o que S. Paulo paga com o que se contenta em receber. Faço-o para que a historia não conteste aos paulistas o exercicio persistente da mais elogiavel das virtudes, — a caridade.

A provincia de S. Paulo paga ao governo geral :

Por anno	20.000:000	\$000
Por mez	1.666:666	\$666
Por dia	54:794	\$520
Por hora	2:283	\$105

Recebe do governo geral :

Por anno	3.000:000	\$000
Por mez	250:000	\$000
Por dia	8:219	\$178
Por hora	342	\$465

Calculando-se em um milhão e quinhentos mil habitantes a população actual da provincia (1), cada habitante desta região paga ao governo geral :

Por mez	1	\$111
Por dia		\$036
Por hora		\$001,52

Recebe do governo geral :

Por mez	\$166,666
Por dia	\$005,479
Por hora	\$000,228

(1) S. Paulo Independente foi escripto em 1887.

Só a alfandega de Santos, em trez mezes, compensa toda a despesa que o governo geral faz com os paulistas durante o anno.

Ando desconfiado de que os meus comprovincianos descendem, em linha recta, de Jesus Christo: este pagou todas as culpas do genero humano; aquelles pagam todos os desfalques do norte, e todas as consequencias da incapacidade dos ministros.

Empreiteira das desgraças alheias, — eis o que é a provincia de S. Paulo! »;

— « *SUMMARIO TRISTE.* — A tarde do segundo reinado está a pedir um Jeremias que lhe desenhe as sombras e lhe lamente as ruinas.

A quem almejar esse emprego, vago — porque não ha nortista que o requeira e nem gratificação que o compense, offereço, em fôrma de summario e á guisa de subsidio mnemotechnico, uma lista das glorias que têm ultimamente accelerado o esboramento do imperio.

E' uma simples resenha, escripta sob a leal confissão de que o trabalho não está completo:

I. *Vergonha Inglesa.* — Warring & Brothers reclamam a entrega de setenta mil libras em pagamento de estrada que não construíram e de despesas que não realizaram. O parlamento recusa-se a semelhante dilate. O banqueiro Rottschild publica uma carta ordenando que o imperio desembolse a quantia exigida. O imperador obedece.

II. *Vergonha Russa.* — Contra todas as doutrinas e todos os usos aconselhados pelo direito internacional; contra o bom senso e a decencia é espancado nas ruas da capital do imperio um official de uma corte russa.

Ao inquerito, essencialmente brasileiro e sem resultado, que o governo mandou iniciar, a officialidade respondeu ausentando-se das aguas territoriaes do Brazil, sem despedir-se, sem acceitar explicações, como quem foge de uma costa habitada pela barbaria.

III. *Vergonha chilena.* — Escolhido arbitro por tres nações que reclamavam contra o Chile, e recusado por duas outras, o imperador fez-se representar por diplomata que sustentou estes principios em sentenças: — *As nações são responsaveis pela indisciplina de seus soldados*; — *Nem toda a aggressão auctorisada o bombardeamento*; — *Não é indispensavel o depoimento testemunhal do reclamante*; — *Neutro não é egual a belligerante.*

O diplomata que baseou-se nestas affirmativas para dar os seus laudos foi vaiado e apedrejado no Chile. O Sr. D. Pedro II exonerou-o e deu-lhe por successor um particular que sustentou quatro principios diametralmente oppostos aos primeiros.

IV. *Vergonha argentina.* — Uma commissão, encarregada de dar termo á secular questão do territorio de Missões, voltou de Buenos-Ayres sem conseguir ser ouvida pela parte que nos é adversa.

V. *Vergonha uruguaya.* — O governo imperial, querendo tratar o Uruguay como provincia brasileira, encarregou-se de manter o presidente Maximo Santos, assassino conhecido, irmão do auctor do morticínio de Passo-Hondo; oppoz-se ao movimento revolucionario que terminou em Quebracho, prendeu e maltratou o velho e honesto general Arredondo.

O povo do Uruguay acaba de expulsar do territorio da republica o protegido do Brazil. O imperador soboreia a offensa.

VI. *Vergonha venezuelense*. — A republica de Venezuela protesta contra a linha geodesica acceita no tractado de limites entre o Brazil e o Perú. O imperio cala-se e não se anima a resolver a questão.

VII. *Vergonha juridica*. — Na provincia da Bahia, com applauso do governo central, é revogada a lei de *habeas-corporis*. Na Inglaterra isso só se faz por lei especial e de temporariedade limitada; aqui foi bastante o capricho de um chefe de policia.

VIII. *Vergonha negra*. — Regulamentando a ultima lei relativa ao elemento servil, o imperio furta a uma raça infeliz um anno de liberdade.

IX. *Vergonha incomparavel*. — O presidente de conselho de ministros, em aviso inserido no *Diario Official* promete quatro contos de reis como premio a quem quizer ser delator!

Vergonha das vergonhas!...

Parece impossivel, mas nojentamente é exacto. No Brazil a delação é hoje industria garantida e privilegiada.

Na cõrte de Nero, escreve Tacito, a delação era uma monstruosidade. Aqui é um meio de governo: é um aviso de ministro.

Quatro contos de reis ao denunciante. Como os trinta dinheiros têm augmentado! A monarchia não exige no delator o heroismo de Zopyro ou o espirito inventivo de Elio Sejano: contenta-se com a asquerosidade de Judas.

Basta!...

Que obrigação tem a provincia de S. Paulo de associar-se a tamanho descalabro? Habitada por gente seria, trabalhadora e briosa, ella não é, não pode ser

responsav
senta per
Pelo
ultvez, a
a um gov
conjuncto
nação da
dissabor e
Precis
E' imposs
pello á pe
dale só te

J. F.
Francisco,
a publico
cartas den
collega F.
cuaes e un
Barros, es
de um sop
lava ao p
rante, disc
imprensa c

As su
elaboração des
Respor
o Jornal d
de suas ca

— « Ja
quando m
Escaravelh
à porta do

responsavel pelo papel secundario que o Brazil representa perante o espanto do mundo civilisado.

Pelo seu passado, pelo seu progresso, pela sua altivez, a provincia de S. Paulo tem direito adquirido a um governo mais sensato. Precisa afastar-se desse conjuncto de erros que lhe traz diariamente a diminuição da sua riqueza e que lhe offerece em trôco o dissabor e o vilipendio.

Precisa reagir e com esperanza de triumpho. E' impossivel que o destino a condemnasse sem apêllo á posição de satellite de um astro cuja dignidade só tem occasos. »

J. F. de Barros, bacharel em direito como Martim Francisco, paulista até á ponta dos cabellos, atirara a publico, sob o mesmo titulo geral, uma serie de cartas denominadas *A Patria Paulista*, dirigidas a seu collega F. E. Pacheco e Silva,—*Feps* segundo as iniciaes e um dos propagandistas da separação. J. F. de Barros, espirito tenaz, alma espartana, como que feita de um sopro sobre um blôco de marmore tosco, falava ao povo na linguagem do povo, incisiva, intolerante, discutindo ataques de outras provincias e da imprensa do governo.

As suas cartas foram publicadas em folhetos e a edição desapareceu rapidamente.

Respondendo a invectivas que lhe havia dirigido o *Jornal do Commercio*, do Rio, por causa da maneira de suas cartas, Barros conclue assim um artigo :

— « Já uma vez o fogoso senador rio-grandense, quando ministro da fazenda, disse que o *Jornal do Escaravelho* tinha as fauces insaciaveis escancaradas á porta do erario publico.

S. Paulo é um dos que mais contribuem para recheiar o thesouro, donde o *Escaravelho* tem por traças de *palavrórios* e *interlinhados* enchido a sua farta burra.

Não convem-lhe, pois, que haja diminuição deste pagador — S. Paulo.

Tambem o outro, que no papel de *truão burlesco* ia perfeitamente, quiz se metter em negocio sério, como é a aspiração separatista de uma provincia activa e nobre como S. Paulo.

Fique-se naquillo para que tem geito: — fazer-nos rir.

Nós, paulistas, recebemos as suas sandices com o riso de compaixão que dispensamos aos *palhaços* e *jo-graes* de feira, que na praça publica, por officio e ganha-pão, se desfazem em trejeitos e caretas.

Naturalmente toda essa gente ignora o que são os *paulistas*.

Vamos dizer-lh'o.

Nas informações prestadas pelo general D. Luiz A. de S. Botelho, em 1765 ao governo de Portugal, entre outros conceitos a respeito dos paulistas, termina dizendo: « *e vão ao fim do mundo sendo necessario*. O seu coração é alto, grande e animoso (já se vê que não é como o do *Escaravelho* e *Gusmões*). *O seu juízo mal limado, porem — de um metal mui fino* », etc.

O grande naturalista e viajante Saint-Hilaire tambem não poupa elogios aos paulistas. De uma de suas paginas tiramos o final de uma descrição verdadeira (como elle sabia fazer) do *paulista*:

« Estes audaciosos *penetraram varias vezes* no Paraguay; *descobriram a provincia do Piahy, as minas de Sabará e Paracatu* (provincia de Minas hoje); internaram-se nos vastos desertos de Goyaz e Cuiabá;

percorreram o Rio Grande do Sul; chegaram pelo norte até ao Amazonas; tendo escalado os Andes, atacaram os hespanhoes nas suas possessões do Perú.

Quando se conhece, por experiencia propria, quantas fadigas, privações e perigos perseguem ainda hoje (escrevia em 1818) o viajante que percorre esses longinquos paizes, e se têm lido as excursões dos paulistas, sente-se uma especie de estupefacção, e como que se é obrigado a reconhecer que estes homens pertenciam a uma raça de gigantes », etc. (St. Hilaire, Viagem á provincia de S. Paulo, vol. I, pagina 24).

Já vêm, pois, esses que tanto se estão incommodando por causa dessas tendencias separatistas, manifestadas por S. Paulo, que temos, mesmo no passado, solidos fundamentos para ser dignos de fazer vida independente.

Os nossos antepassados percorreram o Brazil inteiro, de extremo a extremo, levando a civilisação daquelle tempo por todos os recantos. Hoje os seus dignos descendentes cortaram o territorio paulista de innumeradas vias de communicacão, por terra e por agua, e levaram o progresso por todos os seus confins.

Abriram caminho ao mundo inteiro, — pagando transporte ás companhias transatlanticas, para todos que quizerem vir collaborar connosco no aproveitamento deste paraíso da America. Tudo isto feito só por iniciativa e esforço paulista, sem um *ceitil* dos *vadios* da rua do Ouvidor.

Não ha empresa que S. Paulo intente e que não reapiçe. Na sua capital e interior levantam-se fabricas importantissimas, quasi que uma por semana.

Em todas as reuniões de assembléas geraes das

diversas companhias de vias férreas, se accusam kilometros e mais kilonetros conquistados ao deserto, que é posto assim á mão, para o goso do mundo inteiro.

Quem assim procede não é capaz de se governar a si mesmo?

Perde o seu tempo o *Romão* ou *Gusmão* do *Escaravelho*, pensando indispor-nos com a nobre e altiva Minas.

Reconhecemos, nesta filha de S. Paulo, todas as boas qualidades de caracter, energia e iniciativa que herdou de nós, os paulistas, descobridores e povoadores das *Minas Geraes*. Com ella contamos para a federação futura.

A Patria Paulista, menospresada e calumniada, não permittiu-nos moderação na resposta. Prosigam na fraude e mentira—que lhes iremos dando o trôco ».

A idéa accentuava-se, distendia-se por toda a parte, até aos confins da provincia, servindo de assumpto a todas as conversas. No animo do povo dava-se o phenomeno da fermentação.

Coincidiu com essa epocha a reunião brilhante do *Congresso Republicano*, trez dias de pensamento, trez dias de discussão e de medidas necessarias á marcha do partido. Todos os districtos da provincia tinham mandado ou nomeado os seus delegados junto áquella assembléa democratica.

La estavam, destacados entre outros :

— *Prudente de Moraes*, á mesa, presidindo os trabalhos, — aquella figura calma, aquelle olhar sereno, doce, quasi piedoso; aquella physionomia triste, pen-

sativa
seguro

rito, ti
sado,
« tom
talento

—
espírito
olhar v
nadand
das est
xonado

—
feliz, de
o seu g
arrogan

Fr:
provinci
da ubiq
fítica da
boa, at
operario

—
e revolu
quella r
da Poli
moço, de
çavel na

Quar
ptores, j
formand
O se

sativa, com a sua barba meio á nazarena, criterioso, seguro nos conceitos, logico nas opiniões;

— *Rangel Pestana*, o tolerante, o jornalista emérito, tímido quanto ao futuro, valente quanto ao passado, commedido e grave, que nunca aventurou um «toma» por um «dous te darei», penna fecundissima, talento culto, character inteiro;

— *Americo de Campos*, pequeno e grisalho, bello espirito de bohemio, com a sua manta ao hombro, olhar velado; jornalista ameno, leve, do momento, nadando sem mergulhar, á tona d'agua, — o maniaco das estrellas e da musica, Lucullo em assucar, o apaixonado das flôres, o platonico das mulheres bonitas;

— *Campos Salles*, o orador fogoso, o tribuno feliz, de fogo no sangue, moreno e forte, baixo, com o seu grande cavanhaque espesso, o seu olhar fixo e arrogante, a sua palavra poderosa;

Francisco Glycerio, o braço direito do partido na provincia, o homem do movimento, com o dom quasi da ubiquidade, a organização mais praticamente politica da phalange democratica, uma alma illuminada, bôa, attenciosa, delicada, — um espirito ductil, um operario insubstituivel;

— *Alberto Salles*, polemista e philosopho, legista e revolucionario, a cabeça talvez de mais estudos daquelle roda, cabeça cheia de paixões sociaes, auctor da *Politica Positiva* e d'*O Direito*, bello cerebro de moço, de uma illustração solida, orador fluente, incançavel na propaganda republicana...

Quantos e quantos outros distinctissimos, escriptores, jornalistas, medicos, advogados, fazendeiros, formando um numero superior a oitenta?

O separatismo foi proposto ao *Congresso* a fim de

ser discutido, a vêr si convinha ao partido republicano perfilhal-o.

Iniciara a discussão, determinando-o como o meio mais rapido e mais logico de chegar á Republica Federativa, o auctor destas linhas, delegado do *Congresso* por um municipio da provincia.

Pegou fogo a discussão. Entre numerosos oradores falara Campos Salles, lendo uma peça magistral, advogando a perfilhação da idéa.

Seguiu-se uma lucta horrivel, enorme! Opiniões contra, opiniões a favor. Todas foram accordes em que do separatismo é que nos havia de vir com mais brevidade a Republica; — que elle era uma força poderosa, fecunda, ao alcance da comprehensão popular, de facil contagio, porque falava á bolsa e á alma da provincia.

E o *Congresso*, Ajax virado ás avessas, *cetera desiderantur*.

.....
A' *A Patria Paulista* de Barros succede *A Patria Paulista* de Alberto Salles, — uma obra de folego, philosophica, patriotica, de 297 paginas, jogando com todos os dados scientificos de que pudesse depender a justificação dessa aspiração paulista; dividida em trez partes, provando na primeira a verdade do *separatismo*, o seu apparecimento necessario e opportuno, advogando os seus fins; na segunda vinha uma exposição minuciosa, logica, das vantagens praticas daquelle idéa; na terceira o confronto della com a nacionalidade.

Eis como termina Alberto Salles a segunda parte de seu livro magnifico:

— « E' debaixo destes auspicios que atrevemo-nos

a aff
são
indep
com
Não
com
econ
muito
têm t
S
a cons
sua pe
virtud
postos
toria,
dissipa
tomad
para o
nesta
Patria
Ac
pedim
deste p
• I
(trata-s
a 6.400
está inc
dos jure
em 31
Desde
(1)

a affirmar que os recursos da provincia de S. Paulo são mais do que sufficientes para garantirem a sua independencia, nesta parte do continente americano, como um estado livre e perfeitamente autonomico. Não somente a população que conta presentemente (1), como tambem a totalidade de sua renda, são elementos economicos e politicos que lhe presagiam um futuro muito mais prospero e brilhante do que a sorte que têm tido muitas republicas sul-americanas.

Si lembramo-nos, ainda, que, com a separação e a constituição autonómica do Estado de S. Paulo, a sua população tenderá a crescer espantosamente, em virtude dos meios que então, necessariamente, hão ser postos em jogo—para augmentar a corrente immigratoria, desannuvia-se-nos completamente o espirito, dissipam-se todos os receios, e sentimo-nos desde logo tomados de confiança, de animação e de coragem para o grande e nobre empreendimento de plantar nesta uberrima região a generosa bandeira da futura Patria Paulista.

Aos que descrerem da nossa abençoada utopia, pedimos apenas que se deliciem com a contemplação deste pequenó quadro :

« Para o anno financeiro de 1885-1886 a receita (trata-se da pequena Republica de Costa Rica) subiu a 6.400:128\$ e a despeza a 6.177:888\$. Nesta despesa está incluída a somma de 1.005:184\$ para pagamento dos juros e amortisação da divida interna, cuja somma, em 31 de Março de 1886, estava reduzida a 1.747:652\$. Desde então esta divida tem sido e vai sendo paga

(1) Fim de 1887.

numa proporção que permitirá resgatal-a no correr do presente anno.

Os juros da divida externa exigem mil contos de reis por anno. Esta divida é garantida pelos direitos da alfandega, que figuram na receita acima, para 1885-1886, por 1.734:526\$, quantia que excede consideravelmente a somma requerida, sem mesmo considerar-se o augmento desta verba da receita durante o anno financeiro corrente. »

Entretanto a Republica de Costa Rica não conta mais de 55,660 kilometros quadrados de superficie, com uma população que não chega bem a 200 mil habitantes. Calcule-se agora o que não poderá ser S. Paulo, que mede uma superficie de mais de 300 mil kilometros quadrados approximadamente e que tem já uma população de 1.500,000 habitantes, — no dia em que firmar pelo separatismo a sua autonomia politica administrativa. O paralelo é edificante e instructivo. Vale a pena de certo meditar e reflectir.

Assim, pois, á vista do summario inventario que acabamos de fazer das consequencias politicas, administrativas, economicas e financeiras, que podem resultar para a provincia de S. Paulo, da sua separação do resto do imperio, parece-nos que o principio politico do separatismo, já exposto succintamente na primeira parte deste trabalho, encontra na pratica a mais plena comprovação que é possivel exigir um espirito candido e reflectido. Como, porém ha outra face da questão a examinar-se, e como é nosso fim esplanar tanto quanto possivel a aspiração separatista, para que se propague mais livremente, — aqui terminamos a segunda parte da questão e reservamo-nos

para completal-a na terceira parte deste livro, que é a que segue. »

Os echos patriotas levantavam-se de toda a parte e a idéa de uma *Patria Paulista* accentuava-se cada vez mais no animo popular.

A' obra de Alberto Salles succedeu o brilhante folheto *A Zona Paulista*, de Feps,—F. E. Pacheco e Silva.

Feps, apaixonado, idealizava o sólo livre de sua provincia feita Estado; falava com a linguagem seductora do maravilhoso, despertando como um poeta o sentimento popular.

Um trecho de Feps:

— « A separação é a perspectiva do sertão paulista e paranaense, até aqui percorrido pelas feras e tribus selvagens tão ferozes como as proprias feras, convertido em vicejantes culturas, laboradas pela melhor immigração européa; — o magestoso estuario do Paraná e seus grandes afluentes, 2.000 kilometros navegaveis, um verdadeiro mediterraneo, cercado em todas as suas ramificações pela navegação a vapor, desde o famoso Guayra até o Urubú-Pungá; — a rapida fundação de grandes cidades, surgidas como por encanto, bem como Chicago, nas incomparaveis situações que offerece essa grande bacía hydrographica; — o prolongamento das vias ferreas paulistas até ás margens do grande rio; — a industria, aproveitando-se de todas essas grandiosas quedas d'agua, que até aqui têm servido sómente para acalantar, com o seu magestoso fragôr, o somno das feras e dos barbaros selvícolas; — a disseminação de escolas e institutos, e finalmente todo o sequito da civilisação moderna, in-

vadindo rapida e intensamente essa zona marginal do soberbo estuario, tão magnificamente dotada pela natureza e tão digna de entrar para o torvelinho do mundo civilisado;— o ativo Araçoiaba, rasgado em suas entranhas, tumidas do precioso minerio, para abastecer com os seus artefactos os mercados da America Meridional;— Santos, dotada com um caes digno de tão importante emporio commercial e com uma completa drenagem de todo o terreno entre a cidade e a Barra, por onde se distenderia folgadamente;— a capital de S. Paulo, com as suas varzeas convertidas em bellos lagos artificiaes, alliando o saneamento á esplendida belleza;— as aguas thermaes de Caldas, rodeadas de confortos e attractivos, que as tornem uma estação procurada e conhecida na America Meridional, como Vichy na Europa;— a actual pequena via-ferrea de Santo Amaro prolongada até Santo Antonio do Jujuiá, com toda a zona marginal povoada por immigrants europeus, vindos de climas congeneres, — frios e humidos;— as tribus selvagens catechisadas e aldeiadas em pontos convenientes...

Eis o que seria a separação, si em prol de toda essa perspectiva pudessemos applicar os milhares de contos que annualmente nos arranca o governo geral para dissipal-os nos meandros mysteriosos do governo centralisado!

Como não seriam outras então as nossas condições de civilisação, de prosperidade, de facilidade e rapidez na formação de grandes fortunas particulares e da fortuna publica! Que grandioso theatro para a des-evolução do espirito apprehendedor e da iniciativa particular!

ca
deu
das
A
a ob
mar-
C
tonio
tur os
C
parte,
admira
cousas
phonic
com e
daqui
capitã
O
de um
terror
sero es
par en
(1)
(e o non
do povo
pela capi
tidos de
que pade
ssim a
lento e
a direcçã
unido, ga
menor re

E a idéa ia-se extendendo, e a antipathia a crescer cada vez mais contra o Centro.

Um facto, porém, do evoluer das cousas, suspendeu por um pouco a propaganda em acção, desviando das idéas separatistas o pensamento da provincia.

A obra principiada por Luiz Gama, — o grande ! a obra da libertação dos escravos começára de avolumar-se.

O trabalho longo, silencioso e incalculavel de Antonio Bento, o homem de ferro, começou a apresentar os resultados previstos.

O labôr dos *caiphaçes* (1) localizados por toda a parte, constituindo uma policia activa, de fiscalização admiravel, com signaes convencionaes para muitas cousas, até para aviso ao chefe, nos apparatus telephonicos, — chegava a seu termo de perfeição, dando com escravos do interior na capital, mandando-os daqui para longe, para lagares abrigados da unha do *capitão-do-matto* ou do reflexo dos mastins do governo.

O nome de Antonio Bento tomava as proporções de um mytho, mas de um mytho mau, — imagem do terror para o fazendeiro, — refugio seguro para o miseravel escravo. As portas de sua casa foram abertas de par em par ao *emigrante das sençalás*. Por todas as

(1) Eram assim chamados pelo proprio Antonio Bento (e o nome generalizou-se depois) os seus ajudantes, homens do povo, nomeados chefes de pequenas divisões espalhadas pela capital, com relações no interior da provincia, e incumbidos de vigiar, indagar, veriicar e descobrir onde os escravos que pudessem ser tirados e remettidos para fóra, conquistando assim a liberdade. Essas divisões, mais tarde, foram-se desdobrando em *succursaes* por todos os pontos da provincia, e sob a direcção de Antonio Bento formaram um systema completo, unido, garantido pelo seu sigyllo, de *deslocar* escravos sem a menor responsabilidade, sem provas para processo.

localidades da provincia, desde as aldeias até ás grandes cidades, tinham-se formado grupos secretos de abolicionistas que correspondiam com o chefe, em S. Paulo, já então redactor d'*A Redempção*.

E começou a *rodada de escravos*, essa mobilização negra.

A *rodada de escravos* era a fuga em massa, em grande numero, feita com unidade de vistas, com providencia, planejada por um abolicionista do logar de que ella se movia, homem que já havia recebido de antemão ordens que partiam da capital, de Antonio Bento ou de seus *caiphaes*.

E elles vinham, os escravos, atravez das longas estradas de além, guiados por um cicerone tambem *caiphae*, caminho de S. Paulo, em busca da casa de Antonio Bento, onde chegavam aos centenares por mez, todos os dias, todas as horas, e de onde eram enviados livres, livres *á força*, para terras distantes, sem que os seus ex-senhores nunca mais soubessem delles.

Todos os dias despovoavam-se as fazendas, augmentava-se a onda do *Exodo-Negro*.

O espirito publico estava preocupado com a marcha constante, de sol a sol, dos pobres escravos. A lavoura de café, o que se chama a provincia agricola — enfrentava com o terrivel problema da substituição do braço escravo. Surgira então a iniciativa particular. Compreendeu-se que já se não podia deter o escravo no eito. E um punhado de benemeritos fundára a sociedade *Protectora de Imigração*. Pedir o braço livre a quem? Pareceu que a Italia era a mais propria para resolver o problema, e em boa hora o parecêra: — vieram as primeiras turmas de

colonos italianos, vieram as segundas e vieram as terceiras. A corrente immigratoria crescia, crescia com uma progressão admiravel. A assembléa provincial unira-se á iniciativa particular: — levantára-se o *Alojamento de Immigrantes*, primeiro provisório, para os lados do Bom Retiro, depois effectivo, grande predio magnifico e apropriado, que hoje já é pequeno, para os lados da estação da *Linha-do-Norte*. Martinho Prado Junior fôra á Italia. Tinha-se publicado em diversas linguas e em grande tiragem um folheto importante, dirigido ao emigrante europeu, para ser largamente espalhado por alguns paizes da Europa, com este titulo:

A PROVINCIA DE S. PAULO NO BRAZIL

EMIGRANTE, LÊDE ESTE FOLHETO ANTES DE PARTIR

Tinha elle um bom mappa, minucioso, dos pontos mais importantes da provincia, de seus centros agricolas, com todo o historico do seu desenvolvimento.

E os navios que tocavam no porto de Santos começaram a despejar alli centenaes de colonos. A obra da introdução do immigrante, sabiamente pensada por diversos, criteriosamente dirigida por Martinho Prado, accentuára-se de vez.

Era já tempo.

O *Exodo-Negro* tinha-se avolumado, vencia tudo. A onda da escravidão rolava espumante pelos valles dos rios, nos campos de Piratininga. O governo redobrava de cuidados, de esforços por contê-la, fazendo-se vergonhosamente *capitão do matto* para impedir as grandes fugas em massa. Ao longe, num horizonte de luz, das trevas do captiveiro o escravo só enxergava

em S. Paulo a figura imponente, a legendaria figura do homem de ferro, com a sua capa hespanhola e o seu grande sombreiro de largas abas, figura destacada sobre o fundo luminoso do futuro, novo Moysés nos topos do Nebo, ao crepusculo da tarde, elle! — Antonio Bento de Souza e Castro, o GENERALISSIMO da libertação total da provincia!

Já não havia meio de impedir as rodadas.

Alguns pequenos encontros tinham-se dado, como em Ytú e Santo Amaro, entre a léva de fugitivos negros e os soldados do Sr. Cotegipe. O sangue que correrá, como as encyclias de um lago á queda de uma pedra, chegava ás extremas da provincia, despertando os escravos timidos, suggerindo-lhes a idéa de adhesão.

O fazendeiro, o *senhor* de escravos, para conservar os presos ao sólo da monda, para mantel-os no serviço da lavoura, começou por libertal-os a longo prazo — quatro e mais annos ainda de prestação de serviços. O prazo era grande: — o escravo continuava a fugir.

Os vastos latifundios do Oéste viam partir para a Chanaan da Liberdade aquelles que os tinham montado, em tempos longes no passado, derribando as mattas virgens, cobrindo os valles de pastagens, refolhando os morros com a esmeralda dos cafezaes. O fazendeiro diminuiu o prazo.

Santos, livre, recebia o *Exodo-Negro*. Lá estava o *Jabaquára*, ao pé da Serra, em posição estrategica, apertado na garganta dos montes, com uma população movel de dous a trez mil escravos, que alli chegavam, que dalli partiam diariamente.

Nos noticiarios dos jornaes via-se, *todos os dias*, a febre das libertações. Era preciso prender ao eito,

por qualquer fórma, o escravo deslocado, intellectualizado quanto ao seu valor como homem, por Antonio Bento, o revolucionario. E as fugas continuavam, enormes, e o emigrante das senzalas, em caravanas pacificas, enchia as estradas da provincia, porque a sede da liberdade só se mata com a propria liberdade.

Agora já não redobrava, mas decuplicava de esforços o governo, que expedia destacamentos policiaes para os municipios de maior escravatura, fixando patrulhas nos pontos de marcha obrigada dos retirantes, pelas estações das linhas ferreas de S. Paulo. E o negro era arrancado aos vagões, brutalmente, até que a colera dos brancos começou de protestar contra o proceder do governo escravocrata, representado na provincia pelo Sr. de Parnahyba e pelo Sr. Rodrigues Alves, ex-presidente e presidente.

E os casos de resistencia principiaram a surgir. Pequenas assuadas aqui e alli, correrias, choques com a policia, sóvas em *capitães do matto*, vaias no governo, etc., etc.

Pairava no ar, sobre o espirito da provincia, um presentimento, negro como as rodadas de escravos, de que a terra dos antigos *Bandeirantes*, o berço de José Bonifacio, ia talvez entrar no periodo revolucionario do derramamento do sangue.

A pagina brilhante da libertação dos escravos, na gloriosa e prospera historia paulista, ia porventura manchar-se do innocente sangue africano do *Exodo Negro!*

Foi então que Antonio Prado, senador do Imperio, paulista de vistas largas, rompera em opposição ao governo, viera do Rio para a sua provincia e nella

gritara a liberdade a pequeno prazo, uma estratégia política e social; e, S. Paulo em peso, o S. Paulo-agricola dos latifundios, seguiu o senador do Imperio.

As libertações borbulharam.

O eito das fazendas viu livres por um, dous e trez annos mais ainda de serviços, os velhos escravos, e a febre da porfia na generosidade dos *senhores* apressava a solução, minuto a minuto, em todos os angulos das terras paulistas.

Mas a obra do abolicionismo, o pensamento levantado e heroicamente tenaz de Antonio Bento, atacava o *prazo* e gritava a liberdade plena. Pacificaram-se os animos, sumira-se o presentimento e accentuara-se de vez, livremente, a emigração das senzalas, sem receio, pois a influencia de Antonio Prado, em opposição aos governos geral e provincial, desmoralizara o presidente de então, garantira a marcha permanente do homem-*cousa*, elevando o espirito liberal da provincia trez dias de viagem acima do espirito conservador do governo.

E vieram as libertações plenas como *ultima ratio* da manutenção do eito escravo; mas as deslocações estavam feitas em sua maioria e os escravos de um logar iam para outros logares onde se engajavam com os fazendeiros dahi, cujos escravos já tinham tambem emigrado.

Começaram então as festas de *libertação total* dos municipios, corôando a obra longa e silenciosa de Antonio Bento de Souza e Castro, secundada virilmente nos ultimos dias de escravidão pelo braço poderoso de Antonio Prado, o senador do Imperio.

Nas libertações plenas, dadas no final desta grande

pagina historica da provincia de S. Paulo, sem luctas e sem sangue, o *senhor* equiparava os *seus* escravos ao colono, com as regalias deste; e os *homens negros*, humildes e bons, ficavam nas fazendas, consagravam todos os seus pensamentos, todos os seus esforços, aos grandes latifundios que elles tinham coberto de culturas.

O auxilio de Antonio Prado, chefe da *União Conservadora* da provincia, conselheiro e senador, fôra um feito benefico, que apressara a solução do problema, poupando porventura as luctas intestinas, o choque dos interesses negreiros, o cahir do sangue, o encarniçar das coleras e... a vergonha do futuro.

Era assim que se achavam as cousas em Março, esperando-se que até Junho ou Julho a provincia estivesse completamente livre, pois datas gloriosas, em grande numero e em festejos populares, tinham marcado já a libertação total de varios municipios, e, os que ainda possuíam escravos, porfiavam entre si, na primazia de se verem livres em primeiro logar.

Em Março, pois, quasi liberta a provincia, o espirito collectivo de S. Paulo, sahido glorioso da grande refréga, descansava á sombra de seus feitos, esperando o dia final e já pensando em novo alimento; — porque o espirito é como o estomago, tem as suas idiosyncrasias e, depois de um alimento bom, exige um alimento melhor.

Pairava no ar uma conjectura indecisa, uma interrogação tacita e geral: — morta a escravatura, de que se occuparia o espirito publico, elle que se alimentara da liberdade dos escravos, elle que já não podia contar com esse alimento para a sua vida psychica?

E aos homens de melhor senso lhes parecia, tanto quanto podiam prevêr, que a causa da *separação da provincia*, aparentemente paralyzada um momento, voltaria a seu posto nobilissimo, immensamente patriotico e salutar.

O immigrante, agora, era despejado em Santos aos milhares todas as semanas.

A perspectiva grandiosa do futuro avolumava-se a perder de vista.

Liberto o negro, urgia libertar o branco. Iam brandir-se de novo as armas da batalha. Um pouco de audacia, e o *self-government* se faria! Um pouco de bôa vontade, e a provincia, autónoma, se constituiria a desejada, a necessaria *Patria Paulista!*

Era esse o pé em que estavam as cousas em Março, occupando em extremo o pensamento do major Cornelio.

Apenas começara o movimento abolicionista, fôra elle um dos primeiros a dar cartas de liberdade plena a todos os seus escravos da fazenda da *Soledade*, um dos maiores latifundios do falso-Oeste. Em seguida, pensando em Tiradentes, declarara-se republicano e fôra logicamente levado a acceitar o separatismo, — o verdadeiro, o mais curto caminho para chegar á realização de seu ideal democrata.

O major Cornelio via, na figura patriotica e sympathica de Antonio Prado, o homem de senso pratico, o futuro republicano a quem, talvez, fosse confiado o primeiro quatriennio da *Patria Paulista*; e no fundo dos pensamentos não hesitava em dar-lhe o seu voto desde que Prado se apresentasse como tal.

O velho mineiro era ainda um filho das monta-

nhas alpestres que deram á Historia do Brazil a sua unica e verdadeira tradição: — Joaquim José da Silva Xavier, o *Tira-Dentes*, o proto-martyr da nossa Independencia.

Apesar de 22 annos de residencia na provincia plana de S. Paulo, sentia ainda o velho mineiro o seu espirito oxigenado de idéas grandes como o espirito de seus comprovincianos, que evolve sempre, sempre que acha um estimulo. Numa provincia mais velha que a sua, mãe da sua, de mais experiencia, mais senso pratico, e mais iniciativa pelo contagio facil do pensamento devido ao desapparecimento das distancias, fôra elle *estimulado* pelo meio, e as suas idéas latentes, como as idéas de seus comprovincianos, brotaram á tona da sociedade paulista. Advogava o separatismo com energia, com todas as suas forças, e o mesmo teria feito em Minas, no Pará ou no Rio Grande do Sul, em qualquer parte emfim onde estivesse e elle surgisse, porque para si o separatismo não era o odio ás outras provincias, sinão o meio unico de se chegar com mais rapidez á fórma scientifica do governo republicano federativo. Que se desse o desmembramento; seria logo imitado, e, no fim, teriamos logicamente os *Estados Unidos do Brazil*, pois falavamos a mesma lingua, etc., etc.

Quem o esclarecia sobre essas idéas era a filha, lendo os artigos do *Diario Popular*, lendo as publicações da PROPAGANDA SEPARATISTA. Essa formosa rapariga, nos seus momentos de entusiasmo pela separação de S. Paulo, lastimava-se de ter nascido mulher. Dezejava ser homem para agitar as massas, accordar o espirito publico, de ha muito narcotizado por um garrafão de chloroformio—o sr. d. Pedro II—,

e marchar para o campo da batalha, e derramar o seu sangue sobre o sólo sagrado em que se levantasse a *Patria Paulista*.

O major Cornelio era actualmente uma das principaes figuras da melhor sociedade da Paulicéia, e Esther vivia cercada de todas as considerações e lisonjas dessa mesma sociedade.

A filha do millionario cafelista era conhecida em toda a capital, não só por meritos reaes, como pela singelleza elegante de seus bellos trages de muito gosto e sem ostentação. Havia muito que si quizesse já estaria casada, acceitando o amôr de diversos moços ricos, cidadãos distinctos, que se haviam desenganado perdendo todas as esperanças.

Na opinião do respeitavel sr. marquez de Tres Rios, uma opinião *musical*, dita com a bôcca molle e a voz arastada « ella era mesmo, *di divera*, ãa das moça mais *peixona* de S. Paulo!... »

Esther, porém, amava o medico, o seu mestre e amigo, o dr. Lins Teixeira, com quem se correspondia de trez em trez dias.

Grande era a mudança que se tinha operado na rapariga. As suas relações com o medico foram um verdadeiro milagre para toda a sua natureza. Gozava agora uma saúde invejavel, tinha uma hygiene sabia. Assentara-se-lhe a imaginação, adormeceram-se-lhe os desejos... Sentia-se realmente feliz.

Admirava-lhe, a ella mesma, a mudança completa que se déra em seu espirito. Parecia-lhe possuir tudo que lhe faltava na vida anteriormente, e que só as cartas do medico bastavam a todas as suas exigencias. Pouco sahia a moça, consumindo a maior parte dos

dias na convivencia dos livros e no estudo methodico da musica.

Tinha lido quanta *Physiologia do Matrimonio* ha por esse mundo, no intuito de preparar-se paciente-mente para o futuro, para a realizacão de seu destino na Terra. Sabia que o medico *era* seu esposo. Seria mais facil a luz vergar-se do que elle deixar de pedil-a. Demais, que valiam alguns mezes antes ou depois? Si o tempo voava sobre ella, sobre elle voava o mesmo tempo. Para es espiritos sempre moços, para os espiritos elevados, a carne nunca envelhecia.

Tornara-se de um desvelo inimitavel, de uma bondade evangelica para todos.

Comia bem, dormia melhor. Regularmente, ás 10 horas da noite já estava na cama. Levantava-se ás 6, tomava um grande banho de chuva, dava um passeio de trez quartos de hora e voltava a estudar até ao almoço. Depois do almoço fazia exercicio de piano, visitava os alegretes do jardim, andava pelo quintal e recolhia-se em seguida ao seu gabinete onde continuava os estudos interrompidos.

A's tardes havia sempre visitas em casa. Ou era a gente do dr. Amancio ou a do conselheiro Costa, que lá iam muito a miudo.

Eugenia, filha do primeiro, tinha-se casado em Outubro e engordava cada vez mais. Em Janeiro tinha ficado doente. Aparecêra com enjão e vomitos. Mandaram chamar o medico e este declarara sorrindo que depois do casamento aquillo era a cousa mais natural do mundo. Em Fevereiro o marido levava-a de mudança para Serra Negra onde abrira negocio de fazendas. Amanda, alta, clara e magrinha, andava agora tossindo muito e apaixonada por um rapaz que lhe

fazia a côrte. O medico havia dito ao pae que apressasse a cousa. Toda a demora seria prejudicial.

O dr. Amancio não receitava para sua familia, allegando que não tinha sobre ella a necessaria força moral. De facto: as filhas não lhe tomavam os remedios e nem acreditavam na sua medicina. O medico da casa era o dr. Silveira, collega do dr. Amancio. Ao examinar Amanda lembrou-se o medico, por associação de idéas, de um romance que havia lido — *Charlot s'amuse*.

Beatriz, irman de Amanda, cada vez mais chique, tinha completado 16 annos e apresentava uma forte expansão de vida a arrebenhar-lhe dos musculos por toda a parte, força tão visivel e sympathica, que gostavam todos de ficar com os olhos parados nella. De uma bella côr entre o moreno e o claro, com uns grandes olhos negros e vivos, ella era das irmans a que mais frequentava a casa do major Cornelio. Namorada de Ricardo, fizera-se muito amiga de Esther, á qual imitava em tudo, desde a simplicidade do traje até aos habitos e gestos. Obrigara o pae a pôr-lhe um chuveiro em casa e a comprar-lhe livros. Para não ficar escandalosa a constancia de suas visitas, pedira a Esther que lhe ensinasse o francez, em que estava fazendo grandes progressos, pois era menina muito intelligente.

Os seus beiços carnudos e rubros estavam sempre separados por um riso alegre, bom e communicativo, mostrando os dentes claros, e ás vezes, em certas expressões de incredulidade, a ponta vermelha da lingua; apenas uma pontinha. Aquelle ar maroto e sympathico é que matava a Ricardo.

O padre Valerio lá ia a miudo ouvir um pouco

de musica, contar cousas politicas que sabia particularmente na *União Conservadora*, a respeito da situação, sobre a posição esquerda do Rodrigo Silva, ministro da Agricultura, sobre a opposição em que Antonio Prado se achava contra o presidente Rodrigues Alves ou sobre o que se esperava do sr. barão de Cotegipe, a raposa mais raposa de todas as raposas do sr. d. Pedro II. E falava tambem da opposição systematica e inválida do velho João Mendes de Almeida, um *turra* de quatro costados, renitente, vivaz como uma salamandra; um homem feito de odios pessoases, um talento que fulgiu noutros tempos, e que estava degenerando com os annos. Contava depois historias do Seminario, falava em confissões, em artigos de escrupulo, e terminava sempre as suas conversas arranjando casamentos para as solteiras ou solteiros que estivessem presentes.

Muitas vezes o bom do padre Valerio, uma victima do celibato clerical, lá se encontrava com o Campos e repetiam-se então as mesmas scenas de sempre, em que o socio do Meirelles desancava o clero, escangalhava a divindade de Christo, negava Deus, colerico, com uma paixão destruidora, batendo com os pés, fazendo largos gestos, gordalhão e moreno, bilioso, revolucionario como dez Desmoulin, seguidos de cem mil Marats.

O padre Valerio via-se zozzo. Queria responder a questões de philosophia com questões de fé. O Campos protestava, separando as duas cousas, muito distinctas entre si. Chamava-o para o terreno exclusivo da sciencia e falava na *Força e Materia* de Büchner, em Renan e Straus, em Soury e Letourneau, em Holbach e Campanella, desorientando o padre que

em compensação citava S. Thomaz de Aquino e Santo Agostinho. Mas o Campos não os aceitava como auctoridades. Conhecia-os muito, de notas aqui e alli... O primeiro era velhissimo, mais velho do que o *dominus tecum*, um patife do fim do seculo IV e principio do V; o segundo era do seculo XIII, e nós estavamos no XIX!... Que fossem pentear macacos! Onde falava um Spencer, um Comte, um Hæckel, cessava a canalha!

Todos riam-se muito e o Campos firmava cada vez mais a sua reputação.

Aquelles nomes, em sua maior parte elle os citava de leituras avulsas em jornaes, ou de os ouvir dizer. Mas, naturalmente logico, e muito ousado, levava o padre de vencida, fazendo minuciosa exposição das doutrinas da *Força e Materia*, que elle dizia serem de Comte, de Hæckel, de Spencer e de outros, ou jogando com vantagem a arma do ridiculo, que sabia manejar com graça e certa superioridade. O padre evitava o mais que podia; mas dentro de meia hora, invariavelmente, estavam elles atacadados a sôcos de prova, como dous inglezes bebados a sôcos de... punho.

As Silvas tambem lá iam, ainda que espaçada-mente.

O dr. Costinha, depois do baile de 5 de Setembro, voltara duas vezes tentando o amor de Esther; mas convencera-se de que nunca seria correspondido e retirara-se de todo. Agora andava elle fazendo bonito á filha do desembargador Toledo, lá para os lados da cidade nova, no Arouche,—uma rapariga vermelha, de hombros estreitos, e que parecia uma taboa em pé, sem peitos e sem cadeiras, mas... oi-

tenta contos de dote. Falava-se já em casamento para meados de Abril.

Os amôres de Ricardo e Beatriz cresciam tambem, agora mais honestos, mais contidos da parte della; pois Esther educava dia a dia os sentimentos de sua amiga, fazendo-lhe vêr que a missão da esposa era a mais elevada que a mulher devia ambicionar. Desde as primeiras visitas, dissera-lhe Beatriz tudo que sentia, o amôr que consagrava a Ricardo, e o contara com uma ingenuidade completa, com uma franqueza brutalmente admiravel. Esther, que a principio se antipathizara com ella, estimava-a agora, achando-lhe a alma de uma pureza virginal e o coração de uma bondade seductora. O desembaraço improprio de uma moça, que Beatriz mostrara em começo, era filho dos seus quatorze annos com a inexperiencia de taes cousas. Fôra se fazendo mulher, precocemente, e amando em seguida, pela primeira vez, mal sahida ainda das fórmas de menina, com dous botões de rosa a rebentar no peito, aos impetos da pubescencia, e sem ter quem lhe dissesse « Olha ! isto não se faz !... Uma moça não dá beijos, não abraça ! Não deve dizer atôa o que sente !... Cuidado, hein ! » Hoje, não ; separava-a de Ricardo, mesmo junto d'elle, a fortaleza do pudor, a comprehensão legitima do seu papel ; e quando o olhar atrevido do irmão de Esther cahia-lhe no collo, a vêr-lhe a exhuberancia do seio moreno, que parecia querer arrebentar o espartilho, Beatriz corava e baixava os olhos negros, concertando o vestido nas pernas para que as rugas e os repuxados não lhe desenhassem as fórmas. Quando ella não vinha á casa do major Cornelio, era Esther quem lá ia, á casa della, em companhia de Ricardo.

A filha do dr. Amancio passava ás vezes com a amiga uma semana inteira. Sabia do amôr de Esther e do dr. Teixeira, amôr que respeitava com todo o carinho e pelo qual ia modelando o seu no correr dos dias e dos mezes.

De creança, de ingenua e leviana, tornava-se mulher, de accentuada discreção, crescendo em merecimento e bom senso aos olhos de todos, e ganhando diariamente as affeições de d. Euphrasia e do major Cornelio.

Uma excellente menina que era Beatriz, e que estivera um momento a inutilizar-se, por falta de uma educação mais positiva e apropriada a seu sexo.

Uma noite, roido de insomnia, castigado de desejos, depois de uns dous ou trez calices de cognac, tivera Ricardo uma idéa diabolica: — sahira de seu quarto, pé ante pé, e fôra ao quarto da irman, onde Beatriz dormia. A porta cerrada, com uma cadeira atraz, cedera a pouco e pouco ao braço do rapaz.

Era ás duas horas da madrugada, hora de somno intenso e de silencio profundo naquella vivenda. Elle approximara-se lentamente da cama da irman para se certificar si ella estava dormindo ou não. Ouviu-lhe o respirar pausado, lento e cheio, do bom somno da madrugada. Crescia-lhe na imaginação a scena que elle ia provocar. No bico dos pés, resolut^o e irresponsavel, encaminhara-se para o leito de Beatriz, ta-teando no escuro.

As suas mãos febris, em cujos pulsos o sangue batia com força, entraram lentamente, muito de vagarinho, por baixo das cobertas, por baixo depois de uma camisa de mulher... Passeavam agora, num

apalpar carinhoso, sobre um corpo avelludado, sadio e forte, esquecido de si, nos braços do somno.

Nessa noite tinham ellas, as duas amigas, ficado a conversar até tarde, até depois da meia noite.

Intrepido, levantara o moço as cobertas, na beirada, e tratava de geitosamente deitar-se, quando Beatriz fez um movimento... Depois fez o segundo, o terceiro, e começou a accorder. Meio inconsciente ainda, as suas mãos apalpavam a visita daquella hora para reconhecer quem era.

Falara-lhe elle baixinho, com a bôcca no ouvido della, que assustada, mas contendo-se, despertara então completamente.

O susto, o perigo da situação, a audacia do moço, tolheram-lhe a voz um momento, ainda que recobrada a coragem. Empurrara-o de si, e riscou immediatamente um phosphoro para ter toda a certeza. si era elle mesmo. Ricardo soprara-lhe o phosphoro, mas fôra reconhecido.

Com um grande esforço conseguira Beatriz sahir do leito e ganhar o corredor, em camisa. Não quizera dizer uma palavra, uma só que fosse, no quarto; poderia accorder Esther e elle ficaria compromettido. Acompanhara-a Ricardo pelo escuro, dir-se-ia pelo olfacto, com o instincto do macho desorientado e temerario que affronta os maiores perigos. Ella atravessara todo o corredor, que tinha no fim uma tira de luz sahida do quarto do rapaz, onde ficara acceza uma véla. Ella entrara no quarto, desgrehada, em seus trajes de dormir, pallida e ameaçadora, tão linda assim, naquella hora silenciosa da noite. Nem chinellos tivera tempo de calçar, pois estava com os pés nús sobre o soalho, os seus pequenos pés gor-

duchos, bem feitos e amorenados. Elle entrara em seguida, carrancudo, feroz; agarrara-a logo, beijando-lhe, a ella que resistia, mordendo-lhe os braços, a debater-se com dignidade para se vêr livre delle. Achara, afinal, a um canto, uma taboleta de catre, e si elle chegasse ella lhe daria com a taboleta, pois deixara-lhe o rosto vermelho de um tapa.

Ficaram ambos cançados da lucta e pararam, um em frente do outro:—ella, com a sua arma no ar, heroica, um pouco machucada dos trambolhões e dos apertos, branca como cêra, a camisa já rasgada na frente, a descobrir-lhe um dos peitos, côr de nata velha, teso, macio, a arfar alli, latejante, esmagador; —elle, de camisa de meia, mangas curtas, tambem cançado e pallido, indecente, em ceroula, viril e tenaz, com os seus olhos negros, terriveis, a estillar uma volupia intensa.

E ella falava baixinho para não accordar ninguem, nervosa, com as palavras entrecortadas pelo canção, colerica, reprehendendo-o, a dizer-lhe que nunca o supuzera capaz daquella acção propria de um bruto. Amava-o, mas não queria aquillo assim... Tudo tinha seu tempo! Pois não eram noivos? Então! Correrá para alli, não pensasse que era para estar com elle, não! Correrá justamente para poder dizer-lhe tudo, porque lá no quarto de Esther... ah! que escandalo! que vergonha!

— Escandalo, si ella quizesse... Podia ficar tudo ignorado, disse elle.

— Queria passar! Dêsse caminho! impoz a rapariga.

Elle agora tornava-se supplice, humilde, querendo por bem o que não conseguira por mal.

— Quando se casassem, respondia Beatriz. — Antes, só si ella fosse como as mulheres atôa. Antes, só si elle a matasse primeiro, dizia-lhe indignada.

E quiz retirar-se, mas elle tomou-lhe a frente, agarrando-a pela cintura, e tocando-lhe o peito descoberto. Ella quiz fugir e não pôde. Elle a havia subjugado num momento, brutalmente, tomando-lhe a taboleta, e com um braço pelas costas e outro por entre as pernas carregara-a rapido, possante e a atirara sobre a cama.

Nesse momento Esther entrara no quarto solemnemente, apressadamente, fulminando-o com um olhar soberano, que vomitava toda a supremacia que ella tinha sobre elle. Ricardo fizera-se pedra, e Beatriz, tremula e quasía núa, abraçara-se á amiga, debulhando-se em lagrymas e soluços, e querendo contar o facto.

— Não precisava, respondera Esther. Tinha assistido tudo. Accordara ao barulho da porta do quarto, e, como accendendo a véla não a visse no leito, sahira a procural-a e alli estivera todo o tempo... a escutar e a vêr, ás vezes.

Ricardo, ao deixar o quarto da irman, esbarrara sem sentir na porta de sahida. Esther, accordando, accendera uma véla, para vêr o que era. Levantara-se, e guiada pela luz do fim do corredor, lá fôra ter, embrulhada num cobertor.

Em seguida voltara para seu quarto, trazendo Beatriz. Pedira-lhe que nunca dissesse a esse respeito uma só palavra a ninguem.

Vendo-se só, sentara-se Ricardo á beira da cama onde se deixara ficar longo tempo, a pensar sobre o

occorrido. Depois, apagando a véla sahira pelo corredor, atravessando a sala de jantar e entrando de vagarinho no quarto de Leonarda.

Não era a primeira vez que o filho do major Cornelio buscava, em horas propicias da noite, o leito quente e limpo da mulatinha bonita, da desejada filha de Joanna.

O silencio e a treva eram as testemunhas discretas daquelle amôr de trez mezes.

Beatriz não dormira o resto dessa noite. Tranquillizada por Esther, satisfeita de sua resistencia physica e moral, de que fôra testemunha a irman de seu futuro noivo, recapitulava agora a rapariga as suas scenas passadas, desde o momento em que accordara com elle na cama, até ao momento em que fôra brutalmente agarrada e descomposta, sentindo entre as pernas o braço delle, nú e quente, a carregal-a para o leito, machucando-lhe as carnes. Era preciso que a amasse muito para tamanha ousadia, que chegava á temeridade, pensava a moça, illudindo-se, confundindo a brutalidade extrema de uma paixão sensual com o sentimento suave e nobre, o verdadeiro sentimento do amôr, que, ainda que fundado na necessidade sexual, traça as roupagens mysteriosas do pudor, da honestidade, da timidez, do commedimento e da educação das proprias imposições affectivas. Este sentimento é o que dura, é a nota mais elevada do *animal-homem*; aquelle, a paixão, é o que passa, é a nota commum da carne, a nota distinctiva de quasi todos os brutos, — e nas primeiras camadas da sociedade, nos baixos da escala, é tambem a nota commum do homem inferior, do homem-*besta*.

A recordação dos contactos, a lembrança de ter

estado corpo a corpo com Ricardo, tudo isso desper-tava-lhe o desejo de casar-se para, honestamente, sem remorsos no futuro, entregar-se a elle, identificarem-se no goso, esposa e amiga, amante e companheira de seus dias.

E lembrava-se dos primeiros beijos que lhe dera, deliciosos e ingenuos, no jardim, alli do lado de fóra, por occasião do baile, a 5 de Setembro, no anniversario de d. Euphrasia. Fóra ella mesma a culpada. E si não fosse Esther, áquella hora estaria dado o escandalo, porque ella teria gritado; mas tambem, elle lhe poderia ter tapado a bôcca com um lenço, amarrando-lhe os braços... Elle era forte e a sua furia pedia uma solução. E depois, que diria ella? Como justificar-se de ter ido ao quarto d'elle?

Esther nunca fizera a menor allusão ao facto; morrera entre os trez. Elle é que de vez em quando sorria para Beatriz, quando a encontrava só, um sorriso significativo, ameaçador, poderoso. Depois disso, passados dias, fóra espial-a uma manhan no banho frio. O quarto era fechado, mas tinha na parede uma setteira para arejal-o. Elle puzera uma escada e subira. Quando a sua cabeça appareceu na setteira, a differença de luz no quarto denunciou-o a Beatriz, núa debaixo do chuveiro. A moça voltara os olhos para cima.

— Bom dia, amôr! disse-lhe elle a rir.

Elle correu a esconder-se unida á parede, por baixo da setteira.

Dahi por deante ella evitava todas as occasiões; mas sempre que havia oportunidade e que ambos se encontravam a sós, elle a agarrava ás apalpadellas, ligeiro, nervoso, dando-lhe beijos rapidos, e sahia

logo assobiando, para ninguem desconfiar. Tinha o seu pensamento nella, naquelle corpo bem feito e appetitoso, que elle conhecia e desejava, apesar de saber perfeitamente, pois ella lho repetia sempre — que seriam baldadas todas as suas tentativas antes de se casarem.

A' vista dos outros, eram como si nada houvesse — ternos, delicados, amando-se, docemente, felizes um em frente do outro.

Elle completava o seu crescimento e reforçava-se dia a dia, engordando e barbando celeremente. Todas as noites, depois que todos dormiam, elle sahia pelo corredor a fóra, atravessava a sala de jantar e entrava no quarto de Leonarda, que lá o esperava accordada, perto da cozinha. Leonarda por sua vez enchera-se de novas frómas e falava com voz forte e assentada. Os seus hombros tinham se alargado ; os seios, grandes, tremiam agora sob uma intumescencia maior ; os quadriz, boleados e largos, pareciam ter-se aberto ainda mais, e o pescoço, até então fino, delicado e molle, aprumara-se num engrossamento regular e forte, dando-lhe á cabeça certa distincção de movimentos.

A obra da Natureza, que trabalha em silencio, sem reclamos, mas que trabalha sempre, não tardaria a apparecer depois dos primeiros passos, protegidos pela sombra da noite. Ninguem mais puzera em duvida a gravidez de Leonarda.

Joanna sabia de tudo, desde o principio, e nunca dissera uma palavra a ninguem, nem á propria filha. Amamentara Ricardo : — elle era tambem seu filho ; ficava tudo em casa... — amava-o muito ! Que fazer, depois que o factó estava consummado ? Para pae de seu netinho, preferia-o a qualquer estranho, a qualquer

mulato estúpido, talvez, que lhe levasse a filha como mulher, para soffrer todos os revezes da vida, fóra dos que a crearam e tanto a estimavam. Quando vissem que o filho era de Ricardo, haviam de estimal-a ainda mais, tinha essa certeza, pois daquella fôrma Leonarda se aparentava com d. Euphrasia e com o major, dando-lhes um neto, e com Esther dando-lhe um sobrinho. Ora, o tempo que corresse ! Essa era a lei do mundo... Ella, tambem — nunca fóra casada !

Emquanto aqui se passavam taes cousas, no interior da provincia, preso, sem ter quem o substituísse, vivia o dr. Teixeira uma vida agitada, com uma clinica enorme, muito conceituado, a tratar de seus doentes.

O começo de 88 viera forte. Tinha havido lá numerosos casos de febres, entre as quaes o typho, depois que o rio baixara e que as lagôas pluvias da varzea iam seccando a pouco e pouco. Uma epidemia de sarampão dizimava as creanças da cidade, e no arraial visinho a variola, levada por immigrantes, estava fazendo estragos. A cidade, principalmente, fóra assolada pelas febres palustres de diversos aspectos, chamadas lá maleitas, sezões, etc., e muitos casos de diphtheria tinham apparecido tambem.

Desde Outubro que havia o medico marcado por diversas vezes a sua vinda a S. Paulo, sem poder realisal-a. Um doente ia entrando em convalescença e outro já cahindo de cama. Na cidade não havia outro medico, e o dr. Teixeira não podia por fôrma alguma abandonar os doentes, dos quaes pertencia a maior parte ás familias mais importantes do logar.

Tudo isto elle escrevia a Esther, noticiando-lhe minuciosamente o que havia por lá, em todos os sen-

tidos. E ella esperava, com uma paciencia christã, com uma resignação evangelica, esse dia glorioso de sua vida, em que elle viesse, e lhe pedisse a mão de esposa. Voltaria com elle para lá. Iriam morar na mesma casa em que morara, e quando se abhorrecessem da cidade, partiriam para a roça, para a *Soledade*, onde passariam dias tranquillos, no seio verde-negro das montanhas, no alto, entre as serranias gigantes do noroeste, ao silencio profundo, sympathico daquella solidão, em cima o azul do céu, em baixo a esmeralda intérmina da matta, ao sussurro intermittente das vozes da Natureza, feliz, senhora de seu destino, na terra, ouvindo á noite o monótono gemer da *suindara*, e o compassado canto do *curiango*.

Falava-se agora em um novo medico que ia para lá. Elle tivera a delicadeza de escrever ao dr. Teixeira, pedindo informações, solicitando a sua amizade e protecção, caso julgasse que a clinica do logar dava para dous medicos, sem que o dr. Teixeira fosse prejudicado, e caso o aconselhasse a que fôsse.

O cearence recebera-o de braços abertos. Elle devia de lá chegar até meados de Março, e então teria o amigo do pintor um substituto com quem deixasse os seus doentes para dar um pulo a S. Paulo. Vira-se ás vezes em sérios embaraços, por falta de um outro medico. Lembrava-se de um dos ultimos apuros em que se achara.

— Era nos primeiros dias de Dezembro. A's 11 horas da manhan entrara-lhe no escriptorio o alferes Graça, e, immediatamente, quasi ao mesmo tempo — Jacob Despois. Ambos pallidos, desorientados. O filho do Graça cahira de um trapezio e dera com a testa num caco de garrafa. O sangue sahia em esguicho,

e não h
tinha h
morrhag
houvesse
cahira co
perdida,
dolorosa
clair a to
salva-a,
ferros.

A ca
casa do p
reiras.

No fi
uma pequ
perdido já
prendera-
pinça no g
completar
seguida, e

Quand
a rapariga
de sangue,
com a mã
uma toalha
mão, que
na pelle ve
poda.

O dr. 7

— Não
tir-se. — En
esperavam
E com

e não havia nada que o fizesse parar. O menino já tinha tido duas syncopes; ia morrer esvahido, de hemorrhagia. Suppunha-se que o caco de garrafa lhe houvesse cortado uma veia. — A amante do pintor cahira com as dôres do parto, e Jacob Depois achava-a perdida, e pintava o factó como gravissimo, repetindo dolorosamente que si ella morresse elle não podia concluir a tēla *Au plus fort*, e queria que o medico fosse salva-la, já, naquelle momento, extrahindo a creança a ferros.

A casa do Alferes Graça ficava em caminho da casa do pintor. O medico partira com ambos, ás carreiras.

No filho do Graça dera-se de factó a ruptura de uma pequena veia, verdadeira venicula. O menino havia perdido já muito sangue. O medico lavara-lhe a fronte, prendera-lhe com um dedo a veia em cima, enfiara uma pinça no golpe e conseguira segurar o vaso sanguineo, completando rapidamente o curativo, receitando em seguida, e sahindo a gallope com o pintor.

Quando ambos entraram no quarto da parturiente, a rapariga achava-se sobre o leito, sentada num poço de sangue, segurando, no ar, o filhinho nú, pela barriga, com a mão esquerda, — e com a direita, que pegava uma toalha, estava a limpar o recém-nascido, um menino, que berrava a valer, com a dôr que lhe causava na pelle vermelha, humida e tenra, aquella toalha felpuda.

O dr. Teixeira ficara pasmo.

— Não tinha sido nada! dissera-lhe a morena, a rir-se. — Então? Elle demorara-se e... as creanças não esperavam nada.

E começou a descer, sobre as suas pernas fortes,

gordas e bem feitas, manchadas de sangue, a camisa que ella enrodilhara por baixo dos peitos.

O medico pedira-lhe informações e ella lhas dera minuciosas :

— A principio as dôres tinham sido muito fortes, com o repuxamento das carnes por dentro, encolhendo e desencilhendo. A's vezes parecia que lhe estavam cortando com faca. Depois que a creança começara a nascer, tinha havido uns estrallos nas cadeiras, mas fôra um instante. O diabinho estava com vontade de vêr as cousas cá por fóra... Dava pulos por dentro e foi tratando de sahir por sua conta e risco.

E ria, contando ao medico a historia do parto, como si aquillo não fosse nada.

— Antes de começar tinha tido medo de morrer; ficara muito nervosa, pensando que o menino não cabia na passagem... Depois, não! accrescentou risonha, satisfeita, pondo o filho no canto da cama e atirando as pernas para fóra, afim de levantar-se.

— Si estava doida? perguntara-lhe o medico, segurando-a. Aquillo não se fazia! era uma brutalidade! e as consequencias podiam ser fataes! Que diabo! todo o cuidado ainda era pouco!

— Qual carapuças nem nada! O tinioso não era tão feio como se pintava! O que queria era lavar-se. Não estava acostumada com aquella porcaria!

E, olhando para o leito, cuspiu no chão, longe, por entre os dentes separados. Era um habito seu, quando sentia nojo ou desprezo.

O medico mandara a Jacob que trouxesse o banho, um grande banho em que se lavara a moça com o filhinho, vagindo, perneando, a protestar contra as primeiras sensações do mundo.

Emquanto ella se lavava, Jacob mudou rapidamente a roupa da cama e tirou de uma cêsta as camisinhas do menino, os cueiros, as carapuças feitas de velhos pés de meia, os cintos e as pastas de algodão cardado.

O dr. Teixeira tinha um prazer immenso de assistir a toda aquella scena domestica, naturalissima, dentro de um quarto fechado, á luz immovel das vélas. Fôra elle mesmo quem enxugara a creança e a vestira, ensinando á mãe o que lhe competia fazer dahi por deante, para evitar perigos que pudessem sobrevir.

Tonica enxugou-se num grande lençol, enfiou-se numa camisa limpa, e saltou na cama com um movimento brusco, a cabeça para o canto, as nadegas no ar, para a beirada, num grande volume arredondado, cheio, sob o alvor da camisa. Sentara-se depois cruzando as pernas, e pedira a creança.

O medico vira o seu corpo bonito no banho. O ventre, desoccupado, descêra sobre o pelvis, num afrouxamento de carnes molles. Vira o signal do tumor que lhe havia rasgado acima do pubis, do lado esquerdo; o desenvolvimento dos peitos, proprio dos ultimos dias de gravidez, — nella era tão visivel que parecia annunciar uma galactorrhéa; toda a vitalidade admiravel daquella rapariga morena, que parecia zombar das doencas.

Agora, socegada, limpa, olhando risonha para o medico, ella escondia pensamentos que lhe agradavam. Jacob Despois tinha ido fazer pequenas compras necessarias para tratar da enferma, e havia pedido ao medico para alli ficar até que elle voltasse, trazendo tambem uma pessoa que fizesse companhia a Tonica.

Depois que o pintor sahira elles estiveram calados muito tempo, sorrindo todas as vezes que se olhavam.

Finalmente perguntara-lhe o medico porque sorria, e approximara-se della, sentando-se á beira da cama.

— Porque sorria? repetira a pergunta, encostando o rosto ao hombro desnudado da moça.

— Atôa, respondera.

Elle tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-lhe longamente a bôcca vermelha e carnuda. Os labios della prenderam os do medico, antes que os delle lhe fizessem o mesmo.

Depois disse-lhe o dr. Teixeira, baixinho ao ouvido, que ella precisava de sarar depressa. E os olhos della encheram-se de um fulgor sensual, e todas as suas expressões accusaram uma satisfação intima.

Lembrando-se de Esther, envergonhara-se o medico daquella deslealdade, e ficara muito sério, provocando outras conversas para esquecer os pensamentos que lhe pesavam na cabeça.

Quando Jacob voltou, o doutor despediu-se e foi para a casa.

O creado, que não tinha ido ao correio na vespera, entregou-lhe a correspondencia, onde vinha uma carta de Esther.

— D. Euphrasia cahira de cama. Havia dous mezes que ella estava a soffrer, mas sempre de pé, dura como de costume. Agora, porém, não resistira. A doença, na opinião da filha podia ser grave. A mãe, nas horas de afflicção, não achava commodo em parte alguma. Julgava, pelas receitas, que a molestia tinha a sua séde no coração; mas o medico ainda não quizera dizer nada. E o estado della ia se aggravando dia a dia. Desejava muito que o dr. Teixeira a visse,

pois confiava mais nelle que em todos os medicos de S. Paulo. E não tinha a quem falar. Passava os seus dias triste, junto do leito de sua mãe, com o pae e o irmão; e, ás noites, sonhava que a mãe tinha morrido, e... eram pesadêlos horriveis.

Todas estas cousas punham uma nota triste na alma do dr. Teixeira, que desejava com vehemencia a chegada do dr. Araujo, para poder vir a S. Paulo. Accrescia que aquelle logar já não tinha seducções para si; pois os elos, que alli o prendiam, se haviam quebrado. Ella morava hoje em S. Paulo, desde Maio atrazado, e fazia quasi dous annos que elle não a via, sinão pela imaginação e pelo retrato que a moça lhe enviara. Não hesitaria um momento siquer em abandonar aquella cidade onde reunira um bom peculio, e vir abrir o seu consultorio em S. Paulo, perto de Esther, afim de vê-la todos os dias, amal-a com mais intensidade.

Esta longa ausencia, no emtanto, parecia em sua opinião, ter esfriado o amor de ambos. Elle se lastimava de já não sentir as mesmas emoções de outróra, nos primeiros tempos, quando nem siquer ainda era senhor da certeza de ser amado. Esquecia-se de que o amor continuava a ser o mesmo, apenas chrystallizado pelo tempo, fazendo agora parte de toda a sua natureza, que, feliz e tranquilla pela consciencia plena do facto, com elle se habituara a pouco e pouco, callejando-se nas representações mentaes da posse, mas se esquecendo das emoções que lhe havia de despertar mais tarde a presença do objecto amado. Quando elle a via, alli, na sua cidade natal, ella lhe chegava ao cerebro — entrando simultaneamente por todos os sentidos e despertando nelle todas as vi-

brações sensoriaes. Era, então, um movimento affectivo completo, que vinha de fóra para dentro, até ás solidões silenciosas de sua alma, assustando os sonhos, que se levantavam em vôo, perdendo-se pelo céu azulado da imaginação. Hoje a cousa não era assim. O factio nascia no intimo do pensamento, todos os instantes, todos os dias, sempre! e, pelo habito das mesmas imagens secretas, os seus sentidos não vibravam, ou si vibravam elle não percebia mais as vibrações, já reflexas, já mechanicas, já inconscientes; — havia paz em seu espirito; o movimento partia de dentro para fóra, e os desejos se lhe gastavam, e elle, na posição suspeita do apaixonado, não tinha o necessario criterio para discernir, não sabia separar os dous factos, e suppunha que o seu affecto estava a esfriar-se.

Naquelles dias, porém, devia de chegar o dr. Araujo. Estaria tudo salvo. Entregar-lhe-ia a clinica e vira para S. Paulo verificar em que estado se achava o seu amor.

Era duas horas da tarde. Fazia grande calor e o medico estava só em casa.

A sua cozinheira, que era ao mesmo tempo lava-deira e engommadeira, achava-se na fonte. Havia um silencio enorme por toda a parte. Elle chegara á janella e vira deserta a rua. Lá embaixo apenas, junto á porta da loja do Ribeiro, estava um cavallo arreiado, a abanar a cauda, á espera de que o dono sahisse. O mais era a luz viva do sol e a sombra negra das casas. Em cima, o oceano azul do espaço, com as suas ilhas ambulantes de nuvens esbranqui

cada
lados

EL

vinha

no pei

—
podia

vira-a

de rela

sabia-o

diabo s

E n

Peg

a secre

parto.

na sua

se deixa

Dah

— C

proprio

— E

do pinto

—AB

a porta e

Elle

A sala in

lavadas, v

cujas pon

Pela teste

labio de

como glo

pelle mor

deira ao

çadas, aqui e alli, movendo-se lentamente para os lados da varzea.

Elle avistara Tonica que sahira de um beco e vinha subindo a rua. O coração batera-lhe rijamente no peito.

— Quem sabia lá? perguntou a si mesmo.— Bem podia ser que ella viesse á sua casa! Depois do parto vira-a umas duas ou trez vezes apenas, isso mesmo de relance. Jacob Despois não estava agora na terra, sabia-o. Mas ella vinha só... sem o filho... Que diabo seria?

E retirou-se da janella.

Pegou o seu tratado de obstetricia e o abriu sobre a secretária na pagina onde havia uma estampa de parto. Collocara-lhe perto uma cadeira, e sentara-se na sua poltrona, alli mesmo, abrindo outro livro. Lá se deixara ficar como quem estava estudando.

Dahi a pouco bateram á porta.

— Quem era? perguntou, ouvindo as pancadas do proprio coração.

— Era ella mesma! respondera a companheira do pintor.— Não a conhecia mais?

— Ah! fez elle, levantando-se ruidosamente, abrindo a porta e mandando-a entrar e sentar-se.

Ella entrou rindo, mostrando os bellos dentes. A sala inundara-se do cheiro fresco das suas saias lavadas, vestidas naquelle momento. Estava de chale, cujas pontas, cruzadas nos hombros, foram descidas. Pela testa, na fina pennugem que lhe sombreava o labio de cima havia pequeninas perolas de suor, como globos de homopathia, transparentes sobre a pelle morena. Ella estava caçada. Sentara-se na cadeira ao pé do livro, e elle na poltrona, frente a

frente, pertinho della, calado, esperando que ella fiasse primeiro.

A companheira de Jacob Depois deu com os olhos no livro; reparou durante alguns segundos, indifferentemente.

— Achava aquillo muito feio!... disse por fim. Não era preciso tanta cousa. Ella tivera o filho sem aquelles luxos.

E ria com a sua bôcca bonita, vermelha e gorda, sacudindo a cabeça num movimento natural, com um grande olhar negro, humido e quente, que parecia subir dos flancos para tontear o medico.

— Jacob Depois já tinha vindo? perguntara o doutor.

— Não, respondera a moça, sorrindo com malicia e virando as paginas do livro, a vêr novas figuras. — Fazia já 10 dias... accrescentou ella, voltando os olhos para o medico.

— Achava muito? perguntara o doutor Teixeira.

— Não por causa delle; por causa della, só, só, e só.

— Pois o jejum era um dos caminhos do céu, pondera o medico sorrindo-se.

Ella fitara-o, dando um moxoxo, e como encontrasse uma estampa que lhe chamava a attenção:

— Porcaria! disse, fechando rapidamente o tratado de partos. — Não queria vêr mais.

E levantou-se.

— Que era aquillo? huei!

— Queria beber agua; depois ia-se embora, respondeu a moça.

— Entrasse.

— Não tinha ninguem dentro?

— A cozinheira estava na fonte.

— Que perigo, hein? Ella alli sosinha com elle!

E entrou para beber agua e elle foi fechar a porta da rua, voltando a encontral-a na sala de janta; onde ella limpava os beiços molhados na ponta de um lenço branco que cheirava muito a opoponaco.

Elle parou-lhe na frente, moido, espreguiçando-se todo.

— Preguiçoso! disse-lhe a moça, que recebeu em resposta, no rosto, a caricia de uma palmadinha.

— Já tinha sarado, sabia? perguntou ella, como censurando.

— Isso estava elle vendo. Não era preciso que lhe contasse.

— Então, porque lhe tinha dito ao ouvido naquelle dia, *que ella precisava de sarar depressa?* Bôas! Fazia já quatro mezes...

O dr. Teixeira lembrou-se de tudo. Sustentava dentro de si uma lucta enorme. Queria e rejeitava ao mesmo tempo a posse daquella mulher, daquella tentação viva que alli estava deante de seus olhos. Si fraqueasse, seria indigno, perante a sua propria consciencia, da amizade do pintor, que nelle depositava toda a confiança. Parecia-lhe mais que mancharia a pureza de Esther, accetando o repto que o *modêlo-vivo* lhe atirava ás faces.

— Mas... ninguem saberia! pensou depois. — Si a puzesse para fóra, seria um covarde. Depois... ella não era casada.

— Tinha ficado doente, não sabia? perguntou a moça. — Era por causa do parto...

— Mas o que sentia?

Ella sorrira-se. Estava mentindo.

— Sentia uma dôr naquelle logar... tinha ficado um endurecimento alli.

E pegou a mão d'elle para mostrar o logar, no baixo ventre.

O medico começou a examinar e ella deu-lhe uma gargalhada na cara, enlaçando-lhe os braços no pescoço, beijando-lhe a bôcca, dizendo-lhe que o amava havia muito tempo.

Falava baixinho, olhando-o frente a frente, abraçada a elle, muito terna, muito carinhosa, ventre a ventre, beijando-o cada vez mais.

Tudo que havia de raciocinio, de *vontade*, de deveres, de estoicismo no dr. Teixeira, foi desaparecendo a pouco e pouco, inconscientemente, e no logar dessas cousas crescia a besta humana, com os uivos da carne e a fatalidade cega que une o macho á femêa para a manutenção da especie.

Os rios não refluem ás fontes, os corpos cáem sempre, a luz não se curva, e o fogo ha de queimar emquanto existir. O homem, emquanto tiver um sistema-nervoso, ha de ser sempre um animal, sempre! sempre! — igual ao porco, igual ao cavallo, seja elle o ultimo dos ignorantes ou o maior dos sabios... A questão é simplesmente de circumstancias; nada mais.

Houve, pois, duas horas de amôr.

Ella tinha ido pedir uma receita para sapinhos. O filho estava com a lingua coberta de aphtas.

O dr. Teixeira dera-lhe a receita e ella retirara-se alegre e orgulhosa, muito satisfeita, ella—o *modelo-vivo* do pintor. Fôra dalli para a botica, e aquelle remedio curaria o seu filhinho.

O medico sentia-se abhorrecido. A sua susceptibi-

lidade
come
como
se livr
E
depois
la sen
doenti
E
apesar
argume
tassem.
os cont
de seu
nã ap
Ag
que, si
medico,
Toz
achava-
espasmo
primia
chorava,
Seria cap
lhe semp
pintor, r
o amava
dava de c
com os
Punha-a
pia-a, e r
emoções
dêse na

lidade creava-lhe remorsos. A amante de Jacob Depois começou a pesar-lhe na consciencia dahi por deante, como um grande crime occulto, do qual nunca mais se livraria.

Ella voltara no dia seguinte, no outro dia ainda, depois todos os dias, quando o pintor estava de viagem. Ia sempre buscar uma receita para o filho que estava doentinho...

E o remorso crescia na alma do doutor, que apesar disso queria-a muito. Elle arranjava todos os argumentos em seu favor, de modo que o innocentassem. Discutia o facto consigo mesmo, e posto que os *contras* fossem mais numerosos perante o melindre de seu character, quando era a hora de vir e que ella não apparecia elle ficava desatinado.

Agora, complicavam-se as cousas dia a dia; porque, si o pintor estava fóra, ella não sahia da casa do medico, tendo-se feito muito amiga da cozinheira.

Tonica amava aquelle homem com grande paixão; achava-o muito mais forte do que o pintor, dando-lhe espasmos que ella nunca tivera. Junto do medico deprimia ao francez. Abandonaria tudo pelo doutor, e chorava, receiando que elle um dia a deixasse de amar. Seria capaz de consumir o filho, si elle quizesse, dizia-lhe sempre, para fugirem juntos... mataria o proprio pintor, porque si o amara em outros tempos, hoje não o amava mais. Supportava-o, porque era elle quem lhe dava de comer e vestir... — mas elle se importava mais com os quadros do que com ella. Um homem frio! Punha-a nua, ás vezes mais de duas horas, para copial-a, e não sentia a menor sensação! As suas grandes emoções vinham-lhe de algum traço certo que elle dêsse na téla! Bóas! Um homem que vivia do pincel

e das tintas! E elle, o medico, não era assim!... Oh! com o medico cantavam outros gallos! Já odiava o menino só por ser filho do Jacob, aquelle diabinho que era a cara do pae, escarrada! Ah! si elle fosse do doutor, como havia de amal-o! Queria ter um filhinho do medico, um nenê muito bonitinho, gorducho, bochechudo como o Menino-Deus. Seria uma prova do amor que elle lhe consagrava.

E pedia ao medico que arranjasse a historia.

O dr. Teixeira horrorizava-se da animalidade da quella rapariga. Jurava de si para si enxotal-a de sua casa, como indigna, como um sêr sem coração, sem reconhecimento, sem outros brados, sem outros impulsos que não fossem os do cio, o berro erotico dos nervos. Mas ella ahi vinha, imponente, cheia de mil gosos, de seducções infernaes, de uma arte descarada e invencivel, e o abraçava, e o beijava com carinho, flexivel como uma cobra, macia como uma pelle de lontra, terna agora, depois arrufada, negando para dar mais desejos, fugindo, para ser perseguida, chegando-se quando elle não queria, vencendo-o, dominando-o, absorvendo-o todo, moça! bella! reçumando todos os prazeres da carne!

E elle se esquecia de tudo, molgando-se como cera á vontade della que o chupava como uma ventosa, emmagrecendo-o, emquanto elle a amava, doído, sensual, naquelles momentos repetidos das cúpuas da mocidade.

Elle havia errado. Dera o primeiro passo e seguia agora o seu caminho de trevas, onde encontrara uma luz deslumbradora que o esmagara:— a amante do pintor.

— Era preciso acabar com aquillo, por todos os motivos, pensava e o desejava. Si o povo soubesse, elle estaria desmoralizado! Aquella mulher se lhe atravessara na vida como um anjo mau! Roubara-lhe os carinhos que pertenciam a uma outra! comia-lhe as forças! sugava-lhe o sangue! aviltava-lhe o espirito perante a sua propria consciencia! O proprio Santo Antonio não lhe resistiria á sua belleza satanica! O meio unico de se vêr livre della era retirar-se da terra. Não a amava, sabia; mas, vendo-a, desejava-a, bestificava-se, reduzia-se a cão — canificava-se! O amôr estava muito acima disso. Depois... havia um outro perigo, este — gravissimo...

Era o caso que desde que Tonica deixara a mãe, esta rompera em hostilidades contra o pintor, que lhe desencaminhara a filha. E, despachada, bruta em extremo, tinha dado escandalos e jurava vingar-se quando o filho viesse. O filho era o João da Porteira, um sujeito mal encarado, digno da galeria photographica de Lombroso, e que, annos antes, tinha respondido a um processo por crime de morte. Dizia-se delle o diabo. Cumprida a sentença, partira para o sul com um muladeiro, e acabava agora de chegar. O doutor já o havia visto e achava-o realmente com cara de assassino. Sciente de tudo, dizia o João que na primeira occasião oportuna tiraria o couro do pintor, a faca, como se tira o couro de um boi. Jacob Depois pellava-se de medo, e queria vêr-se livre de Tonica. Esta é que não estava para deixal-o sem um arrimo certo, sem um outro que lhe desse de comer e de vestir. Si a cousa se propalasse portanto, mesmo porque a posição delle como medico e homem importante na sociedade devia de aguçar mais os appetites sanguinarios de João da

Porteira, — quem lhe affirmava que elle não seria uma victima ?

Era, por conseguinte, urgente a solução do problema.

Jacob Despois já quasi não parava na terra e falava em mudar-se, andando agora, constantemente, pelos povoados visinhos a pintar, aqui e allí, e em sua ausencia, lá estava ella em casa do medico, dia e noite, e elle não tinha mais força moral de impedir aquillo. Dormia com elle, na mesma cama, como si fosse sua esposa. Mais cedo ou mais tarde, por um motivo qualquer, a cozinheira publicaria o facto que cahiria no dominio do publico. Urgia, pois, um golpe de estado.

O dr. Teixeira achava-se nestas conjunturas, quando chegou o dr. Araujo.

Por outro lado, Esther escrevia-lhe agora quas todos os dias, dando noticias de sua mãe, que ia cada vez peor, consultando sobre uma cousa e outra.

O dr. Teixeira quiz fazer obra que não dêsse na vista. Associara a seu escriptorio o dr. Araujo, que passara a morar comsigo e que fôra apresentado a todos com as maiores distincções. Iam juntos vêr os doentes, receitando juntos.

Na ausencia, gabava-o o cearense a todo o mundo. O dr. Araujo adorava-o ; nunca vira taes cousas entre gente do mesmo officio.

Março, entretanto, estava no fim.

Sentiam-se já as noites frescas, e as madrugadas um pouquinho frias. A erva dos campos ia perdendo o verde metálico de suas folhas. As chuvas aspaçavam-se cada vez mais e as trovoadas ribombavam fortes, despedindo-se do verão, que estava em seus ultimos dias. Nas varzeas, já as acacias silvestres se

col
os ar
reco
tada
ás ta
nos a
apen
de M
tão g
C
naque
ameix
tembr
mento
nasse
pathica
Br
alguma
portaes
cura pi
do frio
bem, u
ariscas,
das cam
Ia
de cama
elle pass
amando
san, ind
um outr
E le
partir a
deira da

cobriam de flores, em copas de brancura, perfumando os ares. Chegavam de longe os patos bravos, os marrecos; e os ultimos maracujás amadureciam nas latadas. Nos parreirae começava o cahir das folhas, e, ás tardes, quando o vento vinha do norte, sentia-se nos ares o cheiro adocicado do capim-meloso, que apendoava com os seus pennachos roxos, ás soalheiras de Março. As paineiras estavam vestidas de vermelho, tão grande lhes era a exuberancia da florescencia.

O ar fresco, o céu lavado e azul, tudo annunciava naquellas paragens a entrada do outono, com as suas ameixeiras floridas para os fructos de Agosto e Setembro, quando a *Via-Lactea* atravessasse o firmamento de norte a sul e, ao fumo das queimadas, trinasse o inhambú os primeiros pios da sua gamma sympathica.

Branças, inchadas como de uma hydropisia, já algumas moscas appareciam mortas pelas paredes e portaes, de negro rajado o abdomen, sobre uma brancura pilosa, ao passo que as pulgas, mais amantes do frio, magrinhas e famintas, iam apparecendo tambem, uma aqui outra acolá, muito espantadas, muito ariscas, procurando as dobras das meias e as prégas das camisas.

La fazer justamente dous annos que Esther estivera de cama, com a anemia cerebral; dous annos que elle passara as maiores provações, vendo-a morta, amando-a doidamente, salvando-a, para depois vê-la san, indifferente aos seus affectos, toda entregue a um outro.

E lembrara-se de sua viagem, feita para não vê-la partir a primeiro de Maio para S. Paulo, e da bebedeira da vespera, com Jacob Despois, e da agonia em

que ficara, tão so ! dentro de casa, mezes, sem noticia ! Vira, á luz da madrugada, atraz da igreja, a boa da *Mansinha*, deitada, e sentira ainda, nesse momento, a vergonha das caricias que lhe fizera, palpando-lhe as têtas... Depois subira e fôra amanhecer longe, no ponto mais alto dos arredores da cidade, de onde assistira ao romper do dia, e á luz a inundar o mundo. De volta, cantara o *La dona è mobile*, lembrando-se talvez do dia das borboletas, daquelle dia amado em que Esther abrira pela primeira vez a janella do sotam, que vivia fechada. Lembrara-se de Joanna, de Leonarda ; lembrara-se de todos, lembrara-se de tudo.

As cousas hoje eram outras ! mas tinha saudades do passado, das provanças por que passara, aprimorando-se em sentimentos, crescendo em character,—puro ! sem remorsos ! sem uma jaça no brilhante de sua consciencia ! Si fosse naquelle tempo, elle teria rejeitado Tonica ! Nunca lhe teria dado a primazia na escolha, para a satisfacção de uma necessidade sexual, deixando-se vencer, deixando-se conquistar miseravelmente ! E... sabia la !—quem lhe affirmava o que lhe estava reservado no futuro ?

Elle, que a principio admirava a coragem de Jacob. Depois, approvando-a, de unir-se a uma mulher, sem Deus nem Religião, quebrando os preconceitos da sociedade, pensava agora, no fim de Março —na responsabilidade moral de um filho natural, ente atirado ao mundo, sem um nome de familia, desprotegido, sem saber de onde vinha, no lodo da vida, como o marco de uma deshonra, odiando a mãe porque não lhe dera um pae legitimo, odiando a sociedade porque lhe negava direitos que conferia aos filhos legitimos !

Mas, quando mais triste estava, completamente

engolida
mentos
approx
no pes
nos jo
barriga
quizes
lhe bri
seio, e
todo o
Ell
beijar-lh
ella fica
sensuae
atravez
E,
deixal-a
causa da
voz secr
— V
hendes e
pecie, b
a teu av
teu neto
sado est
carga, or
machina
sinão qua
ao Nada,
na Natur
sem a m
sciencia, a
trecho de

engolfado nessas idéas, « para arrancal-o dos pensamentos maus » segundo ella mesma dizia, Tonica approximava-se pé ante pé, e estalava-lhe um beijo no pescoço, na bôcca, ou na testa, sentando-se-lhe nos joelhos, nelles se deitando como uma creança, barriga para o ar, curvando-se para baixo como se quizesse cahir, para que elle a segurasse pelo cinto, lhe brincasse com as mãos nas pernas, no ventre e no seio, emquanto ella o acarinhava, em recompensa, por todo o corpo.

Elle gostava de pôl-a núa, a pouco e pouco, para beijar-lhe a pelle fresca, de um cheiro bom quando ella ficava irritada, um cheiro delicioso, de evaporações sensuaes, nascidas dos nervos, das glandulas, e coado atravez da sua epiderme transparente.

E, nessas occasiões, elle pensava em reagir, em deixal-a para sempre, furioso consigo mesmo por causa daquella escravidão involuntaria; mas havia uma voz secreta que lhe dizia aos ouvidos:

— Vives, não é? procria, animal! Não comprehendes o teu destino na Terra! Continua a tua especie, besta! Succedeste a teu pae, teu pae succedeu a teu avô, teu avô a seu pae. Teu filho te succederá, teu neto succederá a teu filho. O que está no passado está no presente e está no futuro, animal de carga, orgulhosa besta, cavilloso primata! Tu és uma machina de pensamentos! Não pensas quando queres, sinão quando o podes! Amanhan serás pó. Voltarás ao *Nada*, o nada é tudo! O que existe permanente na Natureza, sem uma falha, sem uma interrupção, sem a menor solução de continuidade, é a *Inconsciencia*, animal! A epocha da vida, no planeta, é trecho de consciencia tão microscopico no tempo—

que desaparece perante a idade da Terra, quanto mais perante os seculos do Universo-Eterno! Gosa, sêr pequeno e miseravel! Tu, vibrião! tu, protista! tu, microbio!—que pensas? que fazes? Porque te enfunas? Porque te suppões eterno, como espirito, só porque não te lembras mais do teu primitivo estado, quando mal sahias da massa amorpha do protoplasma? Queres vêr os teus irmãos? mirar a historia do teu passado?—toma um ventre de mulher gravida, abre-o, segue a evolução do feto. Anda! mãos á obra! Vê ahi o que foste no correr dos tempos! todos os estados por que passaste, desde o bioplasma que fecunda o óvulo, até á cellula consciente dos teus lóbulos frontaes! Porque fizeste as tuas cidades, as tuas bibliothecas, as tuas torres, as estradas de ferro, o telegrapho, o téléphono; porque vais dominar o mundo com a descoberta da direcção do aerostato, conquistando mais terreno á Natureza, descobrindo-lhe mais segredos; porque creaste as mathematicas, a astronomia, a physica, a chimica, a biologia, a sociologia e a moral; porque fizeste uma litteratura, porque creaste uma Arte,—crês tu, vil animal, que o teu espirito, conjuncto das funcções de teu cerebro, possa ser immortal, viver separado d'elle, no tempo e no espaço!?! Olha para os teus irmãos, para todos os outros animaes! são como tu, vivem como tu, sentem, pensam, gosam, soffrem, morrem como tu!... Para elles um termo final,—para ti não admittes um termo! Insensato!—pensa! reflecte! Descobre a verdade das cousas! A verdade te procura, salta-te aos olhos, e tu a rejeitas! Humilha-te! Vê que és pó eternamente pó! Que te importa essa criação de ti mesmo, elevando-te das primeiras camadas da ani

malidade acephala, á ultima organizaçãõ da vida, ao homem com o seu grande cerebro? Dize, animal, quando este planeta não produzir mais a vida, ainda a mais simples, ainda a da monéra,—que é feito de ti? Onde foram parar as tuas virtudes? o sacrificio dos teus desejos? a maceraçãõ da tua carne, os impetos dos teus nervos? as construcções do teu pensamento? Sabes que Deus é uma mentira! Não ha uma prova, não ha um facto, não ha um argumento que o mantenha de pé perante a maior de tuas obras—a SCIENCIA, pela qual vais apprendendo a te conhecer a ti mesmo. Então! Qual é o fim de todas as cousas sinão o principio das mesmas cousas, sinão a fórma ponderavel da materia, no ponto que corresponde eternamente á *Inconsciencia* infinita? Afoga os teus receios! quebra os preconceitos do mundo! Não penses,—caminha! Não meças as consequencias,—procria! Tu soffres, besta, e soffres porque o queres! Quem te disse que matar é um crime? que o remorso é cousa que nasce com a gente, que se não adquire na convivencia dos homens? Quem te disse que o remorso não é ensinado? A honra! que é? O character! que significa? A castidade! que valor tem? Volta os olhos para a Natureza. Vê! olha! repara:—não sentes em tudo a aggregaçãõ e a des-aggregaçãõ? não é o movimento que faz todas as cousas, todas as fórmas? Desde que existe o Tempo e o Espaço, houve um segundo, um só que fosse, a decima millionesima parte de um segundo—em que o movimento parasse? Na ordem da materia bruta não é a attracção integrando e a repulsão desintegrando que produzem eternamente, com os mesmos elementos, com a mesma essencia, todas as fórmas? Na

ordem da materia viva, sob outro nome, não é o mesmo facto, não é a composição e decomposição que continuam a propria materia viva? Sêr pequeno e fragil! olha para a Natureza! vê a cópula de todas as cousas! imita-a! ajuda-a na sua obra! endosmosa-te, exosmosa-te na luz, no calor, no movimento, na vida, e sepulta-te no *Nada* quando já não puderes mais, quando a machina do teu corpo se recusar ao menor dos teus desejos! Funde-te no Universo! derama-te pela Materia, que é a tua mãe e o teu tumulo! desfaze-te no seio da Terra, que te produziu e que te vai engolir! Vives, não é?—procria, animal! Não infrinjas as leis da Natureza e as sub-leis da tua carne! Vieste de um ventre, has de viver milhares de seculos, como homem, nos teus descendentes, si não fugires de um ventre! Olha a luz como brilha! o sol como fecunda o planeta com a sua photorrhéa spermatica de átomos! Olha a Terra como treme nos flancos, seus flancos collossaes de mãe fecunda, ALMA-MATER! que se espoja nos espaços, cortejando-o na *Via-Lactea* ao canto das estrellas, girando em torno delle, no feticchismo dos grandes mundos, em amôres immensos, a beber-lhe o calor do sangue, a banhar-se na luz de seus nervos, maternizando-se, concebendo a *Vida* ao contacto de seus raios, á cópula purissima, translucida de seu poder luminoso! Olha além! Vê como as esferas perfulgem! medelhes as distancias! traça-lhes as parallaxes! Sonda, em todos os seus modos, os angulos oppostos do Universo, e verás que a circulação atomica e a circulação da *Vida* são cópula intima e intérrmina, tão grande como o Tempo, tão velha como a Natureza! Create o teu Deus! e, quando o create, o Tempo

já ex
contig
procria
pela M
suas
conceb
eis o

O
vrotica
Parecia
cousas,
do glo
De
tado n
S. Paul
Co
viagem
tregue
—
aos que
A
pensara
intensid
Era
si lhe a
pernas,
com os
garganta
maticos
— E
perderia
Fina

já existia... Elle existiu no Tempo, elle desaparecerá contigo e o Tempo ainda existirá! Vives, não é?— procria, animal! funde-te no Universo! derrama-te pela Materia! desfaze-te nos úteros da Terra, nas suas entranhas, no ventre do planeta, lá onde foste concebido, lá onde vais ser sepultado. Eis o *Niryána*! eis o NADA, eis TUDO!!

O dr. Teixeira, depois de suas cerebrações nevroticas, ficava exausto, com a companheira ao lado. Parecia ouvir um *De profundis* final de todas as cousas, assistindo dentro do pensamento os funeraes do globo.

Depois Tonica retirava-se e elle voltava ao estado normal, muito decidido a partir logo para S. Paulo.

Com effeito, tinha o medico marcado a sua viagem para 3 de Abril, deixando toda a clinica entregue ao dr. Araujo.

— Ia por uma semana ou quinze dias, dizia elle aos que lhe perguntavam.

A separação fôra uma scena dolorosa. Nunca pensara que o amor carnal pudesse chegar a tamanha intensidade.

Era como si o partissem de meio a meio, como si lhe arrancassem o coração. Ella agarrava-o pelas pernas, desgrenhada, em soluços. Ellé a abraçava, com os olhos cheios de lagrymas e um grande nó na garganta, impedindo-lhe a voz. Tinham lances dramaticos dignos das pennas de Dumas ou de Sardou.

— Faltava pouco tempo... si não despachasse perderia o trem! avisou-lhe o dr. Araujo.

Finalmente, opprimido pelo dever, fazendo um

esforço supremo, teve que empurrar-a brutalmente para poder sahir. Ella cahira sobre o soalho, convulsa, e elle correrá desorientado, pállido, envergonhado de si mesmo, sentindo-se pequeno, sentindo-se o maior miseravel do mundo.

Não amava áquella mulher, mas quasi que não podia separar-se della.

Sentara-se no vagão, pensativo e triste, sem dizer uma palavra ao dr. Araujo que o acompanhara e que estava do lado de fóra.

A machina apitou. O trem começou a mover-se lentamente.

O dr. Teixeira estendeu a mão ao collega, e enquanto a apertava, perguntou, como que accordando de um pesadêlo:

— Que diabo era aquillo?

— Aquillo? era o *rabicho*.... respondeu-lhe o companheiro.

E o comboio partiu.

Dlá se hav
horas, no
sentada
sentiam u
Esthe
separavei
ruido da
veneranda
o ouviisse
instante p
prehensiv
Quan
çava-se ta
dulo, met
do quintal
casas dist
calor trazi
As ab
noro, pois
ennastrada

X

De Euphrasia tinha obtido melhoras importantes. Já se havia levantado e passava grande parte das suas horas, nos ultimos dias de Março, alli, no alpendre, sentada na rêde, entre as pessoas da familia, que sentiam uma alegria immensa por vê-la de pé.

Esther e Beatriz eram as suas companheiras inseparaveis. Cosiam alli mesmo, durante o dia, e o ruido da *Singer* adormecia de tempo em tempo a veneranda senhora. Liam outras vezes, para que ella o ouvisse, jornaes ou romances, gracejando a cada instante para fazê-la rir, pois ella andava muito apprehensiva.

Quando o sol principiava a esquentar, começava-se tambem a ouvir o canto das cigarras, estridulo, metálico, nos arbustos do jardim e nas arvores do quintal. Vinham chegando os insectos das suas casas distantes, pois a luz crescia no horisonte e o calor trazia as horas de mel.

As abelhas, as mamangabas, com o seu vôo sonoro, poisavam zumbindo nas madresilvas em flôr, ennastradas pelas grades de ferro; e as borboletas,

irmans dos lírios e das rosas, vinham alli visital-as, nas séstas do meio-dia.

Havia amores indiscretos, embalados no azul do céu, onde as andorinhas folgavam; havia-os tambem discretos, microscopicos, no seio das flôres, entre os leves anthóphilos, sobre antheras excitadas.

Quantas vezes não sahiam de carreira Esther e Beatriz, com os lenços brancos no ar, porfiando a vêr quem primeiro pegava uma borboleta! E quasi sempre nenhuma o conseguia; mas voltavam riso-nhas, cançadas, com o sangue em festa sob o velludo fino da pelle, ambas formosas, uma com o seu moreno diabolico e alliciador, a outra clara, esbelta, forte e delicadamente sensual.

Vendo-as assim, ao sol, a correr pesadamente pelas ruas pequenas e sinuosas do jardim, com os seios sacudidos e o cabelo a desfazer-se, a cabir ás vezes pela frente e pelas costas, ria-se d. Euphrasia, revendo-se na mocidade, e sentia tambem desejos de correr pela areia branca daquellas ruasitas, onde a mica dos cascalhos andava a reflectir os raios so-lares.

As duas raparigas, dispostas sempre a folgar, colhiam ramos de madresilva e com elles faziam grinaldas de margaridinhas e boninas; e, brincando de noivado, as punham nas cabeças, revezando-se nos papeis de noivo e noiva. Voavam os disparates, uns finos, delicados, outros chullos, mas todos espirituosos, que faziam rir a doente até mandal-as que ficassem quietas, porque aquelle excesso lhe dava dôr no coração. Beatriz gostava mais de fazer de marido, ao passo que a outra preferia fazer de esposa. O marido dava o braço á noiva e passava com ella por

deante da
a futura
fogos, a
rinhos. A
caminhar
mente as
sados e c
minava e
de todos
para o q
todo emp
gante no
pontinhas
porta e,
xinho, ne

— E
graphia q

Esthe
pudibund
muito car

Neste
porque E
daquelle
guida ens
beijando-a
chateando
bruscame
palpebras
aquelle p
de aperto
pouco de
delicad

Si er

deante da rêde da enferma, muito cheio de si, a olhar a futura esposa com uns olhares maliciosos, de satyro fogoso, a pôr-lhe flôres no seio, a derreter-se em carinhos. A noiva, de seu lado, fingia-se acanhada, a caminhar com os olhos baixos, simulando perfeitamente as expressões do pejo. Depois voltavam já casados e chegavam á casa, onde havia baile, que terminava em seguida, e elles se despediam cortezmente de todos os convidados... Chegava a hora de entrar para o quarto... A noiva lá estava já. O *marido*, todo empertigado e pisando duro, entrava então, arrogante no porte, já agora achegando-se da noiva nas pontinhas dos pés; fazia a mimica de ter fechado a porta e, sósinhos na alcova, dirigia-lhe a palavra baixinho, nervoso, abraçando-a.

— *Enfim!* dizia Beatriz, imitando uma lithographia que anda por ahi a correr mundo

Esther reclinava-lhe a cabeça sobre o peito, toda pudibunda, e elle, o *noivo* estalava-lhe umas beijócas muito canalhas pela brancura do rosto.

Neste ponto saham um pouco fóra da comedia, porque Esther protestava que não era assim, que daquelle modo só um bruto é que fazia. E em seguida ensinava a Beatriz como devia de dar os beijos, beijando-a de levesinho, sem rumor, demoradamente, chateando os labios no rosto da amiga, tirando-os bruscamente, com uma sacudidela de cabeça, e as palpebras cerradas mollemente, para exprimir que aquelle prazer endoidecia. Mas nada de estalos! nada de apertos brutaes! Em tudo devia de haver um pouco de arte; por isso, que fossem de vagarinho, delicadamente, retendo e prolongando o goso.

Si era bem ensinado, melhor apprendido o era

por Beatriz, que tinha nervos para fazer aquellas cousas.

Vinha depois a hora de se deitarem os noivos e ahi acabava a representação, dizendo elles sempre, em gargalhadas, que faltava um acto; mas acabavam com uma farsa, em que a noiva descobria que tinha sido victima de um logro, pois que o noivo era mulher, não tinha barbas, mas tinha os cabellos com pridos, tinha peitos, tinha tudo que as mulheres têm, e não tinha nada dos homens. E a noiva pegava um pedaço de páu e sahiam as duas pelo jardim a fóra, a correr, ao sol quente e bom, e desciam pelo quintal, onde tiravam os lenços brancos e porfiavam atraz das borboletas.

Essa comedia era variada ao infinito, para distrahir d. Euphrasia, que ria alegremente, ao vê-las felizes, tornando-a feliz, duas verdadeiras creanças!

Outras vezes faziam discursos, travavam polemicas, arremedando o padre Valerio e o Campos. Beatriz era o padre, e o fazia com uma perfeição admiravel, dando ao rosto as mesmas feições daquelle sacerdote, com o olhar sorrateiro, a bispar tudo, sem nada perder, desde a saliencia de um tornozelo feminino que relanceasse sob as barras de um vestido, num movimento descuidado de pernas, até á abertura de um colchete mal abotoado, de alguma vasquinha branca, sobre um seio de virgem... O geito que elle tinha quando estava em pé, embalando os braços para traz e para deante, a despedir-se trez, quatro vezes, uma meia hora antes de sahir, tramando ainda uma vez casamentos, falando sobre Deus, contando alguma çousa do Rodrigo Silva, ministro da agricultura, do Prado, senador, do vis-

conde d.
União
d. Lino,

Era
na esple
todo ent
stituição
mez pele

O m
dimento
sabido i
sanccior
de 400\$
vincia. C
separatis
esperanç
occupanc
10 de ma

Emq
major so
João Alfr
satisfeita,
saude, e

Sabb
bellissimo
de uma lu
sejos buco
ao campo
arvores, e
subir, sítio
e céu — a
do sol...
tigal-a dos

conde do Parnahyba, ex-presidente da provincia, da *União Conservadora* ou das virtudes religiosas de d. Lino, o bispo da diocese paulopolitana.

Eram passados assim os ultimos dias de Março na esplendida moradia do major Cornelio, que andava todo entregue a apprehensões politicas sobre a constituição do novo ministerio organizado a 10 daquelle mez pelo senador João Alfredo.

O major Cornelio achava agora indigno o procedimento incoherente do sr. Prado, que não tinha sabido influir para que o presidente Rodrigues Alves sancionasse o projecto de lei creando o imposto de 400\$ sobre cada escravo a matricular-se na provincia. O velho liberal mineiro e actual republicano separatista fumava com aquella decepção e perdia as esperanças que tinha no honrado paulista que estava occupando a pasta de estrangeiros no novo gabinete *10 de março*.

Emquanto, porem, fioso e sincero parafusava o major sobre a politica mal começada do ministerio João Alfredo, Esther, a filha, sentiu-se bem disposta, satisfeita, alegre por dous motivos: — á mãe voltava a saude, e no dia 3 devia de chegar o dr. Teixeira.

Sabbado de Alleluia, ultimo do mez, amanhecera bellissimo, de uma frescura que convidava a andar, de uma luz tão intensa que punha nos nervos uns desejos bucolicos. Ella amanhecera pensando em passeios ao campo, longe, em sombras deleitosas de grandes arvores, em beiras d'agua, em trilhas ingremes a subir, sítios alpestres, solidões de verde e azul—campo e céu—ao sussurro dos insectos, ao olhar atrevido do sol... ah! um pouco de sol na pelle, para castigal-a dos seus desejos, naquella pelle malcreada e

inconveniente, que fazia orgias de sensações, á musica marcial do sangue, com o seu exercito de pensamentos, os musculos em fanfarras, as idéas — uns corseis, revoltos, bellicosos, a nitrir ás vergalhadas do sol, num galope de amor, immenso, estranho, perdendo-se de vista pela esplanada interminada de sua imaginação tropical.

Desde cedinho que tinham inventado, ella e Beatriz, um passeio ao *Jardim Publico*, em frente do Seminario, no bairro da Luz. D. Euphrasia iria. Passariam lá algumas horas, naquelle retiro silencioso. Tomariam um carro, seguiriam devagarinho, e lá — passearia a mãe pelas alamedas, lentamente para se não cançar, á sombra das grandes arvores. As suas pernas já se tinham desinchado, ella sentia-se muito mais forte, e as afflicções iam rareando cada vez mais. O que convinha era distrahil-a, por todos os modos, fosse como fosse.

E o passeio, depois de alguma resistencia, ficou decidido.

Havia muito que Beatriz teimava com Esther para mudar-lhe o penteado. Conseguiu-o nesse dia. Puxou-lhe o cabello da frente para a testa, aparou-o elegantemente á altura das sobrancelhas, em franjas muito bem feitas, e enrodilhou o resto em cima, mais para a frente do que para traz, preso a grampos de tartaruga, com uma simplicidade encantadora, deixando bem destacado todo o seu pescoço alvissimo, de pé sobre um tronco esculptural.

— Já era outra! disse Beatriz, mirando-a com orgulho. — Não podia imaginar quanto ficava mais bonita. O que faltava é que elle viesse e não encontrasse novidade alguma!

E
mente
negro,
baixo,
fixo, p
o roste
sando
melhor
rildade
Be
unica,
maços
amarel
destacc
comple
—
rena, e
—
o beijo
—
não co
— Fala
—
fazendo
—
que era
pergunt
Bea
rando as
vermelh
Em
grymas

Esther fôra vêr-se ao espelho; achara-se realmente mais bella e sorria de satisfeita. O seu cabello, negro, fino e lustroso, levemente encrespado fronte a baixo, dava-lhe aos olhos um fulgor mais nítido, mais fixo, parecendo augmental-os, parecendo feminilizar-lhe o rosto, como que o diminuindo, como que lhe suavizando certas linhas, que em sua opinião ficavam melhor em rostos masculinos, pela deselegancia da virilidade.

Beatriz tinha ido ao jardim buscar uma flôr, uma unica, para collocar-lha do lado esquerdo, entre dous maços do cabello em rodilha. Era uma pequena rosa amarella, *sonho de oiro*, muito linda e que logo se destacou sobre o negro avelludado de suas madeixas, completando artisticamente a obra de Beatriz.

— Então ! Não lhe pagava nada ? gracejou a morena, enamorando-se da amiga.

— Um beijo, queria ? respondeu sorrindo. — Mas o beijo não era ella quem dava.

— Quem seria então ? tornou a rapariga, fingindo não comprehender que Esther se referia a Ricardo. — Falasse ! De quem era o beijo ?

— De... Ricardo.

— Não queria, disse, sustentando um capricho e fazendo-se séria.

— Recusava um beijo de seu irmão, dado por ella que era sua amiga, e que já tinha provado que o era ? perguntou com ares de offendida.

Beatriz abraçou-a com força, com impeto, e cerrando as palpebras beijou-lhe apaixonadamente a bôcca vermelha.

Em seguida limpou os olhos humidecidos de lagrymas com a ponta do paletósinho branco.

Tocava-lhe a vez de ser penteada. Esther arranjou-lhe com muita arte o cabelo, tambem negro, na sua cabeça oval e bem feita.

A's onze e tanto estavam promptas, com os seus grandes chapéus leves, proprios para o campo e as suas sombrinhas modernas.

O carro estava no portão á espera. Entraram e partiram. Ganharam a rua da Gloria, desceram-na toda; atravessaram o Lava-Pés e o Cambucy; sahiram na Moóca e tomaram para a rua do Hospicio; desceram lentamente a rua 25 de Março, a vêr a direita o rio e a varzea, todo aquelle lençol de verdura, onde os corvos, pousados aqui e alli, punham notas negras, como as roupas das lavadeiras as punham brancas; no fim subiram á esquerda e começaram de novo a descer a rua Florencio de Abreu, até ao Campo da Luz, onde o carro levantou uma onda de pó, por baixo das grandes figueiras e dos cinnamomos quasi sem folhas.

Afinal, parara o vehiculo no portão no *Jardim* e ellas apeiaram-se cautelosamente, dando o braço a d. Euphrasia.

A enferma sentia-se bem, achava-se mesmo mais forte e dispensou-as daquelle incommodo. Já da entrada avistavam ellas o repuxo, no centro do lago em forma de cruz, a receber na bacia, em cima, os dous grandes esguichos que jorravam de baixo, como dous fios de prata sobre o fundo verde das arvores. O sol cahia fixo na agua espelhada do tanque, onde corriam dous irêrês, fugindo de um pato preto que os perseguia.

— *I-rê-rê! I-rê-rê!* assobiavam, correndo sempre.

— Que fim teriam levado os passaros! Tel-os-iam

matado
rapariga

Os

achava

cavam

revolvi

O serv

bambú.

cruzan

novo,

replant

Tin

marmo

recta,

ardera

em posi

do seio

o filho

relemb

esposa

e corte

todo o

lateraes

todas, r

JARDIM

An

redor d

os irêrê

em um

guincha

e deixar

as suas

como u

matado? Estavam alli tão poucos!... perguntavam as raparigas.

Os terrenos intermediarios aos braços do lago achavam-se em concerto. Diversos operarios arrancavam alli a velha grama degenerada e emprestavel, revolviam toda a terra e plantavam nova grama. O serviço estava quasi concluido. As cercaduras de bambú, dos diversos alegretes, feitas em xadrez ou cruzando-se em arcos, estavam tambem pintadas de novo, de azul, encarnado e vermelho, e todas as flôres replantadas.

Tinham passado pela estatua de Adonis, feita de marmore, e que fitava do lado opposto, em linha recta, do outro lado do tanque, aquella que por elle ardera de amores, Venus, seminúa, levadinha da breca, em posição de pudor (?), com o manto cahido da base do seio aos pés, immovel, tambem de marmore. Adonis, o filho incestuoso de Cynira e Myrrha, alli estava a relembrar as proesas de Venus, adultera com Marte, esposa de Vulcano e Anchises, dona do *cinto de amor* e cortezan a mais formosa, matreira e elegante de todo o Olympo. Cada um dos outros dous braços lateraes do lago tinha tambem a sua estatua, e de todas, nas peanhas, se lia em lettras grandes: — FICA O JARDIM Á GUARDA DO PUBLICO.

Andavam por alli as visitantes, passo a passo, ao redor do lago, ouvindo o barulho do repuxo e vendo os irêrês irrequietos. D. Euphrasia tinha se sentado em um banco, á sombra dos bambús que rangiam, guinchando ás vezes ás pequenas refregas do vento, e deixando cahir ruidosamente, em estalidos sêccos, as suas grandes estipulas, as suas bainhas afuniladas como um grelo de piteira. Com os olhos mansos, de

uma doçura meiga, acompanhava a doente as duas raparigas que iam e vinham, de braço dado, sombrinhas abertas, — ellas, tão fortes e sedutoras, com o rosto afogueado pelo exercicio, excitadas pela viveza da luz e pelo halito salutar das arvores.

Depois de grandes esforços, conseguira o pato preto afastar para longe os irêrês, e viera reunir-se à sua companheira, que deslizava em curvas indolentes perto da estatua de Adonis. Agora, a sós, ensaiavam aquelles palmipedes uma scena de amôr.

Era digno de vêr o disfarce honesto, a discreção séria com que as duas amigas seguiam interessadas aquelle quadro da Natureza.

De tempo em tempo ouvia-se um bater de azas, brusco, repentino: — era a pata que sahia voando pela superficie do lago, um vôo curto, com os pés dentro d'agua, o pato a perseguil-a, perturbando daquelle modo o silencio que reinava em torno. Outras vezes, mergulhava muito tempo, indo sahir longe do macho. Separavam-se, ajuntavam-se depois.

Uma nuvem, que estava sombreando o *Jardim*, adeantara-se no céu, e as cigarras, que guardavam silencio na sombra da nuvem, romperam em côro á luz do sol, infundida em grandes jorros, numa inundação de prata derretida sobre o tapete glauco das aguas e o massiço esmeraldino da folhagem. Nesse momento logrou o macho prender a femea pela nuca, a ponta de bico, e depois de alguns segundos de lucta, achou-se de pé sobre as azas della, como si ella fosse um barquinho que o conduzisse. E a femea, submissa e amorosa, ageitava-lhe, sob os pés palmados, as azas, para que elle não cahisse. Porque a agua é movel, o equilibrio, ainda assim, tornava-se difficul-

tosos.
diver
para
fugia-
o ins
mom
e a c
baixo
leque
macho
pelo
femea
cabeça
ella e
algar
novo
E
que, t
umas
cadas
das pr
da vid
De
ram pa
—
apenas
resto?
que! D
concert
marreq
pataria
para pa
de-sol,

tosos. Pendiam ambos para um e outro lado. Por diversas vezes tinha elle aberto a sua cauda em leque, para descel-a rapido, de um golpe e de banda; mas fugia-lhes o centro de gravidade a roubar-lhes perfido o instante que elles desejavam. Houve, porém, um momento em que os dous pararam, firmes, resolutos, e a cauda de cima cahiu certa de um lado, e a de baixo, rapida, e ao mesmo tempo, levantou-se em leque, do outro lado. Dous segundos apenas, e o macho tombara n'agua, já nadando, com o bico aberto pelo cansaço, em pequeninas curvas, enquanto a femea se espennejava, toda arripiada, a mergulhar a cabeça, ambos espichando e encolhendo o pescoço, ella em silencio, elle com o bico para o ar, na sua algaravia de *qua-ha-ha! qua-ha-ha!*, a perseguir de novo os irêrês que se haviam approximado.

Esther e Beatriz, indo e vindo ao redor do tanque, tinham observado tudo, e falavam baixinho, com umas risadinhas curtas, abafadas, e que eram provocadas naturalmente por aquella scena de amôr, uma das primeiras que os nossos olhos vêm no caminho da vida.

Depois deram o braço a d. Euphrasia e tomaram para a direita, indo sahir na *Ilha dos Coelhos*.

— Como estava aquillo feio, sem grãma! Havia apenas uma ou outra lebre... Que fim dariam ao resto? Ah! vissem! Estavam alli os passaros do tanque! De certo que os tinham mudado por causa do concerto. — Os ganços, as marrecas de Goyaz, os marrequinhos de pescoço furta-côr, e os patos! Que pataria enorme! Coitados! nem uma folha de capim para pastarem! Judiação! De verdura, só os *chapeus-de-sol*, com as suas folhas enormes!...

E entraram pelo matto, seguindo as trilhas tortuosas e humidas. Foram sahir á esquerda, na grande rua sombria, de bambús, e por ella voltaram em direcção ao lago, atravessando a rua dos pinheiros, passando pela estatua de Venus, com as suas nádegas de fóra, e as pequenas têtas descobertas,

— *Venere*, lera Esther na frente, gravado no supedaneo, sobre o blóco de marmore.

Concluiu que o estatuario daquella peça fóra naturalmente italiano, pois escrevera nessa lingua o nome daquella deusa pandega, de cujo ventre viera ao mundo o mais temeroso dos males: — Cupido, o *Amôr*.

A palavra *Venere* fêl-a lembrar-se de muitas paginas de medicina, nas quaes a vira empregada sob diversas modificações.

O sol subia e começava a fazer calor. De vez em quando, da estação da *Linha-Ingleza*, onde havia trens em manobra, trazida pelo vento, passava nos ares uma onda cheirosa do fumo do carvão de pedra. As cigarras, em côro, cantavam agora sem interrupção, aos beijos thermicos da luz solar, e pelos grâmados que cercavam os canteiros de monsenhores e rosas, os alegretes de maravilhas e saudades, com as suas fúchsias variegadas, *lagrymas* ou *brincos de princeza*; á sombra espessa das verdes thuias do Oriente, ou das araucarias em cone, nervosos saltitavam os tico-ticos, atraz dos gafanhotos e dos grillos, emquanto nas casuarinas tristes, nos bacurubús desfolhados, nos cinnamomos venenosos, nas acacias floridas, nos mulungús crista-de-gallo, gemia o vento a sua nenia continua, de sons em A, macios como o magestoso evolver de um grande rio sereno.

No negro da folhagem, como dentro de um sonho de sombras, ruflavam as cambaxirras as pequeninas azas, e em cima, cortando o azul, passavam os corvos distante, muito distante, em revoadas immensas.

Ellas entraram na gruta, de uma atmospherá mais fresca, de humidade agradável nas horas quentes do dia. Como pingentes de alabastro, brincos de calcário pendiam das orelhas das pedras, das suas protuberancias na abóbada, as brancas estalactites lacrymosas e conicas; e nos recantos da gruta, poupados pelo pé do homem e pela vassoura do zelador, levantavam-se, do sólo escuro e humidecido, algumas estalagmites que a ellas correspondiam verticalmente, ás alvas estalactites do tecto.

Dahi se dirigiram as mulheres para o pequeno cercado das flôres rasteiras, á esquerda. Lá estiveram a vêr os peixinhos vermelhos do velho tanque de repuxo. Junto ás lobelias da cerca, ao pé dos heliotropos, na sombra das figueiras de fóra, aprumavam-se os phyllocactos columnares, as verdes opuncias grandes, umas quasi sem espinhos, outras que os tinham de mais; — as altas begonias espigadas, coccinea e rosea, emquanto ao centro, elevado e magestoso, dominava o jasmim-manga, com as suas ultimas flôres, de um perfume delicioso, balsamicas e amareladas. As azáleas preparavam-se para as primeiras flôres que em breve estariam abertas. Depois de grande florescencia, os craveiros seccavam e as camellieiras vermelhas, sem flôr, quedavam-se no somno do sexo, ao passo que as brancas abotoavam. Sentia-se o cheiro adocicado, incommodativo do estimado heliotropo. Havia sementeiras recentes, gladiolos, papoulas em flôr; as brancas tuberosas, estrellando o

verde das folhas ; um ou outro monsenhor e poucos amôres-perfeitos, de uma geração de dez annos, tão pequenos e mirrados, que pareciam garnizês, mirins, microscopicos. Iam rareando as saudades.

Mais adeante, em uma paineira florescida, trepava o cactus de tres quinas, triangular ou triangulado, espinhento... E o sol seguia, voltando-se no céu, descendo do meio dia, a espalhar fogo e luz, a animar o planeta.

Em todas aquellas cousas, do *Jardim Publico*, não havia variedade, não havia zelo ; — nada de flôres de selecção, nem de selecção de flôres. Tudo aquillo, toda aquella massa informe, era um attestado vergonhoso da civilisação de S. Paulo.

Isto indignava a Esther. Um horto daquelles, cónfiado a gente incapaz de comprehender o valor de semelhantes cousas ! O *Jardim* estava entregue, havia muitos annos, á direcção de um bom velho, excellente homem e bom pae de familia, tomador de tabaco ou rapé, classico, immutavel em toda a sua pessoa, chapéu torto na cabeça, guarda-chuva debaixo do braço, boa prosa, um pouco cacete quando versava sobre agricultura, mas que decididamente não estava na altura daquelle cargo, para o qual não nascera. E o governo... O governo continuava a ser o arlequim de todos os tempos, confiando os seus negocios, como o *Jardim Publico*, a homens que não podiam comprehender nada, nada destas cousas ! Triste, tristissimo o relaxamento daquelle horto, destinado, pelas suas circumstancias, a um excellente jardim *botanico e zoológico* !

Retiraram-se do pequeno cercado das flôres e sementeiras. Quizeram subir ao *observatorio*, ao *CANUDO*,

como geralmente se dizia, com os seus cinco andares, com o seu terraço em cima e o seu pára-raios, para verem de lá grande parte da cidade, com seus altos distantes, dos suburbios, e tiveram que recuar. Os soldados que guardavam o *Jardim* eram tão vigilantes que as paredes daquella torre estavam cheias de indecências, traçadas a lapis, a carvão, e até a *pincel e tinta*. Logo no primeiro andar, como affronta que se não faz impunemente numa cidade civilisada, — sobre a cal branca da parede viam-se duas scenas horrosas, de uma immoralidade revoltante, pintadas com o amor do vicio, scenas sexuaes; vis, daquellas que deram a Boccage uma fama negra, uma celebridade repulsiva.

Temeram subir e encontrar nos outros andares coisas peiores. Voltaram. Seguiam agora de vagarinho sob as arvores arruadas. As raparigas, correndo, brincando, obrigavam a doente a rir. Beatriz queria pegar Esther, e como alli na rua das figueiras não houvesse mais ninguem, sahira a correr atraz da amiga, rapida como uma corça, e escorregara, e cahira, vindo-lhe toda a roupa parar á cabeça, arrepiada como as pennas de um inhambúsinho quando se abaixa para esconder-se do caçador. Foi um momento só: — as suas pernas, de um moreno lizo e quente, com as meias até acima dos joelhos, sob as saias reviradas appareceram, núas até ao fim, em cima, num relance terrivel de concupiscencia inesperada, si alli houvesse o olhar de um homem. Ella havia cahido de bruços, e fôra um momento só, porque antes que os olhos tudo vissem, as mãos com a roupa tudo taparam.

Já agora, quente o dia, á sombra, sobre um pé só, catavam-se os palmipedes, tirando da raiz das pennas

o oleo com que se penteavam, alizando-se com amor-proprio, espennicando-se com previdencia.

— Aquillo era chuva para a tarde, sentenciara Esther.

Descançaram muito tempo em um banco, e depois trataram de retirar-se. Ia chegando a hora do jantar; precisavam de estar em casa.

Fóra do *Jardim*, debaixo de uma figueira, estava o carro á espera. Escanchado na boléia, dormia o cocheiro a somno solto, com a braguilha desabotoada, a mostrar um pedaço da fralda, suja, de oito a dez dias no corpo. Provavelmente urinara alli mesmo, de cima da boléia, pois havia na poeira do chão uma grande mancha, e se esquecera de abotoar as calças, descuido esse commum entre muita gente, até da melhor sociedade.

Elle accordara assustado com a voz das mulheres, que tinham começado a falar alto, de proposito, mesmo para despertal-o. E, no bom do homem, com o movimento brusco que fizera para sentar-se, devido talvez á posição falsa em que se achava, bambearam-se-lhe certos musculos, e ouviu-se fortemente, sêccamente, uma fuga rapida de gazes concentrados.

Da parte das tres mulheres o primeiro movimento foi de indignação. Depois, dentro já do carro, riram-se convulsivamente daquella frouxidão, quasi sem descanso, até chegar á casa. Nunca mais se esqueceram do cocheiro, gordalhão e preguiçoso, sujeito de papada e olhos mortos, com a sua braguilha aberta e o seu *susto* indiscreto e sonoro.

Ao dia, que fóra tão bom para a doente, succedera uma noite má. D. Euphrasia pedia ar, cançada,

numa afflicção constante, num desespero doloroso. Não podia deitar-se, não ficava bem de nenhum modo, em posição alguma, em nenhum lugar. Tinha ameaços de syncope, desmaios incompletos, em que não perdia a consciencia — mas, pálida como cêra, banhava-se de um suor frio abundante.

Todo o dia seguinte, domingo de páschoa, passara a enferma do mesmo modo, e só tivera allivio á gardinha. Dormira toda essa noite como si não tivesse nada. Com effeito haviam desaparecido as palpitações, cessara a dispnéa, calaram-se as dôres e ella tivera um somno tranquillo, de dez horas seguidas; mas amanhecera de novo com as pernas inchadas, dos joelhos para baixo, principalmente nos tornozêlos. Era uma inchação branca, sem dôr, quasi sem elasticidade, serosa, guardando o signal dos dedos acalçados... Segundo os medicos, aquelle edêma provinha da propria enfermidade. Era uma organização que se estava liquidando dia a dia, pouco a pouco, mas para a qual era bem possivel que ainda houvesse remedio na medicina. Todos em casa já se haviam habituado com os incommodos da doente, com os seus gemidos, as suas afflicções e as suas queixas. Tornara-se muito sensivel, muito impertinente. O rosto, o olhar, eram-lhe de uma tristeza enorme. Pedia que não a deixassem morrer sem um padre. Queria confessar-se e ter nas mãos, na hora derradeira, a imagem do Crucificado. Nascera nessa religião, a velha religião de seus paes, religião consoladora, tão santa e boa, tão atacada e sempre de pé. Iria muito alegre, muito satisfeita, leve como uma penna, si tivesse recebido todos os sacramentos necessarios, até á Extrema-Uncção.

Nos dias em que voltava a esses pensamentos,

todos ficavam com o coração cortado. A doente conjecturava sobre o futuro, e só sentia deixar a vida por vêr que a filha ficava solteira, sem ter quem lhe substituisse, a ella mãe, com o mesmo amor que lhe consagrava, com os mesmos carinhos, com os mesmos desejos de felicidade.

D. Euphrasia passara toda a segunda-feira sem novidade, mostrando-se até muito animada, a lidar pela casa, a sorrir de sua propria fraqueza, de suas apprehensões na hora das dôres. Ella mesma dizia, fóra dessas occasiões, que a maior parte de tudo aquillo era nervoso; e o dizia alegre, com boa cara, forte e como que remoçada, derramando um bem-estar pela casa inteira, um jubilo festivo por todas as pessoas.

Nesses dias felizes Esther cantava desde manhan até á noute, risonha, dizendo pilherias, contando historias alegres, inventando tudo que a pudesse fazer rir, para que se distrahisse um pouco da preocupação que lhe minava o espirito.

O incidente do cocheiro, em cima da boléia, durara muito tempo e era ainda uma fonte de gargalhadas, relembrado por allusões, por Esther ou Beatriz, que falavam em seguida, rindo a não poder mais, da cara estanhada com que o homem ficara na hora da *sahida*.

Nessa segunda-feira d. Euphrasia almoçara bem, jantara bem e dormira magnificamente.

Quando no outro dia, ás 6 e pouco da manhan, Beatriz abriu os olhos á luz que vinha das janellas, viu já de pé, no lavatorio, com os cabellos soltos e em fraldas de camisa, Esther que escovava as unhas, que se preparava toda. E, fóra, levantava-se fresca,

immensamente linda, uma clara manhan serena, como prenuncio de um bello dia.

— *Bon jour*, disse Beatriz. — Tinha espirrado cedo para fóra, hein? — Que era aquillo? accrescentara encolhendo-se toda debaixo das cobertas.

— Não sabia que dia era aquelle? respondera-lhe a moça, voltando-se para ella a sorrir.

— Terça-feira.

— Quantos do mez?

— Tres.

— Pois então?

— Mas chegaria mesmo?

— Ora si chegava! Era aquella certeza... do dois e dois quatro. Só si houvesse algum desastre. Quando elle promettia, estava promettido.

— D. Euphrasia já sabia?

— Não! Oh! Ninguem! Não dissera nada a ninguem e nem o podia dizer.

E depois de uma pausa falou de novo Beatriz:

— Arre! Sempre ia vê-lo! Ia satisfazer o velho e ardente desejo de conhecer aquelle deus... Por causa della, de tanto botal-o nas nuvens, já não lhe tinha só sympathia, tinha-lhe tambem respeito.

— Pois devia de tê-lo mesmo, confirmara Esther, machinalmente, preocupada com pensamentos intimos.

Beatriz deu uma boa risada e depois:

— E si elle entrasse agora alli, e a encontrasse assim, em camisa? gracejou a morena.

Esther, sem se incommodar, suspendeu os hombros em signal de que não se importaria.

— O que é que as mulheres tinham que os medicos não conheciam? perguntou a moça. — Depois, o seu corpo tinha algum aleijão que a pudesse enver-

gonhar? Nenhum. Era até um corpo bem feito. Visse.

E com as duas mãos ajustou bem a camisa atrás, de modo que lhe copiou na frente os altos e baixos das suas fôrmas correctas.

— Accrescia que o amor embelezava a pessoa amada, acrescentara ainda a filha do major. — Elle a amava, ella era bonita para elle. Ella o amava, elle era bonito para ella. Demais, ficasse sabendo desde já que elle nunca seria capaz de fazer o que Ricardo tinha tentado...

— Talvez porque nunca tivesse occasião ou porque ella nunca lhe dêsse certas confianças... ingenuas e inconvenientes, como lhe acontecera em relação a Ricardo.

— Mesmo que houvesse occasião e que lhas tivesse dado...

— Ora o que!... Fosse cantar noutra freguezia! Pois a cousa estava em pouco: era só experimentar si quizesse e veria. Todos os homens eram *um* nesse sentido. O que os diferenciava eram as circumstancias de occasião... etc. e tal, que ella muito bem sabia, pois o havia repetido sempre, e agora é que queria negar.

Calara-se por algum tempo. Depois proseguira:

— Falasse com franqueza: — si a scena daquella noite fosse entre ella e o medico, que faria ella?

— O medico não precisava de uma scena daquelles para possuil-a... Entre ambos eram já noivos havia muito tempo. Depois...

— Nan nan nan não! Respondesse ao pé da pergunta: — si fosse com ella, o que teria feito?

Esther não quiz responder. Limitava-se a rir com

uma malicia fina. Depois fez uma pirueta, pegou o lençol e sahiu para o banho de chuva.

D. Euphrasia tinha amanhecido ainda melhor.

— As duas raparigas inventaram outro passeio de carro, para irem, como da primeira vez, muito de vagarinho; a doente, porém, não esteve pela historia e ellas tiveram que ficar em casa.

Desde cedo que a filha do major Cornelio estava a preparar-se toda, com muita singelleza e graça. Depois que Beatriz lhe mudara o penteado, ella mesma achava-se linda e se embellezava a pouco e pouco, pensando que fazia quasi dois annos que elle não a via e que portanto competia a ella preparar-lhe alguma novidade.

O dia estava delicioso, de uma limpidez translucida, de uma temperatura agradabilissima. Vestira-se de branco a moça, um vestido fino, todo lizo, sem uma franja, sem um enfeite, mangas justas e curtas. Não puzera espartilho; vestira-o apenas sobre o corpete forte, que lhe cobria os bellos seios claros, com umas lagrymas de renda que lhe morriam na base do pescoço, deixando vêr pelas malhas, atravez da transparencia do vestido, a epiderme branca de seu corpo, de uma brancura de leite, de uma maciez de petalas. Por dentro das mangas, justas, viam-se-lhe os braços, com uns longes de rosa, gordos e bem lançados, sem um adereço, sem uma pulseira.

O trem agora chegava mais cedo; tinha havido mudança no horario.

— Ella havia de fingir surpresa, uma surpresa que não deixasse duvida em ninguem, pensava a rapariga. E já ouvia o coração bater dentro do peito, como

um toque surdo de tambor longinquo, avisando o sangue para a batalha das emoções.

Tudo em seu quarto fôra posto em nova ordem, na melhor disposição possível. Queria renovar a face das cousas, de todas as cousas que dependessem della. Estava de um bom humor nunca visto, de um jubilo esperançoso e salutar. Corada, fórte, cheia de vida, agarrava os moveis com força, mudava-os de logar. Deixara o gabinete como um brinco, cada livro em seu logar proprio, pennas novas nas cannetas, tapetes extendidos com elegancia, vasos cheios de novas flôres; sobre o preguiceiro abriera um grande couro de onça pintada. Andara arranjando a sala de visitas, com o mesmo zelo, com a mesma expectativa, ajudada por Beatriz e Leonarda... Ao meio dia sentara-se ao piano, tocara por espaço de cerca de uma hora peças difficeis de Mendelssohn, de Beethoven, de Thalberg, de Chopin; depois cantara com a sua bonita voz, hoje outra, pelo convivio de uma grande cidade, hoje educada por um professor, — firme graciosa, de uma tonalidade segura e macia, com eschola e com alma. Em seguida, no alpendre, onde estava d. Euphrasia, representara com Beatriz um farça de momento, para distrahir a doente. Andara depois pelo jardim, amarrando, a fios de arame, alguns gaihos muito pendidos, prendendo parasitas e trepadeiras, pondo em tudo uma nota chique de arte e de amôr. As folhas, que amarelleciam, arrancara-as todas, cortando as velhas flôres, alimpando em baixo os troncos dos hogaris e das magnolias; dera elegancia ás fuchsias florescidas. Estavam abrindo as primeiras camelias brancas, tão alvas como a pelle de seu corpo. Com varinhas de bambú escorara as papoulas em flôr, dobradas e ver-

melhas, cujas hastes tombavam com o pêso. Ao pé da camelieira, as camaradinhas atapetavam o sólo. Havia beijos de todas as côres, de todas as qualidades, desde os mais simples e desconsolados, até aos *chitas* até aos *pampas*, formosissimos e dobrados, com as suas sementes cahidas, penduradas como uns pingos-verdes. A um canto, perto de duas roseiras, *Captain-Christy* e *Margottin*, erguia-se um grande heliantho, um verde pé de gyra-sol, mais alto que o muro, e a sua flôr amarella, de um tamanho enorme, olhava agora para o poente, seguindo a marcha solar. Na descida para a horta, junto da janella do gabinete, havia um grande pé de jasmim-manga que, com as madresilvas, embalsamava toda a vivenda; e, acompanhando o muro, coberto de hera miuda, vicavam as semprevivas douradas, inimigas da humidade, amantes da luz e do calôr, aos quaes estica o ventre para o ar, petalas para baixo, para que sol lhes lubrifique as antheras com a sua photorrhéa immensa e fecundante. Pegada ao pequeno tanque, estava florescida uma touceira de açucenas; e o loureiro-rosa, ao pé da grade, embalava-se lentamente ás caricias da viração, com as suas flôres vermelhas, as suas *espiradeiras*, tão proprias para o ornato. Do quintal visinho dobrava sobre um ponto do muro a rosea *buguenvillia* (L. A. de Bougainville, 1729-1811) com as suas grandes ramas, tecendo um caramanchão, e toda vermelha das suas flôres de trez petalas, de pontas redobradas, formando um calice triangular. Cheiravam as gardenias, os hogaris, e o jasmim branco entrelaçado ao fim da grade de ferro... Ficara tudo arranjado, tudo posto em uma ordem admiravel.

O sol, agora, dobrando no céu, descendo sempre,

calava na areia clara das ruas estreitas do jardim, e o repuxo atirava para cima o seu fio lustroso d'agua da Cantareira, pequeno e crystallino, desfazendo-se no ar em branca neblina, que tremula cahia, como garôa, na superficie tranquilla do tanque.

A's 5 horas da tarde, após o jantar, estavam todos ao redor da mesa, ainda sentados, saboreando o café, quando soara fóra a campainha do portão.

— Havia de ser o carteiro, disse Beatriz, olhando para Esther que reprimira um estremecimento intimo e empallidecera em seguida.

Joanna tinha ido vêr quem era, e voltara apresada e alegre, com as expressões de um susto desagradavel, annunciando o dr. Teixeira.

O choque fóra geral; a surpresa, deliciosa.

O major Cornelio saltara da cadeira, sem acabar de tomar o seu café e sahira rapidamente para a sala, acompanhado de Ricardo.

Dentro, os olhares indiscretos de Joanna cobriam Esther de interrogações mudas, emquanto a moça, muito séria, palpava o penteado a vêr si estava direito, já concertando a golla do vestido, já desenrugando as mangas.

Fóra, foram abraços explosivos, grandes phrases de alegria; e entraram logo, directamente para a sala de jantar, onde o major offerecera ao medico a sua cadeira, que era á direita da filha, junto da cabeceira da mesa.

— Elle não tinha ainda jantado... Não era possível! por isso jantasse.

— Não, absolutamente não, respondia o doutor. Estava bastante incommodado do estomago. Chegara,

mudara a roupa, fôra immediatamente ao barbeiro e do barbeiro alli estava...

— Mas as malas, onde as tinha deixado? A sua casa era aquella e não o hotel. Dissesse! dissesse já, porque as malas tinham de vir para alli.

— Agradecia muito, mas não accitava. A sua demora em S. Paulo era apenas por um ou dous dias... Não podia ser por mais e... já tinha tomado um quarto no *Hotel de França*.

Quizeram insistir e elle tambem insistia.

— Brevemente voltaria para demorar-se mais, e si não se hospedasse alli—que lhe cortassem a cabeça fóra.

— Mas não tinha proposito ficar sem jantar!

— Pelo amor de Deus não teimassem! Não podia, de todo! O estomago... Só de noite comeria alguma cousa, isso mesmo leve. A viagem... Passara mal na viagem... Devia de estar pallido, não achavam? Não viam como estava um pouco tremulo?

E mostrava as mãos, que de facto estavam tremulas.

— Uma chicara de café ao menos?

— Nem uma gotta. Punha-o mais nervoso.

E depois de curta pausa:

— Já que insistiam tanto, para não pensar que era cerimonia:—tinham agua de Seitz?

— Tinham.

Ricardo trouxe uma garrafa, e elle bebeu todo o conteúdo, como um calmante.

O que o esmagava naquelle momento era a sua propria imaginação, o seu temperamento vibrátil, nervoso, leve e comprimido. Tinha medo de tanta felicidade.

Até alli, acochado de perguntas por todos os lados, sob a grande emoção de sua primeira entrada naquella casa que elle amava, não tivera ainda tempo o medico de reparar em Esther. Os seus olhares tinham sido fugidios, de relance, e ella alli estava, ao pé d'elle, ao seu lado esquerdo, no topo da mesa. Receiava olhal-a, fital-a de frente, sem saber porque. E fazia quasi dous annos que não lhe punha os olhos, os olhos da sua carne, porque os do espirito não tinham visto, durante essa ausencia, nenhuma outra mulher.

Ella, por sua vez, estava um tanto pállida, meio deslocada tambem, menos comtudo, pois achava-se em seus commodos.

Quando houve uma brecha, a filha do major apresentou ao medico a sua amiga Beatriz, que estava em frente d'elle. O dr. Teixeira levantou-se em signal de cortezia e abaixou a cabeça num cumprimento que começou indifferente e terminou com um olhar doce, rãpidamente perscrutador.

Tinha-a achado parecida em muitas cousas com a amante do pintor.

Beatriz, muito risonha, fez-lhe igual cumprimento, e todos riram-se, e Esther falou em seguida da indole folgazan e boa daquella rapariga.

Só então foi que o medico olhou de frente, com ativez e observação, para a filha do major Cornelio. Notara-lhe o esplendido penteado; o vestido branco, transparente, sobre o corpete elegante; as rendas, mal cobrindo a brancura da pelle; o arredondado dos hombros largos; a suave doçura das linhas curvas do pescoço, nú sobre o tronco esbelto, macio e fresco como a epiderme de uma creança; os braços tor-

neados, correctissimos, duas cadeias amadas em que elle devia de prender-se mais tarde, numa caricia de alcova, e elles sahiam das mangas curtas do vestido, em movimentos doces, flexiveis nos pulsos, terminando em bellos dedos despontados, de neve e rosa, tão lindos e perfeitos que pareciam de cêra. Fitava-lhe os olhos negros, pensativos e grandes, serenissimos diamantes, de um fulgor intelligente e nobre, sem a languidez traidora das mulheres biliosas, sem a mobilidade simiana das nervosas. Gostava de vêr-lhe a bôcca, a reprimir sorrisos insistentes, bôcca vermelha e fresca, de labios cheios e graciosos, que acompanhavam a elasticidade das palavras com uma arte toda propria, sob um nariz de selecção, com as suas narinas rosadas e moveis, pequenas e symbolicas.

— Achava-a outra, inteiramente outra! disseram o medico, quando a conversação começou de versar sobre saúde.—Estava mesmo muito mais clara, poderosamente nutrida. Via-se-lhe a saúde em tudo. Saltava aos olhos a opulencia do seu sangue novo, arterial e forte...

— E, portanto, mais bonita, não era verdade? perguntara Beatriz, maliciosamente.

Elle fitou a morena e encalistrou-se um pouco. Não era homem de elogios balofos, á queima-roupa.

Esther, tímida, corara um tanto, rindo depois, a sacudir a cabeça, como quem achava inoportuna a pergunta.

— Não, não perguntara atôa. Palavra que entendia que ella tinha ficado mais bella... principalmente com aquelle penteado.

— Ah! o penteado? disse o medico, ficara-lhe realmente muito melhor que o outro, affirmara, a olhar

agora para Beatriz, que lhe sorria satisfeita, bebendo a fixidez brilhante e doce do olhar d'elle, que a impressionava.

— Sabia de quem fôra a idéa? perguntou a morena.

— Della?

— Sim.

— E a execução?

— Tambem della, respondeu Esther.

— Pois era uma obra que recommendava a auctora.

Depois levantaram-se todos e foram para a varanda do fundo, a gosar o horizonte largo que dali se descortinava.

O dr. Teixeira admirava a excellente collocação daquella vivenda, com os olhos perdidos ao longe, pelas terras insoladas do nascente, com seus morros e habitações, desde os outeiros ingremes do Cambucy, desde as collinas verdes do Ypiranga, até ás planicies do Braz, adeante o Marco de Meia Legua e em cima, fechando o horizonte, a Penha com suas casas brancas, com as vidraças da igreja a reverberar a luz, e depois, para a esquerda, as terras altas, onduladas do Tieté, descendo cada vez mais, num semi-circulo giganteo, até Santa Anna, em cima do monte, com a sua egrejinha branca, como uma pomba mansa sobre o velludo da relva. E no ultimo plano, denteando o céu, cravava-se no firmamento, na sua immobildade colossal, azulando ao longe, a serra da Cantareira, com os seus topes e contrafortes, os seus boqueirões e as suas mattas. Alli estava em baixo, perto, o valle do Tamanduatehy, toda a varzea do Carmo, com o seu tapete de relva ilhado de massiços de folhagem,

os seus caminhos novos e as suas pequenas lagoas, feitas das ultimas aguas de Março.

Agora achava-se o doutor mais tranquillo, e, frente a frente com Esther, que com elle conversava, embevecia-se o medico, pensativo e attencioso, na figura esbelta da moça, preso aos olhos della, distrahido, alheio de si mesmo, numa passividade deliciosa, em que se deixava cobrir daquella redoma de luz salutar e amada, como um insecto photóphilo, nas grandes calmas do verão. Voltara-lhe ao rosto a côr natural com o habito da companhia, e sobre os seus labios de sceptico, acostumados a essa expressão, já se lhe via o antigo sorriso, apenas esboçado, apenas tremulo, numa pequenina contracção, como si alli pousasse o tarso provocante de uma mosca imprudente. Elle bebia-lhe com os olhos todo o effluvio abundante das suas fôrmas esculpturaes, em plena expansão de mocidade, e, num goso intimo, deixava o espirito banhar-se naquelle ambiente perfumado de roupas brancas, a rolar nú sobre a pelle da moça, num choque de perolas sonoras, num fervilhar de imaginações distinctas, intimas, sensualmente artisticas.

D. Euphrasia contara-lhe as suas doencas minuciosamente. Elle viria examinal-a no dia seguinte, cedo, e dizia lhe que a maior parte de tudo aquillo era com certeza o nervoso.

O sol ia entrando. Desceram todos ao quintal, para elle vêr que bellos os terrenos, a variedade das arvores fructiferas, os canteiros viçosos de alface e repolho, de couves e chicoria. Foram até ao portão, em baixo, que dava sahida para aquelles lados. De lá subiram para o jardim, onde Esther mostrara-lhe uma a uma as suas flôres de qualidade, dando-lhe

explicações minuciosas. Em seguida, levou-o a moça ao seu gabinete de leitura, onde se demoraram largamente. Não havia tempo, mas ainda assim, rapidamente, mostrou-lhe os seus novos livros, que ella tinha lido, commentando os assumptos de que tratavam, acceitando estas opiniões, repellindo aquellas. Os livros, cuja leitura elle lhe recommendara por cartas, alli estavam, lidos e marcados em certos pontos, com lapis azul e vermelho, habito que herdara do medico. Lá estava, pendurada á parede, *A Estiva*, o lindo quadro de Jacob Despois.

Falou-se longamente de pintura e o nome do grande pintor foi proferido diversas vezes pelo medico, que nessas occasiões se dirigia a Beatriz, para vêr nella a amante de seu amigo.

Do gabinete voltaram ao alpendre onde houve cerca de uma hora de palestra. Já agora tinha a conversação descido á intimidade antiga. Tinham acabado com as ceremonias; ninguem mais se incommodava, achando-se cada um a seu gosto, perfeitamente á vontade.

Esther tinha colhido um lindissimo botão que estava desabrochando, da rosa branca *Zilia Pradel*, e lho collocara na botocira do fraque. Elle sentira-lhe de perto a fragrança das suas roupas e o suavissimo perfume dos sabonetes finos que ella usava com abundancia. Tivera tentações de enlaçal-a brandamente pelo cinto, puxal-a para si, para que ella se lhe encostasse ao peito e elle lhe beijasse levemente os labios, avelludados e roseos como duas petalas curvas. Elle, que era timido em outros tempos junto della, ficara agora de uma grande coragem, depois das lições fecundas de Tonica. A imagem de Esther, cada vez mais

poderosa, mais insinuante, entrava-lhe por todos os sentidos, espalhava-se-lhe pelos nervos, numa cavatina de beijos, crescendo em belleza, eloquente em promessas. E elle lastimava-se de não ser pintor, para copiar aquelle *modelo-vivo*, e sentia uma necessidade quasi dolorosa de tomar-lhe as mãos, de pôr-se em contacto com o calor alvissimo da sua pelle macia. E pelo corpo agitado de homem forte e amoroso, passava-lhe o sangue veloz, a elevar-lhe a temperatura, irrigando-lhe os musculos, sacudindo-lhe as idéas, entumescendo-lhe pouco a pouco as glandulas... Vinha-lhe agua á bôcca, humidade ás axillas. Nesses instantes elle tinha um olhar—que falava. Todos os pensamentos como que se crystallizavam na luz reflectida pelas suas pupillas; e ella entendia aquella linguagem, palavra por palavra, syllaba por syllaba, tão habituada estava com os modos daquelle homem, tão identificada vivia com as idéas delle, com as suas expressões e com os seus sentimentos. E os olhos della, mansos e leaes, entravam pelos delle a dentro, numa copula de luz,—os olhos della, dous brilhantes negros, com palpebras de perolas azuladas, sentindo o que elle sentia, querendo o que elle desejava, adivinhando o que elle não dizia. E, boa e terna, ella ficava de uma flexibilidade lenta, de cobra, com uns movimentos curvos e indolentes, com uma inflexão exquisita na voz, humilde e musical, de uma doçura escorregadia, generosa em extremo, docil como elle nunca a vira, como elle nunca a sonhara.

Alli, no alpendre, á luz dos globos de vidro, ella chegara a esquecer-se de si mesma, e concertara-lhe a gravata que estava torta, de pé, deante delle, com os braços levantados e descobertos a meio, com o seio

a arfar-lhe junto do peito delle, com os dedos macios a tocar-lhe a pelle do pescoço, emquanto renovava o nó.

A coragem inconsciente daquella moça dava-lhe a elle uma coragem terrivel, porém consciente, simulando descuido. E assim foi que, contando uma historia alegre, puzera-lhe a mão no hombro, como o teria feito com o major ou com Ricardo; e sentira de baixo dos dedos a reacção da sua carne feminina, quente e prompta, num pequenino estremecimento rapido, num arrepio indiscreto, numa crispação electrica, que lhe encherá os olhos de uma luz mais brilhante ainda, como a penumbra de uma felicidade,— os olhos della, rasgados, luminosos, limpídos como dous grandes astros negros.

Anoitecera, havia muito. Ao sopro da aragem, muito branda naquellas horas, embalavam-se as orchideas nos seus ninhos suspensos, como umas aves vegetaes. Pelas grades e pelas columnas trepavam as glycinias, a roseira *Marechal Niel* e as rubras hypoméias. Vinha de fóra a onda volumosa dos perfumes do jasmineiro, da madresilva, de todas as flôres do jardim.

O gabinete de Esther, a sua cama, os seus moveis, os seus *bibelots*, tudo tão bem disposto; o confortavel, o aconchego daquelles logares que se ligavam a elle pelas cartas que della recebera e que davam para um grande volume, de um valor inestimavel,— tudo aquillo estava na imaginação do dr. Teixeira, vivamente gravado, fazendo-lhe uma guerra immensa aos seus nervos batidos de desejos, sensibilizados de amôr.

Elle despediu-se para sahir.

— Então estava dito, não era? perguntaram.—

De manhã o exame e depois almoçariam juntos. Almoçar e jantar todos os dias, porque elle não precisava de estar no hotel, a comer sózinho, que isso tirava o appetite.

E o acompanharam até ao portão, onde a prosa foi reatada.

A ultima pessoa de quem se despediu foi Esther. As duas mãos se apertaram a pouco e pouco, longamente, enquanto se diziam as ultimas palavras, perguntando uma cousa, respondendo a outra, alli, á luz do lampeão de fóra, um pouco distante, sob a abobada sombria da noite. As duas mãos não se haviam separado; e aquella caricia secreta, intima, protegida pela sombra e pelo silencio daquelles logares retirados, parecia sagrar a posse mutua de ambos. Já não se fugiam, mas se procuravam, vencidos, imantados pela mesma força, pelos mesmos sentimentos. Só conheciam um pólo, que era o de seu coração, do coração unificado de ambos. E nem se lembravam da igreja, pois a palavra *casamento* não lhes vinha á memoria quando estavam juntos, não lhes cahia dos labios. Nesses instantes só se viam um ao outro, elle e ella, sentindo-se felizes face a face, no egoismo incomparavel da mesma paixão, parafusando as mesmas cousas, sentindo os mesmos sentimentos.

Por sua vontade, lá ficaria toda a noite o medico, alli, no portão daquella casa que já lhe parecia sua. Mas era preciso sahir, e este pensamento o entristecia. Dispunha-se para o fazer de uma vez, mas a mão della, macia e carinhosa, apertava mais ainda a delle, como que o puxando docemente para um abraço, que o doutor via em espirito, e que sentia no corpo, numa semi-allucinação de goso, com as promessas doiradas

do primeiro espasmo, num leito de alvo linho, á onda fragrante de todas aquellas flôres, ao perfume natural daquella carne de moça, tão cuidada e branca, tão cheia de mocidade e encantos!

Fazendo um grande esforço, dissera o ultimo adeus, e partira ligeiro, desaparecendo logo, a quebrar o silencio da noite com o tropel de seus passos fortes, na rua macadamizada, assobiando, para bulir com ella que não fôra ao piano, aquelle trecho do *Rigoletto*, já celebre entre ambos, cantado pela primeira vez num dia de Abril, quando tudo era sol e risos, e lhe banhava a alma uma tristeza mortal.

Esther ficara immovel, muito tempo, no mesmo logar, até não ouvir mais nem o tropel, nem o *La dona*, que foram morrendo a pouco e pouco, ao longe, no silencio volumoso daquella noite de outono.

Depois, abraçada a Beatriz, recolhera-se com os outros.

Fecharam-se portas e janellas e tudo entrou em socego.

Fazia já uma semana que o dr. Teixeira estava em S. Paulo, elle que tinha vindo « apenas por um ou dois dias ».

Na manhan de 4, como ficara assentado, fizera o medico minucioso exame em d. Euphrasia. O apparecimento da molestia coincidia com o desaparecimento de uma funcção especial ao sexo da doente. A veneranda senhora já não tinha o que no seculo V a formosa e sábia Hypáthia, filha de Theon de Alexandria, mostrara ao estudante fogoso, que por ella

ardeu de amôres — na hora em que lhe pedia um lenitivo a seus soffrimentos (1).

O dr. Teixeira attribuia á suppressão natural das *flôres de Hypáthia* a doença de coração na mãe de Esther. Havia uma perturbação geral em todo o seu organismo e o figado cooperava em grande parte naquella obra lenta de destruição organica. Por emquanto não considerava o medico perdido aquelle caso; mas era preciso um longo tratamento e sobretudo um cuidado activissimo, previdente e infallivel em certas prescripções.

Começara, pois, o doutor o tratamento, tomara-o a peito, e entre outros auxilios para a cura que acahava deprehender, contava com a grande fé que lhe depositava a doente e todos, sem excepção, da familia. Insistiam com elle diariamente a que não voltasse. Não precisava disso. No interior não se vivia, vegetava-se... Depois, lá estava o dr. Araujo. Mandasse vir a sua mudança, abrisse aqui um consultorio. Elle era tão conhecido, tão estimado pelos medicos de mais fama na capital! O Barreto, o Neave, o Miranda Azevedo, o Campos, o Carlos Botelho, todos elles; outros e outros não o convidavam para as suas conferencias medicas? Não ouviam com attenção a sua palavra culta, a sua opinião baseada e sábia? Então! O proprio Climaco Barbosa, que era em theoria um revolucionario, não lhe tributava um culto sincero ao seu saber, á segurança de seus diagnosticos? Ficasse! Aqui, dentro de seis mezes, a sua clinica lhe daria mais do que lá em dous annos, e

(1) DR. CH. LETOURNEAU, *Physiologie des Passions*, 2^{me} edition, pag. 274.

com a vantagem de estar num grande centro, onde podia cultivar a sua paixão pelo estudo, e divertir-se quando ficasse cançado.

O medico passava os dias na casa do major e, ás tardes, sahiam juntos a passeio, quasi sempre — só elle com as mulheres; porque, já agora, voltado á antiga familiaridade, considerado pessoa da casa, o major não se dava á cerimonia de estar preso por seu respeito. Sahia, segundo o costume, e ia para o *Club Internacional*, onde passava a maior parte do dia a jogar com amigos, ganhando e perdendo, e voltando não raro de madrugada.

Ricardo, tambem, usava da mesma sem-ceremonia. Tinha aulas desde cedo até uma hora da tarde, e depois de jantar sahia, reunindo-se a seus collegas, dos quaes se separava tarde, das onze em deante da noite. O seu ponto terminal era o *Corvo*.

Funebre, no centro da cidade, e ao mesmo tempo concentrada e propicia, lá estava na rua José Bonifácio, antiga do Ouvidor, a casa classica da cerveja da Penha, o negro *Corvo*, com o seu aspecto chato, aporuguezado, velho sobrado feio, com tres portas em baixo, de rótulas, duas — fechadas, e a outra aberta por onde todos entravam e desapareciam lá para os fundos, silenciosamente. Na sala de fóra, muito baixa e triste, havia caixões e quintos vazios, allumiados por um lampeão fumarento que deitava em tudo o cheiro mau do petroleo: o mais eram tres mesas e alguns tamboretos, onde os bebedores ficavam, occultos de quem passasse na porta, por um biombo de taboas toscas. A sala do fundo, completamente resguardada, era menor e humida, de uma humidade eterna de adegas, toda ladrilhada, com grandes

pipas ao lado, sobre cavalletes fortes, tinas e barris, vasos e prateleiras, canos de borracha e baldes; e, mais adiante, pelo chão a fóra, um exercito de garrafas vazias. A' esquerda havia um trecho assoalhado, logar que fóra outróra um quarto, cujas paredes se derribaram. Ahi era o ponto nobre. Tinha uma grande mesa ao fundo com outra unida perpendicularmente ao lado, para os velhos freguezes. E pelas paredes, annuncios antigos de fabricas da Allemanha, de cerveja, de companhias de vapores, um mappa da provincia, muito pequeno e ordinario, e á esquerda, encimado por bandeiras allemans, um grande retrato do fallecido rei Guilherme, boa gravura sobre madeira; uma pequena lithographia de Bismark e o busto fidalgo e nobre de José Bonifácio, feito pelo lapis de Decio Villares. Embaixo do rei Guilherme estava escripta a divisa popular — *Mensch ärgere dich nicht*, que se encontra por toda a parte, nas terras nebulosas da pensativa Germania. Mas tudo aquillo, velho, denegrido pelo tempo, com um aspecto funebre, augmentado pelos ramos de hera sêcca, que se entrelaçavam, pendurados nas linhas do antigo tecto. Alli falava-se de outras eras, de gerações desaparecidas, de homens que por alli passaram nos tempos academicos, e que hoje occupam distinctas posições á frente dos destinos do paiz.

De vez em quando citava-se um Jacintho de Moura, seus contemporaneos; e, descendo, para o presente, falava-se de Affonso Celso Junior, que no cumulo do enthusiasmo quebrava os copos em vivas e *toques*. Vinha depois o tempo de Waldomiro Guilherme, um grande talento, um cerebro illuminado, desaparecido na morte. E Silva Nunes, e Argymiro

Galvão, de cabeça torta e luctando com a Academia, um talento real, um rapaz nevrotico; e Dias da Rocha, o poeta distincto, correctissimo no falar, espivitado e languido. E depois Rivadavia Corrêa e outros e outros.

E lá estava o João, o *Jones* ou *Ioanes* como muitos o chamavam, fiel daquella casa, *alter ego* do proprietario, — elle, o *Jones*, com a sua cara chata, de lua cheia, risonho ás vezes, furioso outras vezes, quando a pandega ia noite a dentro... Mas sempre bom e attencioso, elle, que alli estava havia muitos annos, e que ainda não falava um portuguez que servisse, elle — o João, *Jones* ou *Ioanes*, na gyrir dos freguezes.

E o *Corvo* ainda era o mesmo, o mesmo de sempre, immovel, mudo, amado pela tenacidade do seu character, pela gravidade volumosa do seu aspecto sombrio; conservando as tradições de um longo passado, triste, silencioso, como que guardando no seu âmago todas as saudades daquelles que elle alli vira na convivencia dos *chôpes*, na amizade das idéas. Ainda era o mesmo o *Corvo*, o mesmo de todos os tempos! Os homens iam-se, desappareciam; elle não; deixava-se ficar no mesmo logar, paciente, estatico, com um pensamento triste para os que partiam, com um pensamento alegre para os que chegavam. E entre os seus velhos amigos, desse *Corvo* lendario e lobrego, havia uma roda de quasi todas as noites, um numero certo, infallivel, de antigos freguezes, sinceros apreciadores da melhor cerveja que se fabrica em S. Paulo. Continuavam, todas as noites, as reuniões alegres, ruidosas, em que os subditos do rei Guilherme se confraternizavam com os brasileiros. E eram grandes

discussões patrióticas, saúdes, vivas, cantos marciaes, risos e ás vezes alguma pequena carraspana. De vez em quando, amavel, risonho e espirituoso, meio pansudo e com o collete quasi sempre desabotoado, sem paletó e só de bigodes, louro, testa grande, rugosa, olhos pequenos, mãos nos bolsos das calças, chegava-se á roda o Schombourg, o estimado Henrique Schombourg, dono do *Corvo*, acompanhado de seus grandes cães, *terra-nova* e *Ulmer-dogge*, estes, côr de cinza, enormes, com uns lindos olhos amarelos, de uma doçura sympathica. Lá compareciam o Müller, companheirão para tudo, professor de linguas, a rir sempre umas boas gargalhadas, contando muita pilheria e falando de philologia e de fabricação de vinho na sua fazenda do Tremembé; — o Becker, um espirito vivo, chistoso; os irmãos Hülle, dos quaes havia um que encaminhava sempre a conversação para a historia e a philosophia; era um grande materialista á Büchner; — o Brack, um bom tenor, que só falava cantando; — o Gladosh, professor excellente de piano e canto, homem grande, bem mantido, teimoso como um negro mina, tagarella e cheio de grandes movimentos rapidos. Muitos outros allemães, suissos, italianos e austriacos. Entre os brasileiros, não falando das turmas incertas de estudantes, revezando-se todas as noites, — não davam ponto alli, naquelle *Corvo* de quasi trinta annos, — sombrio, funebre, cavernoso, baixo e humido (pois dahi lhe viera o nome dado pelos academicos), denegrado e sempre o mesmo — não davam ponto alli, dizemos, ou si o davam era raramente; — o Cruz, da *California*, calado ou falando baixinho, gordo, molle no mover-se, amante de seus habitos, uma das chronicas vivas do passado

de S. Paulo; — os dous capitães, Fonseca e Osorio, outras duas chronicas vivas, o primeiro com a sua palestra variada, de pronuncia muito aberta e um tanto cantada, boa prosa, de commedidas pilherias; o segundo, menos conversador, sempre escorando a cara na mão sobre a mesa, o cavanhaque por cima do chôpe, onde a espuma fazia um *collarinho* de dous dedos; — o Eugenio Andrade, um academico, um *bu-veur silencieux*, como diria um francez, e que bebia aos golinhos, saboreando o liquido topazio, com um prazer indizivel, ou pedindo aos outros que falassem, provocando-os a isso, só para ter o prazer de escutal-os; — o Antonio Pedro, da thesouraria, chefe de secção, com as suas gargalhadas gutturaes e satanicas, as suas pilherias *frescas*, os seus discursos laudatorios e o seu fanatismo pelo partido liberal; — o Lulla, seu companheiro, ruivo, incisivo, desapaixonado, um critico de todas as actualidades, um temperamento de reporter; — o Raul Braga, estudante, que, si fosse livro, seria do tamanho das *Fanfarras*, de Theòphilo Dias, miniatura humana, rapazinho imberbe, de muito talento, muito dado á litteratura e que estava escrevendo um romance; — o Eduardo Chaves, quinto-annista, o auctor das *Fagulhas*, seu primeiro livro de versos; um rapagão o Eduardo, alto, moreno e fogoso, de bôcca molle e prosa animada, um conversador fecundo, um poeta alegre; — o Maneco Osorio, catholico-apostolico-romano, colleccionador de borboletas; e outros e outros, entre os quaes este seu creado, bondosissimo leitor.

O *Corvo* era o *Club Internacional* da pilheria, do recreio de espirito; era o retiro silencioso, modesto e amado, de meia duzia de bons rapazes, de excel-

lentes cidadãos laboriosos, todos amigos, que alli buscavam descanso á noite, bebendo e rindo em commum, numa união familiar, intima, em que eram discutidos varios assumptos, desde a banalidade dos factos politicos do dia, até ás especulações philosophicas, até ás mais intrincadas concepções da intelligencia humana. E em meio de tudo isso, de espaço a espaço, surgia a nota alegre da occasião, a nota *loira* da cerveja da Penha, a gargalhada franca, confiante, viril, brotada entre um disparate proposital e um gole fresco do velho topazio liquido, com os seus dois dedos de *colarinho* de espuma.

Era ahí que Ricardo ficava á noite, nessa boa roda de bohemios, emquanto o dr. Teixeira fazia companhia a d. Euphrasia e a Esther.

A presença do medico em casa do major Cornelio roubava á Beatriz grande parte dos affectos de Esther. A filha do dr. Amancio, sentindo-se prejudicada na partilha do coração, fôra rareando a pouco e pouco as visitas, e a amiga, embevecida em seus amôres, nem percebia a retirada lenta, geitosa, daquella moça morena.

Cedendo ás supplicas insistentes de Esther, escreveu o dr. Teixeira ao seu collega, participando que não voltava mais, e pedindo que lhe remetesse tudo que lhe pertencia, pois ia abrir aqui o seu consultorio; e publicou pelos diários da capital um agradecimento, aos povos de lá, pela maneira por que tanto o haviam distinguido durante o tempo de sua longa residencia naquella cidade, offerecendo-lhes o seu prestimo em S. Paulo, á rua tal, numero tanto.

Ardia o dr. Teixeira num desejo immenso de ter

uma entrevista com Esther, onde pudessem, sósinhos, falar intimamente. Não queria dar nenhum passo sem que ella fosse ouvida, e as poucas vezes que ficavam a sós, o tempo era tão curto que nada podiam decidir. Quando estavam ausentes, e que se escreviam um ao outro, falavam-se mais, tinham muito mais liberdade.

— Si ella pudesse sahir só... bastaria uma vez! — chegar á casa delle para combinarem sobre o futuro!... dizia-lhe sempre o medico, supplicante.

— Que despropósito! Um impossivel! respondia-lhe a moça, mostrando-se pezarosa.

E si não tinha ninguem para vêl-os, elle tomava-lhe a mão avelludada e a beijava, aquella mão alvissima, bem feita e humilde.

Falavam baixinho, na sala ou no alpendre, como dous Tantalos á beira do lago do amôr. D. Euphrasia amava-o como filho, e protegia discretamente a afeição de ambos, retirando-se ás vezes, deixando-os entregues a si mesmos, para que a cousa se enraizasse, deitando estolhos novos, crescendo em intensidade.

Uma tarde, emquanto a doente andava pelo jardim, — depois de umas phrases íntimas, o medico enlaçara o cinto flexivel da moça, na sala de fóra e, com phrenesi mal contido, prendera-lhe pela primeira vez os labios num beijo. E ella, que não fizera o menor signal de resistencia, disse apenas, sorrindo e como que censurando:

— E era assim que elle queria uma entrevista!

— Jurava que não lhe tocaria. Não acreditava na sua palavra? Não o conhecia como capaz dos maiores sacrificios para cumprir o promettido?

Esther continuava a sorrir.

— Porque zombava ? disse ! Porque aquelle sorriso incredulo ? falasse !

— Tinha medo, nada mais ! disse a moça.

— Medo ! de que ?

— Elle bem que sabia !... falou a rapariga. — Era melhor que mudassem de assumpto. Não tinha mais desejos do que ella, de estarem juntos... Mas...

— Mas... o que ?

E ella ficou muito vermelha, com um pensamento que não queria dizer.

— Não tinha jurado que não lhe tocaria ? Beijos ? não matavam, não deprimiam, não aviltavam... — Jurava pela sua honra de homem de bem, pela memoria santa de sua fallecida mãe, disse com os olhos nadando em lagrymas, e pela pureza della Esther, em como a saberia respeitar. Não era ella a sua noiva ? não ia elle pedil-a ? Então ! que mais ? Pois elle que tinha uma *vontade* cultivada, de bronze, inamolgavel ; elle que tinha uma palavra sempre cumprida, havia de ser tão bruto que rasgasse de antemão a pagina mais bella, mais poetica da sua lua de mel ?

— E si ella fraqueasse, desvairada pelo sangue ? perguntara a moça.

— Elle seria forte, repellil-a-ia, pois tinha-o jurado.

Esther sorria ainda, deante daquella tenacidade homerica de um espirito superior ; parecia não confiar bastante na convicção absoluta daquelle homem, ou experimental-o talvez, quem sabe si desejando o que temia ?

— Mas porque zombava ? porque aquelle sorriso ? disse ! pedia o doutor, num tom supplicante, maguado por lhe não merecer toda a confiança, emquanto ella o fitava maliciosamente, com os seus bellos olhos

negros, a morder de vagarinho, entre dois incisivos, uma lagrima de renda da ponta do paletó branco, suspensa por um descuido.

— Porque? respondera a moça, tomando-lhe as duas mãos rapidamente e olhando para o jardim, a vêr si a mãe ainda estava junto da grade; e, como estivesse, repetiu:

— Porque? sabia? era porque o amava!... disse baixinho, deixando o corpo cahir sobre o delle, com os seios a roçar-lhe o peito.

Foi ella agora quem lhe prendeu os labios, os labios delle, sêccos de emoção e febre, a febre deliciosa de um velho amôr reprimido.

— Podia vir? insistiu-lhe o medico ao ouvido.

Ella disse que sim, com a cabeça.

— Amanhan? de noite?

— Amanhan, respondeu, dando-lhe um outro beijo, desta vez muito rapido.

Não era sem motivo a ultima pergunta do dr. Teixeira. O dia seguinte era o ultimo sabbado de Abril, vespera de descanço, dia cuja noute o major passava infallivelmente no *Internacional*, e em que Ricardo vinha sempre muito tarde, ás vezes de madrugada, pois tinha todo o domingo livre para dormir quanto quizesse.

Depois da concessão, disse o medico á doente que ia dar-lhe um novo remedio, que lhe devia de fazer muito bem; era para começar a tomar naquelle mesmo dia. E ajuntou á receita uma droga soporifica que prevenisse a possibilidade de uma insomnia.

Ao almoço de sabbado perguntou-lhe como passara a noite.

— Perfeitamente bem. Dormira como uma pedra, respondeu a doente.— Nem chuva e nem trovoadas, nada vira, e todos na casa tinham accordado com o barulho.

— Continuasse ainda hoje, ordenara o doutor, satisfeito.— Aquelle remedio lhe estava fazendo bem.

Com as grandes chuvas da noite, o dia amanhecera formosissimo, depois de quasi uma semana sem sol, tão nublado andava o céu, já frio com a entrada forte do inverno.

Antes que anoitecesse despedira-se o medico, pretextando que tinha cartas a responder. E, por falar em cartas, mandou que lessem uma que tirou da algibeira de dentro, e que tinha recebido naquelle dia.

Era do dr. Araujo, e todos ficaram passados, estupefactos.

Jacob Depois tinha sido assassinado pelo João da Porteira. O facto dera-se de manha cedo, no açougue do Chico Pires, á vista de dez ou doze testemunhas. O infeliz pintor, ao entrar no açougue, lá encontrara o irmão de Tonica, o qual estava no fim de uma bebedeira apanhada na vespera, no *Rancho do Serpa*. Encontrara-o mettendo-lhe as botas, e com a sua entrada mais se irritara o João, que começou a atirar-lhe improperios. O francez ouvia-o calado, com uma paciencia admiravel. Os insultos cresciam, tornavam-se injurias. O Chico Pires quiz intervir, os outros fizeram o mesmo. O pintor pediu-lhes que não se incommodassem, que elle não fazia caso. Vendo essa indifferença, o João da Porteira redobrou de colera, dizendo que Jacob não sahiria sem primeiro ajustarem contas. E continuou. Quando a carne do pintor esteve pesada, e que elle tratou de retirar-se, João tomou-lhe a frente,

pegou-o pelo paletó, no peito, e deu-lhe um grande boléu. Jacob empallideceu e largou-lhe no ouvido um sopapo de mestre. O filho da Nha da Porteira cambaleou zozzo; mas foi um momento só, porque avançou como uma fera, já de faca em punho, contra Jacob. Depois. Todos os presentes correram para acudir, mas o pintor já estava por terra, a deitar sangue aos borbotões, de uma facada que recebera de cima para baixo, no vão do hombro esquerdo, entre a clavícula e o omoplata. Morrera em alguns segundos o glorioso auctor d'*A Estiva* e do grande quadro *Au plus fort*, estudo esplendido do nú, a sua ultima obra, uma copia do natural, daquella creatura adorada, tão formosa e tão mulher, por cuja causa elle tombara sob a faca do assassino.

Accrescia uma circumstancia, dizia o dr. Araujo em sua carta, e era que por uma fatalidade inexplicavel, Jacob, que andava ultimamente por fóra, voltara um dia disposto a concluir a t \acute{e} la *pour la maternité*, dizendo que si o não fizesse naquelles dias, não a concluiria jamais, porque lhe parecia, e quasi que tinha até certeza de que brevemente morreria. E puzera-se a trabalhar muito, com um ardor desusado, de modo que o ultimo traço fôra dado ás 3 horas da tarde da vespera de sua morte, á vista delle dr. Araujo. Em seguida quebrara todos os pinceis, e um por um todos os potes de tinta, doído de alegria, repetindo que alli estava a sua immortalidade.

João da Porteira fôra preso em flagrante. Já tinham sido requeridas as testemunhas, e a justiça havia tomado conta do factó. Tonica tinha desapparecido; ninguem sabia della. Deixara o filho, sem mais

nem menos, em casa de uma pobre velha, a Martinha, do bêco das Taquaras.

O dr. Teixeira estava sentindo immensamente aquelle desastre, aquella grande desgraça, de que só se esquecia quando pensava em Esther e na entrevista que ia ter. Levaria o facto ao conhecimento do consul francez, para arrecadar as télas primorosas do pintor, as quaes deviam de dar uma boa fortuna aos seus parentes na França, si fossem mandadas para Pariz, onde alcançariam grandes sommas.

Em sua opinião, acabava a humanidade de perder uma de suas maiores glorias na pintura, no fim do seculo 19, ainda que das mais desconhecidas pela falta de meio artistico em que vivera. E tinha a profunda convicção de que o nome de Jacob Depois havia de entrar para a Historia, luminoso e immortal, cercado do culto eterno que a posteridade tributa aos genios.

E retirou-se.

— O remedio, tinha produzido o desejado effeito, pensava consigo o dr. Teixeira. A vigilancia da casa estava portanto inutilizada. O que convinha era dispor-se para o que dêsse e viesse. A porta de communição com o resto da vivenda seria naturalmente fechada. Si batessem, elle teria tempo de escapar pela janella do gabinete, do lado do alpendre, porque as outras eram altas, principalmente as do fundo. Mas nada disso aconteceria. Quem podia lá desconfiar? Em todo o caso, numa aventura destas era de toda a conveniencia figurar a peor hypothese, — a de ser apanhado em flagrante. Qual a solução? Nem podia ser outra sinão o casamento. Mas si houvesse um ataque? — convinha não se mostrar covarde. Levaria por isso o seu revólver, mesmo porque os ca-

minhos a atravessar, para chegar ao portão do fundo do quintal, eram desertos, e podia haver um encontro com ladrões ou assaltantes. Não se teria ella esquecido de deixar o portão aberto? Que massada si tal acontecesse! ser-lhe-ia preciso dar uma volta enorme para ganhar o vallo, do lado de cima, depois de atravessar dous ou tres brejos! E, chegado lá, resistiria elle á tentação dos carinhos della?— Porque não? interrogou a si mesmo, franzindo os sobrolhos.— Jurrara! Não era uma gloria o resistir? E ella parecia não acreditar que elle resistisse, justamente por ser... mulher. Quizesse elle, que ella estaria entregue!

E o dr. Teixeira via um acto de sabedoria em mostrar-se forte, fazendo-se pedra, provando que era homem de palavra, muito embora ella chegasse a fazer de mulher de Putiphár. Seria uma acção poderosa, de grande influencia moral na sua proxima vida de casado. Sempre que dissesse uma cousa, sempre que affirmasse, seria acreditado. Pensava tambem que, em rigor, aquella entrevista era desnecessaria, significava apenas um capricho, mas um capricho natural da parte de um noivo, que ainda não tinha pedido a noiva aos paes. Queria ouvir-lhe da propria bôcca as suas confissões feitas nas cartas que lhe escrevera, para observar si eram verdadeiras, pela expressão do rosto della, e depois combinar o dia do pedido e que o casamento fosse o mais breve possível, em casa, sem pompa, sem o baile do costume; e para isso havia um bom pretexto:— a doença de d. Euphrasia. Apenas alguns amigos, algumas pessoas intimas, para jantarem todos juntos, e nada mais.

Depois voltando aos primeiros pensamentos:

— Em todo caso, apesar da confiança que tinha

em sua *vontade*, senhora absoluta de seus nervos, não seria mau tomar alguma *cousa* que os adormecesse, que lhes annullasse os impetos do sexo. Tomal-a-ia pois.

E lembrou-se dos beijos que lhe havia de dar, das bellas cousas que ia ouvir de seus labios, dos labios della, tão macios e rosados.

E teve uma idéa:—provar-lhe, com as provas mais irrecusaveis, absolutamente inegaveis, que elle era um homem tão honesto, que se precipitava no fogo sem se queimar. Mas a pratica dessa idéa era uma audacia digna de uma epopéa. Seria uma acção tão perigosa, tão extraordinaria, que nunca nenhum homem a commettera por certo, em eguaes condições.

E o seu espirito, movel e imaginoso, repol-treava-se alegremente na phantasia que acabava de conceber.

— Estava dito. Era o que ia fazer! Esplendido! Esplendido! Oh! divino hypnotismo! tu fazes fortes os fracos, e fracos os fortes!

Tinha o medico pensado em hypnotisal-a no gabinete, pouco antes de sahir, para por esse meio deixar bem patente o quanto era probo, pois naquellas circumstancias, inteiramente alheia de si, sem consciencia e sem personalidade, a não serem a consciencia e a personalidade da suggestão, poderia ter *ordenado*: venha! queira! e ella teria vindo e teria querido. Poderia mesmo tê-la obrigado a tudo quanto quizesse, sem que ella nunca soubesse de nada.

— Sim! havia de despil-a! E ella só o saberia depois de accordada. Mas... si nessa nudez de virgem estivesse um abysmo, teria elle na hora da queda a força de dizer *accorda!* como quem dissesse *foge?*

— Jurava! disse alto e levantando-se, depois de dar um murro na mesa!

— Mas nada disso chegaria a tal ponto; continuou o medico a pensar depois de uma grande pausa.

E assim esteve até que entendeu que era chegado o tempo.

Pouco depois das nove horas, a lua, que fôra cheia dous dias antes, começara de erguer-se no horizonte, sob um céu sem nuvens, immenso no seu azul ferrete, todo cravejado de estrellas.

O dr. Teixeira tinha posto cognac num calice; depois pensara um pouco, achando melhor não beber nada de espirito. Além disso havia tomado a sua poção *contra os nervos*, bem forte, bem carregada.

Enfiara o revólver na algibeira e sahira.

Depois de grandes voltas, muito lentas, achara-se o medico, pelos atalhos de uns muros cahidos, dentro de velha trilha, que subia por um pequeno morro, coberto de capim mirrhado, e que ia terminar no portão do quintal, que elle procurava, ao centro de um muro que tinha por dentro, em todo o comprimento, uma linha enorme de espessos e altos bambús.

A lua, agora muito mais em cima, illuminava docemente a solidão daquelles logares.

Elle levantou a aldrava e empurrou o portão para verificar si estava aberto. Ella não se esquecerá... A chave não estava alli; provavelmente tirara... para que ninguem o fechasse. Havia luz ainda na janella da cozinha e nas da sala de jantar, com as vidraças despidas. Tinha portanto que esperar. Fez um cigarro e foi accendel-o dentro de uma moita, ao pé do muro, para que a luz não denunciasse que alli estava alguem. Elle mesmo se admirava da tranquillidade dos seus

nervos. Nunca fôra tão forte, tão senhor de si como naquella occasião. Parecia que ia entrar em sua casa para buscar um livro, ou qualquer outra cousa.

Quando acabou de fumar abriu o portão, e por entre as arvores fructíferas foi subindo de vagarinho, até entrar debaixo da cozinha, onde se guardava a lenha.

O relógio da Sé começou a dar horas.

— Santa Maria! Como já era tarde! disse Joanna.

— Quantas? perguntou Leonarda.

— Onze.

O dr. Teixeira tinha conhecido a voz das duas.

— Também o que faltava agora era pouco, tornou Leonarda, — abrir as casas e pregar os botões. Podiam deixar o resto para amanha.

— Justamente, respondeu Joanna. — Também não eram de ferro... Os outros já podiam estar com um somno de umas duas horas. Tinham-se deitado antes das nove... decerto para descontar os outros dias em que se deitavam ás onze e á meia noite, por causa do dr. Teixeira.

O medico sorriu-se em baixo, sentado num pau de lenha. Em seguida ouviu tropel pelo soalho, barulho de janellas que se fechavam, e depois tudo cahiu em silencio.

O luar estava lindissimo, e havia em cima do muro, do lado esquerdo, um duetto de amôr felino, representado por um gato e uma gata, com uns miados muito longos e tristes.

O doutor sahiu dos baixos da cozinha, atravessou toda a área correspondente á varanda e encaminhou-se para o jardim, por detraz do gabinete. Aspirou, um momento, na calma daquella noite clara, com o nariz

para o ar, o diluvio de perfume que se desprendia das madresilvas, do jasmim-manga, de todas as flores que cercavam o alpendre.

Elle ia passo a passo, mansamente, com as mãos cruzadas atrás, parando e escutando sem nada ouvir, naquella grande silencio, naquella noite illuminada, sem movimento, em que não se mexia uma folha de arvore.

Apanhara alguns cascalhos e espantara os gatos que o estavam incomodando. O par amoroso disparou pelo muro abaixo, fazendo barulho pelas folhas das bananeiras, e foi desaparecer longe, no fim do quintal, por detraz dos bambús.

O medico, mais tranquillo, continuou a subir de vagarinho.

A casa destacava-se no céu, alta, com as suas paredes caídas, do fundo, completamente banhadas de luar. As sombras eram negras. A noite serena, bellissima.

Erguendo os olhos para cima, viu elle o busto de Esther na janella do quarto. Fez-lhe a moça um signal com a mão,—que rodeasse. E fechou maciamente os batentes.

Elle entrou no jardim, subiu ao alpendre, que estava todo na sombra e veiu á janella do gabinete onde ella o esperava.

— Pulasse com geito! disse a rapariga, baixinho.

Elle saltou para dentro, e ella fechou de novo a janella, indo ao quarto buscar a luz que lá deixara.

Quándo o medico se viu alli, naquella gabinete de estudos, sentiu que estava com as pernas bambas e que um tremor nervoso lhe percorria o corpo.

— Um golinho de cognac? perguntou a moça.

— Que não, sacudira elle a cabeça.

— Ainda não tinha dormido! disse-lhe ella baixinho, e apertando o chale entre os braços.

Muito satisfeita, estava rindo atôa.

Elle, calado, gravemente sério, com os olhos vivos, a olhar para as paredes, por toda a parte, parecia accordar de um sonho, ou pensar em cousas muito importantes.

Tinha-se sentado no preguiçeiro e continuava mudo, agora a olhal-a com os olhos dilatados, a ella que estava de pé deante d'elle.

Esther trouxera para junto do preguiçeiro uma cadeirinha baixa onde se sentara.

— Porque era aquelle sério? perguntou com mimo, com agrado, como si elle fosse uma creança.— Estava com raiva della?

Elle sorriu-se. Pegou-lhe a mão e levou-a ao coração para ella vêr como estava batendo, e lá apertou a mão da moça.

— Coitado do meu negro! dizia ella brincando.— Coitadinho! Muito nervosinho, não era?

Elle sorria, a vêr-lhe o braço de marmore, nú até ao cotovello, a sahir das dobras do chale, que por estar apertado prendera dentro a manga do paletó branco. Tranquillamente, sem um ruído siquer, beijou-lhe o medico aquelle braço gordo e lizo, tão alvo! e ella deitou-lhe a cabeça ao peito, encostada ao hombro, e sempre a rir, fechou os olhos como quem dormia.

— Amava-o muito? disse-lhe o doutor, com o rosto encostado á cabeça della e os labios rentes de seu ouvido esquerdo.

— Mui...to! respondeu suspirando.

— Até onde?

— Até... ao coração! falou sorrindo.
Brincavam.

E, no silencio completo daquelle gabinete, Esther ouvia, debaixo mesmo de seu ouvido, bater fortemente o coração do medico; e elle, por sua vez, ouvia da moça o respirar difficil, penoso ás vezes, como de um somno agitado.

Quietos, immoveis no mesmo lugar, deixaram que se passassem longos minutos em silencio.

— Amava-a... muito? perguntou ella, voltando a cabeça no peito d'elle, para poder vêr-lhe o rosto.

— Muiíssimo! respondeu, apertando-a nos braços.

— Até onde? falou sorrindo.

— Até... ao coração! respondeu, sorrindo tambem.

E, como ella tivesse fechado os olhos e com os labios fizesse um biquinho muito chique, elle abaixou a bôcca, e as duas bôccas ficaram juntas, unidas mais de um minuto.

— Ah! tinha visto como ella era generosa? Si não acreditasse na palavra d'elle, não o tinha alli! disse, passando-lhe um braço pelo pescoço.

A carne da moça estava queimando. O medico sentia um effeito de objecto aquecido ao fogo, no rosto e no pescoço, pontos em que estava com ella pelle a pelle.

O chale tinha cahido ao tapete, e na posição curva em que ella se achava, — atravez de uma abertura do paletósinho, e por detraz das rendas da camisa, apparecera um fragmento lacteo das primeiras elevações do seio.

O dr. Teixeira, lento e lento, de vagarinho, enfiou um dedo por alli e escreveu-lhe sobre a pelle

núa uma palavra, enquanto ella sorria, satisfeita com aquella audacia.

— Que nome era? perguntou elle.

— Não tinha posto sentido. Escrevesse outra vez. Elle escreveu.

— Amôr! falou a moça, ajoelhando-se no tapete para mudar de posição, e debruçando-se nos joelhos d'elle, a fital-o com as mãos cruzadas sob o queixo, numa expressão placida, immovel, de extasis cataleptico.

— Como se chamava aquillo? perguntou elle pergando brandamente, com um cuidado completo, como si tivesse uma andorinha entre os dedos.

A moça tirou-lhe a mão de cima do seio, onde elle a havia posto.

— Ficasse quieto! disse.— Fazia-lhe mal, accrescentara muito rapidamente, de solavanco, com a lingua um pouco presa de uma contracção nervosa.

O dr. Teixeira repellira-a docemente. Tivera medo de si e della; levantara-se, como si quizesse retirar-se.

E ella poz-se de pé e tomou-lhe o chapéu com uma brutalidade encantadora, cheia de amôr e resentimento. Estava com os olhos muito dilatados, abertos sobre elle, o pescoço extendido para a frente, a attitude de quem ordenava que ficasse, mas sem dizer uma palavra.

Elle pediu-lhe o chapéu, muito sério, e ella o atirou para um canto do gabinete, com um barulho que echoou na alcova fechada.

E, numa crise de profunda ternura, os olhos humidos de lagrymas, abraçara-o com phrenesi, dramaticamente.

— Tinha sido bruta, não era? Perdoasse-lhe!

Amava-o muito ! muito ! muito ! repetia, apertando-o nos braços, beijando-lhe a bôcca, os olhos, as faces. Queria fugir com ella ? hein ? queria ? pois podiam fugir ! Ella o acompanhava !... não sabia disso ?

O medico, atrapalhado, contendo-se heroicamente, tratou de tranquillizal-a.

Tinham ido parar insensivelmente ao pé da secretária. Ella, falando sempre do seu amôr, trançava e destrançava agora, entre os dedos, um grande cordão de ouro que tinha ficado sobre aquelle movei, um velho lavrado que pertencia á sua mãe e que ia ser reduzido a broche.

O dr. Teixeira tinha se sentado de novo no preguiceiro e não levava muito viera ella sentar-se nos seus joelhos. Era um peso volumoso, agradável e macio, o das suas nadeegas comprimidas sobre as pernas do medico.

Brincando-lhe com as mãos no rosto, perguntava a moça quando era o casamento ? quando chegaria aquelle dia... amado ?

— Quando ella quizesse, respondia elle.

E como a achasse mais socegada agora, mais se-hora de si :

— Como se chamava aquillo ? perguntou sorrindo.

Ella deu-lhe uma palmadinha carinhosa na mão indiscreta, que ella mesma levantou em seguida, collocando-a sobre o seu hombro para que não a perturbasse.

— Depois havia de querer zangar-se ! falou com muito mimo a rapariga. — Estava vendo que o juramento...

E sacudiu a cabeça.

— Nem que ella se despisse deante delle! respondeu o doutor.

Teve em resposta um moxoxo de incredalidade, e uns grandes olhos negros que o fitavam de soslaio.

A noite adeantava-se. Conversavam intimamente, alli sentados, falando em segredo, arrulhando no ninho, elle no preguiceiro, ella nos joelhos delle. Falavam daquelle amôr incomparavel que os unia. Agora, mais socegados, sem os impetos damnhinhos dos primeiros momentos, elles pareciam casados de muito. Recordavam todo o passado com uma affeição profunda a todas as cousas. Não se haviam esquecido de nada, absolutamente nada!

Elle contara-lhe os martyrios por que passara; a grande bebedeira com Jacob Despois, na vespera da partida della; a sua estada no arraial visinho; tudo que se tinha dito na cidade e as suas apprehensões sobre o *chromo*...

— Mas não sabia quem era o *chromo*? era elle! Elle que se lhe impuzera, que se destacara nas télas de seu pensamento como o primeiro homem do mundo, o mais forte e o mais bello, o mais sabio e o mais modesto! — elle, que ahi crescera, crescera até... absorver-lhe todo o espirito, absorvel-a toda, como um pedaço de esponja que chupa uma gotta d'agua!

E contou-lhe tudo, a elle, sem ommittir um facto, com um amôr immenso na voz, no olhar, no gesto, nos carinhos, na flexibilidade do corpo, em todas as menores cousas, dando-lhe pequeninos beijos como si elle fosse uma creança, depois de apertar-lhe o rosto entre as duas mãos, para fazer bico com os labios resaltados.

Sempre sentada nos joelhos delle, mudara a moça

de posição, virando-se de frente, com uma perna toda em cima, encolhida para melhor commodo.

Tudo aquillo era um supplicio immenso para o medico, que estivera por vezes a fraquear, a romper « de antemão aquella pagina mais bella da sua lua de mel! » Receiava até adoecer, como acontece a tantos animaes domesticos, que se vêm presos no tempo do cio, sem poder dar expansão á corrente fecundante da vida! O mesmo poderia acontecer a ella, coitada! que alli estava a soffrer os berros da sua carne, a insurreição tempestuosa dos seus nervos.

Entretanto agradava-lhe aquelle sacrificio. Era a apothéose da *Vontade*. A sua consciencia fugia daquelle pequeno gabinete, e como uma grande força incoercivel, concreta, expandia-se no Universo, furando-se pelos sóes do espaço, reunindo-se em seguida, alongando-se cada vez mais, até encher toda a Natureza, até identificar-se com ella nos grandes partos do seu ventre, fecundamente eterno, eternamente creador. Sentia que se purificava, que se espiritualizava naquellas labaredas infernaes, elevando-se sobre ellas a uma altura sublime, a que nunca chegara a contingencia humana.

A lua tinha dobrado o alto do céu e começava lentamente a entrar pelo alpendre, banhando de um luar branco, immaculado, as trepadeiras florecidas, as orchideas suspensas, as hypoméias rubras. Duas vezes já tinham os gallos cantado, e na solidão sahárica da noite toscanejavam as estrellas as suas palpebras de luz, mirando a terra a dormir, suspensa no ar pelo magnetismo do sol, arfando nos espaços, sonhando o seu sonho de pedra, de movimento e vida, numa copia cosmologica.

Era muito tarde.

Duas ou tres vezes quizera o medico sahir e ella o havia impedido, agarrando-o nervosa, tapando-lhe a bôcca com os labios para que elle não insistisse.

Agora era ella quem o queria, mais do que nunca, quasi impudica, unindo-se a elle carne a carne, sovada de um sangue forte, chicoteada de desejos.

— Elle é que era o seu *chromo*, sabia? Nas paisagens da sua vida, nas meias tintas da sua existencia, a luz só tinha brilhado no dia em que o seu vulto amado lhe surgira aos olhos della! Mas o que era a existencia sinão aquillo mesmo? — uma selecção natural em beneficio da Especie! Tomassem o barco do gondoleiro, abrissem as vélas ao vento daquelle amor e... o passado, que ficasse á beira do caminho! Não estava alli o futuro...?

O dr. Teixeira, notando-lhe uma grande exaltação crescente, tomou-lhe os braços pelos pulsos fortemente: Sacudiu-a, cravou-lhe os olhos fixos nos olhos della.

— Dormisse! ordenara.

E dentro de um minuto Esther dormira á suggestão do medico.

Era tempo já. A excitação passava os seus limites, e ahi vinha vindo branca e leve a doce madrugada.

Só assim poderia elle sahir, sem resistencia.

Alienou-lhe a personalidade. Apassivou-a completamente. E, meio tremulo de emoções, ordenou que ella se despisse. Viu sahir-lhe do corpo o paletó branco, o vestido, uma saia bordada. Viu cahir-lhe a camisa, dando-lhe, aos olhos delle, uma nudez peregrina, de fórmas assombrosas, de pequeninas ilhas negras de pello assetinado, e de uma alvura de garça; os bellos peitos, de pé sobre o thorax; o cinto, elegantissimo,

flexível, a abrir-se como um bocejo de rosa e leite sobre uns quadris arredondados e largos, sobre umas nádegas de meia lua, tremulas e vermelhas do tempo que ella estivera sentada.

O dr. Teixeira olhara espantado ao redor de si; não vira ninguém. Cahira de joelhos, machinalmente, aos pés de Esther. Elle tinha os braços abertos, para cima, a olhal-a como si ella fosse uma santa. Assim estivera algum tempo, como feito de pedra. Depois caminhara, mesmo ajoelhado, para a moça que o olhava com os sobrolhos carregados, completamente indifferente, sem consciencia de nada, acompanhando-lhe os movimentos, por não poder separar-se delles. O medico abraçara-a pelas pernas, mudo, o rosto para cima, fitando-a nos olhos. Beijara-lhe os bellos joelhos, tão brancos e avelludados, tão correctos nas curvas; levantara-se beijando-lhe toda a perna, mais macia do que a propria pelle dos labios delle; beijara-lhe o cinto flexível; beijara-lhe os seios túrgidos, latejantes, ao movimento systolico do coração; beijara-lhe o pescoço, a bôcca, muito, muito; os olhos, a testa,—e dirigira-se depois á secretária, e ella o acompanhara tacteando, com uma expressão de mêdo, como si elle a quizesse abandonar.

O dr. Teixeira escreveu alguns segundos num pedaço de papel; dobrara-o em quatro; furara-o pelo meio, passando pelo furo o grande cordão de ouro, com que cingiu em seguida o cinto nú de Esther, de modo que o bilhete ficasse pendido na frente sobre o velludo macio do monte-de-Venus. Depois, com um lapis azul, escrevera-lhe em cada côxa uma phrase; escrevera-lhe nos seios, escrevera-lhe nos braços.

Na pelle humida e branca da rapariga, alvissima

pelle de flôr, pegara bem a tinta do lapis. Confundia-se com uma tatuagem bem feita.

Era incalculavel a alegria do dr. Teixeira. Realizara até ao fim os seus pensamentos. Subira todo aquelle Calvario, crucificara as mais fortes emoções de seus nervos pela virgindade santissima daquella que ia ser sua esposa. Dera-lhe essa grande lição de quanto podia a *sua* VONTADE.

Sentara-se.

Ordenara-lhe que se vestisse.

Ella vestira-se.

—Que ao accordar não lhe impedisse mais a sahida e finalmente que se despertasse.

A filha do major Cornelio abriu as suas palpebras a pouco e pouco, como accordando de um somno profundo.

Depois riu-se, e perguntou si elle a havia hypnotizado. Lembrava-se de que lhe tinha tomado os pulsos, e nada mais.

— Que ella saberia tudo, depois... Depois que elle se retirasse, ao despir-se, ella que visse em seu corpo o que elle havia feito.

A moça empallidecera, ficara a olhal-o lentamente, desdenhosamente.

Elle extendera-lhe a mão. Ella estivera algum tempo indecisa, si devia ou não dar-lhe tambem a mão, o que veiu a fazer afinal, apenas por delicadeza.

Elle sorria satisfeito, percebendo os pensamentos que a minavam. Ella indignava-se a pouco e pouco, muda, de uma mudez pétrea de rocha vulcanica.

Dera-lhe ainda o medico um abraço forçado e um beijo na testa, e saltara a janella do alpendre, rapido, ouvindo as ultimas palavras que ella pronunciava :

— Covarde! Miseravel! Era bem capaz de renunciar-lhe a mão, agora, o perfido! Sabia de uma cousa? Odiava-o!

E bateu-lhe a janella na cara.

Elle desceu apressadamente pelo quintal abaixo, passou o portão e ganhou os terrenos livres do fundo, creando alma nova.

A madrugada estava cada vez mais clara apesar da névoa branca que se levantava do Tamanduátehy, muito fria e humida, a extender-se por toda a cidade como ennovellado véu de noiva.

Ella batera a janella e sentara-se no preguiçeiro limpando as lagrymas, a parafusar mil cousas. Sentia-se acabrunhada, esmagada pela leviandade de ter introduzido alli aquelle homem, com quem não tinha nada, e de quem fôra uma victima inconsciente. Julgava-se a mais infeliz das mulheres, e já o dia vinha nascendo quando resolveu deitar-se.

E começara a despir-se vagarosamente, parando a cada instante, para seguir com mais segurança o curso de suas idéas tristes.

— Todos os homens eram assim!... Já devia saber disso ha muito tempo. Satisfeitos os seus desejos, iam-se!... Nem se lembravam mais daquellas que lhes deram momentos da desejada felicidade. Pobres mulheres! o seu papel era o de victimas, sempre! eternamente!

E enxugava as lagrymas, cada vez mais abundantes.

Ao tirar a manga do braço esquerdo, ficara surpresa. Estava escripto, alli, a tinta azul « *O thalmo é nosso!* » Tirou a outra manga e leu « *Intacta como sempre.* »

— Tel-a-ia despido? perguntava a si mesma, mais consolada com a phrase do braço direito.

A sua surpresa crescia, avolumava-se como a fumarada de um incendio. Ella repetia nervosa, alto, phrenetica :

— *Intacta, intacta...* Então ?...

E arrebentou os colchetes do vestido, e o cós da saia, surgindo em camisa.

Levantou a fralda junto do lampeão, rapidamente até aos peitos, e assustou-se ao vêr o bilhethinho dobrado e enfiado no grande cordão de ouro, branco, pequenino, sobre um fundo negro, avelludado.

Riu-se. Tinha-lhe parecido um bicho. Depois corara até á purpura, vendo que fôra despida.

Numa das côxas estava escripto «*Peço-te amanha*»; na outra «*Sou quem sou*».

Esther tinha desatado o cordão de ouro; mas, distrahida pelos diversos escriptos, esquecera-se de lêr o bilhethinho.

Não teria elle escripto em mais nenhuma parte?

E tirou a camisa.

Num seio leu «*Amôr*»; no outro «*dr. L. T.*». E viu que ainda não havia lido o papel do cordão de ouro. Abriu-o : «*Resisti ou não resisti ? Conheçe-me ! A nudez formosissima de teu corpo quasi enloqueceu-me. Beijei-o todo, muito ! muito ! Os meus beijos foram tão puros, que a magnolia de tua pelle nem se manchara. Juro-te ! pela minha honra ! pela memoria de minha mãe !*»

A emoção da moça foi tão grande que ella recebeu cahir e atirou-se ao leito, entre lagrymas, com um remorso profundo de têl-o calumniado perante a propria consciencia. E via-o tão grande, tão distincto e santo, a fugir, a desaparecer della para sempre,

que sahio atraz delle, núa, pelo espaço a fóra, os cabellos na onda do vento, a grital-o, a chamal-o; e elle fugia, fugia, até que ella perdeu inteiramente a consciencia, petrificada numa hallucinação hysterica, vivendo apenas pela vida vegetativa.

Voltara a si com o tinir dos pratos na sala de jantar. Punha-se a mesa para o almoço.

Fôra bom accordar. Naquelle momento a mãe viera bater-lhe á porta.

Esther copiara no seu *Livro de lembranças*, naquelle mesmo das chaves mnemonicas, tudo que o medico lhe havia escripto pelo corpo, e collara em baixo o bilhetinho do cordão de ouro.

Poz a data, fechou o livro a chave e seguiu para o banho frio, afim de refazer-se das forças perdidas naquella noite.

Andara por todo o quintal e voltara depois a almoçar.

E' escusado dizer que o dr. Teixeira a pedira em casamento durante o almoço, sendo acceito com a maior alegria por parte de todos.

.

Dous mezes depois, numa bella tarde de Julho, numa lua de mel que parecia eterna, seguiam ambos, a pé, em passeio hygienico, pelas explanadas altas da Villa-Marianna.

Era a hora do crepusculo.

Ella pisava com elegancia, uma elegancia indolente e natural; pallida e muito chique, tinha os seus olhos

negros dentro de uns bellos círculos violaceos, feitos de amôr e vigílias.

Todo o poente, illuminado, arqueava-se numa explosão de luz brilhante sobre o valle risonho do Tieté, em baixo, á frente delles.

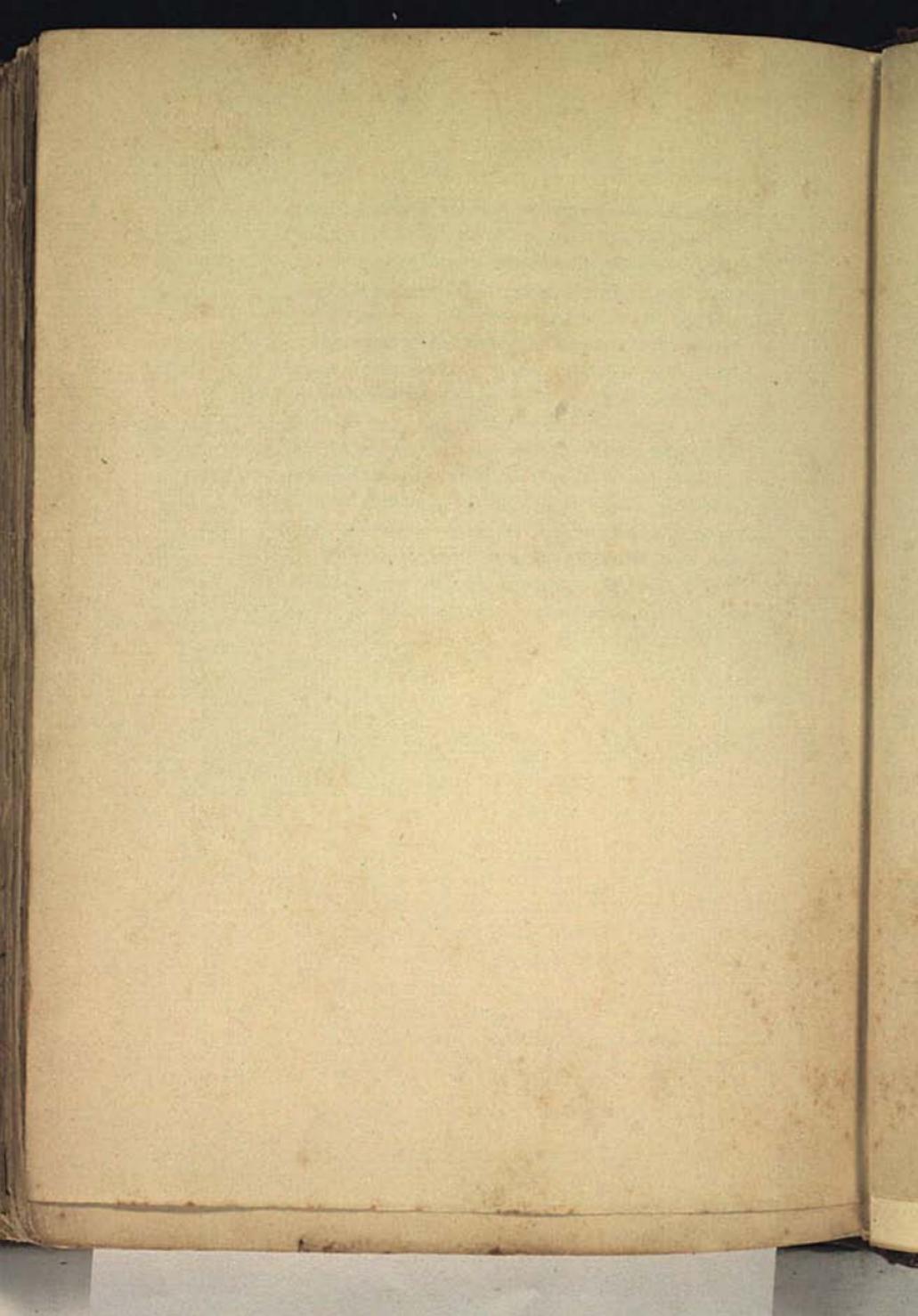
Ella parou, e numa pre-sensação de maternidade, annunciou-lhe baixinho, quasi como uma prece, — que no seu jardim, naquelle mez, não se tinham desabrochado as rubras *flôres de Hypáthia*.

Elle tinha parado a olhal-a.

Sobre o fundo alaranjado do horizonte ficaram immoveis um momento os dous, diminuidos pela distancia, no topo do planalto, como duas silhuetas negras: — eram as figuras d'*O chromo*.

E dos olhos d'elle, amorosos, fixos nos della, cahiram de jubilo as primeiras lagrymas de pae.

FIM



NOTA

Terminado em Abril e publicado em Dezembro
de 1888.

TYP. E LITH. DE CARLOS GASPAR DA SILVA RUA DA QUINTA 111 E 112